

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
NÚCLEO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA ORAL

Ana Maria Dietrich

Nazismo Tropical?

O Partido Nazista no Brasil



São Paulo, janeiro de 2007

Foto da capa: Capa da revista *Der Nationalsozialist* (O Nacional-socialista). Periódico do Partido Nazista. Grupo Regional do Rio de Janeiro. Junho 1933.
Fonte: IFA/S, Alemanha.

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
NÚCLEO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA ORAL**

Ana Maria Dietrich

NAZISMO TROPICAL?
O partido nazista no Brasil

São Paulo, janeiro de 2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
NÚCLEO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA ORAL

NAZISMO TROPICAL?

O partido nazista no Brasil

Ana Maria Dietrich

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. José Carlos Sebe Bom Meihy.

São Paulo, 2007.

*A meus pais, testemunhas de que
há esperança para um mundo
melhor.*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, verdadeiros companheiros desta longa caminhada.

Ao Prof. José Carlos Sebe Bom Meihy, meu orientador, que me acompanhou de maneira presente e marcante nesta longa jornada acadêmica. Ele funcionou como uma espécie de luz guia em todo este processo, nunca deixando de discutir metodologias e resultados, com uma humildade peculiar aos grandes mestres. Obtive o privilégio de ter me tornado sua aprendiz. Ele me ensinou também o verdadeiro significado do trabalho coletivo, que mesmo sendo mais difícil, é mais compensador, quer seja em resultados científicos, quer seja em crescimento como ser humano.

Ao Prof. Wolfgang Benz pela receptividade em Berlim e pelo coração aberto e paciente a esta incansável pesquisadora brasileira. Conheci o significado do nacional-socialismo na Alemanha em seus seminários, aulas, livros e também *in loco* nas visitas aos monumentos vivos do movimento nacional-socialista, acompanhada por ele.

Agradeço ao DAAD, CNPq e CAPES pelo financiamento do presente trabalho.

Aos leitores atentos que gentilmente aceitaram participar da banca de qualificação, professores Zilda Iokói e Roney Cytrynowicz. A outros mestres que colaboraram com dicas, sugestões e apoio: René Gertz, Oswaldo Coggiola, Luís Edmundo de Moraes, Júlio César Suzuki e Edgard Carone (*in memoriam*).

Ao meu grupo de pesquisa da USP – Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP), onde encontrei carinho, amizade, profissionalismo, companheirismo, espírito de equipe e dedicação. A Samira Osman, Alfredo Salun, Suzana Ribeiro, Luís Filipe Silvério Lima, Gustavo Esteves Lopes e Marcia Maciel pelas ricas discussões historiográficas que definiram importantes linhas deste trabalho.

Aos amigos alemães da Universidade Técnica de Berlim e doutorandos brasileiros e latino-americanos residentes na Alemanha que acompanharam, traduziram, discutiram, enfim, colocaram suas impressões neste trabalho e, ao mesmo tempo, ajudaram a diminuir as saudades depois de tanto tempo longe de casa e do feijão brasileiro (Roswitha Paul-

Watz, Christina, Mathias, Svenya, Simone, Marc, Christoph, Daniel, Alexander, Katherina, Victoria, Miriam, Otton, Ivan, Nicolai, Victor, Sergio e Sandra).

Agradeço à minha família, principalmente a meus irmãos queridos, Marcos, Marcelo e Fernando, que juntaram suas economias para que eu pudesse vir da Alemanha visitar a família na Páscoa de 2003 e aos meus tios e primos, que me deram todo o alento tanto no exterior – com cartinhas, e-mails e cartões – como na minha volta ao Brasil. A Maiza Garcia, minha querida auxiliar e companheira, que aceitou o desafio de mergulhar em algumas águas desta pesquisa junto comigo e me auxiliou muito na revisão final. A Renato Dotta, pelo auxílio na bibliografia sobre integralismo. A Kirsten Sheja e Thomas Johnen pela correção das traduções em alemão. A Ana Teresa e Lucas, casal maravilhoso, que abriu as portas de algumas entrevistas para mim, assim como Ana Silvia Bloise e Cida Magrini.

À Claudia Ramos, pela amizade e apoio e a todos os outros colegas da Fundação Energia e Saneamento que acompanharam esta trajetória durante tanto tempo, sempre com uma grande torcida, em especial Maria Isabel, Débora Escobar, Ana Cristina, Leandro, Florindo, Mariana, Rosana e Rita.

Ao meu anjo da guarda particular, Fernando Messias, pelo apoio logístico-técnico-psicológico sempre que necessário. Às “rainhas de reinos amigos” Ana Paula Leibrunder, Raus, Vanessa Donatelli, Katia Yuen, Fernanda Magalhães e Samira. Aos professores de Yoga, Marcos Rodrigues e Danilo Santaella, pelo ensino constante de práticas de disciplina e concentração. Aos professores de samba, pela ginga e alegria.

Aos jornalistas Raul Dias, da TV Record; Leandro Narloch, da revista *Aventuras da História*; Marcelo Carneiro, da *Veja*; Valéria Dias, da *Agência USP de Notícias*, que também revisou cuidadosamente este trabalho; Thaís Helena, da Comunicação Social da USP; Paulo Hebmüller, do *Jornal da USP*; e Carlos Haag da *Revista de Indústria Brasileira*, por acreditar em minhas descobertas ao percorrer esta “saara” histórica tão complexa. Aos leitores e a todos que me mandaram e-mails, aos que me forneceram generosamente livros e material sobre o assunto, aos meus entrevistados-colaboradores que falaram de seus segredos – grandes e pequenos. Àqueles que me acolheram em suas casas em cidades longínquas, onde realizei esta pesquisa.

Resumo

O partido nazista no Brasil (1928-1938) estava inserido em uma rede de filiais deste partido instaladas em 83 países do mundo e comandadas pela Organização do Partido Nazista no Exterior, cuja sede era em Berlim. O grupo instalado no Brasil teve a maior célula fora da Alemanha com 2900 integrantes sendo estruturado de acordo com regras e diretrizes do modelo organizacional do III Reich. A realidade brasileira interveio nesse processo causando o que chamamos de *tropicalização do nazismo*. A história do desenvolvimento da ação do partido no Brasil será analisada nos 17 estados brasileiros onde estava presente, tendo como contexto histórico a complexidade das relações Brasil e Alemanha durante o período da Era Vargas, a relação com o integralismo e eventuais conflitos raciais com a população brasileira e com judeus imigrados. Ênfase será dada ao papel do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, considerado como *Führer* tupiniquim, tendo como fonte entrevistas com seus familiares. Contém extenso material iconográfico de documentos de época.

Palavras Chaves: Partido Nazista; Brasil; Alemanha; Nazismo; II Guerra Mundial.

Abstract

The Nazi party in Brazil (1928-1938) was inserted in a branch net spread in 83 countries around the world and headed by the Nazi Party Foreign Organization, whose seat was settled in Berlin. The group installed in Brazil had the major cell outside Germany with 2900 members and was structured according to the III Reich organizational model rules and policies. The Brazilian reality interfered in this process causing what is called the *tropicalization of the Nazism*. The history of the party actions development in Brazil will be analyzed in the 17 Brazilian states where it had a spot, having as a historical context the complexity of the Germany-Brazil connection during the Vargas Age, the relationship with the Integralism and the occasional racial conflicts with the Brazilian people and the immigrated Jews. Special attention will be given to the role of the Nazi party commander in Brazil, Hans Henning von Cossel who was considered as the *native Führer*, using interviews with his relatives as wellspring. The thesis contains a vast iconographic material of the period documents.

Key-words: Nazi Party; Brazil; Germany; Nazism; World War II.

Canção do exílio (trecho)

“Minha terra tem palmeiras

onde canta o sabiá

As aves que aqui gorjeiam

não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas

Nossas várzeas têm mais flores

Nossos bosques têm mais vida

Nossa vida mais amores”.

Canção do Exílio, de Gonçalves Dias.¹

¹ Lied des Verbannten/ Meine Heimat die hat Palmen/ Und dort singt der Sabiá/ Anders zwitschern hier die Vögel,/ Anders zwitschern sie da./ Unser Himmel hat mehr Sterne/ Und mehr Leben unsere Wälder/ Und mehr Liebe unsere Leben/ Und mehr Blumen unsere Felder. Tradução para o alemão de H. Schaumann, imigrante alemão. *Terra das Palmeiras*, julho de 1922. IFA/S, Alemanha.

Sumário

Agradecimentos

História do Projeto

Abreviaturas

Introdução

Capítulo 1 – Tropicalização do Nazismo no Brasil? Conflitos ideológicos e raciais

1.1. O nazismo além-mar: a A.O. e o chamado aos alemães do exterior

1.2. A A.O. e a América Ibérica

1.3. Objetivos, público e metas do partido no Brasil

1.4. O paraíso perdido

1.5. Nazismo rural X nazismo urbano

Capítulo 2 – Trajetória em solo tropical do Partido no Brasil

2.1. Amizade, proibição e clandestinidade

2.1.1. Os anos de “cordiais relações de amizade” (1928-1938)

2.1.2. A proibição e os anos seguintes: um partido clandestino (1938-1942)

2.2. Racismo tropical: mudança de alvo do judeu para o negro?

2.3. Entre sigmas e suásticas

Capítulo 3 – Nazismo Regional

3.1. Partido nazista: distribuição nos estados brasileiros

3.2. Sul

3.2. Sudeste

3.3. Norte e nordeste

3.4. Centro-oeste

Capítulo 4 – O modelo e sua versão tropicalizada

- 4.1. O processo de implementação das estruturas do partido: flexibilidade e resistência
- 4.2. Associações partidárias
- 4.3. Outras associações
- 4.4. As festividades nazistas no Brasil

Capítulo 5 – Von Cossel: o Führer tupiniquim?

- 5.1. A visão familiar
- 5.2. A construção do herói
- 5.3. As negativas de uma memória

Capítulo 6 - Nazismo no Brasil: percursos historiográficos

Conclusão

Anexos

Fontes

Bibliografia

História do projeto

Do frio inverno alemão, do vento que cortava os rostos que esperavam o metrô especialmente ao cair da tarde, dos choques de língua e cultura, de viver em uma sociedade onde imperava a razão e os sentimentos ficavam em segundo plano, da longa experiência do “exílio” amenizada pelas noites ouvindo MPB e música latina, a lembrança mais marcante que tenho do tempo que passei na Alemanha foi a visita ao Campo de Concentração de Dachau.

Localizado próximo da cidade de Munique, o campo perpetua a dor impressa para sempre no ar. A vegetação ao redor, o sol de verão, nada ameniza o horror de ter estado diante de onde milhares de pessoas foram exterminadas. Duzentas mil pessoas estavam internadas neste campo; destas, 43 mil morreram. Parte da sociedade e da comunidade científica alemã hoje acompanha com especial atenção o debate sobre o III Reich e cuida da manutenção da memória desta época por meio de vários artifícios, inclusive com a preservação dos monumentos da morte, apelidados de KZ (*Konzentrationslager* – campos de concentração). No caso de Dachau, foi montado um museu nas instâncias, onde se recuperaram os dormitórios, as roupas, as salas, os banheiros com os chuveiros de gás. Dentro dos prédios, existe também uma exposição fotográfica com textos sobre o campo. Homenagens com flores e coroas estão na parte de fora, ao relento, marcando uma atmosfera de cemitério no local. O portão foi mantido com a inscrição: *Arbeit macht Frei* (o trabalho deixa livre). Lembro de Hannah Arendt, ao analisar os excluídos, os banidos, os párias:

A calamidade dos que não têm direitos não decorre do fato de terem sido privados da vida, da liberdade ou da procura da felicidade, nem da igualdade perante a lei ou da liberdade de opinião – fórmulas que se destinavam a resolver problemas dentro de certas comunidades – mas do fato de já não pertencerem a qualquer comunidade.²

² ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo, anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 329.

Estudar nazismo para mim, portanto, não pode ser separado desta responsabilidade social. Está também, ao mesmo tempo, muito ligado ao presente. Quando ouvi notícias sobre a reorganização do movimento integralista, quando a capital paulista assistiu passiva à organização de um congresso na zona leste, o qual, graças aos punks, foi bem tumultuado, Dachau veio ao Brasil com seus pesadelos de morte. Parafraseando Caetano³, Dachau se aproximou quando constato que vivemos em uma sociedade na qual os direitos civis não são respeitados, em que parte de seus integrantes simplesmente vive à margem de todo processo democrático e a violência impera no lugar da lei.

O estudo do tema *nazismo no exterior* mostra a dimensão ambiciosa de Hitler em sua proposta. Não era somente a Alemanha que interessava, nem a Europa: eram os cinco continentes. Os braços de seu partido se estendiam à África, América, Oceania, Ásia, Europa. Estudar os planos — mesmo que felizmente não realizados —, os desejos, as organizações e as formas de propaganda mostrou-nos o quanto a humanidade, de uma maneira geral, viveu ameaçada pelo fantasma da Suástica. Documentos do Arquivo Federal da Alemanha relataram que o governo alemão estudava o movimento e trânsito dos judeus imigrados para o Brasil. As razões não foram descritas, mas pelo anti-semitismo imperante tornaram-se quase óbvias.

Neste contexto de fornecer elementos para reflexão deste período pretende-se fortalecer a democracia no Brasil e em outros países do mundo. Tendo como norte este cenário social, esperei dar minha contribuição à Historiografia nacional sobre o tema *O partido nazista no Brasil*.

Faz 10 anos que me dedico a este estudo. Meu interesse pelo tema surgiu em 1995, em um estágio do Proin – Projeto Integrado Arquivo do Estado / USP, quando elaborei uma primeira proposta de pesquisa em Iniciação Científica⁴ sobre o partido nazista em São Paulo. Para o desenvolvimento desta etapa, tive bolsa do Instituto Cultural Goethe / São Paulo e, como resultado, publiquei um capítulo do *Inventário DEOPS / Alemanha*, em 1997⁵. No segundo semestre deste mesmo ano, ingressei no Programa de Pós-graduação da

³ VELOSO, Caetano. “O Haiti é aqui”. In: *Tropicália*.

⁴ O Proin tem por objetivo organizar e cadastrar a documentação referente ao fundo DEOPS-SP durante a Era Vargas.

⁵ DIETRICH, Ana Maria; *et al.* *Inventário Deops – Alemanha*. São Paulo: IMESP, 1997.

USP, desenvolvendo o Mestrado sobre a repressão e o controle a este partido pela polícia política, defendido em junho de 2001.⁶

No segundo semestre de 2002, sob a orientação do Prof. Edgard Carone, ingressei no Doutorado. O Prof. Carone deu-me total apoio para ir à Alemanha desenvolver a pesquisa, com cartas de recomendações e fornecendo contatos. Suas contribuições ao presente projeto não podem ser esquecidas, inclusive abrindo sua vasta biblioteca para minhas consultas. Ainda me lembro que toda a vez que eu tinha uma reunião em sua casa para orientação, ele aparecia com um “tesouro” de sua biblioteca, livros raros que continham informações preciosas sobre o assunto. Assim, ele me incentivou a pesquisar o grande tema “O partido nazista no Brasil”, mesmo diante de meus medos iniciais com relação ao gigantismo deste País e a heterogeneidade entre suas regiões. Ele preferia as grandes reflexões ao invés de temas específicos. Sua obra é uma evidência disto.⁷ Certa vez, ele me confidenciou que a grande chave para a pesquisa de tais temas são os chamados “arquivos nacionais”.

No final desse mesmo ano, fui contemplada pela comissão CAPES/ DAAD/ CNPq com uma bolsa de Doutorado Sanduíche, composta de quatro meses de curso de alemão e um ano para o desenvolvimento do doutorado vinculado a uma universidade alemã. Durante a minha estadia na Alemanha, o Prof. Carone faleceu e a Prof^a Maria Luiza Tucci Carneiro, orientadora do meu mestrado, me encaminhou para a orientação do Prof. José Carlos Sebe Bom Meihy, que me acompanhou de longe por e-mail naquele país e, depois, enriqueceu o meu trabalho com as ricas discussões no NEHO – Núcleo de Estudos em História Oral da USP.

Depois do curso de alemão, realizado na cidade de Leipzig (ex-Alemanha Oriental), mudei-me para Berlim onde desenvolvi a pesquisa em diferentes bibliotecas e arquivos alemães e exerci a função de pesquisadora convidada do Centro de Estudos de Anti-Semitismo da Universidade Técnica de Berlim, cujo diretor foi também meu orientador na

⁶ DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas. O partido nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo, 2001. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

⁷ CARONE, Edgard. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1973; CARONE, Edgard. *A Terceira República (1937-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1977; CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1973, entre outros.

Alemanha, Prof. Wolfgang Benz. Benz é considerado um dos maiores especialistas sobre nazismo e história do III Reich da Alemanha com extensa obra sobre o assunto.⁸

Durante este período, além de visitar diariamente os arquivos e bibliotecas da cidade de Berlim e participar de disciplinas, simpósios e congressos, tive a oportunidade de realizar investidas documentais nos arquivos históricos de outras cidades alemãs, como Stuttgart (Instituto de Relações Exteriores), Frankfurt (Instituto Histórico da Cidade de Frankfurt) e Hamburgo (Arquivo Histórico de Hamburgo). Também visitei o Arquivo Federal da Áustria, localizado em Viena, por tomar conhecimento da existência de documentação sobre o meu tema. Localizei, também na Alemanha, na região de Frankfurt e Hamburgo, parentes diretos (duas filhas e uma prima) do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel. Elas gentilmente cederam entrevistas.

Em julho de 2004, retornei ao Brasil e dei continuidade à pesquisa do Doutorado nos arquivos do Instituto Martius Staden (São Paulo) e Arquivo do Itamaraty (Rio de Janeiro). Paralelamente, participei das reuniões com o NEHO-USP. Os questionamentos apresentados por Bom Meihy e seus demais orientandos foram essenciais para o desenvolvimento da problemática central do presente trabalho: a tropicalização do nazismo no Brasil. Esses encontros, assim como a orientação do Prof. José Carlos, foram muito importantes no processo de readaptação ao Brasil e reintrodução ao ambiente acadêmico da USP.

Por sugestão de Bom Meihy, pesquisei no Arquivo do Itamaraty, onde foi encontrada documentação sobre o assunto, equilibrando, assim, o peso das fontes brasileiras com as alemãs e, ao mesmo tempo, possibilitando um diálogo entre elas. Com sua experiência, o Prof. José Carlos também me auxiliou no período em que eu estava na Alemanha, mantendo-se sempre presente no meu cotidiano de pesquisa por intermédio de e-mails.

Durante esse tempo, fui procurada por setores da Imprensa Brasileira para dar entrevistas sobre os resultados parciais da pesquisa. Tais entrevistas foram publicadas na revista *Veja* (fev. 2004 e nov. 2001), nos jornais *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo* e *Jornal da USP*, na *Agência USP de Notícias*, nos sites *Portal da USP*, *Revista Ciência*

⁸ A título de exemplo, podemos citar: BENZ, Wolfgang. *Geschichte des Dritten Reiches* (História do Terceiro Reich); BENZ, Wolfgang (org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus* (Enciclopédia do Nacional Socialismo); BENZ, Wolfgang (org.). *Antisemitismus in Deutschland* (o anti-semitismo na Alemanha).

Hoje, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e em alguns jornais do Sul do Brasil. Como repercussão de tais artigos, recebi cartas e e-mails de pessoas do País inteiro com dúvidas, sugestões ou elogios ao meu trabalho: estudantes do ensino médio, pesquisadores, professores, universitários e interessados de uma maneira geral. Alguns também chegaram a doar material para a pesquisa, como livros da década de 1930, de seus acervos pessoais. Entre eles, dois estudantes da pós-graduação de História de outros estados, Micael Silva e Taís Campelo, optaram por pesquisar a continuidade do meu trabalho, dando origem a uma nova linha de pesquisa no País: a de estudos regionais do nazismo no Brasil. Tais estudantes vão se especializar nos partidos nazistas do Paraná e do Rio Grande do Sul. Acredito que pela dimensão do território brasileiro e a diversidade das questões sobre o presente tema, tais estudos serão muito bem-vindos no sentido de complementar o presente trabalho.

Abreviaturas

AA/B – *Auswärtiges Amt / Berlin* (Ministério das Relações Exteriores / Berlim)

AB – Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty)

BA/B – *Bundesarchiv / Berlin* (Arquivo Federal / Berlim)

DAESP – Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo

DEOPS – Departamento Especializado de Ordem Política e Social

DM – *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã)

IFA/S – *Institut für Auslandsbeziehungen / Stuttgart* (Instituto das Relações Exteriores / Stuttgart)

IFS – *Institut für Staatsgeschichte / Frankfurt am Main* (Instituto da História do Estado / Frankfurt am Main)

StA/W – *Staatsarchiv / Wien* (Arquivo do Estado / Viena)

StB/B – *Staatsbibliothek / Berlin* (Biblioteca Central do Estado / Berlim)

Introdução

“Os alemães no exterior que não querem ser nacional-socialistas, considerando-se, contudo alemães, só têm um nome: traidores da Pátria”.

Wilhelm von Bohle, chefe da Organização do partido nazista no Exterior

(A.O. – *Auslandsorganisation der NSDAP*).⁹

⁹ Apud CAMARASA, Jorge A. *Los nazis en la Argentina*. Buenos Aires: Legasa, 1992.

Muito foi escrito sobre o fenômeno do nazismo e do partido nazista alemão, mas a investigação desse partido no estrangeiro, fundamentos, regras e objetivos, ainda carecem de pesquisa histórica. O partido nazista no exterior esteve presente em 83 países do mundo, com 29 mil integrantes. É intrigante saber que países com realidades e histórias tão distintas compartilharam deste ponto em comum: a presença do movimento organizado do nazismo por meio de um partido político e a disseminação da ideologia nazista nas décadas de 1930 e 1940.¹⁰

As regras e os fundamentos surgidos na matriz da *Auslandsorganisation der NSDAP* - Organização do partido nazista no Exterior¹¹ em Berlim eram os mesmos, tanto na Áustria e na Polônia, que estiveram sob a influência direta do III Reich, quanto na África e na Ásia, caso do Japão, da China e de outros países espalhados em todos os continentes do mundo. Até em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, considerados, nos anos de guerra, como grandes inimigos do III Reich, os nazistas se movimentaram, fundaram seus jornais, espalharam pelos quatros ventos as suas idéias racistas e anti-semitas.

O que variava era a adaptação a estas regras, o nível da aceitação do governo local e a expressividade do movimento. A proporção do movimento nazista era de acordo com o número de alemães presentes em cada país. Países que haviam recebido levas de imigrantes alemães tinham as cifras mais significativas. Na América do Sul, a presença foi expressiva e marcante em quase todos os países. Dentre eles, Brasil, Argentina e Chile tiveram maior adesão de partidários.

No contexto de um partido organizado em nível mundial por meio de uma instituição que funcionava dentro da hierarquia do partido nazista alemão, é possível compreender melhor o caso “Brasil” – ou melhor, o *Landesgruppe* Brasil (grupo do país Brasil). Analisando primeiramente o funcionamento e regras da A.O., instituição que

¹⁰ Fenômeno parecido observa-se com o partido comunista, cujas células se multiplicaram mundialmente. Sua trajetória, no entanto, é mais conhecida pela historiografia. A respeito de movimentos fascistas, outros partidos como o *Fascio Italiano* também tentaram infiltração externa, mas a dimensão do movimento nazista no exterior foi maior e mais notável.

¹¹ No decorrer do trabalho, iremos chamar esta organização pela sua sigla: A.O.

gerenciava os partidos nazistas no exterior, traçarei a história do grupo do partido nazista no Brasil.

O dado que mais chama a atenção — e é o ponto de partida desta análise — foi que o Brasil teve o maior grupo de partidários dos 83 países do mundo, fora da Alemanha, com 2.900 integrantes. Que questões estão atrás deste número? O que o Brasil tem de especificidade e de semelhanças com relação aos demais países da América do Sul e do mundo? Neste contexto, o grupo do país Brasil chegou a ter uma importância e objetivos “especiais”?

A Era Vargas é comumente dividida em dois grandes momentos: o primeiro, iniciado com a Revolução de 1930, e o segundo, com a instauração do Estado Novo, em 1937¹². O Projeto de Nacionalização, aliado com a Lei Monstro (Lei de Segurança Nacional), foram duas variáveis importantes neste governo, que influenciaram diretamente o cotidiano da comunidade alemã.

O governo brasileiro teria, durante o período de funcionamento do partido nazista, “fechado os olhos” para as atividades partidárias. As relações amigáveis de Getúlio Vargas com Hitler interessavam prioritariamente pelas questões comerciais — leia-se tratados de exportação e importação —, nos quais a Alemanha figurava como um importante comprador das matérias-primas brasileiras, em especial o café e o algodão.

Quanto ao plano político, o treinamento de policiais brasileiros pela GESTAPO¹³ pode ser citado e, no plano ideológico, a caça ao chamado “perigo vermelho” (comunismo) foram pontos de convergência na política de repressão dos dois países. Como maneira de otimização e mesmo como variável de negociação entre Brasil e Alemanha, foi possível ao partido nazista funcionar de 1928 a 1938, oito anos durante a chamada Era Vargas (1930-1945). Só depois de uma década — quando a existência deste partido entrou em confronto com as diretrizes nacionais que proibiam atividades políticas estrangeiras e, ao mesmo tempo, procuravam “nacionalizar” as minorias estrangeiras, intervindo em escolas, clubes, bancos e demais associações estrangeiras, proibindo o uso de outros idiomas em público —

¹² “O golpe que levou Vargas ao poder implantou, com apoio militar, um governo provisório, que consolidou seu controle mais adiante, em 1935, ao decretar estado de sítio, e que instituiu uma ditadura autoritária entre 1937 e 1945, ocasião em que Vargas, cuja presença se tornara inoportuna foi deposto”. Segundo Levine, não se deve chamar o evento de 1930 de revolução, mas de golpe. LEVINE, Robert. *O pai dos pobres? Brasil e a era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 19-20.

¹³ Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado), instituição básica para a criação do Estado de Terror, comandada pela SS. LENHARO, Alcir. *Nazismo, o triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1995, p. 89.

o partido nazista se tornou alvo de investigação e controle e foi finalmente proibido em 1938.¹⁴

Muito já se discutiu sobre os possíveis alinhamentos ideológicos do presidente Getúlio Vargas com o nazismo. No entanto, o que fica explícito é que durante a década de 1930 houve interesses por trás desta relação amigável entre os dois países. Qualquer ruído da ordem de “reprimir” o partido nazista estrangeiro poderia prejudicar tal relação.¹⁵

Assim, durante praticamente toda a década de 1930, os órgãos censores e repressores do Governo Vargas — o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) responsável pela censura no País e o DEOPS (Departamento Especializado de Ordem Política e Social), a temida polícia política — passaram ao largo dos nazistas. Lembrando que, além do partido nazista, outros partidos e movimentos políticos participavam de um cenário de efervescência dos anos 1930 no Brasil. Movimentos como o anarquismo, trazido pelos imigrantes italianos, o comunismo, o integralismo e movimentos do operariado são alguns exemplos.

Em 1935, aconteceu a Revolução de 1935, tentativa de golpe comunista liderada por Luiz Carlos Prestes, que fazia parte da Aliança Nacional Libertadora - ANL, o partido de oposição ao Vargas. A ANL recebeu instruções diretas do Komintern — organização internacional comunista — para participar de operações clandestinas que culminaram com a insurreição de 1935. Seus principais líderes foram presos: Prestes, Olga Benário e outros. Vargas aproveitou a ocasião para impor “uma lei de segurança nacional draconiana em junho de 1935 e fechar a ANL. Foi decretado estado de sítio que perdurou até a proclamação do Estado Novo, em novembro de 1937”.¹⁶

O mesmo País que reprimia o Partido Comunista na Revolução de 1935 e mandava todos os seus dirigentes para o julgamento do Tribunal de Segurança Nacional, assistia aos festejos do 1º de maio alemão em grandes estádios de futebol, com desfiles de bandeira da suástica, da chamada juventude hitlerista, coros de músicas alemãs e discursos de seus partidários. Há registros dos festejos no coração das grandes metrópoles brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santa Catarina e Recife.¹⁷ Tais manifestações

¹⁴ Conforme meu trabalho de mestrado que busca justamente datar esta repressão ao partido nazista em São Paulo, analisando os documentos da Polícia Política Paulista. DIETRICH, op. cit.

¹⁵ Idem.

¹⁶ LEVINE, op. cit, p. 69.

¹⁷ DM, 8 mai. 1936 e 15 mai. 1936; *Deutscher Klub Pernambuco*, no. 71, 1936. IFA/S, Alemanha.

ultrapassaram o limite de meramente “culturais” ou “tradicionais” para se revestirem de um espírito ideológico marcado pelas teorias raciais, principalmente anti-semitas. Nessa atmosfera de não-repressão que poderia ser caracterizada até como certa liberdade política, ou mesmo como uma simpatia com interesses comerciais, o movimento nazista se desenvolveu e expandiu no Brasil.

Foram diversas as atividades dos partidários no Brasil. Além das citadas festividades, havia regularmente reuniões dos integrantes, formação de instituições de caráter nazista — sendo que, de fato, houve uma *implementação* de uma ideologia¹⁸ e não somente uma difusão, uma vez que existia um movimento político organizado e não apenas a ideologia difundida por jornais, rádio e literatura, ainda que entre os cidadãos alemães radicados em solo brasileiro. O termo “implementado” diz respeito às atividades partidárias, que se davam em vários núcleos da comunidade alemã.

Questiona-se, neste estudo, se o grupo do partido nazista no Brasil foi *tropicalizado*, ou seja, até que ponto a realidade brasileira causou modificações em seu funcionamento e na forma e conteúdo de difusão das idéias nazistas. Verifica-se, então, se houve possíveis mudanças estruturais e/ou ideológicas no processo de adaptação ao Brasil. A realidade do Brasil determinou mudanças importantes ou o partido manteve o caráter sectário sendo divulgado somente entre a comunidade alemã, sem maiores conseqüências tanto para o lado dos partidários quanto para a sociedade brasileira? Quais foram suas estratégias e articulações com relação ao momento político em que o Brasil vivenciava? Teria o partido tentado fazer alianças com partidos locais ou acarretado ações contra minorias nacionais?

O principal alvo de atuação política — os judeus¹⁹ — teria se modificado para a grande população negra e mestiça do Brasil? Seria possível — do ponto de vista dos partidários — a convivência da chamada raça ariana com as supostas raças “inferiores” onde estariam alocados judeus imigrados, negros e brasileiros em geral residentes neste País tropical? Como se deram as manifestações de racismo destes partidários? As estruturas partidárias — leia-se Juventude Hitlerista, Associação de Mulheres Nazistas, Frente de

¹⁸ Quando me refiro ao termo “ideologia”, no presente trabalho, estou utilizando o conceito arendtiano, uma preparação bilateral que substitui o princípio da ação. “Uma ideologia é bem literalmente o que o seu nome indica: é a lógica de uma idéia. O seu objeto de estudo é a história, à qual a “idéia” é aplicada; o resultado desta aplicação não é um conjunto de postulados acerca de algo que é, mas a revelação de um processo que está em constante mudança.” ARENDT, op. cit., p. 521.

¹⁹ Outros alvos eram os comunistas e demais opositores políticos, testemunhas de jeová, ciganos, doentes mentais e incuráveis, ladrões e homossexuais. Cf. LENHARO, op. cit, p. 74-80.

Trabalho Alemão — sofreram mudanças em suas regras? O calendário de festividades nazistas foi modificado para a realidade brasileira?

Além de analisar a forma e a intensidade da infiltração do partido, verei como o elemento “Brasil” e sua sociedade reagiram neste processo. O modo / a observação do olhar das autoridades nazistas à realidade brasileira em forma de relatórios de viagens, expedições ou de relatórios técnicos dos diplomatas alemães no Brasil também serão parte da análise desta questão. Por meio da investigação da implementação de associações partidárias, propaganda e estrutura do partido (funções e hierarquias) verifica-se até que ponto o processo de implementação organizacional modificou os princípios e ordens do partido nazista original.

A partir da análise destes “amoldamentos”, investigou-se a profundidade do que se passou a conceituar como um possível processo de *tropicalização do nazismo*. O conceito de tropical, neste estudo, abrangeu símbolos do imaginário social, agregados a conceitos geográficos e de territorialidade. Segundo Marilena Chauí, a imagem do “paraíso tropical” foi um mito fundador do Brasil enquanto nação; perpetuado até hoje em diversos discursos literários, sociais e musicais. Formulações como “Deus é brasileiro” fizeram parte deste mito, que excluiu a idéia de violência da sociedade brasileira.²⁰ Para Nicolau Sevckenko, a representação da América desde o Renascimento foi feita de uma forma alegórica, pela qual em vez de se enxergar o outro enquanto outro, o via enquanto uma extensão do europeu. “As dimensões extra-européias e os povos extra-europeus não são apresentados como diferentes, mas como iguais; é esse o elemento político fundamental da representação alegórica”.²¹ Ao mesmo tempo, a América era representada tendo um deslocamento para o ócio, a licenciosidade, a selvageria, a estupidez e o paganismo e deveria ser alvo da ação missionária do resgate.²²

A representação do Brasil associada ao paraíso tropical, divulgada desde a chegada dos portugueses a este País, atraiu muitos imigrantes alemães, que deixaram a Europa principalmente para desenvolver atividades agrárias. Muitos deles aderiram posteriormente ao partido nazista. A diversidade racial brasileira ia de confronto aos fundamentos da raça

²⁰ CHAUI, Marilena. *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

²¹ SEVCENKO, Nicolau. “As alegorias da experiência marítima e a construção do europocentrismo”. In: QUEIROZ, Renato da Silva; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996, p.126, 127.

²² Ibidem.

pura difundidos pelo III Reich, o que fez com que o paraíso tropical se desmanchasse e se estabelecesse uma espécie de “inferno” racial em seu lugar. Tais conflitos, ocasionados, em um primeiro momento, por um choque de raças e estranhamentos culturais, serão objetos centrais deste estudo. A todo o momento, será feita uma comparação entre o modelo proposto para os grupos partidários no exterior e as adaptações do caso brasileiro.

Havia, nesta época, uma circulação de pensamentos que tornava possível a assimilação, por parte da população latino-americana, de “idéias exóticas”²³ vindas da Europa. É, portanto, possível identificar elementos comuns, mesmo em realidades tão diversas, levando-se em conta que estas não faziam de forma isolada, dada à possibilidade de “um movimento constante de circulação de idéias, imagens e símbolos que, ao se transportarem da Europa para a América, eram apropriadas e reproduzidas, ganhando um novo significado”.²⁴

Segundo Roberto Schwarz, os adeptos da tese da “cópia cultural” afirmam que o Brasil, em vários aspectos, nada mais fez do que imitar idéias vindas da Europa e que, muitas vezes, não condiziam à realidade brasileira, fazendo um papel de engodo ou de falsidade. Sérgio Buarque afirma que: “Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável de hostil, somos uns desterrados em nossa terra”.²⁵

Esta adaptação, porém, forjava novas formas de realidade, que condiziam com a nossa identidade nacional. “O teste de realidade não parecia importante. É como se coerência e generalidade não pesassem muito, ou como se a esfera da cultura ocupasse uma posição alterada, cujos critérios fossem outros — mas outros em relação a quê?”.²⁶

Desta forma, as relações foram transformadas, ligando a conceitos inversos como: “independência a dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio”.²⁷ Em uma espécie de “inversão”, o “teste de realidade” passava a não ter tanta importância. As idéias se apresentavam, então, não como

²³ Expressão usada freqüentemente pela Polícia Política Paulista para designar ideologias “vindas de fora” como o comunismo, o anarquismo e o nazismo.

²⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Vargas e a personalização do poder. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 8 nov. 1997. Caderno de Sábado, p. 4.

²⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. Apud: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992, p. 14.

²⁶ SCHWARCZ, op.cit., p. 15.

²⁷ *Ibidem*, p. 18.

cópia, mas como se estivessem enviesadas, fora do lugar em relação ao seu contexto original.

Trata-se de uma diferença interna — o descentramento de que tanto falamos — em que as razões nos aparecem ora nossas, ora alheias, a uma luz ambígua, de efeito incerto. Resulta em uma química também singular, cujas afinidades e repugnâncias acompanhamos e exemplificamos um pouco.²⁸

Roberto DaMatta também discutiu questão semelhante ao tentar fazer uma análise das tradições brasileiras. Segundo ele, ao analisar sociologicamente o Brasil e a realidade latino-americana, não devemos usar a lógica ocidental e os parâmetros por ela utilizados. Na sociedade brasileira coexistiam vários sistemas de sociedade em uma mistura de “tomismo, monarquia de direito divino, feudalismo, autocracia, republicanismo, liberalismo”.²⁹ Não havia, portanto, linearidades como nas sociedades da Europa e Estados Unidos. Porém, isto não deveria ser interpretado negativamente, como uma falta de lógica, mas esta mistura teria uma lógica especial fundamentada no fator do “ambíguo” e da “não-escolha”, da mistura entre o líquido e o sólido.

O caráter de falsidade perderia o sentido no momento em que tais idéias fossem reconsideradas em uma diferente “constelação” ou circuito cultural. As idéias, por estarem submetidas à influência do lugar, não perderiam as pretensões de origem, mas passariam a gravitar segundo novas e singulares regras que, no caso da sociedade brasileira, marcada por elementos como o “favor” e a “dependência”, favoreceriam uma série de deslocamentos da lógica européia.³⁰

No caso do contexto histórico deste estudo, o nazismo derivado da Alemanha sofreu interferência do nosso “clima ideológico”, metáfora utilizada para descrever a efervescência de diferentes correntes de idéias que perpassavam o Brasil da década de 1920 e 1930, como o populismo, o integralismo, o anarquismo, o sindicalismo, o tenentismo e o comunismo. Tal clima se desenvolveu tendo como cenário a disputa política entre a ANL (Aliança Nacional Libertadora) e a Aliança Liberal no primeiro governo de Getúlio Vargas

²⁸ Ibidem, p.25.

²⁹ DAMATTA, Roberto. “For an anthropology of the Brazilian Tradition; or a virtude está no meio”. In: HESS, David da Matta. *The Brazilian puzzle (Culture on the borderlands of the Western World)*. New York: Columbia University Press, 1995, pp. 270-293.

³⁰ Ibidem, p. 270-293.

(1930-1935), além de revoluções internas, entre as quais, a revolução constitucionalista de 1932 em São Paulo e o levante comunista de 1935. Nossa hipótese é que, ao entrar em contato com esta realidade, o nazismo se anuançou, *tropicalizando-se*.

O partido alemão internacional — representado pela instituição da A.O. - Organização do partido nazista no Exterior — trouxe na bagagem uma lógica que entrou em confronto com a lógica brasileira. Houve, por assim dizer, um processo de negociação que gravitava entre os pólos da flexibilidade e da resistência.

Flexibilidade, se levarmos em conta que o partido se instalou e funcionou durante 10 anos no Brasil, atuando em 17 estados brasileiros, com 2.900 integrantes. Também em função das “boas relações de amizade” entre os dois governos, alemão e brasileiro, que resultou na assinatura de diversos tratados comerciais, e na esfera política, da caça aos comunistas e treinamento de policiais brasileiros pela GESTAPO. Em um primeiro momento, era de “interesse estratégico”³¹ para o governo Vargas deixar o partido funcionando. As relações comerciais melhoraram assim como as diplomáticas, que culminaram em 1936, com a elevação das relações de ambos os países para embaixadas.

Resistência, a partir do momento em que foi proibido, e os alemães, independentemente de serem adeptos do nazismo, foram controlados, junto a outras minorias estrangeiras. Em um contexto de busca de uma identidade nacional, a difusão destas idéias ajudava a estigmatizar a figura do imigrante como “perigoso à segurança da nação”. A realidade “construída” pelos meios de comunicação e pelas instituições educacionais era a de que o Brasil entrava em uma *nova era*, de *ordem* (contra a desordem) e *progresso* (resultante da industrialização do País), de construção de uma nacionalidade identificada com a figura do homem trabalhador e do chefe da nação, responsável pela manutenção da paz³². Os estrangeiros, ao lado dos comunistas e de outros perseguidos políticos, eram apresentados como uma ameaça a esta sociedade.

O resultado deste processo de amoldamentos entre o nazismo original e o implantado no Brasil foi, utilizando o conceito de Roberto DaMatta, uma “química singular” que, a nosso ver, poderia ser caracterizada como uma mistura ideológica, cultural e lingüística. Tal química é o que se chama aqui de “tropicalização do nazismo”, que seria

³¹ LEVINE, Robert. *Pai dos Pobres? Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 15. Segundo ele, a tônica de Vargas neste período foi o paternalismo e a negociação.

³² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1985, 2ª edição.

a ideologia nazista “vestida” sob a roupa do contexto histórico brasileiro, entrando em contato com este contexto e se modificando em um processo temporal (décadas de 1930 e 1940). Acredita-se em um nazismo diferente daquele proposto pelo III Reich, mesmo com o grande esforço do movimento nazista internacional em seguir o modelo original.

O nazismo original³³ foi desenvolvido em um contexto histórico específico da Europa e propriamente da Alemanha, onde havia uma grande difusão de idéias anti-semitas e pangermanistas, as quais, em um país em crise, tiveram cenário propício para se desenvolver. O nazismo, enquanto movimento, foi configurado a partir de elementos que alavancaram o surgimento de uma sociedade totalitária: a militarização da população, uma legislação de caráter anti-semita e o sentimento de humilhação pós-Tratado de Versalhes. Este tratado — que deveria ter como princípio básico a manutenção da paz na Europa — acabou por incentivar sentimentos contrários, centralizados em um revanchismo devido às suas cláusulas ferozes que incluíam grandes perdas territoriais das nações derrotadas. Na Alemanha, ele ajudou a desacreditar a recém-criada República de Weimar, ao mesmo tempo, não conseguindo conter o ressurgimento do nacionalismo alemão. Caracterizou-se, então, uma crise pautada por diferentes insurreições do movimento comunista alemão³⁴ e pela desvalorização da moeda local, o marco. Hitler e seu partido surgiram e cresceram dentro desta crise.³⁵

No Brasil, o partido passou a se desenvolver em um diferente contexto. Apesar de voltado apenas aos emigrados alemães, este partido viveu dentro do seio da sociedade brasileira e, aos poucos, mesmo com a rigidez de regras e normas, foi se *amolecendo*, se *abrasileirando*, se *tropicalizando*. Do ponto de vista cultural, nas festas nazistas, cantava-se o Hino Brasileiro, seguido do alemão. O *Eintopf* — refeição semelhante à sopa preparada em um único prato — era o mesmo que o servido aqui, porém, em alguns festejos, havia traços da culinária brasileira, como a canjica.

Mas foi no aspecto político que aconteceu o mais grave aos olhos do movimento nazista internacional: a criação de um movimento fascista à brasileira chamado integralismo que se expandiu e despertou fascínio na comunidade teuto-brasileira, com

³³ Utiliza-se a terminologia *nazismo original* para se distinguir da versão brasileira que chamamos de *nazismo tropicalizado*.

³⁴ O principal deles foi a Revolução Espartaquista que resultou no assassinato por oficiais do exército dos líderes Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht em janeiro de 1919. RIBEIRO Jr., João. *O que é nazismo?* São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 17.

³⁵ Mais detalhes ver: RIBEIRO Jr, op. cit, p. 15 a 22 e LENHARO, op.cit., p. 18.

inúmeras adesões. Na década de 1930, o integralismo atraiu, pelo seu conteúdo ideológico, muitos alemães e descendentes.

Neste mesmo aspecto político, havia outro elemento: a presença de uma grande massa de teuto-brasileiros (descendentes de alemães) concentrados em uma região específica do Brasil, a região Sul. Em alemão, chamados de *Deutschbrasilianer* (alemães-brasileiros), formavam uma nova categoria dentro de uma maior *Auslandsdeutsch* (alemães estrangeiros).

O movimento nazista internacional encontrou-se dentro de um impasse: havia uma recomendação formal proibindo os alemães-brasileiros de ingressarem no partido nazista. Ao mesmo tempo, eles interessavam — numérica e culturalmente — ao III Reich. Ainda dentro desta perspectiva, no interior da comunidade alemã, desenvolveu-se uma outra ordem de conflitos – baseada na questão “racial” e pautada na desigualdade dos dois grupos: os descendentes de alemães (os *Deutschbrasilianer* - alemães brasileiros ou *Volksdeutsche* - homens do povo) e os alemães de nascimento (*Reichsdeutsche* - alemães do Reich).

As diferenças se pautavam em diversos fatores, mas o principal deles era a “raça”. Os alemães do Reich eram considerados “alemães puros”. Além disto, havia outras variáveis que os diferenciavam: a idade de seus integrantes - os *Reichsdeutsche* eram geralmente mais jovens, a data de imigração - os *Reichsdeutsche* haviam imigrado recentemente e a língua - os *Reichsdeutsche* consideravam que os *Volksdeutsche* não falavam o alemão corretamente e sim um dialeto.

O cerne do problema: a questão racial

Como seria a organização de um partido disseminador de uma ideologia racialmente sectária em um País como o Brasil que tem uma grande multiplicidade étnica e cultural? Houve conflitos de ordem “racial”? Se sim, como eles foram trabalhados no interior do partido e como foi a reação da sociedade brasileira?

Pode-se afirmar que o conflito no Brasil se deu principalmente pelo confronto entre os nazistas alemães e a grande população brasileira mestiça de origem negra e indígena, grupos classificados como raças inferiores pelos teóricos racistas. Por serem vistos como

uma ameaça à pureza racial germânica, os alemães “puros” no Brasil foram constantemente alertados a não se misturar com os brasileiros.

Esta questão foi vista a partir da discussão sobre raça vigente na época. Um dos pilares da ideologia nazista era o racismo. Segundo a visão dos nazistas na década de 1930, havia a raça ariana, à qual pertenceria o alemão. Segundo a teoria nacional-socialista, inspirada na obra de Nietzsche sobre o super homem (*Übermensch*), haveria, em contraposição, raças inferiores (*Untermensch*) e não-raças (*Unmensch*)³⁶. Os grupos indígenas, negros e mestiços, habitantes da América Latina, pertenceriam às raças inferiores e por isto não deveriam ser “misturados” com os arianos. Segundo Adolf Hitler, o cruzamento de raças acarretaria em um rebaixamento do nível da raça mais forte e a um regresso físico e intelectual, ou, segundo suas palavras:

A América do Norte, cuja população decididamente na sua maioria se compõe de elementos germânicos que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a América Central e do Sul, onde os imigrantes, quase todos latinos, se fundiram, em grande número, com os habitantes indígenas. Bastaria esse exemplo para fazer reconhecer clara e distintamente o efeito da fusão de raças (...).³⁷

Também neste aspecto, houve tropicalizações. Mesmo com todas as ameaças e apelos para a preservação da raça pura, partidários se casaram com brasileiras.

Com relação ao anti-semitismo, alguns fatores, como por exemplo, a distância geográfica³⁸, favoreceram a idealização dos eventos e as formas diferenciadas de recepção do discurso nazista. Por exemplo, apesar de o jornal *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã) publicar muitos artigos anti-semitas e possuir uma coluna exclusivamente dedicada a este assunto³⁹, o alvo era sempre o judeu “de lá”, ou seja, o judeu que estava na Alemanha.

³⁶ O vice de Führer, Herman Goering, ao citar o ministro da propaganda, Joseph Goebbels escreveu que: “Quem não tem este sangue [ariana] e esta cosmovisão, são sub homens (*Untermensch*) ou não homens (*Unmensch*). GOERING, Hermann. Mensaje als Staatsrat, 15 set. 1933. Apud VALLE, Augustin Basave. *Teoría de la Democracia. Fundamentos de la Filosofía Democrática*. <www.facdyc.uanl.mx/posgrado/publicaciones/pdf/Teoria%20de%20la%20Democracia.pdf>

³⁷ HITLER, Adolf. *Minha luta*. São Paulo: Mestre Jou, 1962, p. 186.

³⁸ BREPOHL, Marionilde Dias. *Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil*. Campinas, 1993. Tese (História Social) – UNICAMP.

³⁹ *Juden sehen dich an*. DM, jun. 1935, p. 15. IFA/S, Alemanha.

Poucos artigos se pronunciavam contra o judeu refugiado do nazismo no Brasil ou ao judeu morador do Brasil. Era antes um anti-semitismo mais idealizado que prático.⁴⁰

Para entender todas estas modificações, analisamos como era a visão dos povos europeus sobre a América. Segundo Lilia Schwarz, ao analisarmos a América encontramos duas tendências. Com relação à natureza exuberante, aos animais exóticos e flora, ela é vista como um paraíso perdido. Ao contrário, as pessoas são vistas como estranhas e suas práticas consideradas “do mal”: a nudez, a poligamia e o canibalismo, que colaboram com a visão de “povo bárbaro” no imaginário europeu desde o século XVI. A reflexão sobre estas “novas gentes” fundamentou a idéia da diferença e da igualdade entre os homens. Tal debate é retomado no século XVIII, por J. J. Rousseau, no *Discurso sobre a Origem e o Fundamento da Desigualdade entre os Homens* (1775), onde desenvolveu a idéia do bom selvagem, um indígena bem-vestido, que teria perdido muito a selvageria. Cabe ressaltar aqui que Rousseau, ao contrário de outras correntes pessimistas, trouxe uma versão humanista para esta reflexão, na qual a humanidade foi pensada enquanto totalidade. O bom selvagem seria um ponto de partida para refletir sobre a civilização decadente da Europa⁴¹.

Outros teóricos pensaram a América como um continente jovem, débil e “imaturo”. No século XVIII, se daria a naturalização da diferença que seria a base para as teorias raciais do século XIX, aliadas à idéia de progresso e do conceito de civilização onde a América e a África apareciam como “imperfeitas”, “decaídas” e, na sua pior interpretação, “degenerada” frente ao Velho Mundo. A ciência da época, em geral, era de cunho determinista e positiva e prevalecia a idéia de que a humanidade progredia em etapas e cada grupo de homens ocupava determinado estágio da civilização.

Opondo-se, portanto, à visão humanista, os teóricos das raças partiam de três proposições básicas. A primeira tese afirmava a realidade das raças,

⁴⁰ Anti-semitismo teórico porque os nazistas no Brasil eram na teoria anti-semitas, mas houve poucas práticas no cotidiano deste anti-semitismo, como confrontos com emigrantes judeus e boicote às firmas cujos proprietários eram judeus.

⁴¹ “Com efeito, foi Rousseau que, em seu *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre homens* (1775), lançou as bases para se pensar na idéia da humanidade feita uma só e para a afirmação do modelo do “bom selvagem” como elemento fundamental para entender a civilização decadente”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Dando nome às diferenças”. *Racismo & Racistas* (org. Eni de Mesquita Samara). São Paulo: Humanitas, 2001, p. 14.

estabelecendo que existiria entre esses agrupamentos humanos a mesma distância encontrada entre o asno e o cavalo. A segunda instituiu uma continuidade entre caracteres físicos e morais, determinando que a divisão do mundo em raças corresponderia a uma divisão entre culturas. Um terceiro aspecto apontava para a predominância do grupo “racio cultural” ou étnico no comportamento do sujeito, conformando-se enquanto uma doutrina da psicologia coletiva, hostil à idéia do arbítrio do indivíduo.⁴²

Nesta época, ganharam fôlego as teorias do evolucionismo e do darwinismo e determinismo social, cujo maior expoente foi o filósofo inglês Herbert Spencer, que acreditava na sobrevivência do mais capaz. Estas teorias seriam verdadeiras matrizes para o racismo do século XX. Segundo as teorias de determinismo social, a raça era um “fenômeno essencial” e havia uma grande distância entre grupos humanos, por exemplo, o negro e o branco. Alguns teóricos defenderam a infertilidade do mestiço.

Acreditava-se que a partir de características exteriores — como a cor, o tamanho do cérebro, o tipo de cabelo — poder-se-ia chegar a conclusões sobre aspectos morais das diferentes raças. (...) O terceiro pressuposto indicava que o indivíduo, mais do que a soma do seu “grupo rácio-cultural” — já que, como concluíam esses cientistas, não adiantava ver o indivíduo, era muito melhor observar o grupo ao qual pertencia.⁴³

Destas reflexões, surgiu também o conceito de eugenia, que significa “boa geração”. Eugenia pode ser definida como uma política social que visava cuidar da raça pelo estímulo de certas uniões e impedimento de outras.⁴⁴ P. Broca e Morton, criadores da antropometria e frenologia, acreditavam ser possível verificar o grau de potência de uma raça ao medir o tamanho da cabeça dos homens deste grupo. Na Itália, em paralelo com estas teorias, surgiu a antropologia criminal, representada principalmente por C. Lombroso.

⁴² Ibidem, p. 19.

⁴³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O contexto brasileiro”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 169.

⁴⁴ A eugenia positiva prega a melhoria da raça por meio da união de pessoas consideradas geneticamente superiores, enquanto a eugenia negativa postula que os indivíduos de sangue bom devem ser “defendidos” por meio da eliminação dos indivíduos geneticamente inferiores.

Segundo este teórico, um criminoso poderia ser reconhecido pelos seus ativismos físicos e mentais, antes mesmo de se cometer um crime.

A miscigenação e a idéia do Brasil enquanto “laboratório racial” também chamou a atenção desses teóricos. Miscigenação significava degeneração. Os estereótipos do Brasil, enquanto um país belo e gigante, com uma natureza exótica, mas com tipos humanos diferentes da “civilização européia”, perdurou até os anos 1930, quando os nazistas culpavam as dificuldades de adaptação ao Brasil a elementos raciais.

Não se pode deixar de considerar que teorias de eugenia vigentes na Europa encontraram eco no pensamento brasileiro nacional. A partir das três últimas décadas do século XIX, com o fim da escravidão e início da república, intelectuais como Oliveira Vianna, Nina Rodrigues e Silvio Romero dedicaram-se à questão da formação da identidade nacional brasileira. Os intelectuais brasileiros tiveram que adaptar, segundo nossos modelos, as teorias européias:

A importação destas teorias científicas européias para uma sociedade como a brasileira, diferente racial e geograficamente da Europa, não só não eliminava o problema racial no Brasil, como legitimava uma postura racista já transparente no pensamento romântico ao apontar para o fato de que a mistura de raças e a qualidade de solo e clima eram os grandes empecilhos para o desenvolvimento e a civilização do país. Estas teorias acabaram por definir quais os grandes determinantes de nossa identidade nacional: a raça e o meio.⁴⁵

Sílvio Romero, da Escola de Recife⁴⁶, desenvolveu uma teoria nos anos 70 do século XIX na qual aceitou a máxima do “mestiço como tipo nacional”.⁴⁷ Segundo ele, a cultura brasileira era formada como um reflexo do processo de miscigenação no qual são

⁴⁵ A autora dedica um subcapítulo para a análise das discussões sobre raça no Brasil. SANTANA, Nara. *Associações nazistas no Brasil (1938-1945)*. Niterói, 1999. Dissertação – Universidade Federal Fluminense, p. 121 a 131.

⁴⁶ A Escola de Recife – movimento intelectual, crítico, filosófico e jurídico - nasceu e floresceu dentro da Faculdade de Direito do Recife. Silvio Romero, um de seus principais expoentes, foi o primeiro a afirmar que os brasileiros eram “mestiços se não no sangue, ao menos na alma” (1888). A Faculdade de Direito de Recife foi criada concomitantemente à Faculdade de Direito de São Paulo em 1827. Ambas se preocupavam com a questão da identidade nacional, visando formar uma *intelligentsia* no Brasil. “Enquanto a faculdade de São Paulo foi mais influenciada por um modelo político-liberal, a de Recife, mais atenta ao problema racial, teve nas escolas darwinista social e evolucionista seus grandes modelos de análise.” SCHWARCZ, 2001, op. cit., 2001, p. 26-27.

⁴⁷ SCHWARCZ, op. cit., p. 177.

fundidas as três raças do branco, negro e índio, um dos pilares do mito da democracia racial no Brasil. Ao lado de Oliveira Vianna, Romero defendeu que sucessivos casamentos do mestiço nacional com imigrantes “brancos” promoveriam o branqueamento dos brasileiros e o conseqüente progresso do seu povo.⁴⁸ Assim, este mesmo Brasil caracterizado por estes intelectuais como multirracial, buscava nas teorias de branqueamento a formação de um homem nacional brasileiro.

No contexto das teorias de eugenia — tanto as vigentes na Europa, quanto no Brasil —, cabe ressaltar dois aspectos fundamentados na visão do “outro”: de como o alemão via o brasileiro e de como o brasileiro reagia a esta visão. O primeiro é que os nazistas que se encontravam no Brasil consideravam a população brasileira como inferior pelo seu caráter mestiço e a descreviam por metáforas pejorativas como “macacos”. Do lado institucional, houve a proibição de casamentos mestiços pelo partido.

O brasileiro, por sua vez, reagia — no cotidiano — ironizando tal visão racista do seu povo. Por meio da ótica do projeto de nacionalização varguista, era o alemão que era visto como o outro, o “alienígena” e portador de idéias exóticas, como o nazismo.⁴⁹ Os alemães eram modelo por serem considerados “brancos e civilizados”. Sua imagem passou a ser associada, principalmente a partir do final dos anos 1930, também por influência do pan-americanismo, como perigo (o Quinta-Coluna⁵⁰). Houve linhas de resistência dos brasileiros a este pensamento de superioridade dos alemães, representada tanto pelos intelectuais brasileiros, quanto pela própria população que reagia com ironia e escárnio a este pensamento. Em anedotas, artigos de jornais brasileiros⁵¹ criticavam o chefe do Estado alemão, Adolf Hitler, sua política racial e a pureza da raça ariana. O caricaturista paulista Belmonte (1896-1947) ficou famoso por suas charges sobre a II Guerra Mundial, publicadas na *Folha da Noite*. O estadista alemão Adolf Hitler apareceu nas charges em situações diversas, sempre com pitadas de escárnio e humor. Exemplos são aquelas em que

⁴⁸ BREPOHL, Marionilde Dias. *Pangermanismo e nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1998, p. 58, 59.

⁴⁹ DIETRICH, 2001, op.cit.

⁵⁰ No Brasil, o “Quinta-Coluna” poderia ser japonês, italiano ou alemão, pessoas oriundas de países pertencentes ao Eixo. Segundo Dezem, “o termo era usado para designar o agente ou simpatizante de uma das partes da guerra e que realizava atos de subversão e sabotagem no próprio território inimigo. A expressão originou-se da Guerra Civil Espanhola, servindo para designar os anti-republicanos que viviam em Madrid, simpatizantes das quatro colunas franquistas que marchavam sobre a cidade”. DEZEM, Rogério. *Shindô-Renmei: terrorismo e repressão*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, 2000, p. 38.

⁵¹ Como exemplo, cita-se *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 set. 1937. Ata 104939. AA/B, Alemanha.

foi retratado vestido de mulher, dançando com um agitado Stalin, ou como jogador de futebol, tentando fazer um gol contra a Polônia, que se defendia com um imenso guarda-chuva em um verdadeiro estilo *abrasileirado*. Em outras situações, Belmonte, o criador do popular Juca-Pato, ridicularizou a política anti-semita de Hitler. Retratou Hitler apontando com o dedo um judeu como “bode expiatório” em 1942, quando a posição da Alemanha na guerra começou a mudar, com grandes derrotas em território russo. **(ilustrações intr.1 e 2)**

Segundo outro chargista, Jaguar, as caricaturas de Belmonte tiveram repercussão na Alemanha. Goebbels o acusou de ter sido comprado pelos ingleses: “O poderoso chefão da propaganda hitlerista, Goebbels, brandindo um maço de desenhos de Belmonte, berrava pelo rádio que ele tinha sido comprado pelos americanos e ingleses. Melhor que qualquer prêmio”.

Da parte da intelectualidade brasileira, artífices do evolucionismo social, como Silvio Romero, apesar de defender o branqueamento da raça com a colaboração dos imigrantes europeus, viam vários aspectos negativos na presença de alemães no Brasil. Eles se concentravam em uma região específica do País, o Sul e falavam sua língua de origem, além de terem imigrado de uma maneira desordenada ao Brasil. Tais aspectos poderiam ocasionar conflitos políticos regionais cujo maior perigo seria criar no Sul do Brasil uma colônia alemã independente.⁵² A solução encontrada por Romero é que os alemães se espalhassem pelo Brasil e, junto a imigrantes portugueses que garantiriam a unidade lingüística, fariam no País uma nova população.⁵³

Já Gilberto Freyre, via aspectos positivos na miscigenação brasileira, definida por ele como um “intensa interpenetração nacional e de constante mobilidade”.⁵⁴ Considerando o Brasil como uma “democracia étnica ou racial”, mas ainda imperfeita, a miscigenação facilitaria uma comunicação inter-regional e cultural. Discordou também do aspecto “exótico” e “pitoresco” dos trópicos:

O homem situado no Trópico, as culturas condicionadas pelo Trópico estão longe de ser apenas pitoresco. Ou somente bizania. Ou puro exotismo. Ao contrário: são uma parte do mundo e da humanidade tão normal como a outra, embora com motivos de natureza biológica e de

⁵² BREPOHL, M. D., op. cit., p. 59.

⁵³ SCHWARCZ, op. cit., p. 174.

⁵⁴ FREYRE, Homem, Cultura e Trópico. Recife: Imprensa Universitária, 1962.p. 17.

ordem cultural para se desenvolverem de modo diferente da européia ou da anglo-americana.⁵⁵

Freyre deu uma nova dimensão biológica ao mestiço. Ao contrário de outros teóricos, o vê como “novo e fecundo”.

A história do partido na perspectiva da AO

Mesmo com a existência de tais conflitos, enfatiza-se, neste estudo, que eles não impediram o funcionamento do partido nazista no Brasil durante dez anos (1928-1938). Assim, também é objetivo deste estudo saber como a ideologia nazista foi difundida e implementada em solo brasileiro, ou seja, quais mecanismos o III Reich, por intermédio da Organização do partido nazista no Exterior (a A.O.), utilizou para que fosse possível tal atividade partidária. Neste sentido, serão analisadas quais foram as repercussões das ações do partido em solo brasileiro nas relações entre o Brasil e a Alemanha.

Destaca-se que o recorte histórico deste estudo é a visão que o III Reich – personificado aqui em seu *Gau* A. O. - tinha do Brasil e do partido nazista no Brasil. Este ponto de vista foi privilegiado pelo *corpus documental* formado principalmente pelos documentos da A.O. Esta opção não excluiu, porém, a História do partido nazista do ponto de vista da História local, mas a primeira opção foi privilegiada em relação à segunda, opção esta justificada em virtude do caráter inédito da documentação da A.O. e da extensa bibliografia sobre a Era Vargas. O contexto brasileiro serviu para pontuar acontecimentos relativos ao próprio partido.

Foi analisada a importância deste grupo do partido no contexto dos objetivos do nacional-socialismo em nível internacional, assim como possíveis planos comerciais, culturais e/ou imperialistas do governo de Adolf Hitler. Acredita-se que o partido nazista no Brasil era para a Alemanha muito mais importante do que para o Brasil. Enquanto o governo brasileiro não se incomodou durante 10 anos com a existência deste partido, o governo hitlerista fez dele o representante do povo alemão em território brasileiro e as ações contra este partido tinham conseqüências diretas nas relações com o Brasil.

⁵⁵ Ibidem, p. 24.

Ainda com relação ao processo de tropicalização do nazismo, ele se deu de diferentes formas nas áreas rurais e urbanas do Brasil. Enquanto que no campo o processo, por sua vez, se desenvolveu no âmbito do universo sectário dos colonos, nas cidades ele foi institucionalizado em clubes, bancos e escolas. Os mecanismos de difusão, entre eles, rádio, jornais e palestras, variavam de acordo com esta diferença.

O segundo recorte diz respeito à questão espacial. Pretende-se fazer uma análise comparada sobre a história do partido entre os estados brasileiros, tendo como prioridade a comparação entre as regiões Sul, Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste. O partido nazista se fez presente em 17 estados brasileiros, enquanto que, a maioria dos estudos concentra-se na análise do Sul do Brasil.⁵⁶ Foram localizados documentos⁵⁷ que fazem referência à presença do partido nas outras regiões do Brasil. Grande parte dos estudos científicos sobre o tema faz pouca referência a isto.

Leva-se em conta, no entanto, que a intensidade da atividade nazista foi diferente nas regiões brasileiras. No Sul e Sudeste, por exemplo, o partido foi mais representativo, em virtude, dentre outros motivos, da grande colonização alemã desde o século XIX.⁵⁸ Já os estados do nordeste, centro-oeste e norte tinham grupos menores do partido, caso do Pará, com 27 integrantes, Bahia, 39, Pernambuco, 43. O número de partidários foi diretamente proporcional à quantidade de alemães presentes em cada estado.

A história do partido nazista tangenciou importantes questões que atravessaram esse período histórico. No âmbito da política externa, os tratados comerciais e políticos entre o Brasil e a Alemanha, a vinda de refugiados do regime nazista para o nosso País, a propaganda antigermânica da Inglaterra e dos Estados Unidos e a política de pan-americanismo, a definição do Brasil pelos Aliados na II Guerra Mundial, o recebimento das ondas imigratórias dos alemães em solo brasileiro. No âmbito da política nacional, a estratégia do presidente Getúlio Vargas perante o governo alemão e norte-americano, o

⁵⁶ Citamos como exemplo: GERTZ, René Ernaini. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; BREPOHL, M. D., op. cit.; SANT'ANNA, Sérgio Bairon Blanco. *História palinódica: significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira*. São Paulo, 1991. Tese (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

⁵⁷ Arquivo Federal da Alemanha, Arquivo do Ministério das Relações Exteriores (Berlim) e Instituto das Relações exteriores (Stuttgart).

⁵⁸ Os maiores grupos de partidários são, em ordem decrescente, São Paulo (785 integrantes), Santa Catarina (528), Rio de Janeiro (447), Rio Grande do Sul (439), Paraná (185). Cf. MORAES, Luís Edmundo. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A seção brasileira do partido nazista e a questão nacional*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Projeto de Nacionalização do governo brasileiro e as suas conseqüências com relações às minorias nacionais, a relação do partido nazista com o Partido Integralista e o internamento de súditos do Eixo no Brasil.⁵⁹

Esta análise foi centrada nas seguintes atividades do Partido destacando as diferenças entre o modelo sugerido pelo III Reich e sua versão tropicalizada, verificando as linhas de resistência e de flexibilidade:

1. Atividades organizacionais

As atividades partidárias incluíam reuniões semanais com seus integrantes. Esses encontros, de caráter organizacional, eram realizados em diversos pontos das cidades, em locais onde havia células do partido.

Paralelamente às reuniões, havia uma atividade que era quase exclusiva dos principais diretores do partido: elaborar relatórios para o comando da A.O. na Alemanha sobre as atividades dos partidários, da comunidade alemã como um todo e da situação política do Brasil. Tais relatórios serviam como uma espécie de prestação de contas para a chefia na Alemanha. Internamente, também eram elaborados relatórios e entregues aos dirigentes do partido.

Ainda como atividade organizacional, houve a estruturação de instituições ligadas ao partido: a Juventude Hitlerista, a Frente de Trabalho Alemã, Associação de Mulheres e a Associação dos Professores. Os integrantes destas instituições reuniam-se regularmente e algumas, como a Frente de Trabalho Alemã e a Associação de Mulheres, possuíam suas próprias células e hierarquia interna.

Outra atividade do partido era a coleta de donativos dos associados, partidários e simpatizantes. Segundo registros no jornal *Deutscher Morgen*, o dinheiro era revertido para a Ajuda do Inverno Alemão e enviado para Alemanha.

2. Atividades de propaganda

Fora as atividades de organização, o partido também se dedicava a ações relacionadas à propaganda: elaboração de jornais nazistas, programas de rádio, sessões de filmes, viagens dos dirigentes ao interior do Brasil para realização de palestras sobre a

⁵⁹ Para o aprofundamento de tais questões ver capítulo 6.

ideologia nazista e divulgação dessas idéias em instituições alemãs, como clubes, igrejas, firmas e escolas.

Percebe-se, no entanto, que não se deu uma simples transposição do modelo do partido para o Brasil. Tudo isto sofria interferência direta do contexto histórico brasileiro da época. Por exemplo, a divulgação da propaganda nazista foi cerceada em janeiro de 1942 com a proibição de jornais e programas de rádio em língua estrangeira. Uma das primeiras reuniões do partido nazista em São Paulo, realizada em 1932, teve a presença de um investigador do DEOPS que não tomou outras atitudes de repressão por considerar os alemães “ordeiros”. Neste mesmo ano, um cidadão alemão escreveu ao Diário da Noite com o objetivo de alertar a população brasileira sobre o desenvolvimento do partido nazista na capital paulista.⁶⁰

3. Festividades

O calendário festivo dos nazistas foi em parte transportado para o Brasil. Aqui, a comunidade alemã comemorava o 1º de Maio, o aniversário de Hitler (17 de abril) e o Dia da Juventude e outras datas, como festas escolares, Dias das Mães, Páscoa, Natal e festas em homenagem aos mártires do nacional-socialismo, como o caso de Wilhelm Gustloff (chefe do partido nazista na Suíça, que teria sido supostamente assassinado). Eram comuns também as tardes de teatro, concertos e o *Eintopf* (prato único).

Além dessas celebrações, a A.O. organizava festividades para o alemão no estrangeiro que aconteciam na própria Alemanha, muitas vezes em Stuttgart. Nestas ocasiões, legações de representante de grupos do partido nazista de todo o mundo visitavam a Alemanha e participavam de tais eventos. Na década de 1930, foram levadas diversas comissões de alemães que moravam no Brasil para participar de tais eventos, que tinham a presença das autoridades nazistas responsáveis pela divulgação do nazismo no exterior.

4. Atividades de intercâmbio e viagens

Outro ramo de atividades tinha como fim o intercâmbio entre os nazistas que estavam em solo brasileiro e a sede do partido nazista na Alemanha por meio de encontros

⁶⁰ Ver: DIETRICH, op. cit.

dos chefes locais do partido no Brasil e a cúpula da A. O. Nesta época, houve também diversas viagens de autoridades nazistas ao País e expedições científicas ao interior brasileiro e Amazônia. Os partidários nazistas do Brasil, do alto escalão, também viajavam com frequência para a Alemanha.

Ainda com relação ao processo de tropicalização do nazismo, iremos verificar a influência de homens fortes presentes tanto no partido, quanto na Embaixada e nos consulados alemães na comunidade germânica estabelecida em solo brasileiro, focando a reflexão na vida de Hans Henning von Cossel, o chefe do partido nazista no Brasil. A história da A.O. também passa por teóricos como Emil Ehrlich e pela figura do chefe Ernst Wilhelm von Bohle. Tais fontes irão auxiliar também na análise das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha. Foram selecionadas as seguintes pessoas⁶¹, que se tornaram personagens especiais desta história:

1. Wilhelm von Bohle – chefe da A. O.
2. Emil Ehrlich - Chefe do serviço do *Gau* da A. O. Autor de livro sobre os fundamentos da Organização do partido nazista no Exterior⁶².
3. Hans Henning von Cossel – chefe do partido nazista no Brasil.
4. Arthur Schmidt-Elskop – Primeiramente “enviado da delegação alemã” e, em 1936, tornou-se embaixador. Partidário.
5. Karl Ritter - Embaixador de 16 de junho de 1937 até 6 de agosto de 1938. Partidário.
6. Curt Prüfer - Embaixador de 27 de setembro de 1939 até 28 de janeiro de 1942.
7. Walther Molly – *Attaché* e depois cônsul geral em São Paulo. Partidário.

Fontes fundamentais

Nosso recorte justifica também a seleção das fontes. Para verificação desta questão, buscou-se os chamados documentos “oficiais” do partido nazista no Exterior. Estes documentos foram gerados pela organização controladora do movimento nacional-

⁶¹ Suas atas pessoais foram localizadas no Ministério das Relações Exteriores em Berlim, Alemanha.

⁶² EHRlich, Emil. *Die Auslandsorganisation der NSDAP*. Schriften der Deutschen Hochschule für Politik, Herausgegeben von Paul Meier-Benneckenstein. II. Der Organisatorische Aufbau des Dritten Reiches. Heft 13. Junker Dünnhaupt Verlag, Berlin, 1937.

socialista no Exterior, a A.O.⁶³ e hoje estão sob a guarda dos arquivos alemães do Ministério das Relações Exteriores de Berlim e o Arquivo Federal da Alemanha.

Convém ressaltar aspectos qualitativos e quantitativos dos documentos referentes a esta temática. Além dos dois grandes arquivos já citados, o material de arquivos históricos de outras cidades alemãs (Hamburgo, Stuttgart, Frankfurt) complementou as informações levantadas em Berlim.

Além dos documentos produzidos pela A.O., foi privilegiada a leitura de periódicos de linha nacional-socialista em língua alemã, publicados na Alemanha ou no Brasil nos anos 1930 e 1940. Dentre eles destacam-se o *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã), órgão oficial do partido nazista no Brasil, o *Deutsches Wollen* (Vontade Alemã), periódico oficial da A.O. e o *Deutschtum im Ausland*⁶⁴ (Germanismo no Exterior), órgão do *Institut Deutsches Ausland* (Instituto do Alemão no Exterior). A leitura de tais periódicos proporcionou observar o dia-a-dia dos partidários, suas principais atividades, como se dava o funcionamento de suas células, como era a comunicação com a Alemanha, que papel determinados líderes nazistas no Brasil desempenhavam.

A escolha de tais periódicos foi feita sob os seguintes critérios: a revista *Deutsches Wollen* foi escolhida por ser o órgão oficial da organização do partido nazista no exterior (A.O.). A revista *Deutschtum im Ausland* contém diversos artigos sobre os alemães no Brasil, na América do Sul e no mundo, permitindo uma análise comparada entre os países. O Instituto *Deutsches Ausland* encontra-se localizado em Stuttgart. O jornal *Deutscher Morgen*, publicado durante 10 anos em São Paulo, foi escolhido por ser o órgão oficial do partido nazista no Brasil. O recorte temporal proposto é do ano de 1933 (ascensão de Hitler ao poder) a 1945 (fim da II Guerra Mundial).

Além destes principais títulos, também foram selecionados periódicos com menor tiragem e com uma circulação regional, mas que também tinham uma linha nacional-socialista, caso do *Die Nationalsozialist* (O Nacional-socialista), editada no Rio de Janeiro, *Für die Dritte Reich* (Pelo Terceiro Reich), de Porto Alegre, *Deutsch Klub* (Clube Alemão), de Pernambuco, *Deutsch Verein* (Associação Alemã), da Bahia.

⁶³ Auslandsorganisation der NSDAP (Organização do partido nazista no Exterior).

⁶⁴ Antes de 1938, é denominada *Auslandsdeutsche* (alemão no Exterior).

Trabalhar com a análise histórica dos 17 estados brasileiros em que o partido nazista se fez presente mostrou-se um desafio, pois o material sobre as células do partido não está organizado de forma sistemática e possui grandes variações de quantidade e qualidade. Temos, em muitos casos, concentração muito maior de documentos sobre determinado *Ortsgruppe* (grupo regional), mas poucas informações sobre outro. Enquanto sobre os estados do Sul e do Sudeste do Brasil, onde o partido era mais representativo, levantou-se uma grande quantidade de documentos; nas outras regiões, as informações foram mais escassas.

A título de exemplo, citamos o periódico do *Deutsche Klub* (Clube Alemão) de Pernambuco, localizado no Instituto de Relações Exteriores de Stuttgart. A leitura deste periódico trouxe-nos novas informações sobre este *Ortsgruppe* (grupo regional) específico.

Foram também elaboradas entrevistas com familiares dos partidários e privilegiada a metodologia de José Carlos Sebe Bom Meihy para o tratamento destas fontes orais, ainda que elas não tenham tido o tratamento de histórias de vida, mas de entrevistas⁶⁵. Foram localizadas duas redes: uma no Brasil, com ex-membros da Juventude Hitlerista⁶⁶, e uma na Alemanha, com os familiares de Hans Henning von Cossel, líder do partido nazista no Brasil.

⁶⁵ MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

⁶⁶ Entrevistas realizadas entre 2002 e 2006. Em setembro de 2006, encontramos a rede da Juventude Hitlerista de Presidente Bernardes (SP). Uma das principais colaboradoras foi Clara Bremer, cujo pai era um importante líder do partido nazista local. Entrevista de Clara Bremer a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia. 7 set. 2006.

Capítulo 1

Tropicalização do Nazismo no Brasil?

Conflitos ideológicos e raciais

“A história do Brasil, como deve ser hoje compreendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetida pelos entusiastas lusos, a história exclusiva dos portugueses na América. Não é também, como quis supor de passagem o romantismo, a história dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em um Novo Mundo. É antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária, em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias. Os operários deste fato inicial têm sido: negro, índio, o meio físico e a imitação estrangeira”.

Silvio Romero⁶⁷

“Gatinho que nasce no forno é gatinho e não biscoito.”

⁶⁷ ROMERO, Silvio. História da Literatura Brasileira. Vol. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, p. 39.

Carl Walter Heimann,
em referência aos alemães e descendentes que manteriam
suas características étnicas mesmo morando ou tendo nascido no Brasil.⁶⁸

1.1. O nazismo além-mar: a A.O. e o chamado aos alemães do exterior

O desenho de uma pequena caravela foi desde o início do século XX símbolo do Instituto dos Alemães no Exterior, em Stuttgart. Considerada a Cidade dos Alemães no Exterior, Stuttgart, no sul da Alemanha, região da Bavária, agregava a maior parte das atividades relacionadas aos alemães no exterior, principalmente, porque, desde o início do século XX, sediava o Instituto Alemão do Exterior.

Com a ascensão de Hitler ao poder, a embarcação ganhou a estampa da suástica, que simbolizaria o que aconteceu nas décadas de 1930 e 1940 (*ilustração 1.1*). Em seu navio imaginário, a suástica iria percorrer muitos mares e oceanos para alcançar terras longínquas onde seriam difundidos os ideais nazistas. Estudos afirmam que o movimento nacional-socialista mundial esteve presente no expressivo número de 83 países, com 29 mil integrantes. Europa, Ásia, Oceania, África e América: o nazismo se difundiu pelos cinco continentes.

Sua articulação e controle se davam pela *Auslandsorganisation der NSDAP* (Organização do partido nazista no exterior) - A.O. Dentro da hierarquia do partido nazista alemão, a A.O. funcionava, primeiramente, como um departamento do partido e depois, foi elevada ao nível de *Gau* (comarca). Concebia todas as ordens e diretrizes, assim como fazia uma dialética do controle, dos *Landesgruppen* (grupos nacionais) e *Ortsgruppen* (grupos regionais) do partido nazista no Exterior.

⁶⁸ Carl Walter Heimann, chefe de contabilidade do Banco Germânico, em declaração à Polícia Política Paulista. Pront. nº 25414, “Banco Germânico”, DEOPS-SP, DAESP.

O jovem *Gau* — como era comumente chamado — tinha um status importante na hierarquia do partido nazista. Ele estava localizado no terceiro escalão da hierarquia do III Reich, sendo o primeiro, o próprio Führer, e o segundo, seu substituto direto, Rudolf Hess. Bohle estava diretamente subordinado a Hess e tinha o mesmo *status* de outros dirigentes do partido, como Joseph Goebbels, o chefe da propaganda nazista, Robert Ley, chefe da organização do Reich, Franz Xaver Schwarz, tesoureiro chefe do Reich, Walter Buch, juiz do partido, entre outros, somando 18 pessoas pertencentes ao *Reichsleitung* (liderança do Reich) localizado em Munique.⁶⁹ A proximidade entre o *Führer* e Bohle é também evidente nas vezes em que Hitler recebeu von Bohle em reuniões.⁷⁰

Primeiramente denominado como *Auslandsabteilung* (Departamento do Exterior), foi fundado em 1931 com sede em Hamburgo. No ano em que Hitler subiu ao poder, mais precisamente em 03 de outubro de 1933, o departamento foi alocado, dentro da hierarquia do partido, diretamente abaixo do vice do Führer. Em 17 de fevereiro de 1934, passou a ser chamada Organização do partido nazista no exterior (A.O.).

No ano seguinte, em 1935, a A.O. foi elevada de departamento no partido, para o nível de *Gau* (comarca) e foi transferida para Berlim. A partir deste ano, a A.O. passou a coordenar as ações dos alemães que estavam em alto-mar ou navegando em rios, como por exemplo, marinheiros. Em 1937, outra mudança significativa nas suas instâncias de poder: Ernst Wilhelm von Bohle foi nomeado o chefe da A.O. dentro do Ministério das Relações Exteriores. Com esta medida, as ações dessa organização cresceram em importância para o III Reich.

Conforme se verifica na tabela a seguir, abaixo do chefe da A. O., von Bohle, estavam os *Landesgruppenleiter* (chefes de países), como é o caso de Hans Henning von Cossel, chefe do partido nazista no Brasil e um degrau abaixo, os *Ortsgruppenleiter* (chefes dos grupos regionais).

Tabela 1 - Hierarquia do Governo Nacional-Socialista – 1º, 2º e 3º escalões

Führer Adolf Hitler

⁶⁹ THAMER, Hans-Ulrich. “Die Nationalsozialistische Massebewegung in der Staats- und Wirtschaftskrise”. In: *Informationen zur politischen Bildung*, no. 251, p.22.

⁷⁰ Ata R127875. AA/B, Alemanha.

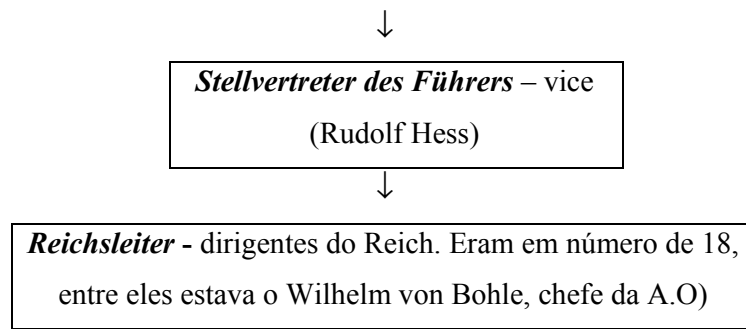
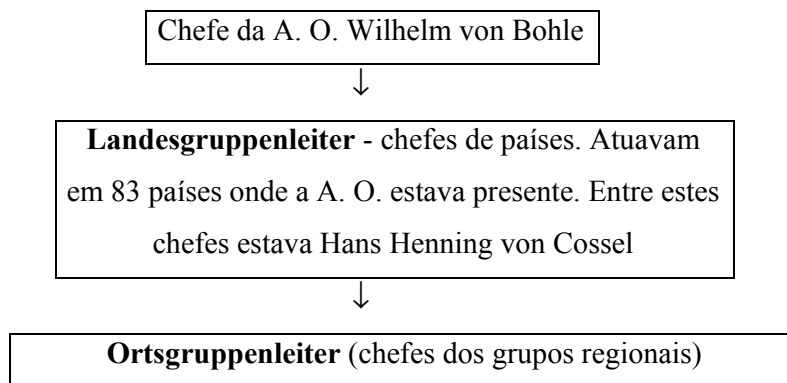


Tabela 2- Hierarquia da A.O. 1º, 2º e 3º escalão



Os outros *Gaue* (comarcas) tinham como princípio a regionalidade. A Alemanha era dividida em comarcas regionais. Entre 1925 e 1937, o número de *Gaue* alemães variou entre 30 a 36. Os chefes do *Gaue* (*Gauleiter*) eram responsáveis pelo trabalho do partido e sua expansão, lembrados como símbolos da união do partido e pela subordinação ao Führer.⁷¹

A A.O. tinha um princípio funcional — o controle dos grupos dos partidos nazistas no exterior — e não regional, como os demais *Gaue*. Deveria, assim, aglutinar e organizar as associações nazistas que estavam fora da Alemanha. Controlava os alemães do

⁷¹ Ibidem, p.20.

exterior e encontrava adeptos para a causa nacional-socialista. Para gerenciar a grande rede mundial do partido nazista, dela nasciam as regras do movimento e para ela eram encaminhadas informações da vida dos alemães espalhados no mundo.

A base ideológica era que as fronteiras alemãs não seriam delimitadas pelo território, mas sim pela chamada “raça ariana”. Onde houvesse o sangue germânico⁷², haveria simbolicamente a Alemanha, enquanto nação universal. Os alemães ao redor do mundo — intimamente ligados pelos laços de sangue — formariam a sonhada *Volksgemeinschaft* (Comunidade do Povo). O objetivo era chamar cada um deles onde quer que estivessem para seu dever de servir a Pátria. Toda a propaganda da A.O. foi dirigida na direção de um “chamado” — todos os alemães deveriam fazer a sua parte para o crescimento da nação, mesmo que, muitas vezes, isto acarretasse em sacrifícios.

Um dos pilares do nazismo era o pangermanismo, ao lado do regime centralizado em um único partido, da autoridade do *Führer* e das teorias raciais. No entanto, isto não era uma novidade do governo de Hitler, pois esteve contemplado dentro da política territorial alemã desde os anos 90 do século XIX. O pangermanismo previa um mundo dividido em colônias informais ou zonas de influência e uma constante busca de novos mercados consumidores. Entre seus princípios estava a idéia de unidade pela raça e pela língua, além da superioridade étnica dos alemães considerados “puros”.⁷³ O projeto pangermanista previa a união de todos alemães de origem em um grande império que se estenderia inclusive à África e à América.

Diferentemente do pan-eslavismo na Rússia que pressupunha a reunião de diferentes etnias, o pangermanismo dos alemães que ganhou força na última década do século XIX se baseava no nacionalismo estatal. No século XX, o pangermanismo agregou a teoria do *jus sanguinis*, pela qual não seria possível a concessão da cidadania a pessoas de outras etnias que residissem no país, associado a um radical anti-semitismo. Para alguns autores, o pangermanismo adotado por Adolf Hitler se diferiu do pangermanismo dos anos anteriores, pois era mais político do que econômico, voltado à teoria do *Lebensraum*

⁷² Até hoje, a Alemanha mantém o “direito do sangue”, ou seja, estrangeiros nascidos na Alemanha não têm direito à nacionalidade alemã, enquanto que alemães que residem em outros países são considerados alemães, mesmo que não conheçam sua língua ou cultura. Este tipo de direito foi comum em vários países europeus para que o alemão que emigrasse pudesse manter um vínculo com a Alemanha. Os países americanos, ao contrário, geralmente adotam “direito do solo” para facilitar a assimilação de estrangeiros oriundos de diversas ondas imigratórias. <<http://www.historiasiglo20.org/europortug/cididentidade.htm>>, <<http://www.france.org.br/abr/imagesdelafrance/imigracao.htm>>.

⁷³ BREPOHL, M. D., op.cit., p. 104-105.

(espaço vital).⁷⁴ Segundo esta teoria, as nações superpovoadas deveriam buscar a expansão territorial para suprirem seus habitantes de alimentos.

A A.O. foi a instituição por excelência incumbida de difundir os ideais pangermanistas. Ela deveria centralizar as atividades e a propaganda do partido no exterior, mantendo também, em termos de poderes, a subordinação política deles ao controle da central. Este “retorno” para a central era feito por meio de relatórios redigidos pelos líderes locais e pela visita periódica destes líderes ao III Reich. Os temas dos relatórios eram as atividades do partido, o cenário político da *Gastland* (terra de hospedagem) e a relação e eventuais conflitos entre a colônia alemã, a população local e os grupos partidários.⁷⁵

A questão da raça era tão importante que foi proibida a participação de não-alemães — ainda que descendentes — no partido nazista. O partido seria formado por esta grande “raça de eleitos”, que foi chamada de uma espécie de “elite do Führer”. Os integrantes desta comunidade étnica nazificada eram os portadores da cidadania alemã. Não haveria então a disposição de divulgação da ideologia nazista para estranhos. Assim, esta elite viveria em uma espécie de gueto e o nazismo funcionaria, então, como se fosse uma seita.⁷⁶

O nazismo não favoreceu uma criação de uma identidade coletiva, como havia feito o movimento pangermanista nas décadas anteriores. Eram colocados à margem do movimento quem não falasse corretamente a língua alemã, os miscigenados, os que não possuíam cidadania e aqueles que se envolvessem, de alguma maneira, com a política da *Gastland* (terra de hospedagem).

(...) Seus articuladores se comportaram menos como divulgadores de uma doutrina que se pretendia generalizar, e mais como membros de uma seita, separando-se dos demais e rejeitando tudo o que estivesse do “lado de fora” de seu próprio grupo; renunciavam a este mundo para poderem merecer o que o outro, caso se mantivessem fiéis, poderia lhes favorecer.⁷⁷

⁷⁴ TOUCHART, Jean. *Historia de las ideas políticas*. Madrid: Tecnos, 1981.

⁷⁵ BARTELT, op.cit., p. 39-49.

⁷⁶ BREPOHL, Marionilde Dias. “A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã / FFLCH/USP, 1995.

⁷⁷ Ibidem, p. 158.

Segundo os “mandamentos” dos divulgadores do nazismo no exterior, os alemães deveriam ter o cuidado de não se “misturar” com os estrangeiros, não devendo nem mesmo usar a língua local. Os teutos miscigenados eram vistos como “traidores do povo ariano”, só equiparáveis aos “abomináveis” comunistas, considerados como destruidores da cultura alemã. Alguns impressos em língua alemã aderiram a esta idéia, proclamando-se contra a propaganda de assimilação ao Brasil, o uso da língua portuguesa e a miscigenação racial. Por isto, a A.O. agia na contramão desta indesejada mistura, promovendo festas, acampamentos de adolescentes, comícios, clubes de leitura e sociedades de canto.⁷⁸

Em contrapartida, como solidariedade a *Gastland* (terra de hospedagem) — como eram chamados os países onde estavam localizadas comunidades de alemães —, não era permitida aos partidários a participação na política local (eleições ou movimentos revolucionários). Os nazistas deveriam se manter neutros com relação à política interna e não poderiam divulgar suas idéias a estrangeiros.⁷⁹

O teórico principal da A.O., Emil Ehrlich, escreveu que havia dez deveres instituídos a partir do Decreto do Führer de 1937, entre eles, os dois primeiros referem-se a este princípio de “não-intervenção”: “1. Seguir as leis do país, no qual você é hóspede. 2. A política da terra de hospedagem deve ser deixada para seus moradores. Você não deve entrar na política de uma terra estrangeira. Não se intrometa nesta política, nem mesmo por meio de conversas”.⁸⁰

A neutralidade na política local era, muitas vezes, utilizada como bandeira de negociação para que o partido nazista continuasse suas atividades em território estrangeiro. Contudo, declarações dúbias do chefe da A.O., von Bohle, no Dia do Reich, em Stuttgart, em 1937, levam a questionar como eram colocados em prática estes princípios. Segundo Bohle, era certo que se devia respeitar a legislação da terra de hospedagem, mas os alemães deveriam poder seguir os princípios válidos em sua pátria mãe.⁸¹

No caso do Brasil, o ingresso de alemães e de teutos-brasileiros na Ação Integralista Brasileira (AIB) jogou interrogações nesta não-intervenção política. Apesar de,

⁷⁸ Ibidem, p. 262

⁷⁹ EHRLICH, op.cit..

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ Declaração de Ernst Bohle, chefe da A.O., no V. Reichstagung (dia do Reich) em Stuttgart em 1937. *Der Auslanddeutsche. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum.* Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20. Oktober 1937. Heft 10, p. 632.

formalmente, o partido nazista nunca ter disputado o poder, seus chefes chegaram a editar um jornal em conjunto com os integralistas do Sul do Brasil, tal a semelhança entre as idéias.⁸² Nas zonas de colonização alemã de Santa Catarina, oito prefeitos integralistas foram eleitos em 1936. A miscigenação ideológica entre as duas correntes foi um dos maiores indícios do processo de tropicalização.

Como a A.O. tinha uma grande importância na hierarquia do partido nazista, também os alemães no exterior eram importantes para o III Reich. Muitos documentos dizem que os chamados *Auslandsdeutsch* (alemães no exterior) eram tão importantes quanto os *Binnendeutsch* (alemães que moravam na Alemanha).⁸³ Eles correspondiam a uma grande massa: os artigos de jornal citam uma cifra de 30 milhões de alemães.⁸⁴ Tal massa pesava — em uma primeira instância — tanto para votos, quanto para ajuda financeira. A média de contribuição do *Ortsgruppe* (Grupo regional) São Paulo para a “Ajuda de Inverno” em março de 1936 foi de 124.038\$700 réis. O dinheiro fugia dos cofres do Brasil tropical e seu ameno inverno para ajudar os alemães.⁸⁵

A A.O. possuía sua hierarquia própria. Primeiramente, vinha o chefe da A.O., Ernst Wilhem von Bohle, e então os *Landesgruppenleiters*, que eram os chefes do partido nazista em cada país. No exterior, o partido funcionava tendo como modelo a estrutura do III Reich. Abaixo do *Landesgruppen* caso do Brasil, estava os *Ortsgruppen* (grupos regionais), caso de cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Blumenau e outros; *Stützpunkte* (pontos de apoio), caso de cidades menores na hierarquia de importância do partido como Ribeirão Preto, Bauru, Araçatuba. No quarto lugar, os *Blocks*

⁸² Segundo *O Globo* de 23 set. 1937, o jornal em questão era o *Blumenauer Zeitung*, editado em Blumenau, cujo proprietário foi o chefe do partido nazista em Santa Catarina, Nietzsche. O chefe integralista Kasperei também fazia parte da direção do jornal. Ata 104939. AA/B, Alemanha.

⁸³ Citamos como exemplo, o discurso de Wilhelm von Bohle em fevereiro de 1937, um pouco depois de ser nomeado para o cargo de chefe da A.O. no Ministério das Relações Exteriores em Berlin:

“O apoio aos *Auslandsreichsdeutschen* (alemães do Reich no exterior) não será efetuada com menos força do que aos *Binnendeutschen* (alemães do interior). Em ambos os casos o partido nazista irá desenvolver uma força educacional para a formação de uma inquebrantável *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo)”

„Auf die Betreuung des Auslandsreichsdeutschen wird nicht weniger Kraft verwendet, als auf die Binnendeutschen. In beiden Fällen hat die NSDAP dieses Erziehungswerk zur Bildung einer unzerbrechlichen Volksgemeinschaft durchzuführen“.DM, 26 fev. 1937, p. 3. IFA/S, Alemanha.

⁸⁴ DM, 16 mar. 1932. IFA/S, Alemanha.

⁸⁵ Os principais colaboradores da Ajuda do Inverno em São Paulo eram o Banco Alemão Transatlântico e as próprias células do partido e da Frente de Trabalho Alemã. Aparece nesta cifra, curiosamente, a Associação Brasileira Alemã de Nova Iorque como uma das colaboradoras. DM, 6 mar. 1937, p. 2. IFA/S, Alemanha.

(departamentos), subdivisões dentro dos *Ortsgruppe* ou *Stützpunkte*. Eram *Blocks*, por exemplo, as cidades de Araraquara, Catanduva, Rio Preto e Taquaritinga. Eles funcionavam como departamentos do *Stützpunkte* Ribeirão Preto. Por fim, havia as *Zellen* (células), geralmente bairros de uma grande cidade. Por exemplo, em São Paulo, em 1937, havia as células Jardim América, Centro 1, Centro 2 e Vila Mariana. A cidade de São Caetano do Sul, na região metropolitana de São Paulo, funcionava como um departamento do Grupo local de São Paulo, conforme verificamos na tabela abaixo.

Mesmo ao tentar seguir o modelo proposto pelo III Reich, a organização nazista no Brasil funcionou de uma maneira dinâmica no decorrer das décadas de 1930 e 1940. Simples nos primeiros anos de funcionamento, ela desenvolve uma maior complexidade e diversificação de grupos entre os anos de 1937 e 1938. Este período coincide com a subida da hierarquia da A.O. no III Reich. Em 1937, Wilhelm von Bohle foi nomeado o chefe da A.O. no quadro do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, o que teve diversas repercussões políticas. A A.O. se organizou melhor e também seus grupos de atuação, como no caso do Brasil. Em 1938, com a proibição do partido, há um rompimento neste processo. É o momento em que, após 10 anos, o governo brasileiro interveio no funcionamento deste partido estrangeiro, mostrando o principal sinal de resistência ao modelo proposto.

Tabela 1.

Organização do partido nazista São Paulo / Paraná em 19/3/1937

Ortsgruppe (grupo regional) São Paulo Zelle (células)	Jardim América Mitte I (Centro I) Mitte II (Centro II) V. Mariana Block (departamento) São Caetano
Ortsgruppe (grupo regional) Santos	
Ortsgruppe (grupo regional) Campinas	
Ortsgruppe (grupo regional) Presidente Wenceslau	
Stützpunkte (ponto de apoio) Araçatuba	
Stützpunkte (ponto de apoio) Bauru	
Stützpunkte (ponto de apoio) Ribeirão Preto	Block (departamento) Araraquara Block (departamento) Catanduva Block (departamento) Rio Preto Block (departamento) Taquaritinga
Stützpunkte (ponto de apoio) Terenos	
Stützpunkte (ponto de apoio) Nord Paraná	
Ortsgruppe (grupo regional) Nitheroy	

Na Alemanha, a partir de 1929, foram fortalecidas dentro do partido, organizações especiais, muitas delas vinculadas a algumas profissões, como professores, advogados e médicos. A idéia era que estas organizações fizessem um trabalho de rede para mobilizar e atingir o maior número de integrantes a serviço do partido com a participação de pessoas heterogêneas e representantes de diferentes interesses. Assim, foram fundadas organizações como Liga dos Médicos Nazistas, Associação de Professores Nazistas, Frente de Trabalho Alemã. Estas eram chamadas como “instituições ligadas ao partido”. Havia também as organizações próprias do partido: a Juventude Hitlerista, a associação de Mulheres Nazistas, a NSKK (*Nationalsozialistisches Kraftfahrerkorps*), a SS e a SA.⁸⁶

O movimento nazista internacional implementou associações semelhantes a estas nos países onde foram criados grupos do partido nazista. Além de aglutinar um número grande de pessoas que não necessariamente estavam envolvidas de forma direta com o partido, as associações serviram para dar suporte às atividades partidárias.⁸⁷

1.2. A A.O. e a América Ibérica

O *Landesgruppe* (grupo do país) Brasil pertencia a Repartição de Países número VII dentro da A.O. que era subdividida de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 2:

Divisões da A. O.

Länderamt I (Repartição de Países I)	Europa do norte e do oeste
Länderamt II (Repartição de Países II)	Europa do leste (com exceção da Grã Bretanha e Irlanda)
Länderamt III (Repartição de Países III)	Europa do Sudoeste, Áustria e países próximos ao oeste)
Länderamt IV (Repartição de Países IV)	Itália, Suíça e Hungria
Länderamt V (Repartição de Países V)	África
Länderamt VI (Repartição de Países VI)	América do Norte

⁸⁶ THAMER, op. cit., p.21-22.

⁸⁷ Mais detalhes: ver capítulo 4.

Länderamt VII (Repartição de Países VII)	América Ibérica (inclusive Brasil)
Amt Seefahrt (marinha)	As chefias das repartições eram distribuídas de acordo com os principais rios da Alemanha

Os demais grupos da Repartição de Países VII, além do Brasil, também apresentaram conflitos raciais com o estabelecimento do partido nazista, uma vez que também eram habitados por índios, negros e mestiços. Da mesma maneira que no Brasil, o *Landesgruppe* da Nicarágua, a título de exemplo, enviou ao Ministério das Relações Exteriores na Alemanha uma série de pedidos de casamento entre os partidários alemães e as mulheres nativas.⁸⁸

Alguns documentos levaram a acreditar que havia objetivos comuns entre os grupos da América do Sul, como por exemplo, a propaganda entre os partidários destes países. O artigo do jornal uruguaio *Die Saar bleibt* (*Deutsche Wacht*)⁸⁹, o órgão do Movimento Nacional-Socialista no Uruguai, endereçado aos “partidários da América do Sul” convocou-os para uma vitória econômica dos inimigos da Alemanha, no tom costumeiro da propaganda nacional-socialista de apologia ao Führer e à nova Alemanha e terminou com o demagógico “Nós não capitularemos jamais”:

O que um partidário da Pátria escreve a seus companheiros no exterior:
 Meus caros partidários na América do Sul
 Da carta de um dos queridos amigos de escola (Günther Hoffmann), concluí com orgulhosa alegria a certeza de que vocês do exterior, longe de sua Pátria Mãe, também lutam a favor da igualdade de direitos da Alemanha entre os povos deste mundo e pela idéia que só há um único Führer, Adolf Hitler. A luta que vocês talvez ainda hoje realizem com garra e sem renúncia, já foi em grande parte realizada na Alemanha. Foi a luta para o nazismo chegar ao poder na Alemanha. E quando eu, hoje, nestas breves linhas, lhes conto sobre a atmosfera e situação presentes na Alemanha e em suas proximidades, o faço de maneira totalmente subjetiva e como um dos ativos guerreiros do *Führer* nos anos passados e no tempo atual. Nós hoje nos sentimos tão vigorosos, que venceremos firmemente todas as medidas de boicote e todos os demais produtos de ódio dos poderes anti-alemães. Os vencedores, também nestas batalhas econômicas, seremos nós. Não capitularemos jamais.⁹⁰

⁸⁸ Ata 296a. BA/B, Alemanha.

⁸⁹ *Die Saar bleibt* (*Deutsche Wacht*). Organ der national-sozialistischen Bewegung unter den Deutschen in Uruguay und Nachrichtenblatt für Uruguay. Montevideo, 13 dez. 1934. A tradução do título é: “O Saar fica. Vigília Alemã”. O Saar é um rio da Alemanha.

⁹⁰ Was ein Parteigenosse aus der Heimat an seine Mitgenossen in der Fremde schreibt.

Em diversos momentos, percebe-se uma ação continental, no que diz respeito à América do Sul e também à América Latina. Havia um líder especialmente nomeado para gerenciar a América do Sul, Willy Kohn. Várias correspondências endereçadas à Embaixada do Brasil eram também enviadas com cópias às outras embaixadas da América do Sul. Festas e reuniões realizadas no Brasil, que seguiam o calendário do III Reich, eram realizadas concomitantemente em outros países da América do Sul, assim como se verificaram semelhanças entre as organizações partidárias em todos os países deste continente.

Situações conjunturais semelhantes — grande parte da América Latina atravessava períodos de ditadura nesta época — traziam cenários semelhantes de mobilidade e censura aos movimentos de extrema direita. O partido também foi proibido em datas bastante próximas em outros países da América do Sul.⁹¹

Convém registrar, porém, a necessidade de um estudo comparativo entre os partidos nazistas na América Latina.

1.3. Objetivos, público-alvo e metas do partido⁹²

O *Landesgruppe* do NSDAP (grupo nacional do Partido Nacional-socialista) no Brasil funcionou legalmente de 1928 a 1938, quando foi proibido. O partido, até 1933,

“Meine lieben Parteigenossen in Südamerika!

Aus einem Briefe meines lieben Schulfreundes (Günther Hoffmann) entnahm ich mit stolzer Freude die Gewissheit, das Ihr draussen, fern Eures Mutterlandes, auch kämpft für die Gleichberechtigung des neuen Deutschlands unter den Völkern dieser Welt und für die Idee seines einzigen Führers Adolf Hitler. Der Kampf, den Ihr vielleicht heute noch erbittert und entsagungslos vollführt, liegt in Deutschland zum grossen Theil hinter uns; es war der Kampf um die Machtergreifung des Nationalsozialismus in Deutschland. Und wenn ich Euch heute einige kurze Zeilen von der gegenwärtigen Stimmung und Lage in und um Deutschland berichte, so tue ich das rein subjektiv und als einer der aktiven Kämpfer des Führers in den vergangenen Jahren und der Jetztzeit”(…)

“Wir fühlen uns heute bereits so kraftvoll, dass wir alle Massnahmen des Boykotts und alle übrigen Hassprodukte der deutschfeindlichen Mächte standhaft überstehen werden. Die Sieger, auch in diesen grossen Wirtschaftskämpfen, werden wir sein. Wir kapitulieren niemals”. Ibidem.

⁹¹ Na Argentina, o partido foi proibido em maio de 1939. No Chile e no México, ele não foi proibido. Cf. MÜLLER, Jürgen. [Nationalsozialismus in Lateinamerika](#) : die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931 – 1945. Stuttgart : Heinz, 1997.

⁹² Para detectar seus objetivos fez-se necessário o cruzamento das fontes dos discursos dos dirigentes, artigos de publicações oficiais do partido, correspondência e relatórios diplomáticos.

priorizou o combate ao comunismo e o favorecimento das eleições de Hitler. A partir de então, tornou-se essencial chamar o alemão no exterior a participar da grande Comunidade Nacional. Não importaria o lugar onde os alemães morassem, mas sim os laços de sangue. Eles tinham o dever de prestar fidelidade a sua Pátria Mãe. Foram encontradas expressões no primeiro número do jornal *Deutscher Morgen*⁹³, que se referem a um “despertar”, “acordar” desta comunidade alemã ao “novo tempo” que estava surgindo na Alemanha com o movimento nacional-socialista. Neste sentido, a propaganda nazista enfatizou a responsabilidade do alemão no exterior que, mesmo morando fora de seu país, deveria corresponder aos apelos de sua pátria. Este ideário foi divulgado com recorrência nos discursos de Hitler e demais partidários no Brasil e na Alemanha que enfatizavam a manutenção da raça e do sangue, e foram publicados nos periódicos de linha nacional-socialista no Brasil.⁹⁴

À preservação da raça, acrescentou-se outra variável: a manutenção do chamado *Deutschtum* (germanismo). Esta ideologia, no entanto, do germanismo — ou, para alguns, “pangermanismo” —, é anterior ao nazismo, e teve expressões no Brasil desde o século XIX. O nacional-socialismo incorporou elementos de manutenção da cultura, acrescentando as teorias raciais. A preservação do *Deutschtum* seria feita de diversas maneiras, porém a mais recorrente seria por meio das escolas alemãs em território estrangeiro, pela educação da “juventude alemã” no Brasil. Além disto, desejava-se também preservar a língua alemã, considerada pelos nazistas como um dos elementos culturais mais importantes ao lado da raça.

O *Deutschtum* foi vinculado a um outro conceito, o *Auslandsdeutsch*, alemão no exterior. O germânico residente no estrangeiro tinha este status dentro do III Reich, acima do degrau racial dos chamados *Deutschbrasilianer* (teuto-brasileiros).

Ao mesmo tempo em que exaltava o *Deutschtum*, era um dos objetivos do partido detratar a corrente do *Judentum* (espírito de ser judeu) e outros povos considerados “inimigos” da Alemanha ou raças inferiores. O anti-semitismo dos integrantes foi praticado de duas maneiras. Havia o anti-semitismo teórico, ou seja, por meio da divulgação de idéias antijudaicas em discursos, correspondências, periódicos e jornais, e o anti-semitismo

⁹³ DM, 16 mar. 1932. IFA/S, Alemanha.

⁹⁴ *Deutscher Morgen* (SP), *Der Nationalsozialist* (RJ) e *Deutscher Klub* (PE). IFA/S, Alemanha.

prático, com a efetivação de ações e conflitos concretos contra a comunidade judaica no Brasil. O primeiro tipo teve maior expressão que o segundo, pela grande divulgação de idéias anti-semitas importadas da ideologia nazista. Ao mesmo tempo, os conflitos práticos foram menos freqüentes, uma vez que a comunidade judaica no Brasil não estava tão perceptível aos olhos dos nazistas estabelecidos no Brasil quanto o era na Alemanha.⁹⁵

Com relação ao anti-semitismo prático, pode-se dizer que o partido apoiou — também no Brasil — o boicote às lojas judias e condenou o convívio e a miscigenação com judeus. Paralelamente, auxiliou o III Reich em uma espécie de controle ao movimento dos judeus recém-chegados da Alemanha, em sua maioria exilados do regime nazista. Este controle era feito pelo envio de recortes de jornais e de relatórios ao III Reich.⁹⁶ Mas o nazismo tropicalizado desenvolveu outro alvo de racismo: os negros. Registram-se diversas queixas dos partidários pelo fato de o Brasil tropical ser habitado por negros e mestiços, e eles eram sempre tratados com desprezo, sendo até denominados como “macacos”.⁹⁷

O historiador Roney Cytrynowics negou que a comunidade judaica estabelecida no Brasil na década de 1930 e 1940 tenha sofrido ameaças ou preconceitos do Estado varguista. Segundo ele, apesar de grupos de imigrantes terem sentido algumas dificuldades para conseguir emigrar para o Brasil, uma vez aqui estabelecidos eles não tiveram problemas de convivência com a população brasileira. Mesmo com a campanha de nacionalização, em consequência da qual ao lado de outros grupos de estrangeiros os judeus sofreram constrangimentos, como não publicar jornais em sua língua de origem, eles conseguiram organizar estratégias de identidade e de manutenção de suas características étnicas. “O preconceito presente em esferas do governo, do Itamaraty, do corpo diplomático, da ação da polícia política, no Integralismo e em círculos comerciais não se transformou em ações concretas dentro do Brasil ou em violência aberta”.⁹⁸

⁹⁵ Um partidário afirmou que os judeus no Brasil “nao eram suficientemente visíveis”. BICKENDORF, Heinz. „Ein Nationalsozialist fährt nach Südamerika. Die Unterhaltung, Frankfurt, 12 nov. 1936. IfS, Alemanha.

⁹⁶ NS 43 229 Bd: G-J 1933-1937 Enthält: Gazeta Israelita, o Globo, o Homem Livre, o Imparcial, a Informação, Jornal de Assis, Joinvillenser Zeitung, Jornal de Commercio, o Jornal Rio de Janeiro, o Judeo. BA/B, Alemanha.

⁹⁷ Ata R127506 e R104939. AA/B, Alemanha. Ver também: subcapítulo *Racismo Tropical* e DIETRICH, Ana Maria. “O partido nazista em São Paulo” In: DIETRICH, Ana Maria; *et al. Inventário Deops – Alemanha*. São Paulo: IMESP, 1997, p. 27.

⁹⁸ CYTRYNOWICZ, Roney. *Além do Estado e da ideologia: imigracao judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial*. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH, v.22, n.44, 2002. Disponível

Na mesma linha, Zilda Grícoli Iokoi afirmou que o Brasil foi um país que recebeu um grande número de judeus desde o período colonial até os refugiados do Pós-II Guerra, especialmente “intelectuais, cientistas, comerciantes, banqueiros e técnicos”. Para ela, não houve um anti-semitismo generalizado da parte dos governantes brasileiros, mas sim algo voltado aos judeus oriundos do Leste Europeu que eram adeptos do comunismo. Os judeus seriam perseguidos por serem “em primeiro lugar comunistas e intelectuais de esquerda e não apenas judeus”.⁹⁹

No âmbito internacional, o partido visava incentivar as relações comerciais, políticas e culturais entre o Brasil e a Alemanha por intermédio dos partidários presentes na Embaixada e representações consulares da Alemanha no Brasil. Estas relações tiveram um incremento de 1933 a 1936 — neste último ano as embaixadas foram criadas em ambos os países. Em 1938, houve um ruído nestas relações com a proibição do partido. O período de 1939 e 1941 é dúbio, considerando-se a neutralidade brasileira que não permitia, por exemplo, que propaganda política antinazista fosse feita no Brasil. Nesse período, houve algumas tentativas de aproximação, até chegar ao ano de 1942, quando houve o rompimento.¹⁰⁰ O trabalho em conjunto com o governo brasileiro também se deu na esfera do combate ao comunismo e no treinamento de policiais brasileiros na GESTAPO.

Um dos objetivos do partido nazista era o incentivo ao repatriamento dos imigrantes alemães para a Alemanha favorecidos por trocas de câmbio.¹⁰¹ Diversos partidários desenvolviam atividades dentro e fora do consulado para que isto fosse cumprido. Na Alemanha, havia um aparato para receber este “reimigrante”. Um departamento da A.O.

em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 14 mar. 2006. Grifos meus.

⁹⁹ IOKOI, Zilda M. G. Intolerância e resistência – a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975). São Paulo: Humanitas; Itajaí: UNIVALI, 2004, p. 50.

¹⁰⁰ DIETRICH, 2001, op. cit.

¹⁰¹ Os benefícios de câmbio utilizados pelos alemães para fomentar o repatriamento ficou conhecido, na década de 1930, como compensação de dureza e funcionava da seguinte maneira: “Qualquer imigrante alemão radicado no Brasil que desejasse voltar à sua pátria ou apenas enviar dinheiro para familiares que ainda moravam na Alemanha poderia ser beneficiado por operações de câmbio. Através destas operações, a moeda brasileira que saía do Brasil era cambiada de maneira que o valor final, em marcos, era sempre maior do que o inicialmente aplicado. Este benefício ficou conhecido como *Härteausgleich* (compensação de dureza ou de equidades) e foi divulgado a partir de 1936 entre a comunidade alemã estabelecida no Brasil com vistas a estimular o repatriamento.” Ibidem.

tinha esta função. As pessoas que voltavam à Alemanha eram integradas novamente no mercado de trabalho e na sociedade por meio deste serviço.¹⁰²

Além do partido propriamente dito, funcionavam no Brasil também instituições alemãs, muitas delas ligadas hierarquicamente ao partido. São elas: *Winterhilfe* (Ajuda de Inverno), Frente de Trabalho Alemã, *Frauenschaft* (Associação de Mulheres Nazistas), *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista), *Lehrerschaft* (Associação de Professores Nazistas). Estas instituições seguiam o modelo e normas das instituições nazistas alemãs.¹⁰³

O partido propunha suas idéias no jornal semanal que funcionava como seu órgão oficial, o *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã) publicado em São Paulo entre 1932 a 1941. Segundo este jornal, o “alvo” de atuação do partido no Brasil era a comunidade alemã, o alemão que mora no exterior e que se torna preocupação do *Führer*.

A difusão das idéias nacional-socialistas, centradas principalmente nos discursos de Hitler em jornais, revistas, panfletos e rádio, também era objetivo do partido. Interessava passar a idéia de uma nova Alemanha, melhor economicamente, com mais empregos, diferente da Alemanha caótica dos anos 1920 da República de Weimar, que sofria com as cláusulas severas do Tratado de Versalhes, período em que levas de alemães haviam deixado a sua pátria em direção à América. A propaganda mascarava os conflitos sociais, os problemas do III Reich, enfatizando sempre a idéia da “nova” nação e do desenvolvimento econômico.

Em 1939, foram contabilizados 87.024 imigrantes alemães no Brasil, que tinha uma população na época de 30 milhões de pessoas. Segundo o censo de 1940, estes alemães concentravam-se em São Paulo e nos estados do Sul, sendo 33.397 (São Paulo), 15.279 (Rio Grande do Sul), 12.343 (Paraná), 11.293 (Santa Catarina).¹⁰⁴ O número de alemães nos estados é proporcional aos germânicos filiados ao partido nazista. São Paulo, estado que possuía mais alemães natos em 1940¹⁰⁵, foi também o de maior número de adeptos (785 filiados). Em seguida, vieram os estados do Sul e o Rio de Janeiro, sendo que este último mostrou-se em terceiro lugar. Santa Catarina apareceu com 528 filiados, Rio de

¹⁰² EHRlich, op.cit.

¹⁰³ Conforme veremos em detalhes no sub-capítulo 2.2.

¹⁰⁴ DIEGUES Jr, Manuel. *Imigracao, urbanizacao e industrializacao*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964, p. 58. Apud GERTZ, op. cit., p. 18.

¹⁰⁵ GERTZ, op. cit., p. 18. O autor faz uma observação com relação a este número, uma vez que nos Estados do Sul existem vários descendentes de alemães e alemães naturalizados que não aparecem neste levantamento.

Janeiro com 447, Rio Grande do Sul com 439 e Paraná com 185, seguido por outros grupos menores. Os 17 estados brasileiros em que o partido nazista funcionou, em ordem decrescente por número de adeptos, são: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Pará, Goiás, Paraíba, Ceará, Amazonas, Sergipe e Alagoas.

Mesmo com o grande agrupamento de alemães nos estados do Sul e Sudeste, não se pode desconsiderar a presença de representantes desta comunidade nos estados do Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Destes, Bahia e Pernambuco apareciam com maior reunião de alemães (mais de 500), seguidos do Mato Grosso (426). Também, neste caso, o número de alemães foi proporcional ao de partidários. Em alguns destes estados, o total de partidários não chegou a 10 (Ceará, Amazonas, Sergipe e Alagoas) e em outros não foi registrada a presença do partido (Rio Grande do Norte, Acre, Maranhão e Piauí).

Existem dois grandes fluxos imigratórios dos grupos de alemães que chegaram no Brasil até 1930.¹⁰⁶ O primeiro começou no início do século XIX, intensificando-se na segunda metade do século XIX. Foi a partir deste tipo de imigração — caracterizada como de povoamento — que se formaram diversas colônias agrícolas de alemães espalhadas pelo território brasileiro e concentradas no Sul do Brasil. Na década de 1930, os germânicos que haviam chegado neste primeiro fluxo imigratório já estavam na segunda ou terceira geração. Estes descendentes de alemães passaram a ser chamados teuto-brasileiros. Mesmo com a manutenção de diversos hábitos culturais, a distância geográfica e temporal os afastava da sua Pátria Mãe e algumas modificações no seu modo de vida podiam ser percebidas, como por exemplo, o uso da língua materna, em parte mesclada com o português.

O segundo fluxo imigratório deu-se nas duas primeiras décadas do século XX. Neste momento, durante a República de Weimar (1919-1933) e com as conseqüências do pós-guerra, tínhamos uma Alemanha em crise econômica. No mesmo período, o Brasil passava por um grande desenvolvimento industrial, principalmente nas grandes metrópoles, caso de São Paulo e Rio de Janeiro. Havia demanda por mão-de-obra técnica e qualificada. Muitos dos alemães que imigraram no segundo fluxo abriram firmas comerciais, trabalharam em bancos, na indústria química e mesmo nas linhas ferroviárias e aéreas

¹⁰⁶

DIETRICH, 2001, op.cit.

brasileiras. O vínculo com a pátria era maior e eles próprios se diferenciavam dos teuto-brasileiros da primeira onda imigratória denominando-se como *Reichsdeutsche* (alemães do Reich), em contraposição com os teutos, denominados como *Volksdeutsche* (alemães do povo). Somente os *Reichsdeutsche* podiam entrar nos quadros partidários, daí a grande concentração dos partidários em estados como São Paulo.¹⁰⁷

Além de ter o maior grupo no Brasil, São Paulo também foi escolhido para ser a sede do partido após 1934:

A imigração de alemães para o Estado de São Paulo, se avaliada no contexto do governo Vargas, poderia ser considerada “recente”. Esta curta distância temporal contribuía para fortalecer o vínculo desses imigrantes alemães com a pátria-mãe, além de facilitar a divulgação do ideário nacional-socialista em plena ascensão na Alemanha no início da década de 1930. Muitos destes imigrantes, aliás, vieram especialmente para divulgar este ideário entre a comunidade alemã estabelecida em São Paulo. (...) Assim, não foi por acaso que o Estado de São Paulo foi escolhido para ser a sede nacional do partido.¹⁰⁸

Na tabela abaixo, pode-se comparar o número de partidários com o número de alemães presentes em cada estado da federação:

Tabela 3

NÚMERO DE FILIADOS / NÚMERO DE ALEMÃES NO BRASIL¹⁰⁹
(1930/ 1940)

São Paulo	785	33.397
Santa Catarina	528	11.291
Rio de Janeiro	447	11519
Rio Grande do Sul	439	15.279
Paraná	185	12.343
Minas Gerais	66	2000
Pernambuco	43	672
Espírito Santo	41	623
Bahia	39	542
Mato Grosso	31	426
Pará	27	186

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ Não são considerados os teuto-brasileiros.

Goiás	23	284
Paraíba	21	115
Ceará	4	140
Amazonas	4	64
Sergipe	1	47
Alagoas	1	45
Rio Grande do Norte	-	35
Acre	-	22
Maranhão	-	21
Piauí	-	20
Sem informação de local	137	-
TOTAL	2.822¹¹⁰	89.071¹¹¹

Fonte: MORAES, 1996, op. Cit e Gertz, op. cit

Mesmo avaliando que os partidários não chegassem a 5% do total de alemães no Brasil, deve-se considerar que o partido tinha boa representatividade junto à comunidade alemã, uma vez que os nazistas se fizeram presentes em vários círculos sociais, em clubes, hospitais, igrejas, restaurantes, escolas, firmas e nas fazendas. Não se infere daí que todos os alemães fossem pró-nazismo, mas sim que o nazismo se encontrava infiltrado nos mais importantes núcleos desta comunidade.

O partido nazista no Brasil, embora tenha funcionado sem ser incomodado durante dez anos, tinha como público-alvo *somente* os alemães residentes no Brasil. O princípio básico deste partido, segundo os preceitos da A.O., era o de não se “ismicuir” na política local¹¹², instituído pelo próprio chefe de Estado alemão, Adolf Hitler.¹¹³ Devido a este princípio, o partido não entrou em nenhuma campanha eleitoral do Brasil e nem entrou em competição com outros partidos brasileiros. Nem mesmo os teuto-brasileiros foram alvo desta ação, embora a atuação do partido tenha sido mais fortemente concentrada nos estados onde os teutos estavam localizados, no Sul e Sudeste do Brasil. 92,8% dos partidários eram alemães de nascimento.¹¹⁴

Integrantes do partido — e este dado é muito importante ser considerado — estavam presentes nos consulados e embaixada alemãs do Brasil. O fato de estas representações diplomáticas serem conduzidas por membros do partido e seu líder no Brasil, Hans

¹¹⁰ MORAES, 1996, op.cit. Em sua tese de doutoramento o autor passa a adotar o número de 2.903.

¹¹¹ MORAES, 1996, op. cit., p. 16.

¹¹² EHRlich, op.cit., p.11.

¹¹³ Muitas vezes este princípio se distanciava do que acontecia de fato. Sobre isto ver item 1.1.

¹¹⁴ MORAES, 2001, op. cit.

Henning von Cossel, ter uma função importante na Embaixada Alemã do Rio de Janeiro (adido cultural), mostra o valor do partido no exterior para a Alemanha. Contudo, mais do que isto, o partido nazista no Brasil era importante para o governo do III Reich, pois ele havia ultrapassado suas funções de um partido, propriamente dito, ganhando o status de “representante do governo alemão”. Citando as palavras do embaixador alemão Karl Ritter: “O Partido Nacional-Socialista é desde o ano de 1933 não mais um partido, no sentido comercial da palavra, mas a organização do povo inteiro alemão compreendendo um movimento nacional”.¹¹⁵

Se o partido no Brasil representava, em primeira instância, o povo alemão e seu governo, suas ações repercutiam diretamente nas relações entre o Brasil e a Alemanha. Isto poderia explicar, em parte, porque o partido com toda sua estrutura organizacional — quadro funcional, atividades de propaganda, reuniões, festividades — foi tolerado pelo governo varguista durante tanto tempo e só foi proibido quando suas atividades entraram em conflito com o Projeto de Nacionalização brasileiro e a implementação do Estado Novo. Qualquer ação contra o partido significou, no período de sua legalidade, uma ação contra o próprio III Reich, que durante toda a década de 1930 gozou de relações de amizade e cordialidade com o governo brasileiro.¹¹⁶

Além disto, durante a década de 1930, o governo varguista estava preocupado com outros alvos, como, por exemplo, o chamado “perigo vermelho” (comunismo).

Ao se consolidar o Projeto de Nacionalização¹¹⁷ no Brasil, o cenário se modificou brutalmente. O projeto mudou a realidade de muitos imigrantes — que eram considerados não assimilados e que mantinham suas representações sociais, culturais e religiosas. A partir dos efeitos dos decretos deste projeto, escolas foram nacionalizadas e o uso do idioma alemão foi proibido.

O posicionamento do governo brasileiro frente ao partido nazista no Brasil foi mudando de perfil durante as décadas de 1930 e 1940. Depois de anos de liberdade política, o partido, com a proibição em 1938, entrou na clandestinidade. Neste momento, com a implementação de vários decretos-leis que visavam nacionalizar os estrangeiros, o alemão

¹¹⁵ Bericht von Gauleiter an den Deutschen Botschafter in Brasilien, Rio de Janeiro, Ritter. 6.6.1938. AA/B, Alemanha. (traduzido do original em alemão)

¹¹⁶ Ver capítulo 2.

¹¹⁷ Este projeto de nacionalização já estava sendo implementado no Brasil desde a I Guerra Mundial.

passou a ser visto como um perigo étnico. A partir da entrada do Brasil na II Guerra eles se tornaram inimigos militares e também alvo da polícia política.¹¹⁸

1.4. O paraíso perdido

A imagem do Brasil enquanto um “paraíso tropical” atraiu muitas levas de imigrantes alemães que aqui chegaram principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Tais imigrantes tinham a idéia do Brasil e da América como um Eldorado, com riquezas naturais e minerais abundantes e um solo fértil. Este conceito seria retrabalhado nos anos 1930 e 1940, quando o imaginado paraíso, aos olhos dos partidários e simpatizantes do nazismo, seria transformado em um inferno tropical devido à mistura de raças existente no Brasil, condenada pelas teorias raciais nazistas. (*ilustração 1.2*)

Essa idéia de paraíso foi veiculada nos panfletos de propaganda das Companhias de Imigração que circularam na Alemanha e outros países nesta época. Quando o imigrante chegava ao Brasil, o paraíso se dissolvia em reclamações diversas. Em relatórios dirigidos às autoridades da A.O., os partidários queixavam-se de que, no Brasil, o solo de abundância era uma falácia. Diziam que o clima não era condizente ao povo alemão, e que este estava exposto também a uma gama de doenças. Tais estranhamentos eram naturais e as dificuldades de qualquer imigrante europeu não deveriam ser ignoradas. Mas o que chamou a atenção foi o fato de que estes obstáculos de adaptação não eram o que mais incomodava os partidários, mas sim a mistura de raça do Brasil. Era inaceitável para os nazistas que arianos puros se misturassem com negros e judeus (*ilustrações 1.3, 1.4 e 1.5*), o que se pode perceber no trecho abaixo, retirado do relatório do partidário Albrecht Andriessen, de São Paulo, e enviado ao Ministério das Relações Exteriores em Berlim.

Andriessen negou os famosos clichês referentes ao Brasil como uma “terra frutífera”, dizendo que o solo era igual ao da Alemanha. Criticou também a floresta caracterizada por ele como “atroz”, fazendo menção ao lugar comum da América como uma *terra selvagem*. O partidário reclamou, por fim, de suas *gentes*, classificadas por ele como uma mistura indesejável de raças:

¹¹⁸

DIETRICH, 2001, op. cit. Todo este processo será visto com mais detalhamento no capítulo 2.

O solo do Brasil não é nenhum Eldorado de abundância, que tudo dá, este solo precisa como o solo da Alemanha de muito cuidado, contra o que falam os prospectos de propaganda de emigração. A selva é atroz, tanto quanto as pessoas podem imaginar, ela assassina nossa gente alemã no corpo e na alma, a selva torna a gente alemã má, porque os alemães não pertencem a esta terra, mas sim as condições climáticas de sua terra voltadas para sua raça. Ela torna os alemães maus, porque estes são obrigados conviver com uma gentilha infame, uma mistura de todas as raças.¹¹⁹

Assim como este, a história dos dez anos de partido nazista no Brasil foi permeada por outros conflitos raciais. O princípio da raça estabelecido no regime nazista fez com que muitos partidários menosprezassem o Brasil pela diversidade de sua população local, caracterizada como “mestiça”. O teórico do determinismo racial, Arthur de Gobineau, ao visitar o Brasil em 1869, descreveu os brasileiros como um povo degenerado, “manchado pela miscigenação”. Afirmou o francês que nenhum brasileiro tinha sangue puro e a população brasileira era “mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia”, chegando até a compará-los com macacos. Ao lado de Thomas Buckle, acreditava que variantes do clima e da raça eram fundamentais para o desenvolvimento de um povo. Para Buckle, a natureza exuberante no Brasil não deixava espaço para o desenvolvimento humano.¹²⁰ As teorias desenvolvidas pelos nacionalistas-socialistas tiveram grande influência destes teóricos do darwinismo social e higiênicos da raça. Além de Gobineau, outros discípulos do chamado “racismo antropológico” como Georges Vacher de Laponge, forneceram reflexões essenciais para a teoria nacional-socialista como o fundamento que as

¹¹⁹

„Der Urwald Brasiliens ist keine herrliche botanische Angelenheit, die dem Menschen Lebensmittel und Daseinsbefriedigung in Hülle und Fülle gibt, der brasilianische Boden ist kein Eldorado an Fruchtbarkeit, der alles schenkt, dieser Boden will ebenso wie der deutsche Boden – allerdings entgegen den alten Siedlungsprospekten, seine Pflege haben. Der Urwald ist das grausamste, was sich Menschen vorstellen können, er mordet unsere deutschen Menschen an Leib und Seele, er macht sie schlecht, weil sie nicht hierhin gehören, sondern in das Klima ihrer eigenen Rasse, er macht sie schlecht, weil sie gezwungen sind, mit dem verworfensten Pack, mit allem Gemisch aller Rassen zusammen zu leben (...)“ Duplicata de Dr. Albrecht Andriessen para Generalfeldmarschall. São Paulo, 5/3/1939. (5f), p.2. Ata 127506. AA/B, Alemanha.

¹²⁰ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 46-47.

chamadas “raças superiores” não deveriam se misturar com as “raças inferiores” para não acontecer um abastardamento de raças.¹²¹

Alguns intelectuais brasileiros, entre eles Oliveira Vianna, liam essas correntes, interpretavam a seu modo e utilizavam este modelo para refletir sobre a identidade étnica no Brasil.

Outro conflito desta ordem provocado pelos nazistas seria a proibição, também por motivos raciais, dos teuto-brasileiros de inscreverem-se no partido, criando-se uma hierarquia racial dentro da própria comunidade alemã, na qual os alemães “puros” foram considerados racialmente superiores aos teuto-brasileiros. Uma força que não pode ser deixada de ser considerada, tanto em termos numéricos, quanto ideológicos, afinal, 80% desta comunidade era simpatizante do regime hitlerista¹²². Um problema foi a proibição, vinda da central da Organização do Partido no Exterior em Berlim, de outras nacionalidades fazerem parte dos quadros partidários. Muitos, inconformados e estimulados a se engajar politicamente, viram no integralismo uma alternativa viável, o que, em contraponto, de nenhuma forma foi bem visto pelo III Reich¹²³. Uma solução proposta pelos líderes da A.O. foi a criação de uma grande associação de teuto-brasileiros pró-nazismo¹²⁴, aliada com uma atuação de linha pacifista e conciliatória do então chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel.¹²⁵ Muitos teuto-brasileiros não aceitavam a ação dos jovens radicais integrantes do partido e não se deixavam ser dirigidos por eles.

Tais conflitos são mais complexos do que se pode supor. Contraditoriamente, muitos partidários que criticavam o Brasil devido à pluralidade de raças, não faziam objeções ao casamento com brasileiras. Muitos deles escreveram à central dos partidos no exterior em Berlim, pedindo autorização para o casamento com brasileiras.

¹²¹ WIPPERMANN, Wolfgang. *Ideologie*. In: BENZ, Wolfgang (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4ª edição. Munique: DTV, 2001, p. 12.

¹²² GERTZ, op. cit.

¹²³ „Die integralistische Bewegung in Brasilien“. In: *Der Auslanddeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum. Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 18. März 1935, p. 125.

¹²⁴ O nome pensado foi *Bund der Freunde der Hitler Bewegung* – Federação dos Amigos do Movimento Hitlerista. A *Federacao 25 de julho* chegou a desempenhar parte deste projeto idealizado pelo movimento nazista no Brasil.

¹²⁵ Ata pessoal do Embaixador Arthur Schmidt-Elsop. 13523/3. AA/B, Alemanha.

Quando foi feita a referência aos casamentos mestiços, tornou-se evidente que eles aconteciam de duas maneiras: tanto homens alemães casavam-se com brasileiras, quanto mulheres alemãs com brasileiros. No entanto, a ênfase se deu com o casamento entre alemães com brasileiras, porque nos quadros partidários, os dirigentes do partido eram, em sua maioria, homens, com apenas poucas mulheres desempenhando a função de auxiliares.

Algumas mulheres se engajaram no movimento por meio da Associação de Mulheres Nazistas, mas, não foram encontrados dados que elas haviam casado com brasileiros. Em sua maioria, tais mulheres eram esposas de partidários, como é o caso de Gertrudes Eiberger, presidente desta associação, que era esposa de Erwin Eiberger, diretor do partido nazista em São Paulo.¹²⁶ Isto mostrou que, apesar do racismo dos integrantes, houve o interesse do casamento com mulheres nativas, podendo ser interpretado como uma interação entre as duas culturas e uma relativa tolerância com a cultura brasileira, tolerância esta não desejada pelo III Reich. O mesmo não pode ser dito dos brasileiros negros ou mulatos. Havia uma orientação explícita para a não-mistura. Tais “regras” eram repetidas constantemente nas escolas alemãs e igrejas protestantes.¹²⁷

Além da preocupação com a miscigenação, a variante do clima tropical também foi levada em conta para avaliar a possibilidade da sobrevivência da raça ariana nos trópicos, em uma variante do chamado “determinismo climático”.¹²⁸ Atentos a estas duas variáveis — do clima e da raça — foram feitos experimentos com três gerações de alemães que moravam no Espírito Santo. Os experimentos visavam saber se a “raça” se adaptaria bem ao clima, à alimentação, às possíveis doenças, aos insetos e outros animais, e até ao convívio com a população “mestiça” brasileira. A pesquisa foi encomendada pelo Instituto Tropical de Hamburgo, no verão de 1937. Seu objetivo foi verificar as possibilidades de colonização da raça branca em terras tropicais.

A região escolhida foi o estado do Espírito Santo, localizado no “norte do Brasil” para os alemães e considerado por eles como de “clima tropical”. Lá, segundo resultados das pesquisas, moravam 30.000 alemães e descendentes¹²⁹, cuja imigração tinha se iniciado

¹²⁶ Cf. DIETRICH, 2001, op. cit.

¹²⁷ *Der Auslanddeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum. Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20. Januar 1937, p. 30-31.

¹²⁸ SKIDMORE, op. cit., p. 44.

¹²⁹ Conforme visto na tabela 3 deste capítulo, destes 30.000, somente 623 eram considerados alemães puros (*Reichsdeutsche*), o restante era de descendentes.

em 1847 e terminado em 1880. A maioria da população já se encontrava na terceira geração. Foram estudadas modificações na massa corporal dos alemães, taxa de mortalidade e incidência de doenças tropicais. Os resultados foram positivos. Segundo os dados do relatório, não foram encontrados sinais de degeneração do corpo ou do espírito daquela comunidade alemã devido à influência dos trópicos. A taxa de mortalidade era de apenas irrisórios 8,7%. Os alemães foram descritos como tendo corpos fortes e boa saúde. A ocorrência de doenças venéreas, malária e tuberculose era rara. A única grande incidência era de vermes (90% da população). Mesmo que mulheres e crianças trabalhassem intensamente nos campos de café, não foram verificadas doenças relativas ao clima. A pesquisa concluiu que:

Os imigrantes estavam saudáveis e capazes, eles conseguiram manter sua raça no estrangeiro e evitar toda a mistura de raças com a população local. (...), até onde podemos verificar hoje, pode-se dizer que o grande experimento de europeus em uma região tropical foi bem-sucedido.¹³⁰

A experiência do Instituto Tropical de Hamburgo procurou verificar se era possível desenvolver a “raça branca” nas condições climáticas do Brasil, considerado um país de clima tropical. Este primeiro passo foi equacionado com “sucesso” – a raça branca se adaptaria, sem problemas, ao clima do Brasil e conseguiria se desenvolver, mesmo com eventuais disseminações de doenças tropicais entre os alemães. Ficou explícito que o maior problema para a sobrevivência desta raça seria a mistura com a população local. No resultado, foi notificado que a população alemã do Espírito Santo evitou a miscigenação, ficando evidente que o sucesso do experimento estava condicionado a este fator. Pode-se pensar em uma ponte destes experimentos com a questão política, afinal, no pangermanismo e na busca pelo espaço vital, a América Latina, em especial o Sul do Brasil, foi contemplada como uma área passível de se criar uma colônia alemã independente.

O Brasil havia assimilado parte das teorias de eugenia vindas da Europa. Se os alemães nazistas queriam verificar cientificamente como a raça ariana sobreviveria no

¹³⁰

Ibidem, p. 31-32.

Brasil e faziam apologia da não-miscigenação, os brasileiros — com o projeto de Nacionalização — passaram a ver a comunidade alemã estabelecida no Brasil e outras minorias estrangeiras como uma ameaça. Pela idéia disseminada de que os alemães formavam espécies de “quistos raciais” resistentes à assimilação com o povo brasileiro, eles eram considerados um perigo.¹³¹ Alguns órgãos da imprensa brasileira iriam fazer o que o governo alemão chamou de campanha difamatória contra os alemães no Brasil.

Em alguns artigos publicados nesses jornais, percebeu-se que os brasileiros em geral encararam a presença desta “raça de eleitos” no Brasil com ironia e escárnio. Verificou-se um modo caricatural para descrever chamado “Ariatum” (espírito de ser ária). Uma anedota publicada no jornal *O Globo* de 24 de setembro de 1937 (sessão *Anecdótico*), se referiu a dois alemães de Santa Catarina que, racistas extremados, mandaram importar mulheres da Alemanha para se casarem. Em ambos os casos, as “arianas de certificado” foram rejeitadas, como se vê abaixo no trecho do documento:

Um cidadão de Ponta Aguda num rasgo de fidelidade à doutrina racista desejando casar pediu que lhe fosse enviada da Alemanha uma jovem portadora de um certificado de pureza de sangue ariano. A moça veio, mais tinha uma perna mais curta que a outra. Outro racista de Heimat, município de Timbó, importou também uma ariana de certificado. Não gostou porém do typo.¹³²

Segundo o jornal, a alemã rejeitada sentiu dificuldades em encontrar outro noivo e acabou por ficar com o homem conhecido como o mais feio de Santa Catarina.

1.5. Nazismo rural X nazismo urbano

A estimativa da população brasileira em 1940 era de 41 milhões de habitantes. Nos tempos atuais, o Brasil tem quase 180 milhões. 80,5% viviam no campo ou em cidades com menos de 20 mil habitantes. Hoje, com o processo de urbanização do Brasil, temos um

¹³¹ Sobre este questionamento, existe vasta historiografia. Podemos citar: CARNEIRO, op. cit.; DIETRICH, 2001, op. cit.; CAMPOS, Alzira Lobo. *Estrangeiros e Ordem Social* (São Paulo, 1926-1945). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, nº 33, p. 201-237, 1997; BREPOHL, M. D., op. cit.; HARMS-BALTZER, op. cit.

¹³² *O Globo*. Rio de Janeiro: 24 set. 1937. Ata 104939. AA/B, Alemanha.

cenário quase simetricamente oposto: 78% da população brasileira vivem nas cidades.¹³³ Foi neste Brasil predominantemente rural dos anos 1930, que o partido nazista se organizou e a ideologia nacional-socialista foi implementada.

Nestas comunidades agrícolas do interior dos estados, onde se estabelecia uma célula do partido nazista, era grande o grau de infiltração destas idéias, dado o contexto de que se constituíam em unidades mais fechadas do que na vida na cidade.¹³⁴ A presença de apenas um partidário poderia mobilizar centenas de pessoas de uma fazenda no interior do Brasil. (*ilustrações 1.6, 1.7 e 1.8*)

Muitas colônias alemãs situavam-se em lugares com grande dificuldade de comunicação. Como exemplo, podemos citar a colônia “Companhia Territorial Sul Brasil”, localizada em Santa Catarina. A colônia era distante três dias de carro do município de Cruzeiro do Sul, no Rio Grande do Sul. Esta distância, no entanto, dependia da variante temporal “chuva”: “Nós demoramos três dias para voltar a Cruzeiro do Sul, o cônsul Gaiser, porém, precisou de três semanas para atravessar o mesmo trecho, porque choveu três dias em um vilarejo no meio da mata chamado Passos dos Índios”.¹³⁵

Pelo mesmo motivo, o serviço de correio do local, tanto como a correspondência vinda de partes mais distantes do País, quanto àquela proveniente de estados vizinhos, podia demorar até 25 dias, um indicativo das dificuldades de comunicação com o lugar.

Mesmo no campo, a divulgação do nazismo não se fazia apenas pela presença física dos partidários; enquanto as crianças eram doutrinadas dentro do espírito nacional-socialista nas escolas alemãs, os adultos ouviam rádios da Alemanha¹³⁶, liam jornais germânicos, falavam alemão como língua corrente, iam a cultos de pastores protestantes pró-nazismo e festejavam os feriados alemães. Caracterizava-se então o que se chama de *nazismo rural*.

¹³³ CAMARANO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizo Iwakami. *Distribuição espacial da população brasileira: mudanças na segunda metade deste século*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Avançada, 2000.

¹³⁴ Hoje não se acredita mais no conceito de que eram “isoladas” ou viviam como espécie de “guetos”, uma vez que sempre há interferência de outros lugares, através do rádio, outras mídias e comunicações com os meios urbanos.

¹³⁵ Relatório “Einzelne Deutsche Siedlungen”, p. 41. Ata R127506. AA/B, Alemanha.

¹³⁶ „Ouvir irradiações do Eixo“ durante a II Guerra passou a ser considerado delito passível de prisão. Isto acontecia porque muitos alemães e descendentes tinham como hábito ouvir os programas de rádio da Alemanha. Um deles, em especial, era voltado para a América do Sul e se chamava *Salada Mixta*. Cf. DIETRICH, 2001, op. cit. Sobre as rádios do Brasil que poderiam ter feito propaganda nazista, não foram encontradas referências.

Nas cidades, o contexto era outro. A comunidade alemã estava imersa na sociedade brasileira nas grandes cidades da época, Rio de Janeiro, São Paulo, Blumenau e Porto Alegre, entre outras. Divulgava-se as idéias nazistas por meio da ação de uma grande sorte de instituições alemãs, o que venho a chamar de *nazismo urbano* em contraposição com o *nazismo rural* das comunidades agrárias concentradas principalmente no Sul do Brasil.

O *nazismo urbano* tinha como característica principal ser institucionalizado. Ele se difundia no seio da sociedade brasileira. No *nazismo urbano*, os partidários travavam contato com outros grupos de imigrantes muitas vezes adeptos de outros movimentos políticos como o comunismo, anarquismo e integralismo. O contato não impediu a formação de redutos ou *ilhas culturais*, as chamadas instituições alemãs – escolas, clubes, igreja, consulados, bancos e empresas. São Paulo, por exemplo, já nos anos 1930 era considerada um pólo econômico que atraiu grandes levas de imigrantes alemães, mão-de-obra técnica qualificada, vinda de uma República de Weimar em profunda crise e altas taxas de desemprego.

Tanto o contexto rural quanto o urbano seriam radicalmente mudados a partir de 1937 com a instituição do Estado Novo varguista e o Projeto de Nacionalização estabelecido por ele, que atingiu, não somente o grupo alemão como outras comunidades estrangeiras.

Capítulo 2

Trajetória em solo tropical do partido nazista no Brasil

“O Führer é Alemanha e Alemanha é o Führer. Em nome do Führer, desejo dar para vocês, partidários do povo alemão de todo o mundo, uma última saudação. Levem este nome no coração, sejam crédulos filhos e filhas do seu povo e de sua terra, como cidadãos do Reich e não desistam do germanismo, a mãe de suas vidas e de seus hábitos. Apesar de toda agitação e todas difamações, permaneçam fiéis ao Führer, a seu povo e a seu Reich”.

Joseph Goebbels, ministro da Propaganda do III Reich, em discurso aos alemães do exterior em Stuttgart, 1937.¹³⁷

2.1. Amizade, proibição e clandestinidade

2.1.1. Os anos de “cordiais relações de amizade” (1928-1938)

(ilustração 2.1)

137

“Der Führer ist Deutschland und Deutschland ist der Führer. Im Namen des Führers möchte ich Euch, meine Volksgenossen aus aller Welt, den letzten Gruß entbieten. Tragt diesen Namen im Herzen, seid gläubige Söhne und Töchter Eures Volkes und Eures Landes, haltet als Angehörige des Reiches fest am Deutschtum, der Mutter Eures Lebens und Eurer Art, steht treu und unbeirrt trotz aller Hetze und trotz aller Verleumdungen zum Führer zum Volk und zum Reich”. Worte an die Auslandsdeutschen zur V. Reichstagung der Auslandsdeutschen in Stuttgart. 29. August bis 5. September 1937. *Der Auslandsdeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20 out. 1937. IFA/S, Alemanha.

Antes mesmo de Hitler tomar o poder, o partido nazista já havia chegado em terras tropicais. O primeiro registro da existência do partido data de julho de 1928. Neste ano — cinco antes da ascensão de Hitler — foi criado um grupo em Benedito Timbó (SC), cidade fundada pelo alemão Frederico Donner em 1869, e que recebeu, nos anos seguintes, diversas famílias alemãs e italianas.¹³⁸ O grupo regional Timbó do partido nazista não foi só o primeiro do Brasil, mas também do movimento nazista no exterior. Os partidários deste grupo faziam parte de um grande contingente de alemães que emigraram da Alemanha da metade do século XIX até a década de 1920. Calcula-se que 4,62 milhões de alemães migraram para o exterior entre 1845 e 1926 para trabalhar como comerciantes, fazendeiros, colonos, professores e pesquisadores.¹³⁹

Em 1928 (ano de sua fundação), o partido era representado por poucos alemães — em sua maioria no Sul do Brasil e que não tinham vínculo direto com o III Reich. Na década de 1920, no chamado pós-guerra europeu, chegaram novas levas de imigrantes alemães, atraídos pelo mercado de trabalho brasileiro — tanto industrial como comercial. A Alemanha vivia uma profunda crise econômica, em parte consequência do Tratado de Versalhes. Desemprego e inflação eram duas variáveis constantes na República de Weimar. Parte destes imigrantes — chamados *Reichsdeutsche* (alemães de nascimento) — integrou o partido nazista no Brasil, que chegou a 2.903 membros¹⁴⁰, tendo a maior representatividade de integrantes fora das fronteiras da Alemanha.

Depois de 1930, quando houve a eleição para presidente na Alemanha, surgiram também grupos em outros países da América Latina como Paraguai, Chile e Argentina, assim como em navios da marinha alemã. A história da A.O. foi marcada pela luta contra os judeus e a proteção ao alemão no exterior. Suas atividades se diversificavam entre festejar datas do calendário nazista, promover noites de encontro da comunidade, criar livrarias alemãs e divulgar os ideais nazistas em programas de rádio e na imprensa alemã de cunho nazista. Durante a II Guerra, o movimento se concentrou na ajuda com mantimentos e cuidados com feridos do exército alemão nos outros países.¹⁴¹

¹³⁸ Hoje Timbó possui 30 mil habitantes. <<http://www.timbo.sc.gov.br/historico.php?area=10&PHPSESSID=d35af15554898eda0ccd9edad8e316c0>>.

¹³⁹ KÖNIG, Alfred. "15 Jahre Auslands-Organisation". Deutsche Allgemeine Zeitung. 2 jul. 1943. Ata 127875. AA/B, Alemanha.

¹⁴⁰ MORAES, 2001, op. cit.

¹⁴¹ Ibidem.

Aos poucos, o partido nazista no Brasil que seria somente um grupo apartado de sua matriz foi se desenvolvendo e, em 1931, com a composição da primeira diretoria, tornou-se oficial. Deste ano até 1933, a sede nacional era localizada na cidade do Rio de Janeiro e, a partir de 1934, foi transferida para São Paulo, e Hans Henning von Cossel foi nomeado o *Landesgruppenleiter* (chefe do grupo nacional do partido no Brasil). O ano de 1931 coincidiu com a data da fundação do “Departamento do exterior do NSDAP” (*Auslandsabteilung der Reichsleitung der NSDAP*). Neste momento, o partido nazista no Brasil passou a ter ligação direta com o III Reich e a receber as ordens e as regras deste departamento. Nessa época, um dos objetivos principais do partido era favorecer as eleições de Hitler e, nesse sentido, os alemães residentes no Brasil representavam um grande potencial de votos.

Em abril de 1933, o partidário Herbert Guss foi indicado para o cargo de homem de confiança no Brasil e para chefe do partido nazista em solo brasileiro. O departamento dos alemães no exterior afirmou que a nomeação deste partidário iria fomentar as relações entre o Brasil e a Alemanha.¹⁴² A principal obrigação do chefe nacional do partido foi fomentar o desenvolvimento do partido no exterior, aumentando suas bases numéricas. Foi dado o direito de nomear e suspender os chefes dos grupos menores no País, dos grupos regionais (*Ortsgruppen*) e dos grupos de apoio (*Stützpunkte*). Apesar desta relativa autonomia, tanto para nomear quanto para suspender, o chefe nacional deveria avisar imediatamente os dirigentes na Alemanha.¹⁴³ Ele não poderia agir sem aval da matriz na Alemanha.

O homem de confiança tem que obedecer invariavelmente às ordens. Em caso de reclamações sobre as ordens do homem de confiança, o homem de confiança não poderá remediar sozinho, deverá apresentar junto com sua opinião ao departamento dos alemães no exterior.¹⁴⁴

Guss não foi bem sucedido na sua missão de chefe do partido no Brasil. Em abril de 1933, ele foi suspenso pelas ordens de um telegrama, no qual se alegava “desonrosa

¹⁴² NS 9 296a. BA/B, Alemanha.

¹⁴³ *Idem*.

¹⁴⁴ Ofício da direção do departamento dos alemães no exterior. 4 mar. 1933. NS 9 296a. BA/B, Alemanha.

conduta”, sem entrar em outros detalhes.¹⁴⁵ Com a saída de Guss, foi detonada a primeira crise política do partido no Brasil. Para solucioná-la, foi chamado com “plenos poderes” o chefe do partido do Chile, Willy Kohn, em junho deste mesmo ano. Os partidários e os serviços do partido ficaram subordinados a sua liderança.¹⁴⁶

Tal situação não durou muito. O grupo brasileiro foi rapidamente rearticulado com a nomeação de Hans Henning von Cossel para chefe do partido nazista no Brasil em junho de 1934 e a transferência da sede nacional para São Paulo. Figura emblemática, passou a fazer parte da história do partido até a sua dissolução. Cossel era o que consideramos um *Führer* tupiniquim, tal o respeito pelas autoridades — brasileiras e alemãs — e o apoio da colônia alemã.

Nos anos 1930, com o fomento das relações comerciais e culturais entre os países, há um fato que merece relevância: as relações são elevadas para embaixada. Toda a década de 1930 foi marcada pelo comércio entre os dois países. Com relação a acordos políticos, havia veladamente uma caça aos comunistas e a troca de informações entre as polícias secretas de Alemanha e Brasil, além da expulsão de alguns judeus comunistas, como foi o caso de Olga Benário. Em um documento de 1936, um representante do III Reich se referiu às relações brasileiras como satisfatórias, apesar da “ameaça judaico-comunista”.¹⁴⁷

Em relatório político de 1935, ao descrever as relações políticas entre a Alemanha e o Brasil, o enviado alemão Schmidt-Elskop afirmou que o diagnóstico era bem promissor. Mesmo com a revolução comunista de 1935, as relações continuaram “profícuas e amigáveis”. A recepção ao governo nazista por parte dos governantes e de círculos privados brasileiros também teria sido boa:

Tanto no governo, como também em círculos privados encontra-se nas pessoas, mais freqüentemente que nos anos anteriores, maior compreensão para com os interesses da nova Alemanha e não raramente havia entre eles calorosos intercessores para o movimento nazista.¹⁴⁸

¹⁴⁵ NS 9 296a. BA/B, Alemanha.

¹⁴⁶ Procuração. München, 30 jun. 1933. NS 9 296a. BA/B, Alemanha. Ver também: MORAES, 2001, p. 107-108.

¹⁴⁷ Ata 104945. AA/B, Alemanha.

148

“Sowohl in der Regierung, als aber auch besonders in privaten Kreisen begegnete man viel häufiger als vor Jahren Verständnis für die Belange des neuen Deutschland, und nicht selten fand man unter ihnen sogar

Os órgãos policiais, nesta época voltados ao desbaratamento do partido comunista, segundo o enviado alemão Schmidt-Elskop, não coagiam a ação do grupo nacional do partido nazista porque ele agia de forma “correta e leal”.¹⁴⁹ Houve um pouco de temor de que o nacionalismo brasileiro, já nesta época, atentasse contra as escolas e a vida nas colônias alemãs, mas isto não aconteceu. O comércio entre os dois países, desde 1934, também foi intensificado. Segundo artigo na revista *Der Auslanddeutsche* (o alemão no exterior), poderia ser verificado, inclusive, que algumas autoridades regionais compareciam aos encontros nazistas da comunidade alemã e chegavam até a fazer discurso apoiando o governo alemão. No caso do governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, ele salientou, em 1937, a importância da presença dos alemães no Brasil com o objetivo de “melhorar a raça brasileira”.

Para as festividades em Porto Alegre apareceu o governador de Estado do Rio Grande do Sul e fez um discurso, onde elogiou com grandes palavras a diligência e o amor à ordem do germanismo rio-grandense-do-sul como “componente racial do muito valoroso povo brasileiro”. Além disso, ele demonstrou sua admiração pelo trabalho do ímpeto do III Reich.¹⁵⁰

Na esfera pessoal, o casamento do filho do presidente Luthero Vargas com a alemã Ingeborg Tenhaeff foi motivo de correspondência entre os dois países e se tornou símbolo destas “cordiais” relações.¹⁵¹

Os embaixadores e cônsules costumavam viajar pelo interior do País e depois escreviam relatórios aos seus líderes na Alemanha sobre a situação política e a geografia e sobre os hábitos e costumes dos alemães no Brasil. Alguns partidários que pertenciam à

warne Fürsprecher für die nationalsozialistische Bewegung”. Politischer Jahrebericht, 1935. von Gez. Schmidt-Elskop, 12 out. 1935.

¹⁴⁹ Idem.

150

“Zur Feierstunde in Porto Alegre erschien der Staatsgouverneur von Rio Grande do Sul und hielt eine Ansprache, worin er den Fleiß und die Ordnungsliebe des riograndenser Deutschtums als “wertvollen rassischen Bestandteil des brasilianischen Volkes” in hohen Worten pries. Des weiteren gab der Gouverneur seiner Bewunderung für die Leistungen des Dritten Reiches Ausbruch”. *Der Auslanddeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20 out. 1937. IFA/S, Alemanha.

¹⁵¹ Ata 27916. AA/B, Alemanha.

célula brasileira também visitavam regularmente a Alemanha, como foi o caso de Keetmann, do grupo regional de São Paulo, que viajou à Alemanha para ver o hasteamento da bandeira nazista em Nuremberg.¹⁵²

Nestes primeiros anos da existência do partido nazista no Brasil, os serviços e a hierarquia foram sendo estruturados, culminando na nomeação de chefe da A.O., Ernst Wilhelm von Bohle para o Ministério das Relações Exteriores em Berlim, em 1937. Tal fato fez com que a importância da A.O. dentro da hierarquia do III Reich fosse aumentada. Isto repercutiu nas células no exterior. Ao se comparar a complexidade da hierarquia do partido nazista no Brasil em 1934 e 1937, temos uma diferença marcante. Tomando a cidade de São Paulo como exemplo, percebemos que, no último ano, as funções haviam se multiplicado e as células do partido haviam se disseminado em outros bairros. Outras associações partidárias como a DAF (Frente Alemã de Trabalho) e a Associação de Mulheres Nazistas, inexistentes nos primeiros anos do partido, também tinham se expandido e aumentado o número de suas células. As reuniões partidárias também estavam melhor organizadas, aconteciam com maior frequência e em novas células do partido.¹⁵³

Nos anos de funcionamento do partido (1928-1938) foram encontrados diversos documentos que fazem referência a esta “boa relação” entre os dois governos. Como exemplo, podemos citar a correspondência entre Getúlio Vargas e Adolf Hitler em novembro de 1937, por ocasião da troca de embaixadores alemães no Brasil (Arthur Schmidt-Elskop foi substituído por Karl Ritter), na qual se percebe que, mesmo alguns meses antes da proibição, as relações eram boas entre os dois países, e Getúlio Vargas chamava o chanceler alemão de “grande e bom amigo”:

A sua Excelência e Senhor Adolf Hitler,

Grande e Bom amigo,

Recebi a carta pela qual Vossa Excelência houve por bem participar-me que, tendo resolvido chamar o Senhor Doutor Schmidt-Elskop, deu por finda a Missão que ele desempenhava no Brasil, na qualidade de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Alemanha.

¹⁵² DM, 19 jan. 1934. IFA/S, Alemanha.

¹⁵³ Mais detalhes no sub-capítulo “Associações partidárias”.

Posso assegurar a Vossa Excelência que o Senhor Doutor Arthur Schmidt Elskop, durante a permanência aqui soube, pelas suas distintas qualidades, grandecer a estima, e *sympatia* do governo e do Povo brasileiro, processando sempre manter e estretiar, cada vez mais, as relações de boa amizade, felizmente existente entre os dois países.¹⁵⁴

Durante todo este tempo, a propaganda transcontinental do nazismo foi pensada por ideólogos alemães como Göring, Goebbels e Rudolf Hess. Por meio de diferentes discursos veiculados em revistas e jornais, os alemães no exterior eram convidados a participar da grande Alemanha por meio de diferentes tipos de “apelos”. “O líder te chama. Göring precisa de você”, por exemplo, foram slogans comumente veiculados.

Segundo tais discursos, havia um dever do alemão de professar a ideologia nazista e obedecer às ordens do Führer, mesmo quando o Führer pedia “sacrifício”.¹⁵⁵ Estabeleceu-se uma boa comunicação entre as ordens da matriz e a filial: discursos e festividades voltados para o alemão no Exterior, encontros dos partidários da célula do Brasil com os líderes do partido na Alemanha, rígido controle dos acontecimentos ligados à colônia alemã pelos líderes partidários e diplomatas.

Nota-se também uma influência dos acontecimentos na Alemanha e outros países com células da A.O. no grupo do Brasil. Um dos acontecimentos principais foi o pressuposto assassinato do líder do partido nazista na Suíça, Wilhelm Gusthoff em fevereiro de 1936 que foi atribuído a “mãos judias” e Gusthoff lembrado como mártir do movimento nazista no exterior. Utilizar “mártires” como instrumentos de propaganda nazista era comum no III Reich. O mesmo aconteceu na Alemanha com Horst Wessel, o jovem integrante da Juventude Hitlerista e líder da S.A. que foi assassinado pelos comunistas.¹⁵⁶ Outro mártir do movimento nazista no exterior, também freqüentemente lembrado pelos líderes da A.O., foi o enviado alemão em Paris e membro do partido

¹⁵⁴ Carta de Getúlio Vargas para Adolf Hitler. Rio de Janeiro, 22 nov. 1937. Ata pessoal 013519 / 459. Embaixador Schmidt-Elkop. AA/B, Alemanha. Grifos meus.

155 Worte an die Auslandsdeutschen zur V. Reichstagung der Auslandsdeutschen in Stuttgart. 29. August bis 5. September 1937. *Der Auslandsdeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20 out. 1937. IFA/S, Alemanha.

¹⁵⁶ WEIß, Hermann (org.). *Biographisches Lexikon zum Dritten Reich*. Frankfurt: Fischer, 2002, p. 487.

nazista, Ernst von Rath, cujo assassinato, em novembro de 1938, foi atribuído a Herschel Grynszpan, judeu de origem alemã-polonesa.¹⁵⁷

Dois fatos marcaram a história da A.O. O primeiro, em 1934, foi a transformação do Departamento do Alemão no Exterior em Organização do partido nazista no Exterior, tornando-se um *Gau* (comarca). O segundo, diz respeito à nomeação do líder do movimento nazista no exterior, Wilhelm von Bohle, a “chefe da A.O. no Ministério das Relações Exteriores na Alemanha”, em 1937. Jornais do mundo inteiro, inclusive do Brasil, escreveram longos artigos sobre o acontecimento.¹⁵⁸ A preocupação maior era que, com esta medida, as resoluções de Bohle e do movimento nazista no exterior ganhassem um caráter ministerial, uma vez que, alocado dentro do Ministério das Relações Exteriores, ele passou a ter todo o aparato diplomático à sua disposição.

A partir desta resolução, cada alemão no exterior estaria ligado a A.O. O nazismo internacional, segundo a imprensa alemã, daria um passo em direção ao que representava o comunismo na época: “O correspondente berlinense da Reuter observou que, com esta medida, a tarefa de Bohle significa um ponto de partida do nazismo internacional como correspondente ao comunismo internacional”.¹⁵⁹ (*ilustração 2.2*)

Em 1941, a revista *Deutschtum im Ausland* publicou um artigo em homenagem ao 25º aniversário do Germanismo na América do Sul.¹⁶⁰ A revista afirmou que havia uma forte pressão política dos Estados Unidos e da Inglaterra para que estes países da América do Sul se posicionassem a favor dos Aliados. Naquele momento (1941), muitos destes países continuavam neutros no conflito mundial. A propaganda americana e inglesa divulgava freqüentemente que a concentração de colônias alemãs nestes países, pela “infiltração nazista”, representava uma ameaça à democracia, fortalecendo a imagem dos alemães enquanto quinta-coluna. Segundo a revista:

¹⁵⁷ Idem, p. 365.

¹⁵⁸ *Le Moment*, 31 mar. 1937; *Dimineata*, 1 abr. 1937; *Times*, 22 dez. 1937; *Argus*, 3 fev. 1937; *Republica Lodz*, 10 fev. 1937. Ata pessoal Ernst Wilhelm Bohle, 001368. AA/B, Alemanha.

¹⁵⁹ “Der Berliner Reuter-Korrespondent bemerkt zu dieser Meldung, Bohles Aufgabe bedeute den Ausgangspunkt des Aufbaus einer Nationalsozialistischen Internationale als Pendant der Kommunistischen Internationale”. *Escher Tageblatt*, 5 fev. 1937. Ata pessoal Ernst Wilhelm Bohle, 001368. AA/B, Alemanha.

¹⁶⁰ *Deutschtum im Ausland*, julho de 1941.

Apesar da afirmação até agora da neutralidade dos estados sul-americanos na guerra na Europa, há um enorme peso do capital operante norte-americano (e inglês) nestas terras que tem como conseqüência que as medidas e posicionamentos relacionados à política interna e externa não são totalmente independentes e que sofrem uma influência de apenas um lado.¹⁶¹

O contexto da II Guerra Mundial mudou não somente a conjuntura política destes países da América do Sul, mas também as ordens e diretrizes da A.O. para estes países e as outras células no exterior. Ele marcou a divisão da história do movimento nazista no exterior em dois momentos principais: o primeiro, quando o tônus era unir os alemães em todos os países do exterior, incluindo a América Latina, e o segundo, voltado para os personagens principais da II Guerra, os países da Europa.

No caso do Brasil, o primeiro momento se deu, de maneira explícita, quando os líderes da A.O. divulgaram a idéia e repetiram constantemente o “chamado” aos alemães no exterior, em discursos e artigos em jornais e revistas. Com o advento da II Guerra, deu-se o segundo momento, e as ações do movimento foram direcionadas principalmente para o conflito, para cuidar de prisioneiros de guerra e fomentar possíveis ações de repatriamento. A Associação das Mulheres Nazistas aumentou de importância no trabalho intenso como enfermeiras dos feridos de guerra.

2.1.2. A proibição e os anos seguintes: um partido clandestino

De acordo com o decreto-lei nº. 383, de 18 de abril de 1938, o partido nazista e as agremiações políticas estrangeiras foram proibidos. Poucos meses antes desta promulgação, o então embaixador alemão no Brasil, Karl Ritter, teve uma audiência com o presidente Getúlio Vargas e se queixou da medida e também da posição da imprensa brasileira contra a Alemanha. Ritter disse pessoalmente ao presidente que estas medidas iriam causar uma repercussão ruim nas relações comerciais e políticas entre Brasil e Alemanha. Segundo ele,

¹⁶¹ “Trotz der bis jetzt von allen südamerikanischen Staaten behaupteten Neutralität gegenüber dem Krieg in Europa bringt es das ungeheure Gewicht des in diesen Ländern arbeitenden nordamerikanischen (und englischen) Kapitals mit sich, dass sie vielfach in ihren außen und auch innärenpolitischen Maßnahmen und Einstellungen nicht ganz unabhängig, dass sie einseitig beeinflusst und voreingenommen sind”. 25 Jahre Organisation des Südamerikanischen Deutschtums. *Deutschtum im Ausland*, julho de 1941, p. 129

todos os países que haviam proibido o funcionamento do partido nazista passaram a ser considerados inimigos da Alemanha. O embaixador alemão argumentou também que, além dos partidários serem só alemães, eles eram instruídos a não influenciar na política local.

Afirmou Ritter:

Eu deixei claro para ele (Getúlio Vargas), o que significa o partido nazista na Alemanha e para a Alemanha. Acrescentei que os integrantes do partido no Brasil são somente cidadãos alemães e têm a rigorosa instrução da alta cúpula de se abster de se interferir nos assuntos internos brasileiros.¹⁶²

Ritter contou que foi recebido amigavelmente após a longa espera de duas horas — demasiada para os padrões alemães, normal para os brasileiros — e que, a cada pergunta, o presidente fazia longas pausas enquanto seus olhos fitavam a janela. Sobre a proibição, o presidente teria encontrado uma resposta bem “brasileira”, ou seja, sem tirar a razão do então embaixador, justificou que o partido nazista só foi proibido porque ele não poderia conceder uma exceção, uma vez que todos os partidos foram proibidos, inclusive os brasileiros. Nesta mesma direção, Getúlio Vargas tentou um jeito “tropical” de pedir desculpas. Para suavizar a medida da proibição, ofereceu sacas de café ao Auxílio Alemão de Inverno. Mas o governo alemão debochou da atitude, dizendo que café no Brasil era muito barato e que as sacas seriam jogadas na água, caso não fossem doadas, mas por fim resolveu aceitar.¹⁶³

(ilustração 2.3)

A proibição do partido influenciou negativamente as relações diplomáticas entre os dois países, que caminharam, nos próximos anos, para o rompimento e conseqüente posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados no conflito da II Guerra Mundial. O governo alemão não aprovou a medida, pois argumentou que não se tratava de um partido no sentido

¹⁶² “Ich machte ihm klar, was die NSDAP in Deutschland und für Deutschland bedeute. Ich fügte hinzu, dass Mitglieder der Partei in Brasilien nur deutsche Staatsangehörige seien und dass die Partei von der obersten Stelle strikte Weisung habe, sich jeder Einmischung in innerbrasilianische Angelegenheiten zu enthalten.” Von Karl Ritter an Auswärtiges Amt. Deutsche Botschaft, Rio de Janeiro, 3 mar.1938. Ata 104945. AA/B, Alemanha.

¹⁶³ Ibidem.

da palavra, mas de um movimento do povo alemão. Além do encontro com Vargas, uma extensa correspondência foi trocada na ocasião e o embaixador Karl Ritter teve audiências também com o Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, sem que o governo brasileiro voltasse atrás com a proibição.¹⁶⁴ A principal consequência foi o corte das relações amigáveis mantidas até então entre os dois países. Na mentalidade das autoridades nazistas — uma vez que o partido representava a Alemanha — o Brasil se tornou inimigo da Alemanha ao proibir o partido.¹⁶⁵

Neste momento, apesar de interessar a Vargas as boas relações com a Alemanha, ele não viu outra solução a não ser a proibição.¹⁶⁶ Se o partido continuasse funcionando, poderia haver confronto com o projeto de gestão do Estado Novo, que previa a proibição de atividades políticas. Minorias estrangeiras e suas propostas políticas ditas “exóticas” prejudicariam a construção da identidade nacional brasileira. Mesmo antes de sua proibição, apesar da instrução de não influenciar a política local, o partido chegou a chamar a atenção da imprensa brasileira. Muitos jornais noticiaram recorrentemente o problema da “nazificação” dos estados do Sul. A proibição não se estendia apenas ao partido, mas a qualquer atividade que tivesse um cunho político. Outros partidos políticos estrangeiros em atividade no Brasil haviam “caído”, como o Fascio e a Falange.¹⁶⁷

Bohle, o chefe da A.O., aconselhou ao Brasil a aceção de novas medidas em que o partido não exerceria suas atividades como organização, mas deveria procurar “outras formas” para se manter, de maneira “fácil e rápida”.¹⁶⁸ Os líderes nazistas partiriam para uma nova política na qual o partido — sob uma nova aparência — trabalharia em conjunto com a embaixada e os consulados. Outra medida foi a decisão, de maneira drástica, do não-envolvimento em conflitos políticos. “Depois da proibição e dissolução das organizações nazistas, as associações, escolas e igrejas permanecem como mantenedores do trabalho cultural alemão”.¹⁶⁹

¹⁶⁴ **Ibidem.**

¹⁶⁵ **Ibidem.**

¹⁶⁶ **Ibidem.**

¹⁶⁷ Bericht über “Gesetz ueber das Verbot auslaendischer politischer Parteien in Brasilien” v. gez. Ritter. Deutsche Botschaft, Rio de Janeiro, 21 abr. 1938. (3f) Ata 27916. AA/B, Alemanha.

¹⁶⁸ **Idem.**

¹⁶⁹ “Nachdem die ns.Organisationen verboten und aufgelöst sind, bleiben als Träger deutschkultureller Arbeit die Vereine, Schulen und Kirchen”. Abschrift. Lagebericht. Santa Cruz, August 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

Ao justificar a mudança da política interna brasileira que ocasionou a proibição, Ritter desfechou ataques aos Estados Unidos, que teriam feito grande pressão para que isto acontecesse, aos judeus imigrantes e à Igreja Católica, tudo isto aliado ao *nativismo brasileiro*, definido como uma “corrente de inveja dos alemães desenvolvidos”:

O nativismo é de um lado uma conseqüência de certos de complexos de inferioridade, para outros (sem dúvida) inveja, contra os alemães em grande parte bem-sucedidos economicamente. Além disto, desempenha um papel a forte atividade dos judeus imigrantes, cuja ligação com a política dos judeus de Nova Iorque está fora de dúvida. Também a ação católica e do clero católico estão na mesma linha.¹⁷⁰

Outro motivo para a mudança dos rumos da política no Brasil teria sido a suspeita da participação do partido nazista na tentativa de golpe integralista liderada por Plínio Salgado, em maio de 1938, o que foi categoricamente negado pelas representações consulares e pelo líder do partido, von Cossel.¹⁷¹ Além da imprensa e do governo brasileiro, foram encontrados outros “culpados” para a degradação do *Deutschtum* (germanismo). Segundo o partidário Herbert Koch, morador de Porto Alegre desde 1933, os *Deutschbrasilianer* (brasileiros descendentes de alemães) também foram responsáveis pela não-manutenção dos hábitos culturais alemães.¹⁷²

Um problema possível em conseqüência da proibição do partido seria a influência da política brasileira em outros países da América do Sul. Segundo o relatório, o Brasil daria a falsa impressão para estes países que os decretos varguistas contra os alemães não tinham nada de anormal e que os brasileiros queriam que houvesse continuidade das relações amigáveis entre o Brasil e a Alemanha.¹⁷³

¹⁷⁰ “Der Nativismus ist einerseits eine Folge gewisser Minderwertigkeitskomplexe, zum anderen zweifellos Neid gegenüber den wirtschaftlich zum großen Teil erfolgreichen Deutschen”. (...) Weiter spielt hinein die verstärkte Tätigkeit der jüdischen Emigranten, deren Zusammenhang mit der von den New Yorker Juden verfolgten Politik ohne Zweifel ist. Auch die Tätigkeit der katholischen Aktion und der katholischen Geistlichkeit liegt auf der gleichen Linie”. Idem.

¹⁷¹ Politischer Bericht von Deutsche Botschaft, Rio de Janeiro, an das Auswärtige Amt, Berlin. Rio de Janeiro, 15 jun. 1938. Inhalt: Brasiliens innerpolitische Lage und Verhältnis zu Deutschland. Ata 127503. AA/B, Alemanha.

¹⁷² Bericht über die Hetze gegen das Deutschtum und die letzten politischen Ereignisse in Brasilien. Von Herbert Koch. Mühlhausen, 20 ago. 1938. Ata 127503. AA/ B, Alemanha.

¹⁷³ Idem.

Após 1938, as ações do partido tornaram-se mais discretas e a documentação, mais rara. O A.O. passou a se comunicar com o Brasil por intermédio de seu correspondente oficial, o ex-chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, que permaneceu em território brasileiro, sem ser preso, mesmo após a proibição. As ações do partido ficaram ainda mais centralizadas em suas mãos.

Nos anos em que o Brasil se encontrava neutro no conflito (1939-1941), foram registradas diversas reações dos brasileiros contra os alemães, identificados geralmente como os “quintas-colunas”. Muitos brasileiros não viam com bons olhos a propaganda nazista no Brasil. A partir de 1942, com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, deu-se uma mudança efetiva na relação entre os dois países: o Brasil, como país inimigo, passou a receber um tratamento diferente de até então, quando ainda era neutro no conflito. Com a retirada mútua das embaixadas, diversos diplomatas e alemães que ocupavam altas posições em empresas e instituições alemãs no Brasil, deixaram o país, entre eles, von Cossel.

Vários alemães foram presos, identificados ou internados no Brasil. Em algumas cidades do Sul, houve quebra-quebra e saques de estabelecimentos alemães. A atenção do III Reich se voltou para estes alemães considerados injustiçados: uma extensa correspondência foi trocada, por intermédio da Embaixada da Espanha. Com a proibição de jornais de cunho nazista, tornou-se difícil a divulgação de eventos do partido e da Frente de Trabalho Alemã. Os partidários caracterizaram tal processo como uma campanha de perseguição ao *Deutschtum* (germanismo). Foi encontrada uma explicação de cunho racial para este processo: Getúlio Vargas seria maçom no 33º Grau.¹⁷⁴

Mesmo antes da proibição, alguns núcleos locais do partido já haviam sido fechados e alguns de seus líderes, presos. Após a proibição, foram concedidos alguns meses para o partido fechar inteiramente as portas. As prisões voltariam com mais frequência com o rompimento das relações diplomáticas e a declaração de guerra ao Eixo. Houve muitos protestos contra as prisões e maus-tratos aos alemães. O *racismo tropical*¹⁷⁵ imperava nas

¹⁷⁴ Bericht über die Hetze gegen das Deutschtum und die letzten politischen Ereignisse in Brasilien. Von Herbert Koch. Mühlhausen, 20 ago.1938. Ata 127503. AA/ B, Alemanha.

¹⁷⁵ Utilizamos tal conceito para mostrar o tipo de racismo desenvolvido pelos alemães residentes no Brasil voltado mais especificamente contra mestiços e negros. Foi caracterizado como um racismo “tropical” e não “tropicalizado”, pois o processo já estava determinado, os alemães já se consideravam, de antemão, superiores e não havia, neste caso, um processo de negociação com a população local.

prisões. Ocorreram diversas reclamações de alemães que foram presos junto a negros e mulatos brasileiros e tratados da mesma maneira. Alguns presos alemães chegavam a manifestar um duplo preconceito contra os brasileiros: eram negros ou mulatos e também comunistas.¹⁷⁶

Descrevendo o caso de como aconteceu a prisão do líder do partido nazista no Rio Grande do Sul, o partidário Herbert Koch forneceu vários detalhes do funcionamento da organização:

Eu era empregado pela diretoria distrital responsável pela administração distrital do partido nazista e da Frente de Trabalho Alemã no Distrito do Rio Grande do Sul. Nós trabalhamos em nossas salas de escritório, que estavam alocadas na Casa Alemã, uma casa alugada, onde até março deste ano [1938] foram realizadas as festas de eventos ligados ao partido nazista, a Frente de Trabalho e a VRD. Em 23 de fevereiro o chefe deste distrito do partido, o partidário Ernst Dorsch foi preso em sua casa e foi feita uma busca em sua residência. Foram apreendidos além de alguns de nossos jornais alemães, somente algumas de nossas atas de caixa.(...) Quando o companheiro Dorsch, durante a tarde, ainda não havia retornado, informamos novamente o consulado, onde foi-nos dito, que o companheiro Dorsch estava confinado na prisão e não seria possível ser visitado.¹⁷⁷

Mais do que a prisão, o que causou profundo desagrado aos demais partidários foi que seu líder havia sido preso junto a brasileiros comunistas “negros e mulatos”, fato considerado uma ofensa à “raça ariana”:

¹⁷⁶ R127503, R127875, R104945, R27916, R104940.

¹⁷⁷ “Ich war bei der Kreisleitung bezw Kreiserwaltung der NSDAP und DAF für Kreis Rio Grande do Sul in Porto Alegre angestellt. Wir arbeiten in unseren Büroräumlichkeiten, die im Deutschen Haus, einem gemieteten Haus, untergebracht waren, bis März d. J. Im Deutschen Haus wurden auch die Festveranstaltungen der NSDAP, DAF und VRD abgehalten. Am 23. Februar d. J. wurde mein Kreisleiter Pg. Ernst Dorsch in seiner Wohnung verhaftet und eine Haussuchung abgehalten.(...) Es wurden einigen deutschen Zeitschriften nur noch einige Kassenakten mitgenommen. (...) Als Pg. Dorsch nachmittags immer noch nicht zurück war, erkundigten wir uns nochmals beim Konsulat, da wurde uns dann auch gesagt, dass Pg. Dorsch ins Gefängnis eingeliefert sei und nicht besucht werden können.” Bericht über die Hetze gegen das Deutschtum und die letzten politischen Ereignisse in Brasilien. Von Herbert Koch. Mühlhausen, 20 ago. 1938. Ata 127503. AA/ B, Alemanha.

Somente agora às 19 horas, o nosso líder foi solto. Só agora ficamos sabendo que ele não foi, como o sr. Cônsul afirmou, preso em uma cela sozinho, mas ele ficou junto a 13 brasileiros (negros e mulatos), que foram todos presos, também o tratamento deixou muito a se desejar.¹⁷⁸

Koch contou que depois da prisão de Dorsch foi detonada a desarticulação dos núcleos do partido do Rio Grande do Sul com a prisão de seus líderes. Em resposta a um enérgico protesto da Embaixada no Rio de Janeiro ao governo brasileiro, os partidários foram soltos, mas tiveram que custear as despesas para voltar para a casa e, a partir daquele momento, manter-se em contato com a polícia brasileira. Paralelamente, a Casa Alemã, onde funcionavam as atividades do partido, foi fechada. Não demorou muito para se efetivar a proibição oficial em 18 de abril.

As ações policiais atingiram diversos níveis, como por exemplo, a busca de objetos suspeitos nas residências. O partidário Koch afirmou que, somente em sua casa, foram apreendidos 20 quilos de livros, revistas e cartas do partido. (“Não adiantou falar que era secreto”, contou em relatório). A principal queixa de Koch foi que estas atitudes estavam fora da lei, pois o governo tinha dado um mês de prazo para o partido cessar suas atividades, até 18 de maio. Estas atitudes da polícia tinham acontecido durante abril, quando não deveria haver prisões. Após todo este processo, Koch diz ter ficado estigmatizado na sociedade rio-grandense-do-sul, não conseguindo mais arrumar emprego. Decidiu, então, voltar à Alemanha, levando sua mãe e irmãs.¹⁷⁹

Como no caso de Koch, muitos alemães foram repatriados neste período. Para incentivá-los, havia compensações cambiais em marco alemão. Isto foi uma tônica tanto para os anos de amizade quanto após a proibição. A A.O. tinha um serviço especial para organizar a volta de alemães que moravam no exterior, fornecendo, inclusive, verba para seu restabelecimento.¹⁸⁰ Alguns documentos indicam a A.O. como agência selecionadora de imigrantes que poderiam voltar à Alemanha. Dentro desta política, havia uma preocupação do III Reich de saber quem poderia se beneficiar destas medidas de câmbio,

¹⁷⁸ “Erst jetzt um 19 Uhr wurde unser Kreisleiter wieder freigelassen. Erst jetzt stellte sich heraus, dass er nicht, wie man Herrn Konsul gesagt hatte, in Einzelhaft gesessen hat, sondern zusammen mit 13 brasilianischen Kommunisten (Neger und Mulatten), die ihm allerhand zugesetzt haben; auch die Behandlung liess viel zu wünschen übrig”. Idem.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ O alemão que desejasse retornar, porém, deveria se submeter à aprovação de seu atestado de antecedentes pelo consulado alemão. DIETRICH, 2001, op. cit.

também chamadas de medidas de repatriamento. Torna-se claro que um dos objetivos da A.O. foi o estímulo ao repatriamento.¹⁸¹

Apesar disto, houve sérias críticas à onda de reintegração forçada em função da campanha difamatória dos alemães, das prisões e dos maus-tratos, ocasionados pela política de *nativismo* do governo brasileiro. Segundo os alemães, era injusto eles deixarem o Brasil e todo seu esforço de trabalho:

Uma grande parte dos cidadãos alemães colherá os frutos. Uma grande parte destes cidadãos voltará em tempo determinado à Pátria Mãe. (...) Aos que precisam ficar aqui por razões econômicas ou outras, é vedada por lei e medidas policiais qualquer possibilidade de participação em atividades culturais alemãs.¹⁸²

Os motivos deste estímulo de regresso ainda são obscuros, mas, em época de guerra, muitos destes alemães que antes moravam no exterior lutaram nas frentes de ataque do Exército Alemão. Com a mudança de política do governo Vargas, houve grande influência no desmoronamento do germanismo, o que motivou os alemães a deixarem o País. Aqueles que decidiam por este destino, contavam com o apoio do partido. Heinz Schmidt, por exemplo, imigrou a Munique em 1939. Foi devidamente recomendado por von Cossel, chefe do partido no Brasil, para conseguir um emprego na Alemanha: deveria entrar em contato com Schinke, que tinha sido do partido no Brasil, e oferecer seus serviços enfatizando os conhecimentos de português e os 15 anos de experiência na A.O. em solo brasileiro.¹⁸³ (*ilustração 2.4*)

Nos anos de guerra, segundo os relatórios do Ministério de Relações Exteriores Alemão, a reemigração aconteceu de maneira crescente, principalmente nos estados do Sul. Neste momento, o futuro do *Deutschtum* (germanismo) foi visto pelos representantes do governo alemão de maneira “negra”. “O Nacionalismo dos lusos é forte e com objetivo

¹⁸¹ Carta de gez. Dr. Ehrih.Berlin 27 mai. 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

¹⁸² “Ein grosser Teil der Reichsdeutschen wird die ernten. Ein grosser Teil der Reichsdeutschen wird in absehbarer Zeit in die Heimat zurückgekehrt sein (...). Den wirtschaftlich oder anderweitig gebundene die hier bleiben müssen, ist durch Gesetze und Polizeimassnahmen jede Möglichkeit zur Betätigung in ns. Volkstumsarbeit untersagt.” Abschrift. Lagebericht. Santa Cruz, Aug. 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

¹⁸³ Brief für Herr Legationsrat, von Heinz Schmidt, ehem Kons. Sekr. Cruzeiro. Munique, 7 jun. 1939. Ata 127506. AA/B, Alemanha.

certo. Isto atrapalharia o desenvolvimento da nossa vida cultural”¹⁸⁴, escreveram. Mesmo assim, havia questionamentos por parte do III Reich sobre a política de repatriamento. Segundo relatório de dezembro de 1938, a maioria das pessoas que voltava era de mulheres e crianças, o que era oneroso ao Estado. Para o Estado nazista, ainda havia um componente pior: algumas destas mulheres alemãs se casaram no Brasil com negros, comprometendo a política racial vigente.¹⁸⁵

A perseguição aos alemães pós-1942 teria tomado diferentes formas: firmas alemãs foram colocadas na lista negra; outras, totalmente liquidadas; lojas, saqueadas e alguns grupos de alemães confinados em campos de internamento¹⁸⁶ em diversas cidades do Brasil. Associações de ajuda, hospitais e escolas alemãs foram fechados. Muitos retornaram à Pátria Mãe. Houve, paralelamente, uma verdadeira caça aos espiões nazistas e desbaratamento de estações transmissoras clandestinas. *(ilustrações 2.5 e 2.6)*

Diversas firmas alemãs tiveram que encerrar suas atividades. Em Recife, por exemplo, o impacto atingiu vários ramos de atividade. Sofreram processo de fechamento: a Stolze & Cia, a Sociedade de Motores Deutz Otto, a Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens Schuckert S. A., a Alianza Comercial de Anilinas, em Recife, a Bayer, Merk, Wenig & Cia, entre outras. Os Bancos alemães — Banco Germânico da América do Sul e Banco Alemão Transatlântico — sofreram processo de liquidação.¹⁸⁷ Como um país inimigo não poderia ter controle sobre os transportes aéreos, a viação aérea Lufthansa Condor também fechou suas portas. A nova situação de *páís beligerante* em que se encontrou o Brasil a partir de 1942 causou um impacto econômico.¹⁸⁸

Além disto, muitas foram as intervenções no cotidiano como a proibição de se falar alemão em público, ouvir rádio, viajar a lugares considerados estratégicos. Até os hábitos do cotidiano foram cerceados: em 1942, por exemplo, os chamados *súditos do Eixo* (alemães, italianos e japoneses), foram proibidos de participar de festas carnavalescas por uma circular da polícia.¹⁸⁹

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Relatório, São Paulo, 1 dez. 1938. Ata 127506. AA/B, Alemanha.

¹⁸⁶ Utiliza-se o termo *campo de internamento* ao invés de *campo de concentração*, pela conotação histórica do segundo termo com referência ao genocídio de judeus.

¹⁸⁷ Ata Madrid 813. AA/B, Alemanha.

¹⁸⁸ Aufstellung der Deutsche im Staate Pernambuco ausässigen Deutscher sowie ihrer Unternehmen. Julho 1943. Ata 127507. AA/B, Alemanha.

¹⁸⁹ Ata Madrid 814. AA/B, Alemanha.

Alguns alemães comuns — caracterizados como prisioneiros de guerra — foram confinados em campos de internamento. Os mais conhecidos destes campos foram os do interior de São Paulo, nas cidades de Bauru, Ribeirão Preto, Pirassununga, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, onde os 244 tripulantes do navio alemão *Windhuk*¹⁹⁰ foram internados em janeiro de 1942. Mas existiram outros lugares do Brasil em que os alemães também foram internados.

Um mapeamento do Ministério das Relações Exteriores Alemão demonstrou que havia, até 1944, muitos alemães presos e internados. Dentre os confinados em campos de internamento, 23 alemães no Pará estavam no campo Thomé Assu, e 25 em Pernambuco, no Campo Chá de Estevão. Na Bahia, 46 alemães foram internados na Villa Polícia Militar, e 69 em Maracás. Em São Paulo, o número de prisioneiros nos campos foi bem maior: 104 na Escola Prática de Agricultura de Pindamonhangaba, sendo 3 mulheres, e 22 em Guaratinguetá, 24 em Ribeirão Preto, e 28 em Bauru. Outro estado com número expressivo foi Santa Catarina, onde 77 alemães foram internados em Trindade e 28 no Campo de Internamento Oscar Schneider. No Rio Grande do Sul, 64 estavam na Colônia Penal Agrícola Daltro Filho. Além destes, alguns poucos alemães foram confinados em hospitais e outros dentro de suas próprias residências. No Rio de Janeiro, o número de detidos e presos em presídios era muito maior que os confinados em campos de internamento.¹⁹¹

Em Pernambuco, foi observado, nestes campos, que os prisioneiros alemães viviam em grupos, em uma espécie de “regime republicano”, aproveitando o “solo frutífero” brasileiro para plantar frutas e legumes.¹⁹² Mas as condições “tropicais” de alguns presídios e campos preocuparam o governo alemão.

Em 1942, previa-se a construção de um novo campo de internamento para trabalho forçado na Bacia Amazônica. O redator do relatório, ex-cônsul do Pará, Rudolf Wöller,

¹⁹⁰ CAMOES FILHO, *O canto do vento, a história dos prisioneiros alemães nos campos de concentração brasileiros*. São Paulo: Página Aberta, 1995. Ver também RIBEIRO, Suzana. *História de vida dos prisioneiros de guerra no Vale do Paraíba durante o Estado Novo*. Relatório de Iniciação Científica, São Paulo: FAPESP, 1996, com depoimentos de sobreviventes. Segundo Ribeiro, em 1942, “o governo brasileiro usou a situação de guerra como razão política para se apropriar do navio alemão e aprisionar tripulantes civis. Esses alemães ficaram hospedados em pensões e hotéis em Santos, com a obrigação de se apresentarem periodicamente à polícia. Após uma tentativa de fuga, no carnaval de 1942, nasceram os campos paulistas”.

¹⁹¹ Verzeichnis der bis Februar 1944 dem Auswärtigen Amt bekannten Interniertenlager, Haftlokale und Gefängnisse in Brasilien. Ata 127507. AA/B, Alemanha.

¹⁹² Idem.

ênfâtizou as condições de “perigo” que os alemães internados estariam sujeitos como: malária e febre da água negra. Contra isto, Wöller afirmou que deveria haver um processo de resistência a estas condições, principalmente da parte dos meios de comunicação e da Cruz Vermelha: “Deve-se temer estas medidas, pois elas podem ser imitadas em outras cidades da zona tropical, como o caso de Ilha Grande e Tomé-Assu (Pará)”.¹⁹³

Nos arquivos diplomáticos alemães, encontram-se diversas cartas dos internados nos campos do Brasil dirigidas a seus familiares na Alemanha. Elas sofriam censura antes de chegar a seus destinatários¹⁹⁴. Muitas delas, entregues pela Cruz Vermelha, davam notícias dos acontecimentos ligados a este *país tropical* e, ao mesmo tempo, perguntavam sobre familiares que lutavam nos *fronts* alemães:

Você escreve que Werner se encontra em Berlin em férias de convalescença. O que foi com ele? Ele foi ferido na frente? (...) Christa atualmente tem as férias de verão. Ella esteve doente durante 3 semanas, a velha história das amígdalas (...).¹⁹⁵

Desenhos ou fotos se encontravam anexados em algumas. Todas estavam redigidas em formulário próprio, fornecido pelo próprio campo de internamento e obrigatoriamente eram elaboradas no Língua Portuguesa. Muitas perderam o tom pessoal e pareciam que estavam sendo ditadas, falavam das condições de saúde que sempre eram “perfeitas”. Mas mesmo com a censura brasileira às cartas, elas serviram para manter comunicação com aqueles que se encontravam no outro lado do oceano, em um país atravessado pelos anos de guerra: “Queridas filhas: encontro-me neste Campo de Concentração desde abril do ano passado e não tive nenhuma notícia de vocês (...) Estou passando relativamente bem, os anos já se fazem sentir (...) Respondam logo”.¹⁹⁶ (*ilustrações 2.7, 2.8, 2.9 e 2.10*)

Outras vezes se juntaram a de Wöller, como a do ex-embaixador Prüfer que ênfâtizou os maus-tratos que os alemães sofriam em prisões e campos brasileiros desde

¹⁹³ WÖLLER apud VERMERK –Amazonas. Berlin, 11 mar. 1943. Ata 127507. AA/B, Alemanha.

¹⁹⁴ CAMOES FILHO, op. cit.

¹⁹⁵ Em anexo, encontra-se o desenho da filha Crista e uma foto da mesma. Carta de Emil Hofmann para Helene Hofmann. Rio de Janeiro, 27 fev. 1945. Madrid 814. AA/B, Alemanha.

¹⁹⁶ Carta de Ernesto Koehler para Kaethe e Felicia Koehler. 24 set. 1944. Madrid 814. AA/B, Alemanha.

1942.¹⁹⁷ Erwin Kalk, ex-líder do grupo regional do partido nazista de Pernambuco, reimigrou para Hannover em plena guerra e, ao chegar lá, voltou a trabalhar como professor, atividade que exercia também no Brasil, como professor auxiliar da Escola Alemã de Recife. A última ocupação de Kalk tinha sido auxiliar de escritório no Consulado Alemão de Recife. Um pouco antes de voltar à Alemanha, ele foi internado na prisão da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro em abril de 1942.¹⁹⁸

Além deles, 90 alemães deixaram o Rio de Janeiro em 1942 a bordo do navio Cabo da Boa Esperança. Também em março deste ano, Prüfer, o ex-embaixador alemão no Brasil, e outros diplomatas embarcaram para a Alemanha a bordo do vapor Siqueira Campos com mais 160 pessoas.¹⁹⁹ “No decorrer de um mês foram quase todos os alemães de alguma importância presos, permanecendo por pouco ou muito tempo nas prisões”.²⁰⁰

Outros acontecimentos, além da proibição, desagradaram os nazistas e seus representantes diplomatas, como por exemplo, a publicação de artigos contra alemães pela imprensa brasileira, influenciada, por sua vez, pela imprensa norte-americana e inglesa. As prisões de líderes do partido, como a do partidário Ernst Dorsch, também foram malvistas pelos alemães. O embaixador Ritter cobrou de Vargas a promessa de que os chefes de polícia regionais, como a do Rio Grande do Sul, deveriam cessar com a perseguição aos alemães. Mas, o embaixador, que seria substituído nos próximos meses, saiu da conversa de mãos vazias. Segundo o presidente brasileiro, não havia como “privilegiar” a Alemanha, uma vez que todos os partidos e atividades estrangeiras estavam proibidos no Brasil.²⁰¹

O governo alemão citava em seus relatórios que a “culpa” por tal mudança de política, justamente com os brasileiros até então tão “amigáveis”, era dos americanos e judeus. Oswaldo Aranha, ministro das relações exteriores do Brasil na época, foi considerado nos relatórios como protetor dos EUA e inimigo da Alemanha.²⁰² A diplomacia alemã, no entanto, não deixou vir à tona tais documentos, que circulavam em

¹⁹⁷ Namensliste. 2 jun. 1942. Ata 127507. AA/B, Alemanha.

¹⁹⁸ Liste der als verhaftet gemeldeten Deutschen aus dem Amtbezirk des Deutsche Konsulat Recife. Berlin, junho de 1942. Ata 127507. AA/B, Alemanha.

¹⁹⁹ Heimatschaffung von Reichsangehörigen aus Süd-, Mittel- und Nordamerika. Berlin, 17 jun. 1942. Ata 127507. AA/B, Alemanha.

²⁰⁰ Betr. Lage der Deutschen in Brasilien. Buenos Aires, 5 mai. 1943. Ata 127507. AA/B, Alemanha.

²⁰¹ Relatório do embaixador Karl Ritter. Embaixada Alemã. Rio de Janeiro, 3 mar. 1938. R104945. AA/B, Alemanha.

²⁰² Abschrift, 8 jun. 1938. „Übersicht über die Lage in Brasilien“. R127503. AA/B, Alemanha.

caráter secreto. Mas cobrou do governo brasileiro uma mudança de atitude com relação ao que eles chamavam de perseguição aos alemães, que teria se iniciado em 1938 com a promulgação dos decretos-leis de nacionalização de estrangeiros e se intensificado com a entrada do Brasil na II Guerra ao lado dos Aliados. Nos diversos casos de liquidação de bancos e de empresas alemãs acontecidas neste período, a Embaixada da Espanha, que representava os interesses dos alemães no Brasil, cuidou das indenizações de inúmeros funcionários alemães que perderam seus empregos com estes processos.²⁰³

O Brasil, por intermédio de seu Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, respondeu às questões alemãs em relação à proibição do partido. Quanto à afirmação de que o partido nazista representava a própria Alemanha, Aranha contestou dizendo que a soberania brasileira não deixaria nenhum poder estrangeiro participar da política interna do Brasil, com exceção de representações consulares e embaixadas.²⁰⁴

Na mesma direção da chamada “perseguição” aos alemães, o jornal inglês *Times* denunciou em uma reportagem a organização do nazismo no Sul do Brasil. Segundo o *Times*, o principal questionamento era com relação à nacionalização do povo alemão em solo brasileiro. Perguntava-se se havia intenção de uma invasão de Hitler no Brasil por uma política de expansão territorial. Paralelamente, afirmou-se que havia infiltração nazista neste País.²⁰⁵ Após a publicação deste artigo, jornais brasileiros passaram a prestar mais atenção aos acontecimentos relacionados aos alemães no Sul do Brasil.²⁰⁶

O jornal brasileiro *O Globo*, por exemplo, publicou uma série de reportagens sobre o tema, textos estes que foram arquivados nas atas do Ministério de Relações Exteriores de Berlim como prova comprobatória da “perseguição aos alemães”. Mesmo com as ressalvas jornalísticas, o conteúdo explicitou uma série de práticas que haviam sido perpetradas ao longo dos 10 anos de funcionamento do partido. Foram publicadas reproduções dos desenhos de Hitler feitos por crianças no Sul do Brasil, fotografias de escolas com o retrato do *Führer* na parede, de locais onde funcionava a sede do partido. Em todo o país, viu-se disseminada a imagem do “perigo alemão”.²⁰⁷ (*ilustração 2.11*)

²⁰³ 813, 814, série Madrid. AA/B, Alemanha.

²⁰⁴ R104940. AA/B, Alemanha.

²⁰⁵ “O Times e as influências nazistas no Brasil” In: *Correio da Manhã*, 3 set. 1937. Ata 104939. AA/B, Alemanha.

²⁰⁶ Ibidem.

²⁰⁷ Ata R104939. AA/B, Alemanha.

O Globo colocou em cheque a germanização da colônia alemã, principalmente em Santa Catarina, com perguntas como “o elemento allemão se deixa de boa vontade absorver pelo brasileiro, integra-se sem relutância na nacionalidade brasileira ou resiste?” ou “Qual o sentido desta resistência, a) será puramente racial: manutenção de costumes, predilecções, mentalidade pura da raça germânica? b) Ou será particularista, de ordem política, de intenção nazista?”.

O jornal chegou a descrever a situação das colônias alemãs no Sul do Brasil como um simulacro das ditaduras alemã e italiana, que fazia até o uso de boicote contra empresas que não eram aliadas à causa alemã:

Em algumas colônias mais recuadas do centro principal que é Blumenau, verifica-se afinal a existência de verdadeiros simulacros de ditaduras, arremedos de regimens totalitários, e cuja arma principal é o “boycott”, desde que, no Brasil, não é possível a existência de campos de concentração.²⁰⁸

O medo da invasão militar ficou implícito neste trecho, quando o jornal se referiu à construção de uma Alemanha em solo brasileiro:

Os núcleos germânicos, isolados, entregues a si mesmos, livres, por descaso em geral dos poderes públicos, de controles conacionalizadores, adensaram-se a sua moda, com sua mentalidade, costumes e idioma próprios. Desse modo formou-se o que alguns commentadores patricios tem apontado como “um pedaço da Allemanha” tratando de se consolidar sob os céos do Brasil.²⁰⁹

Os artigos, tanto do *Times* quanto do *O Globo*, tiveram grande repercussão no III Reich, que os caracterizou como uma campanha difamatória contra a Alemanha. As reportagens foram arquivadas em atas no Ministério das Relações Exteriores e

²⁰⁸ *O Globo*, outubro de 1937. Ata 104939. AA/B, Alemanha.

²⁰⁹ Idem.

exaustivamente analisadas pelos diplomatas. De fato, poucos meses depois, em abril de 1938, o partido nazista foi proibido e alguns dos líderes partidários foram presos.

Ao contrário do previsto, a proibição do partido não significou o rompimento total de suas atividades. Elas apenas foram rearranjadas, os líderes realocados, núcleos fechados, a propaganda feita de outra forma. O líder do partido, Hans Henning von Cossel, por exemplo, continuou no Brasil e foi transferido para a Embaixada Alemã do Rio de Janeiro como adido cultural. As instruções de como as atividades deveriam ser reorganizadas vinham diretamente do Reich para Cossel, ainda considerado, em correspondência, como chefe do partido.

Ele próprio viajou algumas vezes para a Alemanha para ser instruído de como deveria agir sobre a proibição. O partido foi “oficialmente” interdito, mas, em clandestinidade, funcionava sob a fachada da Frente Alemã de Trabalho. No cotidiano do partido, no período de 1938 a 1942, quando foram rompidas as relações, pouco se alterou. Pelas notícias do *Deutscher Morgen* percebe-se que o que era explícito do partido deixou de ser publicado, mas notícias da Alemanha e dos seus avanços e recuos na II Guerra, permaneceram.

As ordens do Reich foram que, a partir da proibição, as cartas do movimento nazista internacional para o Brasil deveriam estar cercadas de um cuidado extraordinário, apenas endereçadas a um endereço especial, designado apenas como “serviço 4”. Deveriam também ser evitadas diretrizes ao partidário Cossel, segundo “ordem” vinda de Berlim em 1940:

Ref: correspondência com o Brasil. É mais uma vez apontado de maneira clara, que todas as cartas e material impresso, enviados para o Brasil pelo correio deverão ser observadas com um cuidado extraordinário. Todas as cartas deverão ser enviadas por meio do serviço 4. Deverão ser evitadas o envio de diretivas diretas para o companheiro partidário von Cossel, seja por via telegráfica, seja por via escrita.²¹⁰

²¹⁰ “betr. Briefwechsel mit Brasilien. Es wird noch einmal ausdrücklich darauf hingewiesen, dass bei allen Briefen und Drucksachen, die für Brasilien bestimmt sind, bei der Postzusendung äusserste Vorsicht zu beobachten ist. Alle Briefe sind über das Amt IV zu leiten. Zu vermeiden sind aber auch alle direkten telegrafischen oder schriftlichen Anweisungen an Pg. von Cossel”. Anweisung, Berlin, 22 jun. 1940, Organisationsamt. NS 9 15. BA/B, Alemanha.

A preocupação com as cartas e informações enviadas do governo nazista ao Brasil se tornou maior. Em 1941, por exemplo, um avião italiano com correspondência da A.O. teve um pouso de emergência em alto mar, perdendo as cartas. Tal acontecimento causou preocupação aos dirigentes desta organização:

Em 15 de janeiro um avião italiano que saiu do Brasil teve — devido a uma pane no motor — que aterrissar em emergência nas proximidades da costa brasileira em mar aberto. Alega-se que, para aliviar o avião — cargas e correspondência que o avião carregava foram jogadas fora. É possível que a correspondência destinada a A.O. perdeu-se neste acontecimento.²¹¹

Até mesmo um ano antes da proibição, havia o cuidado do III Reich de como se dava a atuação do partido nazista no Brasil. Uma série de telegramas cifrados entre Cossel e a Alemanha é demonstrativo disto. Um destes telegramas — de 1937 — negava a interferência política do partido nazista no Brasil: “Foram apresentadas poucas informações com fundamento sobre a alegada intromissão do partido nazista no Brasil”.²¹²

Um pouco menos de um mês **após** a proibição, Cossel enviou — em nome de todos os partidários do Brasil — um telegrama para Ernst von Bohle, chefe da A.O., parabenizando-os pelos cinco anos de atividade da organização: “Pelo 5º ano de sua bem-sucedida atividade como chefe de Gau envio ao senhor desejos de coração de boa sorte e saudações de todos os companheiros do grupo do partido nazista do Brasil”.²¹³ Neste

²¹¹ “Das am 15. Januar von Brasilien abgeflogene italienische Flugzeug musste infolge einer Motorenpanne in der Nähe der brasilianischen Küste auf offenem Meer notwassern. Fracht und Post wurde angeblich zur Entlastung des Flugszeuges über Bord geworfen. Es ist damit zu rechnen, dass auch für die AO bestimmte Post dabei verlorengegangen ist.” Anweisung, Berlin, 1 fev. 1941, Organisationsamt. . NS 9 15. BA/B, Alemanha.

²¹² “Stichhaltige Angaben, über die angebliche NSDAP Einmischung in Brasilien wurden so gut wie gar nicht vorgebracht”. Telegrama de Hans Henning von Cossel. São Paulo, 1937. R104945. AA/B, Alemanha. Outros:

Brief von gez. Von Cossel bis Herr Schmidt. Rio de Janeiro, den. 14 mai. 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

²¹³ “Zum fünften Jahrestag Ihrer erfolgreichen Tätigkeit als unser Gauleiter übersende ich Ihnen die herzlichsten Glückwünsche und Grüsse aller Parteigenossen der Landesgruppe Brasilien”. Telegramm von von Cossel an Gauleiter Bohle. Rio de Janeiro, den 7 mai. 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

momento, Cossel tomava a frente de vários problemas, como por exemplo, a questão de financiamento de escolas alemãs durante a guerra.²¹⁴

Outros telegramas demonstram que a Frente de Trabalho havia tomado o lugar do partido, como um, expedido em 1940, escrito pelo chefe da A.O., von Bohle, para uma pessoa identificada apenas por “Steffin” pedindo para pagar mil réis em dinheiro para DAF-A.O.²¹⁵ (Frente de Trabalho- A.O.). Em março do mesmo ano, mais uma vez a chefia da A.O. em Berlim se comunicou com a DAF para solicitar a nomeação de um homem de confiança da organização no Brasil.²¹⁶

Percebe-se que, astutamente, a A.O. fez um arranjo para que o partido continuasse atuando em território brasileiro, mas sem o título. Para burlar a repressão e a censura brasileiras, Prüfer, então embaixador no Brasil, escreveu para Bohle, chefe da instituição em 1939, sugerindo para omitir a informação que a correspondência era da A.O., matriz do nazismo internacional. Com Cossel ainda a frente do partido, foi definido que, como código, a correspondência da instituição passaria a vir registrada como: “Questões sobre cidadãos alemães”.

Devido à insegurança crescente no envio de cartas oriundas do Brasil e enviadas a este País faz-se necessário uma mudança nos procedimentos para a correspondência relativa a assuntos da A.O. Deverá ser doravante escrito em papel timbrado da Embaixada ou do Ministério das Relações Exteriores sem nenhuma indicação de partido ou A.O.²¹⁷

Mesmo com todos esses estratagemas, a medida oficial da proibição dificultou as atividades do partido no Brasil. Cossel explicou ao seu chefe em Berlim, Ernst von Bohle,

²¹⁴ Telegramm Von Cossel / Prüfer für Staatssekretär Bohle an Chef AO. Rio de Janeiro, 21 mar. 1940. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

²¹⁵ Telegramm von Bohle für Steffin, Diplogerma Rio de Janeiro. Berlin, 1 fev. 1940. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

²¹⁶ Oficio von Alvermann für A.O. der NSDAP, Amt für Beamte, im Hause. 14 mar. 1940. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

²¹⁷ “Zunehmende Unsicherheit bei der Postverbindung von und nach Brasilien zwingt zur Umänderung des bisherigen Schriftverkehrs in AO – Angelegenheiten. Diese müssen in Zukunft auf Briefpapier der Botschaft oder des Auswärtigen Amt ohne Hinweis auf Partei oder AO geschrieben werden”. Entzifferung von Prüfer für Herrn Staatssekretär Bohle persönlich. Rio de Janeiro, 16 dez. 1939. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

identificado no telegrama com o pseudônimo “Hübner”, que o trabalho da organização da A.O. no Brasil estava cada vez mais difícil, principalmente devido à comunicação:

Peço para informar, Hübner, tão logo quanto possível, com referência a carta de 29 de maio, nossa situação referente ao trabalho da A.O. está bastante difícil e por meio de telegramas “abertos” ainda se tornou mais precária.²¹⁸

(ilustração 2.12)

Esta série de correspondências nos levou a concluir que, mesmo após a proibição em abril de 1938, o partido continuou funcionando, utilizando diversas artimanhas para continuar suas atividades. Enquanto houvesse o chefe do partido, Hans Henning von Cossel e este não havia sido preso, nem deportado, enquanto houvessem os consulados e embaixadas alemães, havia a presença do III Reich no Brasil. Tal situação somente mudou em 1942, com o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e a conseqüente deportação de Cossel e outros diplomatas, fechamento de consulados e embaixadas e prisões de alemães.

2.2. Racismo tropical: mudança de alvo do judeu para o mestiço?

A comunidade judaica nos início dos anos 1930 no Brasil era de 200 mil integrantes.²¹⁹—Em grande maioria esta comunidade vivia na cidade, com algumas exceções.²²⁰ Já a comunidade negra e mestiça brasileira chegava a mais de 45%. Nos relatórios, percebe-se que havia um conflito para o alemão nazista conviver com o que ele considerava como *raça inferior*. As dificuldades com o clima, a vegetação, os hábitos brasileiros estavam em segundo plano perante a questão racial. Em relatos de caráter quase etnográfico, os alemães se esforçaram para descrever diferentes aspectos deste País tropical.

²¹⁸ “Bitte Hübner, soweit dies möglich, unter Bezugnahme auf seinen Brief vom 29. Mai zu verständigen, dass unsere Lage bezüglich Auslandsorganisationsarbeit recht schwierig und durch das „offene“ Telegramm noch prekärer geworden”. Entzifferung von Cossel, Prüfer für Staatssekretär Bohle an das Auswärtige Amt. Deutsche Botschaft, RJ, 27 jun. 1940.

²¹⁹ <http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=456&p=0>

²²⁰ Em Rolândia (PR), havia uma comunidade de judeus que trabalhava na agricultura.

O impacto do “outro”, brasileiro com relação ao imigrante alemão — principalmente o adepto ao nazismo — foi muito grande. Neste sentido, descrever o Brasil, suas peculiaridades geográficas, climáticas e humanas era um desafio e exercício constantes. Procurava-se compreender, descrever para depois julgar e verificar as possibilidades de desenvolvimento do *Deutschtum* (germanismo) neste País tropical. Questionava-se como se daria a criação de uma Alemanha nos trópicos e isto só seria feito com base em uma ideologia e em estruturas institucionais, das quais o partido, ao lado dos consulados e da embaixada, desempenharia um grande papel, mas sem esquecer as “barreiras raciais” que deveriam ser respeitadas, principalmente a da não-miscigenação com os nativos.

O partido priorizava em seu discurso que a união entre os alemães não dependeria da região que se encontravam, mas do sangue. A propaganda nazista dizia que esta união clamava por “sacrifício”. No caso, transportando o discurso para a *praxis*, sacrifício financeiro: o partido exigia a doação para a Ajuda de Inverno alemã; sacrifício de relações sociais: evitando-se o casamento com brasileiros; sacrifício do *labore*, para executar as demais atividades sugeridas pelo partido: participar de suas festividades, reuniões, palestras; matricular seus filhos em escolas pró-nazismo, etc. O partido aspirava por uma reprodução das condições sociais da Alemanha nas terras brasileiras. Mas não há como negar que ele estava instalado no Brasil e só isto já traria outras problemáticas e vivências, como por exemplo, este choque com a população local, e isto foi vivenciado como uma espécie de obstáculo.

A convivência de alemães com judeus era rara. Em alguns poucos registros, encontram-se informações sobre este “encontro” no Brasil. Com os negros, os mestiços, os brasileiros e os povos de outras raças, ela era rotineira. Não houve registro de confrontos entre as etnias, mas as reclamações, de inúmeros gêneros, estavam sempre presentes. Principalmente a partir da segunda metade da década de 1930, houve uma reação da parte dos brasileiros com relação a estas idéias segregadoras. Estimulados pela propaganda anglo-americana do “perigo alemão”, muitos se expressavam contra este nacionalismo de Hitler no Brasil, sempre com base no nacionalismo brasileiro. Curiosamente, os argumentos versavam pelo mesmo tipo de raciocínio, a vertente racial, enfatizando a miscigenação como a força da “raça brasileira” e o estrangeiro como o alienígena que viria romper este pensamento nacional.

O jornal *A notícia*, de Joinville, publicou um artigo em junho de 1939 que classificou os estrangeiros como “exploradores” e “atrevidos”, pessoas que abusariam das características da cultura brasileira como a hospitalidade. Com forte caráter xenófobo, enfatizou que o estrangeiro deveria ser repellido do território nacional. Concomitantemente, enalteceu a “raça brasileira” que, ao contrário do pensamento dos eugenistas, teria sua força na mestiçagem e também a desejada “pureza”:

O Século XXI será o do Brasil. Todas as grandes collectividades humanas tem sua época e nós começamos a marchar para o logar que nos compete no conceito Universal. Brasileiros, devemos crer na nossa gente, nas nossas possibilidades e no nosso grandioso destino! Castiguemos os más brasileiros e o estrangeiro atrevido que aqui vem explorar nossa terra, nosso sangue, abusando de nossa hospitalidade! Repilamos o alienígena, forte ou fraco que aqui vem com arreganhos de querer mais do que o dono da terra!”(...)

Somos um povo forte, formado por várias raças que se fundem no cadinho maravilhoso que é o território brasileiro. Não haverá força humana capaz de enfraquecer nossa Independência, não haverá obstáculo que se oponha a nossa marcha de grande nação. E o Brasil que se levanta, é, o Brasil que marcha.(...)

O sangue que todos têm nas veias, é o sangue do Brasil, o mais puro, o mais real que veio da fecundidade da terra! Crenças nascidas no Brasil, mais do que nunca todas são brasileiras e não há força humana que contrarie essa realidade divina, e toda essa pujança. Essa exuberância, esse progresso que vamos obtendo, tudo é oferta de Deus as creanças nascidas no nosso querido Brasil.²²¹

Enquanto os alemães consideravam reações deste tipo como segregacionismo, eles também menosprezavam o nacionalismo brasileiro, chamando-o de “nativismo”. Os brasileiros, por sua vez, reclamavam da intervenção do alemão no seu cotidiano: bares que só tocavam músicas alemãs, corais que só aceitavam moças alemãs, cultos que eram feitos em alemão.²²² Um grande problema foi a proibição, pelo partido, do casamento entre raças. Pretendia-se, assim, manter a pureza ariana sem a mistura com o “sangue brasileiro”. Isto causou controvérsias, uma vez que muitos alemães pertencentes ao partido simplesmente contrariaram esta ordem e se casaram com brasileiras. O partidário Veit, do movimento

²²¹ *A notícia*, Joinville, 20 jun. 1939. Ata 127506. AA/B, Alemanha.

²²² Ata 104939. AA/B, Alemanha.

nazista da Nicarágua, afirmou sobre os casamentos inter-raciais com as mulheres latino-americanas: “Pela minha própria experiência, eu sei, que os alemães são casados com as nativas, tem preconceito com o partido nazista, porque eles discordam da nossa posição na questão racial”.²²³

Além das nacionalidades diferentes, o problema, citou Veit, era que a população da América Latina era mestiça. Segundo ele, nos Estados Unidos não haveria este “problema” com a raça, dada a maioria branca. Confuso, ele escreveu às lideranças do movimento nazista no exterior, querendo saber se um alemão casado com latino-americana ainda poderia fazer parte do partido:

Estou, porém, na dúvida, como deverá ser o procedimento nos países latino-americanos, cuja população, em grande parte, é formada de mulatos e mestiços: pode um alemão, que é casado com uma nativa, ser incentivado para ingressar no partido nazista ou é preferível renunciar a isto?²²⁴

A resposta não consta nas atas, mas, com certeza, seria não. A chefia do movimento nazista no exterior era taxativa com a política da “não-mistura” de raças.

Em vários documentos, percebemos também o uso do termo “Negers” (negros – em alemão, um termo pejorativo) e sempre em comparação com a raça ariana. Os imigrantes germânicos se incomodavam de serem tratados como negros, ainda mais, ao invocar a memória recente da escravidão no Brasil. Segundo relatórios enviados à Alemanha na década de 1930, os imigrantes alemães que recebessem uma passagem livre para o Brasil deveriam desconfiar das boas intenções deste “donativo”, afinal, deveriam trabalhar na lavoura — onde seriam degenerados — ou em indústrias nas cidades, em “nível de negros”:

²²³ “Aus meiner eigenen Erfahrung weiss ich, dass Deutsche die mit Eingeborenen verheiratet sind, gegen die NSDAP voreingenommen sind, weil sie an dem Rasse Standpunkt unserer Bewegung Anstoss nehmen”. Relatório de Hans Nieland, Hamburgo, 23 jun. 1931. Ata 296a. BA/B, Alemanha.

²²⁴ “Ich bin mir aber völlig im unklaren, wie es sich damit in den Lateinamerikanischen Ländern verhält, deren Bevölkerung zum grössten Teile aus Mulatten und Mestizzen besteht. Kann ein Deutscher, der mit einer Eingeborenen verheiratet ist, bearbeitet werden, um in die NSDAP einzutreten, oder ist es vorzuziehen, davon Abstand zu nehmen”. Idem.

1) *Trabalhadores; que aqui na maioria das vezes como trabalhadores especializados apenas fazem concorrência na indústria alemã, os quais são degradados no nível de um negro e cujas crianças, se não houver reemigração, serão perdidas para o Deutschtum (germanismo),*
2) *Trabalhadores rurais: aqui devem se deixar estragar nas colônias.*²²⁵

No momento de mudança de política brasileira, em 1938, o tom dos relatórios da A.O. passou a ser de estranhamento. Pareceu-lhes espantoso que os brasileiros, “sempre tão amigos”, de um momento para o outro, passaram a implementar uma política de perseguição aos alemães. Segundo os relatórios, ao contrário, o Brasil deveria ser grato pela imigração alemã, pois os germânicos, além de serem ótimos colonos, representaram uma melhora na raça brasileira. As mulheres alemãs poderiam ser, ao mesmo tempo, boas esposas, enfermeiras e ensinar alemão para as crianças. Uma família alemã poderia significar “sete crianças loiras”.²²⁶

Muitas vezes foi analisado o “problema da raça” no Brasil. Os alemães nazistas se perguntavam, a este respeito, como seria possível estabelecer o germanismo no Brasil. Analisavam, por exemplo, o processo de miscigenação entre índios, portugueses e negros, advindo da época em que o Brasil era colônia de Portugal, enfocando que isto seria um dos maiores problemas do País: “Um novo ingresso de sangue estrangeiro se sucedeu pelos negros importados como escravos da África Ocidental. Se for verdade que a parte masculina permaneceu como escrava, vale lembrar que a Casa Grande era acessível para uma moça negra, jovem e bonita.” (...).²²⁷ (*ilustração 2.13*)

Além da não-miscigenação, um ponto enfatizado é a continuidade de se falar alemão, com a ajuda da imprensa alemã e do partido nazista local, que ajudaria a manter as tradições culturais. “Por uma união cultural do germanismo trabalharam somente algumas

²²⁵ „Arbeiter, die hier als meist Facharbeiter der deutschen Industrie nur Konkurrenz machen, die im übrigen aber auf das Niveau eines Negers herabgedrückt werden und deren Kinder, wenn keine Rückwanderung eintreten kann, dem Deutschtum verloren sind.

2) Landarbeiter, die hier auf den Kolonien verkommen müssen.“ Ata 127506. AA/B, Alemanha.

²²⁶ Abschrift. São Paulo, 13 fev. 1939. an Herr Bark von gez. Treutler. Ata 127506. AA/B, Alemanha.

²²⁷ “Weitere fremde Blutzufuhr kam durch die aus Westafrika als Sklaven eingefuehrten Neger. Blieb auch der maennliche Teil im Sklavenverhaetnis, so stand doch dem jungen und huebschen Negermaedchen der Zutritt ins Herrenhaus offen.” Deutsche Schicksalsfragen in Brasilien, ca. 1938. Ata 127503. AA/B, Alemanha.

pessoas de modo contínuo. Para o tronco da língua foi a imprensa em língua alemã, cuja função na manutenção da língua alemã merece reconhecimento irrestrito”.²²⁸

A imagem que os alemães nazistas tinham dos brasileiros era carregada de estranhamentos, principalmente no que diz respeito ao tipo físico de seus habitantes. O jornal de Frankfurt *Der Unterhaltung*, por exemplo, publicou uma série de artigos com o título “Um Nazista viaja para a América do Sul”, sobre a viagem de Heinz Bickendorf, um alemão partidário que estava a bordo de um dirigível, em 1936, e que viajou da Alemanha ao Rio de Janeiro.

Ilustrado com fotos tiradas do próprio dirigível da Baía do Guanabara e do Pão de Açúcar, o jornal publicou uma espécie de diário de bordo das impressões de Bickendorf sobre a *terra brasilis*. A mistura entre raças foi o tema do artigo “Branco e Preto no Brasil”, no qual ele discorreu sobre os negros que “estão em toda a parte” e que trabalhavam junto aos brancos. Bickendorf enfatizou a missão do partido em território brasileiro de arregimentar os alemães e ligá-los à Pátria Mãe. Também discorreu sobre a forma de organização dos alemães no Brasil, destacando que alguns grupos deles, que se encontravam isolados no interior do País, construíram uma maneira própria de manter suas tradições, sem passar pelo crivo do partido. Nos textos, tudo tinha um ar de aventura, de um caminhar por um país exótico e cheio de “perigos”. Em um dos artigos da série, Bickendorf observou a importância da força de trabalho vinda da imigração, fazendo referência, com ironia, da intensa imigração dos judeus nos últimos anos. O cenário era da capital federal, Rio de Janeiro, que tinha recebido, pelo seu porto, grande parte dos navios de emigrantes vindos da Europa:

Aparentemente não há judeus suficientes, pois os imigrantes judeus vieram do Reich de forma numerosa e sem impedimento para o país. Então, nós estamos de qualquer maneira, livre deles. Para relatar brevemente os fatos externos, diga-se que a típica imagem do porto passa muito rápido e que a Avenida Rio Branco em cuja extensão correm carros, começa com um prédio grande. (...) Na rua 7 de setembro está a Casa Alemã e a chefia do partido (nazista). Lá eu fui bem acolhido quando me apresentei. Um companheiro se ofereceu para me acompanhar

²²⁸ “Für den kulturellen Zusammenschluss des Deutschtums arbeiteten immer nur Einzelpersonen. Ihr Sprachrohr war die deutschsprachige Presse, deren Anteil an der Erhaltung der deutschen Sprache, restlose Anerkennung verdient.” Deutsche Schicksalsfragen in Brasilien, ca. 1938. Ata 127503. AA/B, Alemanha.

e a sua ajuda. Eu recusei isto e continuei o caminho. Apesar de todas as advertências de minha mulher, prefiro em países estrangeiros – sem considerar o horário e o meio – passar sozinho entre as pessoas e as coisas (...)

Existe (o Brasil) desde aproximadamente 100 anos como nação na História. É apenas na primeira, segunda e terceira geração que estão no processo de se tornar um povo: germânicos, romanos, índios e negros, 3,6 habitantes por metro quadrado (na Alemanha são 140). Este país deve parecer para seu povo ser novo e totalmente grande. Eles não têm o tempo como passado e não podem organizar o espaço geográfico, se querem evitar que na abundância os torna infelizes.²²⁹

Além de observar com estranhamento os negros, o observador nazista afirmou que havia também pontos positivos no Brasil, por exemplo, a luta do presidente Getúlio Vargas contra o comunismo.²³⁰ Mas o tom de ironia prevaleceu quando ele fez referência a uma personagem Maria, garota alemã, que vivia alheia ao germanismo e mergulhada no trabalho braçal no Brasil. Apesar de estar em uma “terra clara” (alusão ao clima tropical), onde Deus é brasileiro, se sentia infeliz e tinha saudades da *Heimat* (Pátria Mãe). O partidário afirmou que esta “boa Maria” não se valia da sorte em jogos como loteria (fazendo referências aos hábitos brasileiros) e muito menos acreditava que “Deus é brasileiro”:

Valente Maria, você conhece e ama sua Pátria e deve ainda contra ela lutar. Você conhece e ama sua gente e permanece a eles alheia. Você não pode jogar na Loteria e aguardar pela sorte, que Deus é brasileiro. Você tem que lutar com a vida, que você mesma construiu.²³¹

²²⁹ “Nur offenbar noch nicht genug Juden, denn die jüdischen Einwanderer aus dem Reich gingen zahlreich und ungehindert an Land. Na, wir sind sie jedenfalls los. Um kurz den äußeren Tatbestand wiederzugeben, sei vermekt, dass man sehr rasch das typische Hafengebäude im Rücken hat und mit einem Hochhaus die Avenida Rio Branco beginnt, durch deren Breite der Verkehr jagt. (...) In der Rua 7 de setembro sind das “Deutsche Heim” und die Parteileitung. Ich wurde dort, als ich mich vorstellte, herzlich aufgenommen. Ein Parteigenosse hat sich zur Begleitung und Hilfeleistung an. Ich lehnte ab und begab mich wieder auf den Weg. Trotz aller Ermahnungen meiner Frau zieh ich es selbst in fremden Länder vor, ohne Rücksicht auf die Tageszeit und das Milieu, ganz allein unter den Menschen und Dingen zu weilen. (...) Seit etwas hundert Jahren erst als Nation in der Geschichte, in erster, zweiter und dritter Generation erst in der Volkwerdung begriffen: Germanen, Romanen, Indianer und Neger; 3,6 Einwohner auf den Quadratkilometer (in Deutschland 140). Dieses Land muss seinen Menschen neu und unermesslich groß erscheinen. Sie haben die Zeit als Vergangenheit nicht und dürfen den Raum nicht ordnen, soll sie nicht sein Überfluß unglücklich machen”. Bickendorf, Heinz, Ein Nationalsozialist fährt nach Südamerika. Die Unterhaltung, Frankfurt, 12 nov. 1936. IfS, Alemanha.

²³⁰ Bickendorf, Heinz, Weiß und Schwarz in Brasilien - Ein Nationalsozialist fährt nach Südamerika. Die Unterhaltung, Frankfurt, 22 dez. 1936. IfS, Alemanha.

²³¹ “Tapfere Maria, du kennst und lieb dein Land und mußt doch gegen es kämpfen. Du kennst und liebst seine Menschen und bleibst ihnen doch fremd. Du kannst nicht Lotterie spielen und hinter dem Glück

A experiência do partidário Bickendorf é significativa do olhar do alemão nazista sobre a realidade brasileira dos anos 1930. Um olhar repleto de estranhamentos: em primeiro lugar, pela composição da população brasileira, com mestiços, negros, brancos e imigrantes, dentre eles, judeus. Este olhar perpassou os hábitos brasileiros, como jogar na loteria, e emitiu julgamentos quanto à forma de pensar deste País. Ao contrário da máxima que *Deus é brasileiro*, Bickendorf acreditava na moral do trabalho, vigente na Alemanha nazista. Acreditou, por fim, que esta realidade tinha pouco a ver com a do imigrante alemão, sendo a única solução viável um desejável fechamento, sem contatos e misturas com o Brasil e sua população.

Anti-semitismo

Dado este embate: brasileiros negros e mestiços X alemães, ou *nativismo* brasileiro X nacionalismo alemão, o anti-semitismo era enquadrado como um discurso importado. Ou seja, na teoria, ele existia na publicação de inúmeros artigos e documentos anti-semitas, mas não na prática. Foram percebidas raras ações de embates concretos entre a comunidade judaica e a alemã estabelecidas no Brasil. O jornal *Deutscher Morgen*, por exemplo, publicou, ao longo de seus 10 anos, artigos anti-semitas, mas que, em sua maioria, nada tinham a ver com a realidade brasileira. Eram os judeus de “lá”, contra os alemães de “lá”.

(ilustração 2.14)

No Brasil, o preconceito se forjou de maneira diferente. Em alguns casos do cotidiano, perceberam-se até aproximações entre as duas etnias, inimigas na teoria. Alfred Kepler, por exemplo, afirmou que, quando as firmas alemãs foram colocadas na Lista Negra, por ocasião da entrada do Brasil na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados, quem defendeu seu pai, membro do partido nazista, foi um advogado judeu:

ausruhen, dass Gott Brazilianer ist. Du musst mit dem Leben ringen, dass du selbst dir schufest. Bickendorf, Heinz Das Märchen des deutschen Mädels Maria in Brasilien.

Bickendorf, Heinz, Ein Nationalsozialist fährt nach Südamerika. Die Unterhaltung, Frankfurt, 8 dez. 1936. IfS, Alemanha.

Os americanos colocaram todos os representantes alemães da América do Norte e Latina na Lista Negra. Como eu tinha muitos amigos americanos, fui lá ao consulado. Eu falava inglês. O funcionário disse: “não tem problema, nós tiramos o teu pai da lista negra, só basta ele fazer uma declaração que os alemães são todos bandidos etc e tal”. (...) Então nós começamos a entrar numa fria. Aí veio um *advogado judeu, amigo de papai* e falou assim: “olha, você está frito, a única saída é tomar o seu filho e abrir uma firma no nome dele, uma firma fantasia, intercâmbio de ferragem etc.” E foi feito essa firma. (*grifos meus*)²³²

Mesmo a pouca frequência de embates cotidianos entre as duas comunidades, o anti-semitismo permeou todo o discurso nacional-socialista do movimento nazista no exterior e também no Brasil. Ele era usado, por exemplo, para achar *culpados*. Por exemplo, se no Rio Grande do Sul o discurso nazista não havia conseguido a penetração esperada, a *culpa* era dos judeus. Segundo os relatórios do consulado alemão de Porto Alegre, a capital gaúcha se “enjudiava” dia após dia, e este fenômeno era o problema central da região. Os judeus foram citados como aqueles que manteriam o monopólio do comércio e da imprensa no Brasil.²³³ No momento da proibição do partido, a culpa desta medida foi atribuída aos judeus, aos maçons, aos norte-americanos e à Igreja Católica.²³⁴ O próprio von Cossel, líder do partido no Brasil, afirmou que os judeus haviam “inventado” o problema do perigo alemão em solo brasileiro.²³⁵

No discurso da festa do Dia 1º de Maio, realizado no Consulado de Curitiba, em 1939, um pouco antes da invasão da Polônia pela Alemanha e deflagração da II Guerra Mundial, houve uma ênfase de que o *Judentum* (judaísmo) foi motivo de desagregamento do *Deutschtum* (germanismo), enfatizando-se a reconstrução do povo alemão frente ao domínio dos judeus nas finanças e na imprensa mundial. Em um discurso tipicamente anti-semita, afirmou-se que judeus que haviam investido contra os alemães não haviam saído vitoriosos e que agora chorariam lágrimas amargas:

²³² Entrevista de Alfred Kepler realizada em São Paulo/SP em 19 nov. 2002 por Ana Maria Dietrich, Ana Sílvia Bloise e Humberto Redivo Neto.

²³³ Bericht von gez. Dr. Ulrich Kuhlmann an das Auswärtige Amt in Berlin. 17 ago. 1938. Deutsche Konsulat Porto Alegre. R27916. AA/B, Alemanha.

²³⁴ Abschrift. Lagebericht. Santa Cruz, August 1938. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

²³⁵ Entzifferung von gez. Cossel / Prüfer an das Auswärtige Amt, Berlin. Deutsche Botschaft, Rio de Janeiro, 22 abr. 1940. Ata 27916. AA/B, Alemanha.

A influência da raça judaica que foi dominante nos anos de guerra e pós-guerra²³⁶, na imprensa, no cinema, nas artes e na ciência, no direito, na economia e nas finanças, resumindo: na vida inteira do povo alemão, que ameaçou causar a horripilante demolição e degeneração do povo alemão, foi quebrada sem reservas e de maneira abaladora depois que as advertências para o judaísmo mundial para parar com sua agitação subversiva, em uma primeira fase não teve êxito. Quando passou silenciosamente o sofrimento dos alemães na época do pós-guerra, agora (os judeus) estão chorando lágrimas amargas. É interessante, porém, que ninguém deseja acolhê-las.²³⁷

Em outros momentos, o judeu e outros imigrantes “não arianos” foram apontados como “impróprios” para o trabalho da agricultura.²³⁸ Em Rolândia (PR), a presença de judeus entre os colonos alemães causou um conflito, que foi apaziguado por Hans Henning von Cossel, líder partidário no Brasil, que instruiu o ponto de apoio local da agremiação para fazer eventos do partido e restabelecer o germanismo, ao mesmo tempo, evitando conflitos com a comunidade judaica e restabelecendo a paz entre os colonos.²³⁹

Mas o discurso anti-semita também ganhou outras dimensões, ligadas, principalmente, à imigração judaica brasileira na década de 1930, com a vinda de refugiados do regime nazista. Os relatórios da Embaixada Alemã no Brasil descreveram este processo de maneira completamente desabonadora: “Eles sempre encontravam um jeito para vir ao Brasil, quer utilizando falsos passaportes, quer subornando a alfândega. Quando chegavam, passaram a se concentrar nas cidades brasileiras”.²⁴⁰

Segundo tais relatórios, a Alemanha já havia solucionado o problema dos judeus, pois neste País, eles estavam “sob controle”, causando “pouco dano”. O perigo judaico

²³⁶ Refere-se aqui a I Guerra Mundial.

²³⁷ “Der in den Kriegs – und Nachkriegs jahren vorherrschend gewordenen Einfluss des rassenfremdem Judentum in Presse, Film, Kunst und Wissenschaft, Rechtspflege und Wirtschaft und Finanzen, kurzum im ganzen Leben des deutsches Volkes, der zu einer erschreckenden Demoralisierung und Volksentartung zu führen versprach, wurde nach anfänglichen vergeblichen Warnungen an das Weltjudentum, seine Wühlarbeit gegen Deutschland einzustellen, schliesslich rücksichtslos und gründlich gebrochen. Während man über die deutsche Not der Nachkriegszeit still – schweigend hinweggegangen war, weint man jetzt bittere Tränen bezeichnenderweise will niemand sie gern aufnehmen” Ansprache anlässlich der Feier des 1 mai. 1939 im Deutschen Konsulat in Curitiba. Ata 127506. AA/B, Alemanha.

²³⁸ Bericht über die Dienstreise nach Brasilien. Sept. 1937 bis Februar 1938. Berichterstatter: Legationsrat Dr. Kundt e W. Meyer, Geschäftsführer der Gesellschaft für Siedlung im Auslande. Ata 127506. AA/B, Alemanha.

²³⁹ Ibidem.

²⁴⁰ Ibidem.

agora estava no exterior e eles observavam com exagerado interesse a imigração judaica em território brasileiro:

O judeu no Reich em si é com certeza indesejável, mas está sob controle e daí mais ou menos inofensivo. Mas, no exterior, há o perigo, que em pouco tempo arrume meios e então, como emigrante, exerça uma forte e prejudicial influência em todos os lugares possíveis onde há interesses alemães.²⁴¹

Muitas vezes, o interesse se transformava em efetivo controle do processo imigratório dos judeus neste País. Pela leitura dos jornais brasileiros, com as informações que interessavam sublinhadas com lápis vermelho ou azul, o governo alemão, através da A.O., observava de longe o trânsito destas pessoas, a formação de suas sociedades, entre outros.²⁴² Em atas específicas sobre a imprensa brasileira, os nazistas recortaram diversos artigos de jornais brasileiros que faziam referência à emigração judaica ao Brasil. Entre estes, cita-se um exemplar do jornal *O Globo*, sem data, cuja manchete grifada foi: “Mais de dous mil judeus perseguidos do hitlerismo se acham no Rio e São Paulo”. Os nacional-socialistas fizeram muitos sinais de interrogação no trecho:

Hitler os expulsou:
Seriam nocivos a Alemanha de hoje? Hitler achou que sim e os expulsou em massa. Saíram saudosos das margens do Reno que defenderam na guerra e foram correr mundo. Uns para o norte – aos milhares – outros para o sul – em massa – e, ainda, outros para a liberdade americana.²⁴³

²⁴¹ “Der Jude im Reich selbst ist zwar sicher unerwünscht, aber unter Kontrolle und daher mehr oder weniger unschädlich. Im Auslande besteht die Gefahr, dass er sehr bald zu Mitteln kommt und dann als Emigrant an allen möglichen Stellen einen die deutschen Interessen auf das schwerste schädigenden Einfluss ausübt”. Abschrift Kult. E1539/37. Deutsche Botschaft. Rio de Janeiro, 30 set. 1937. Ata 127503. AA/B, Alemanha.

²⁴² NS 43 229 Bd: G-J 1933-1937 Enthält: *Gazeta Israelita, o Globo, o Homem Livre, o Imparcial, a Informação, Jornal de Assis, Joinvillenser Zeitung, Jornal de Commercio, o Jornal Rio de Janeiro, o Judeo*. BA/B, Alemanha.

²⁴³ *O Globo*, Rio de Janeiro, s/d (1934?). NS 43 229 Bd: G-J 1933-1937. BA/B, Alemanha.

Outro trecho grifado faz referência ao número de imigrantes judeus refugiados do nazismo que vieram para o Brasil e a quantidade de famílias, homens, mulheres e crianças que se estabeleceram em São Paulo. No artigo, constam também as profissões que judeus estariam desempenhando em solo brasileiro:

2000 Israelitas no Brasil

Para o Brasil, dividindo-se por esta capital e pelo Estado de São Paulo, vieram 800 famílias, com um conjunto de mais de 2000 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Dos homens dessa gente, 20% são acadêmicos (professores e artistas), 40% comerciantes e 40% profissionaes. Entraram logo em actividade, e presentemente, 45% já tem emprego e 30% trabalha por conta própria. Há apenas, a parcella de 25% de desempregados. Fundaram a “Sociedade dos Expulsos Judaicos da Allemanha.”²⁴⁴

(ilustração 2.15)

Outro recorte do jornal *O Século XX* também fazia referência à comunidade judaica, desta vez carregado de uma série de estereótipos e preconceitos. Com a manchete: “o Judeu faz tráfico de brancos”, o jornal afirmava que:

Os Judeus fazem todos os negócios... vendem móveis a prestações açambarcam o mercado cinematográfico, compram jóias contrabandeadas, lesam o fisco com seus processos de vendas sem estabelecimento licenciado... tudo elles fazem inclusive a venda de mulheres...²⁴⁵

Mesmo que o *corpus documental* analisado não faça concluir que havia uma ameaça de invasão militar de Hitler no Brasil ou na América Latina, os documentos de carácter anti-semita aqui analisados demonstram que houve um perigo em potencial de ações contra as comunidades judaicas estabelecidas além da fronteira da Europa. Pela análise dos documentos, caracterizou-se o interesse da parte do governo alemão de saber os lugares onde os judeus se refugiaram no Brasil, os tipos de sociedade que formavam e o seu perfil profissional. Para nós, isto se caracterizou em um interesse *perigoso*, pois é demonstrativo

²⁴⁴

Idem.

²⁴⁵

O Século XX, Rio de Janeiro, 17 mar. 1936. NS 43 229 Bd: G-J 1933-1937. BA/B, Alemanha.

do controle do movimento desta comunidade no exterior, que poderia munir as autoridades nazistas para futuras ações anti-semitas. Frases como o da Embaixada Alemã no Brasil em 1937, que os judeus já estavam “sob controle” na Alemanha e que, no exterior, é que eles representariam uma “ameaça”, demonstram que o anti-semitismo nazista voltou seus olhos também para os judeus do Brasil, que poderiam ser o próximo alvo no regime nazista.

2. 3. Entre sigmas e suásticas

Um dos principais efeitos da tropicalização do nazismo foi a adesão de teuto-brasileiros às fileiras do integralismo, principalmente nos estados do Sul do País, onde estavam concentradas as colônias alemãs fundadas desde a metade do século XIX. Na perspectiva do III Reich, o integralismo representou uma onda de nativismo local que ameaçava o *Deutschtum* (germanismo).²⁴⁶ O integralismo pode ser identificado como importante característica do *nazismo tropical* por ser visto como *algo extraordinário* que não estava nos planos originais da Organização do partido nazista no Exterior. O *anauê* que muitos teuto-brasileiros declamavam nas ruas de Blumenau, Harmonia e Rio do Sul, em Santa Catarina, é aqui considerado uma reação “tropical” ao nazismo exportado e segregado que não admitia os miscigenados em suas fileiras. Para os representantes do Reich, havia um explícito repúdio ao integralismo justificado pelas regras da Organização do partido nazista no Exterior que deixavam claro que os alemães não deveriam participar da política local do país de hospedagem (*Gastland*).

Na visão da A.O., os *Deutschbrasilianer* (alemães-brasileiros) se encontravam em um nível inferior aos alemães puros. Inferior, mas ainda interessante, a comunidade de teutos somava 900 mil integrantes²⁴⁷, em sua maioria, simpatizante do regime hitlerista²⁴⁸. Em termos culturais, a comunidade de descendentes havia colaborado com a preservação do *Deutschtum* (germanismo). Ainda que formalmente não lhe fosse permitida a participação efetiva dentro do partido, o governo nazista pensou em formas para a inclusão

²⁴⁶ “Die integralistische Bewegung in Brasilien”. In: *Der Auslanddeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum. Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 18 mar. 1935, p. 125.

²⁴⁷ SEITENFUS apud GERTZ, René Ernaini. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

²⁴⁸ GERTZ, op. cit.

política e social desta “categoria”. A solução encontrada foi a formação de uma associação de amigos de Hitler, que serviria, em tese, para defender os interesses do grupo.²⁴⁹ A Federação 25 de Julho desempenhou, em grande parte, este papel, mas ainda faltava um grande caminho para se tornar uma organização dinâmica e disciplinada. Tal entidade representaria os interesses e as exigências dos teuto-brasileiros, que não precisariam, então, recorrer ao integralismo.²⁵⁰

Este — com seus desfiles, marchas, uniformes e hinos, cuja forma se assemelhava às demonstrações nazistas — foi mais sedutor. Além da “roupagem”, o movimento teria atraído também pelo seu conteúdo ideológico. Inconformados e estimulados a se engajar politicamente, os descendentes de alemães viram no integralismo uma alternativa viável. Segundo Natália Cruz, o apoio aconteceu em via dupla, ou seja, tanto os colonos alemães apoiavam o integralismo quanto os integralistas queriam o engajamento desta população. Alguns traços de caráter atrairiam a população de descendentes de alemães para o partido integralista: “A valorização da ordem e do trabalho, virtudes cultivadas pela AIB [*Ação Integralista Brasileira*]; possuiriam um forte “idealismo pátrio”, fazendo-os se identificarem com um partido realmente nacional, em vez de se ligarem aos partidos tradicionais, que representavam apenas interesses regionais”.²⁵¹ Segundo Cruz, havia diversos paralelos nos princípios do integralismo e do nazismo e ambos tinham como alvo a democracia liberal, os comunistas e o judaísmo internacional. A mesma autora citou o envolvimento de alemães, supostamente espiões nazistas, com o integralismo.

Os estudos que exploraram as relações entre o nazismo e o integralismo divergem entre si. Uma primeira corrente acreditou no separatismo entre os dois movimentos, e a segunda, que houve uma grande colaboração. Há ainda outros estudos que, de uma maneira simplista, identificaram uma corrente com a outra, sem prestar atenção às devidas peculiaridades. Entre aqueles que defendem o colaboracionismo, podemos citar Edgard Carone, Natália Cruz e Bailey Diffie. Edgard Carone citou possíveis variáveis deste colaboracionismo, como a publicação, em Santa Catarina, do jornal integralista *Der Blumenauer Zeitung* em língua alemã, palestras no Sul do País para esclarecer o racismo germânico e financiamento do movimento integralista pelo Banco Alemão

²⁴⁹ Ata R79005. AA/B, Alemanha.

²⁵⁰ Revista *Deutschtum im Ausland*, 1937, p. 21. IFA/S, Alemanha

²⁵¹ CRUZ, N. *Nazismo e integralismo: proximidades e conflitos*. Mimeografado.

Transatlântico.²⁵² Bailey Diffie corroborou tais afirmações acrescentando que ações isoladas dos nazistas agiam em prol dos integralistas, como foi o caso de Walter Honig, chefe do partido nazista no Rio Grande do Sul, que mantinha relações com os membros do integralismo. Diffie acrescentou que os nazistas queriam “dominar” o Sul do Brasil.²⁵³ Cruz enfatizou que, apesar das séries de evidências apontarem para uma colaboração entre as duas correntes, deve-se levar em conta as diferenças marcadas principalmente pelo caráter nacionalista de ambas. Enquanto o integralismo, como movimento nacionalista brasileiro, não concordava com o nacionalismo alemão, o nazismo não queria a assimilação da comunidade alemã no exterior:

Não se pode desconsiderar que a relação entre o nazismo e o integralismo também era marcada por desconfianças mútuas, já que o integralismo, como movimento extremamente nacionalista, temia a influência imperialista do Reich Alemão, e o nazismo não simpatizava com a idéia integralista de nacionalização das minorias étnicas no Brasil, o que incluiria a assimilação cultural dos alemães residentes no país.²⁵⁴

Stanley Hilton, assim como Arthur von Magnus, defendeu que entre nazistas e integralistas houve mais conflitos que aproximações.²⁵⁵ Para Magnus, o movimento integralista e os descendentes de alemães faziam uma oposição ao partido nazista no Brasil. Ele considerou improvável a participação nazista no golpe integralista e acreditou que, se houve colaboração, apenas aconteceu em níveis individuais. Tal pensamento a respeito do golpe integralista é compartilhado por Käte Harms-Baltzer.²⁵⁶ Pensando na perspectiva econômica, Manfred Kossok afirmou que uma das diretrizes do governo nazista na época seria conseguir a hegemonia comercial e, para isto, teria se organizado em diferentes frentes: dominar os mercados de matéria-prima, influenciar alemães e descendentes para trabalharem como quinta-colunas e *colaborar com o movimento fascista local*. Nesta última

²⁵² CARONE, Edgar apud GERTZ, op.cit., p. 119. O levantamento bibliográfico se dará aqui de maneira resumida. Recomenda-se a leitura da obra de René Gertz supracitada para o aprofundamento destas questões, principalmente o capítulo 4.2 - Integralismo e nacional-socialismo.

²⁵³ DIFFIE, Balley apud GERTZ, op.cit., p. 119-120.

²⁵⁴ CRUZ, op. cit., p.2.

²⁵⁵ HILTON, Stanley e MAGNUS apud GERTZ, op. cit., p. 116-121.

²⁵⁶ HARMS-BALTZER apud GERTZ, op. cit., p. 121.

frente, foi citado na época pela imprensa alemã que a subida do movimento integralista ajudou o Brasil a ser retirado da “órbita americana”.²⁵⁷

Em nosso estudo, percebe-se que os integralistas, além de utilizarem em sua propaganda efeitos e símbolos similares à da propaganda nazista como, por exemplo, o sigma sob o mapa do Brasil, faziam questão de mostrar semelhanças entre os dois movimentos políticos. “- Si tu fosses alemão, certamente serias Nacional Socialista. (...) És brasileiro, inscreve-te, portanto, nas Legiões Integralistas e vem vestir a camisa verde dos que se batem pelo bem do Brasil” — constava em um panfleto que circulou na década de 1930.²⁵⁸ Para conseguir o engajamento desta fatia da população, a Ação Integralista Brasileira também se valeu de propaganda em alemão, sempre citando o regime nacional-socialista de Adolf Hitler como paralelo ao que acontecia no Brasil:

Se você é um alemão nacional-socialista e é agradecido à sua Pátria de origem, seu braço se levanta para Hitler que fez a Alemanha livre do caos marxista e comunista (...), então ingresse para as camisas verdes lideradas por Plínio Salgado. O integralismo é um apelo do Brasil para todos que são aqui nascidos! É um chamado da terra que te acolheu de forma hospitaleira (...) Anauê!²⁵⁹

O discurso ideológico semelhante fez com que os descendentes de alemães se beneficiassem da estrutura integralista para desenvolver o programa do nazismo.²⁶⁰ Por sua vez, os integralistas utilizavam em sua propaganda que só com o integralismo seria preservado o *Deutschtum* (germanismo), idéia que não tinha crédito na Alemanha. Segundo a revista *Deutschtum im Ausland*, sempre haveria uma diferença entre os brasileiros integralistas e os “outros”, um grupo de estrangeiros, nos quais os alemães e seu *Deutschtum* não seriam valorizados. Segundo a revista, dois teuto-brasileiros haviam morrido pelo integralismo.²⁶¹ “Nós não conhecemos a expressão “alemães de Blumenau”. Em Blumenau, existem apenas brasileiros e estrangeiros”.²⁶²

²⁵⁷ KOSSOK, Manfred apud GERTZ, op. cit., p. 122.

²⁵⁸ RIBAS, Antonio de Lara. *Punhal nazista no coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, p. 137.

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Revista *Deutschtum im Ausland*, 1935. IFA/S, Alemanha

²⁶¹ Revista *Deutschtum im Ausland*, 1937, p. 21. IFA/S, Alemanha

²⁶² Idem, p. 20.

Pela análise das atas do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, percebeu-se que o governo nacional-socialista, por intermédio de suas associações no exterior, observou o crescimento e o desenvolvimento do integralismo como força política no Brasil desde 1935. Caracterizando-o pejorativamente como nativismo, era completamente contrário a que os alemães e seus descendentes se filiassem a ele. A preocupação era que este movimento iria afetar o *Deutschtum* (germanismo), com o “Heil Hitler” tropicalizado para o “anauê”. Atenção especial se dava à juventude alemã que, em parte, aderiu ao integralismo.²⁶³ A suposta “ameaça” do integralismo foi registrada em relatórios realizados pelo corpo diplomático alemão no Brasil e por membros do partido nazista. A Revista *Deutschtum im Ausland* (Espírito de ser Alemão no Exterior) também se ocupou desta temática.

Sob a visão do III Reich, o movimento integralista destacava principalmente a questão racial: o integralismo visaria melhorar a raça com a diminuição da porcentagem de negros e índios e o aumento dos europeus. O governo nazista caracterizava tal conceito de raça como *Lusotum* (lusitanidade) em contraposição ao *Deutschtum* (germanismo). Apesar de observar as tendências anti-semitas e o combate ao comunismo, vistos como aspectos positivos pelo III Reich, o que era enfatizado nos relatórios e artigos foi a ameaça ao *Deutschtum*.

A citação abaixo mostrou uma tentativa dos alemães de compreenderem o integralismo, visto como nativismo lusitano, movimento que teria como “grande pretensão” fazer do Brasil um Estado semelhante aos países do oeste europeu. Observar a maneira pejorativa que se referiram aos brasileiros colocando em dúvida a capacidade de se formar um estado nacional semelhante aos europeus:

O integralismo, que se apresenta no mundo como um nativismo lusitano, engloba o conceito de brasilidade de tal maneira, *como se os brasileiros pudessem* formar um estado nacional que tem como os europeus do oeste como modelo, também como um Estado que historicamente, lingüisticamente e sociologicamente tivesse formado uma unidade aproximada.²⁶⁴

²⁶³ Revista *Deutschtum im Ausland*, 1935. IFA/S, Alemanha.

²⁶⁴ HÜNSCHE apud Übersetzung aus der Zeitung “O Radical” in Rio de Janeiro vom 12 nov. 1941. “Die Tätigkeit des Nazismus in Südbrasilien” (40f). Ata R 12506. AA/B, Alemanha. Grifos meus.

Mesmo com esta visão do III Reich de não-aceitação, não-colaboração e até menosprezo, a realidade dos círculos das colônias alemãs do Sul do Brasil era diferente. No cotidiano destes alemães e teuto-brasileiros, os discursos se misturavam e a colaboração se dava em diferentes níveis. As ordens vindas da Organização do partido nazista no Exterior, sediada na Alemanha, eram obedecidas de maneira diversa.

Na condescendência entre ordens recebidas e ordens efetivamente seguidas, o modelo ortodoxo ia se distanciando dos possíveis tropicalizados. O jornal *Blumenauer Zeitung*, de Santa Catarina, por exemplo, chegou a ser o porta-voz dos dois grupos — integralista e nazista — ao mesmo tempo. Em outros documentos, foram verificados registros de fotos que mostravam as sedes dos dois movimentos funcionando no mesmo endereço. No livro *O Punhal Nazista no Coração do Brasil*, está publicada uma foto de uma sede localizada na cidade de Rio do Sul (SC) que abrigava, ao mesmo tempo, os dois partidos, nazista e integralista, e tinha a suástica e o sigma na fachada, simbolizando um trabalho em conjunto dos dois movimentos.²⁶⁵ (*ilustração 2.16*)

Da parte das lideranças integralistas, as atitudes variavam entre aproximações e distanciamentos. Plínio Salgado teria feito um acordo diplomático em que não mais ofenderia os nazistas em seu discurso. Mas, em outros momentos, ele afirmou que o Brasil estava ameaçado pelas doutrinas estrangeiras. Salgado, quando estava no exílio, fez uma retrospectiva da história do integralismo e mandou publicar um “manifesto diretiva” em 9 de setembro de 1945, enfatizando o perigo que significou o movimento político dos camisas- cáquis-nazis (nazistas) do qual os camisas-verdes (integralistas) teriam protegido o Brasil²⁶⁶. Cumpre-se notar que esta fala datou do pós-guerra, quando, supostamente, toda a associação de nazistas deveria ser repudiada pelos integralistas.

Gustavo Barroso, a figura número dois do partido integralista, era considerado um grande simpatizante do nazismo. Costumava citar sua descendência alemã, sendo que parte de sua família tinha o sobrenome Dodt. Barroso teria tido, também, receptividade para seus artigos no jornal alemão *Der Stürmer*, um dos principais veículos da propaganda nazista publicado por Julius Streicher. Mesmo com alguns artigos que elogiavam Barroso e outros que demonstravam uma simpatia pelo “fascismo à brasileira”, o integralismo foi lembrado

²⁶⁵ RIBAS, op. cit., p.129.

²⁶⁶ GERTZ, op. cit, p. 116.

pelo jornal no período de seu início (1934-1935) e “esquecido” no momento de sua maior expansão (1935-1938).²⁶⁷ O mesmo líder integralista tentou, em diversos momentos, a aproximação com o Instituto Ibero-Americano de Berlim, chegando a enviar livros anti-semitas de sua autoria para serem resenhados pela revista do Instituto, fato que nunca aconteceu. Ele também foi convidado junto a outras autoridades brasileiras para visitar a Alemanha e melhorar as relações entre os dois países. Barroso permaneceu na Alemanha durante cinco semanas em 1940. Segundo René Gertz, as opções simpáticas de Gustavo Barroso ao nazismo são evidentes:

Entre as lideranças integralistas Gustavo Barroso sempre foi considerado o mais germanófilo e pró-nazista, sobretudo em função de seu ferrenho anti-semitismo. E não há dúvida de que Barroso em diversas oportunidades tentou aproximar-se do nazismo e do Instituto Ibero-Americano.²⁶⁸

Ainda, tanto Salgado quanto Gustavo Barroso, a fim de conquistar a numerosa colônia teuto-brasileira, fizeram questão de lembrar as raízes germânicas de seus descendentes²⁶⁹. Salgado, por intermédio de um enviado, teria feito, em 1935, um contato para pedir apoio financeiro e moral para a luta contra o comunismo. No ano de 1936, o secretário de estudos da AIB de Pindamonhangaba teria pedido dinheiro a Embaixada Alemã para uma viagem cujo propósito seria levar o integralismo para uma linha alemã.²⁷⁰ Mas a tentativa foi frustrada.

Todo este movimento não mudou a idéia do III Reich sobre o integralismo, que era apontado como perigoso e, ainda mais, como algo fora da normalidade. Em ofício da A.O. para o DAI (Deutsches Ausland-Institut – Instituto alemão do exterior) foi colocado o seguinte problema: “A questão do integralismo coloca nosso trabalho alemão no Brasil

²⁶⁷ GERTZ, René. A influência política alemã no Brasil da década de 30. *Estudos interdisciplinários da América Latina y el Caribe*. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/VII_1/gertz.htm>.

²⁶⁸ Ibidem.

²⁶⁹ Ibidem, p. 184.

²⁷⁰ Ibidem, p. 135.

diante de *problemas extraordinários*²⁷¹ (*grifos meus*). A nosso ver, esta mistura ideológica que, contra toda a vontade e orientação do III Reich, aconteceu no Brasil, é tida como o principal ponto da tropicalização do nazismo e da resistência à tropicalização proferida pelas lideranças nazistas. Os tais “problemas extraordinários” não estavam previstos nas diversas regras e diretrizes propostas pela A.O. aos grupos dos partidos nazistas no exterior. Os “camisas-verdes” e seu grito de *anauê*, vistos pejorativamente como uma mera imitação do nazismo, causaram sérias preocupações aos alemães nazistas. O problema se agravou com o golpe integralista e a suspeita de que alguns alemães nazistas teriam participado. Isto poderia acabar se tornando um ruído diplomático entre os dois países, que naquele momento, se viam em um namoro comercial muito intenso.

Participar do movimento integralista infringia diretamente um dos princípios do nacional-socialismo no exterior. Como solidariedade à *Gastland* (terra de hospedagem), era vedada aos partidários a participação na política local. Os nazistas deveriam se manter neutros com relação à política interna e não poderiam divulgar suas idéias a estrangeiros.²⁷²

Além desta “infração” às regras do movimento, pesava também a questão racial. Temia-se que se os alemães aderissem aos ensinamentos integralistas, acontecesse a miscigenação e a raça ariana desaparecesse em duas ou três gerações.²⁷³ Outra causa de preocupação foi o conceito de raça dos integralistas. Segundo a revista, os integralistas visariam criar o *Lusotum* (espírito de ser luso) e, para isto, utilizariam da mistura de raça com os europeus brancos para diminuir a porcentagem de negros e índios da população brasileira. O resultado seria então uma “melhora da raça lusitana, na qual, porém, não se deseja ver provavelmente sangue negro e indígena”.²⁷⁴

A força política do movimento no Sul do Brasil, pela concentração do maior número de teutos e de alemães, também foi enfatizada pela revista *Deutschtum im Ausland*. Nas eleições municipais de 1936 teria havido uma vitória maciça dos integralistas nas prefeituras do Sul, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Blumenau,

²⁷¹ Ibidem, p. 136.

²⁷² EHRLICH, Emil. *Die Auslandsorganisation der NSDAP*. Schriften der Deutschen Hochschule für Politik. Herausgegeben von Paul Meier-Benneckenstein. II. Der Organisatorische Aufbau des Dritten Reiches. Heft 13. Berlin: Junker Dünnhaupt Verlag, 1937.

²⁷³ Revista *Deutschtum im Ausland*, 1937. IFA/S, Alemanha

²⁷⁴ “um die verbesserte lusitanische “Rasse” zu schaffen, in welcher man allerdings vielleicht nicht gerade allzu viel Neger und Indianerblut sehen möchte”. Idem, p. 19.

Joinville, Rio do Sul, Jaraguá, Harmonia e São Bento). O resultado não seria possível sem a adesão dos teutos que votaram e apoiaram os integralistas. A força desta vitória foi vista como uma das maiores dificuldades para se opor politicamente a tal movimento.²⁷⁵

(ilustração 2.17)

Nas eleições municipais, 850 mil eleitores de todo o Brasil tinham optado a favor do integralismo. Nos estados do Sul, se concentrou a maior parte de votantes, com 560 mil e, em Santa Catarina, vieram 125 mil votos para o integralismo. O avanço dos integralistas em regiões de intensa colonização alemã foi vista com reserva pela revista *Deutschtum im Ausland*, que detalhou cada cidade em que o partido havia conseguido vitória nas urnas.

Efetivamente uma grande porcentagem do *Deutschtum* (germanismo) de Santa Catarina marcha nas fileiras integralistas. Do Rio Grande do Sul vem também das antigas regiões de colonização alemã próximas a São Leopoldo, Nova Hamburgo e Santa Cruz como também das mais novas regiões de colonização no nordeste e leste do estado, em que se nota uma forte apresentação do integralismo.²⁷⁶

Alguns teuto-brasileiros chegaram a morrer como mártires da Ação Integralista Brasileira. José Luiz Schroeder, morto em conflito de rua em São Sebastião do Caí (RS) com a polícia em 24 de fevereiro de 1935 e Ricardo Grünwaldt, morto em Jaraguá (SC), em 7 de outubro de 1936, eram os mais lembrados pelos próprios integralistas. Germano Sacht morreu no mesmo dia e local que Ricardo.²⁷⁷

Vários relatos reportam a esta espécie de “racismo tropical” difundido entre a comunidade alemã no Brasil. Alguns destes alemães que mantinham este pensamento racista proclamavam-se integralistas. É o caso do alemão Hans Walter Taggesell, citado como integralista destacado e Comandante da Milícia Integralista, que escreveu em carta para o seu pai na Alemanha, datada de 1929:

²⁷⁵ Revista *Deutschtum im Ausland*, 1937, p. 19. IFA/S, Alemanha

²⁷⁶ Revista *Deutschtum im Ausland*, junho de 1937, p. 61. IFA/S, Alemanha

²⁷⁷ Jornal *Acção*, São Paulo, 7 out. 1937, p. 3.

Quando me casar, se alguma vez o fiser, procurarei mulher que ajude um pouco o marido e não uma que saiba apenas vestir-se bem para agradar outro homem... Em caso algum, porém com brasileira. Meus filhos deverão ter sangue limpo e não virem ao mundo sífilíticos.²⁷⁸

Em outro momento, em 1931, Taggesell escreveu outra carta carregada de preconceitos contra o povo brasileiro: “No que se refere à preguiça e comodismo, o brasileiro certamente não é superado por nenhum povo no mundo”. Em 1932, em outra correspondência particular, Taggesell voltou a fazer comentários pejorativos sobre o Brasil, chamando-o de “terra de macacos”.²⁷⁹ Afirmou também que: “Aqui só há dois partidos: um que está no governo e que rouba desenfreadamente e outro que desejaria governar para também roubar. É um verdadeiro teatro de macacos (...)”.²⁸⁰

Uma reportagem no jornal inglês *Times*, de 3 de setembro de 1937, detonou uma série de publicações em jornais brasileiros sobre as influências nazistas no Brasil. Como repercussão, o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, publicou reportagens sobre o movimento nazista no Sul do Brasil e fez várias referências ao integralismo e à “mistura ideológica” entre as duas correntes. Ao citar as semelhanças entre as duas correntes, o jornal fez uma distinção entre dois “tipos” de integralistas. Os primeiros foram considerados nacionalistas e engajados no bem-estar do Brasil. Os segundos transgrediriam estas normas, acentuando-se mais o lado germanizado. (*ilustrações 2.18, 2.19 e 2.20*)

*Segundo o jornal, da parte dos nazistas também havia certa confusão, uma vez que alguns líderes, como o caso do chefe da cidade de Taió (SC), identificado com Friss, que compareceu a um ato público em Rio Sul (SC) ostentando no braço a insígnia do sigma ao lado da suástica. A explicação para tal mistura foi que a população teuta condenava o “nazismo de exportação” dos nazistas tradicionais e se identificavam mais com o integralismo, pelo seu discurso que, segundo o jornal, era anti-semita, anticomunista e antiliberal.*²⁸¹

Sem deixar de expressar a sua opinião contra o integralismo, *O Globo* publicou também uma série de artigos sobre o governo integralista nas prefeituras, enfatizando

²⁷⁸ TAGGESELL apud RIBAS, op. cit., p. 112 e 113.

²⁷⁹ Idem, p. 113.

²⁸⁰ Pela data, ele se referiu, provavelmente, ao partido republicano paulista (que fez oposição a Vargas na Revolução Constitucionalista de 1932) e ao partido de situação, de Getúlio Vargas. Idem, p. 113.

²⁸¹ Idem.

principalmente a má gestão. Eles foram acusados de maus administradores. Em reportagem de outubro de 1937, o jornal abriu com a manchete: “Não prometemos nada”. A frase foi atribuída para a “gente integralista”, sem especificar quem a tinha falado. No corpo da matéria, a opinião foi explícita contra os integralistas: “Blumenau não teve o prazer de receber nenhum resultado verdadeiramente apreciável da propalada ação renovadora e progressista do sigma”.²⁸²

O jornal referiu-se, por exemplo, às obras da Estrada de Ferro Santa Catarina. Como haviam sido contratados muitos trabalhadores nesta obra que eram não-integralistas, os camisas-verdes, representados pelo jornal “Alvorada”, teriam reclamado por se considerarem no direito de obter a vaga de emprego pela sua opção ideológica.²⁸³

Com as notícias de vitórias políticas do integralismo, o III Reich costumava chamar o País de “Brasil integralista”, dada a força com que o movimento se expandiu nos anos 1930. Um ano depois, em 1938, com a tentativa de golpe integralista, a visão dos nazistas sobre esse movimento mudou de perspectiva: eles passaram a ser vistos como desarticulados e incapazes de chegarem ao poder.²⁸⁴ A preocupação mudou de foco: houve uma suspeita de que partidários do nazismo no Brasil, entre eles seu líder máximo, Hans Henning von Cossel, teriam participado do golpe integralista.²⁸⁵ Algumas prisões foram efetuadas, mas nada ficou provado. Em entrevista ao jornal *O Radical*, Cossel se isentou da culpa com relação ao golpe de 11 de maio.²⁸⁶

A atenção do governo nazista sobre a ameaça de golpe integralista não foi tão expressiva, pois outro acontecimento tinha abalado as relações entre a Alemanha e o Brasil naqueles meses: a proibição do partido nazista local pelo governo brasileiro em abril do mesmo ano. Tal acontecimento gerou uma série de ruídos diplomáticos e o integralismo e sua ameaça ao *Deutschtum* foram colocados em segundo plano.

²⁸² “Não prometemos nada.” A decepção causada pela estréia dos integralistas no governo de Blumenau. Observações de um blumenauense. In: *O Globo*, outubro de 1937, Ata 104939. AA/B, Alemanha.

²⁸³ “A preferência aos trabalhadores integralistas em obras públicas e os casos que a respeito surgiram em Blumenau — as sinecuras — o secretário Schubert Jr.” *O Globo*, outubro de 1937, Ata 104939. AA/B, Alemanha.

²⁸⁴ Revista *Deutschtum im Ausland*, 1938, p. 384, 385. IFA/S, Alemanha.

²⁸⁵ Ata R127506. AA/B, Alemanha.

²⁸⁶ Übersetzung aus der Zeitung “O Radical” in Rio de Janeiro vom 12. November 1941. “Die Tätigkeit des Nazismus n Südbrasilien” Ata R 12506. AA/B, Alemanha.

Conclui-se que — tendo em vista os documentos analisados — não houve, em nenhum momento, uma política oficial de colaboracionismo entre os dois partidos, integralista e nazista. Na visão do III Reich, o integralismo era um movimento local de caráter nativista que deveria ser ignorado pelos alemães e teutos residentes no Brasil. A tal “mistura ideológica” deveria ser evitada. Preocupou, porém, ao governo nazista, a adesão de alemães e descendentes ao movimento integralista no Sul do Brasil, em primeiro lugar porque eles estariam infringindo a regra da A.O. de não-intervenção na política local e, em segundo, devido à visão de raça dos integralistas que previa a miscigenação com os brancos europeus, incluindo os alemães. A expressividade e a força política dos integralistas em região de colonização alemã também foram observadas com interesse pelo governo alemão.

No universo cotidiano das colônias, houve tentativas individuais de aproximação. Existem diversos exemplos que mostraram um trabalho em conjunto entre os dois partidos, como jornais publicados em comum e sedes que foram compartilhadas pelos dois movimentos. Outra variável levada em consideração é a diferença regional. Foi pontuado a todo o momento que a realidade que analisamos foi da região Sul do Brasil, onde se concentrava o maior número de teuto-brasileiros. Como se deu a relação entre integralismo e nazismo em estados de outras regiões do Brasil é um tema que ainda deverá ser analisado pela historiografia.

Capítulo 3

Nazismo Regional

“Eles preservaram fora do país a sua raça pura e evitaram se miscigenar com a população local.”

Der Auslandsdeutsche, jan. 1937.

Sobre a “preservação da raça” dos alemães no Espírito Santo.²⁸⁷

3.1. Partido nazista: distribuição nos estados brasileiros

(ilustração 3.1)

Acompanhando-se a formação dos círculos, grupos locais e pontos de apoio do partido nazista no Brasil, percebemos que, embora a presença expressiva do partido nos estados sulinos, onde havia maior representação de alemães, os primeiros grupos do partido

²⁸⁷ “Sie haben draußen ihre Rasse rein gehalten und jede Vermischung mit der eingeboren Bevölkerung unterlassen”. *Der Auslandsdeutsche*, jan. 1937, p. 32. IFA/S, Alemanha.

se situavam também nos estados do Nordeste — caso da Bahia e Pernambuco, com maior número de integrantes — e no Norte, caso do Pará. Em termos numéricos, apesar de em menor proporção em comparação com os estados do Sudeste e do Sul, não podemos desconsiderar a presença de 40 partidários na região Nordeste e 54 na região Centro-Oeste. Isto é pouco representativo se comparado com os principais núcleos (Sudeste, com 1339 partidários, e Sul, com 1152), porém, eles se articularam com a comunidade alemã local, marcando presença em clubes, firmas e jornais.

O partido nazista estava presente em 17 estados brasileiros. Uma presença expressiva e com números proporcionais à comunidade alemã estabelecida em cada um destes estados. Mesmo que a historiografia brasileira tenha se concentrado em estudos relativos à colônia alemã no Sul do Brasil, havia grupos germânicos por todo o País, com números significativos nos estados do Pernambuco, Mato Grosso, Goiás, Pará e Bahia. Tais grupos, a exemplo do que acontecia na região sulina brasileira, também tiveram seus representantes ligados ao governo nazista e estabeleceram grupos regionais do partido ou pontos de apoio. Também comemoravam as datas festivas do III Reich, organizavam-se em clubes, escolas e publicavam jornais em língua alemã. As tabelas relacionadas acima mostram a proporção equivalente entre o número de alemães de cada estado e o número de partidários, a preponderância numérica dos grupos do partido do Sul e Sudeste e a presença, mesmo em menor proporção, do partido em estados do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste:

NÚMERO DE FILIADOS / alemães por região do Brasil (1930/ 1940)

Sudeste		
São Paulo	785	33.397
Rio de Janeiro	447	9475
Minas Gerais	66	2095
Espírito Santo	41	623
Total	1339	45590
Sul		

Santa Catarina	528	11.291
Rio Grande do Sul	439	15.279
Paraná	185	12.343
Total	1152	38913
Nordeste		
Pernambuco	43	672
Bahia	39	542
Sergipe	1	47
Alagoas	1	45
Paraíba	21	115
Ceará	4	140
Total	109	1561
Norte		
Pará	27	186
Amazonas	4	64
Total	31	250
Centro-Oeste		
Goiás	23	284
Mato Grosso	31	426
Total	54	710
Sem informação de local	137	-

Os estados do Sudeste contabilizavam o maior número de partidários e alemães de nascimento, seguidos pelos estados do Sul, que apesar de possuírem a maior colônia de descendentes, perdia em número de germânicos possuidores da cidadania, condição que poderia ser observada principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo assim, os grupos do partido no Sul também eram bastante expressivos. No Nordeste, os grupos regionais de maior contingente eram a Bahia e Pernambuco, seguidos de grupos menores. No Norte, destaca-se o Pará. No Centro-Oeste, apenas Goiás e Mato Grosso tinham alguma representatividade.

Esses números não incluíram a parcela flutuante de partidários, ou seja, os alemães da agremiação que não faziam parte dos quadros do partido do grupo do Brasil, mas que faziam viagens e expedições às terras brasileiras com fins etnográficos e de observação. Por exemplo, apesar do grupo de partidários ser formado apenas por quatro pessoas no Amazonas, houve uma expedição nazista liderada pelo geólogo e piloto alemão Otto

Schulz-Kampfhenkel, que durou de 1935 a 1937, para fazer um reconhecimento da fauna e da flora da Amazônia.

Várias foram as viagens dos dirigíveis alemães ao Brasil. Em outubro de 1935, por exemplo, o então prefeito de Frankfurt am Main (Alemanha), Friederich Kreps, voou para o Brasil a bordo de um dirigível. O objetivo era visitar a América do Sul, em especial, o Rio de Janeiro. Na viagem, o prefeito teria levado 50 garrafas do mais puro vinho e a nova bandeira do Reich. Após a viagem, Krebs enviou cartas de agradecimento à hospitalidade dos brasileiros e alemães que encontrou.²⁸⁸

A imagem do paraíso tropical perpassou os relatórios de viagem produzidos por diplomatas, partidários e funcionários do III Reich. Ela é representativa do olhar do colonizador sobre o Brasil. Nas fotos que circulavam na Alemanha e dentre a colônia alemã no Brasil eram recorrentes as imagens de palmeiras, matas, cabanas, enfim, a imagem de um país pobre, rural e tropical. Desejava-se retratar, principalmente, a precariedade dos alemães estabelecidos no Brasil, o lado exótico da fauna e flora, a população local e a queima da mata. Das cidades brasileiras, a escolhida como cartão-postal era o Rio de Janeiro. Associações como a *Jugend-Gemeinschafts-Siedlung Heimat* (Fundação jovem de colonização da pátria) procuravam divulgar a idéia, por intermédio da propaganda, que elas iriam auxiliar o imigrante a “desbravar esta selvagem floresta brasileira”.²⁸⁹ Transmitiu-se, então, uma imagem bastante negativa do Brasil associada à idéia de barbárie, mas que não impediu a emigração de 238 mil alemães para o Brasil, de 1884 a 1933.²⁹⁰ (*ilustração 3.2*)

Ao traçar a história do partido nazista no Brasil em seus diferentes núcleos regionais, foram analisadas algumas questões. A primeira é a dimensão do Brasil aliado as suas diferenças regionais. Instalar um partido no Pará, próximo à selva Amazônica, no litoral de Recife e entre as colônias agrícolas alemãs de Santa Catarina, só para citar três exemplos, tem uma grande diferença, tanto de clima, como de costumes, de hábitos, de conjuntura política e de economia local. A história do partido foi marcada por tais peculiaridades que aqui serão interpretadas como as múltiplas formas de tropicalizações do nazismo.

²⁸⁸ Magistratsakten – 47/69. Signatur 5318. Dienstreisen des Herrn Oberbürgermeisters. 1115/10a, 1935-1938. Staat/F, Alemanha.

²⁸⁹ Ata 127503. AA/B, Alemanha.

²⁹⁰ KUNDT, Ernst. *Auslandsorganisation der NSDAP*. Bonn, 21 jun. 1965. Ata R127875. AA/B, Alemanha.

Tais diferenças foram analisadas sob a perspectiva dos próprios partidários ou representantes do povo alemão, uma vez que os documentos foram produzidos por eles. Pretendeu-se, assim, recuperar a visão e vivência destes alemães a respeito do território brasileiro, desnudando o olhar sobre o “país tropical” — considerado ora como um País de Hospedagem (*Gastland*), ora como uma colônia da Alemanha, sempre sendo comparado com a Pátria Mãe (*Heimat*) e enfatizadas as diferenças. Nesses documentos foram ressaltados aspectos como o estabelecimento das colônias “em meio à selva” e a resistência “nativista”²⁹¹ ao *Deutschtum* (espírito de ser alemão).

As lideranças partidárias e os membros dos consulados e da embaixada preocupavam-se em mostrar ao Reich o “desvendamento” dessa realidade para eles tão “obtusa” e “estranha”, fornecendo inúmeros detalhes sobre as regiões, como o tipo de agricultura que era praticada e dados sobre a economia, movimentos políticos e número de habitantes. Quanto maior fosse o conhecimento destas realidades singulares ao olhar europeu alemão, melhor seria para o governo do Reich fortalecer suas instituições em solo estrangeiro, principalmente o partido nazista.

A propaganda nacional-socialista reforçava a idéia de que os alemães residentes no exterior deveriam oferecer uma espécie de *sacrifício* à Pátria Mãe para que acontecesse, também no estrangeiro, algo similar ao processo que a Alemanha tinha passado. Segundo tal propaganda, teria havido um “despertar da primavera”, no qual a Alemanha, pela ascensão do nacional-socialismo, superou uma profunda crise econômica e política e “renasceu da noite escura”.

A Alemanha, neste momento, voltou seus olhos para o desenvolvimento do *nazismo tropical* nestas áreas caracterizadas como “colônias” e terras “nativas”. De norte a sul, o interior do Brasil foi descrito como uma grande selva, e os alemães, corajosos aventureiros. Segundo a propaganda, o nacional-socialismo — por meio de seus representantes — procurava alcançar cada colono alemão, mesmo aquele que morasse na mais distante picada de mato. Esta é a primeira grande semelhança entre os estados brasileiros que percebemos nas descrições dos documentos relativos aos grupos do partido nazista espalhados pelo Brasil: seja no meio da floresta amazônica ou nos pampas gaúchos, eles estavam instalados — ao olhar destes alemães — “em meio a um país tropical”.

²⁹¹ Os alemães classificavam de maneira pejorativa, de “nativismo”, o sentimento nacionalista brasileiro.

O Brasil nos anos 1930 era predominantemente rural: dos 30 milhões de residentes, 75% moravam no campo, portanto, muitos grupos locais e pontos de apoio do partido foram estabelecidos em colônias rurais. Tais imigrantes alemães que se adentraram no interior do Brasil rural; tiveram que construir, de maneira precária, as próprias residências e plantar seu alimento, o sustento de suas famílias. Este “pioneirismo” era constantemente ressaltado nos relatórios como um aspecto positivo, mas ao mesmo tempo associado à idéia de perigo desta condição de “desbravadores”. Isto era uma grande preocupação para a Alemanha.

Como o maior grupo de partidários fora da Alemanha, a expressividade do partido nazista no Brasil não passou despercebida pelas autoridades nacional-socialistas. O enviado da Alemanha Schmidt-Elskop, por exemplo, descreveu a situação da seguinte maneira: “Em nenhum lugar nas terras do além-mar vivem alemães e descendentes em tal número em colônias fechadas como no Sul do Brasil”.²⁹²

A maioria destes alemães se mantinha fiel à terra de seus antepassados, mesmo vivendo em vilas em meio à mata, “distantes dias a cavalo ou a carro”. Aqueles que já estavam no Brasil há cinco ou seis gerações haviam “germanizado” a língua portuguesa ou “abrasileirado” a alemã. Por exemplo, palavras como “Schacker” (chácara) e “Kabocler” (caboclo) não existiam na língua alemã e eram adaptações criadas pelos imigrantes e descendentes estabelecidos no Brasil. Ao contrário do pensamento vigente na época, que acreditava que os alemães viviam em guetos fechados; étnica e socialmente, houve um processo de interação com a sociedade brasileira em diferentes escalas. Isto fez com que mesmo a língua, considerada um dos elementos de manutenção da cultura alemã, se transformasse em contato com a sociedade brasileira.

A Revista *Terra das Palmeiras*, publicada em São Paulo nos anos 1920, explorou bem este encontro lingüístico, que subentendia também um encontro de culturas entre os colonos e a sociedade brasileira. Com a preocupação de dar a eles uma base de conhecimento para aprender a se movimentar em tal “território estranho”, a revista publicou traduções de trechos de *Os Lusíadas*, de Camões, e de *O Guarani*, de José de Alencar, clássicos da literatura portuguesa e brasileira difundida no Brasil. Apresentou também conjugações de verbos “chaves” para o imigrante como dar, falar, partir e exemplos de um

²⁹² Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

vocabulário específico sobre a realidade de um colono rural no Brasil como as partes de um cavalo, da cozinha e do banheiro.²⁹³ O próprio nome da revista é significativo da representação que estes colonos fizeram do Brasil: *terra das palmeiras*, fazendo alusão à exuberância de sua mata, enfatizando a espécie *palmeira*, que cobria grande parte do litoral brasileiro.

Giralda Seyferth afirmou que a continuidade da utilização da língua nativa — o alemão — era uma importante característica de pertencimento desta comunidade étnica, daí a preocupação do Exército e do governo brasileiro em proibir as línguas estrangeiras e de se nacionalizar escolas. Segundo ela:

O processo histórico de imigração e colonização produziu sociedades diferentes da brasileira, com instituições etnicamente definidas, e onde os idiomas de origem se tornaram idiomas do cotidiano. Mais do que as idéias alienígenas e as identidades étnicas definidas e veiculadas em jornais, escolas etc., os cenários cultural e social das colônias, sua vida cotidiana, comprometiam e afrontavam a concepção de unidade nacional. Ali “perdia-se a sensação de Brasil”.

(...) O território — a base física do *jus soli* — não devia conter senão uma cultura e uma língua nacional (produtos da formação histórica, de caldeamento, do país), e a campanha de nacionalização impõe-se como único procedimento eficaz para inoculação de sentimentos de brasilidade, transformando alemães e outros estranhos, imbuídos de idéias erradas sobre sua pátria, em brasileiros de fato (e não, apenas, de direito).²⁹⁴

Pelo conceito de tropicalização, no entanto, percebe-se que o uso da língua alemã no Brasil não impediu que ela se transformasse e, diferentemente da oficial utilizada na Alemanha, se tornasse não apenas uma língua germânica, mas *uma língua alemã falada no Brasil com seus abramileiramentos, sotaques e dialetos*.

Mas, como atestou Seyferth, estes abramileiramentos da língua alemã não foram suficientes ao Estado Novo que queria somente uma língua nacional que expressaria um único sentimento de brasilidade: o português. Neste sentido, foi implementada a campanha de nacionalização, principalmente após 1939, que atingiu as áreas coloniais. As conseqüências foram fortes tanto no ensino, com a substituição de professores estrangeiros

²⁹³ IFA, Stuttgart.

²⁹⁴ SEYFERTH, Giralda. *A assimilação do imigrante como questão nacional*. <http://www.scielo.br/scielo>.

<http://www.scielo.br/scielo>.php?pid=S0104-93131997000100004&script=sci_arttext

pelos “nacionais”, quanto na imprensa, com a censura a jornais étnicos, e no cotidiano em geral, com a proibição de se falar idiomas estrangeiros em público. Jovens descendentes de estrangeiros foram recrutados para o Exército e foram criados entraves às organizações comunitárias culturais. Com a entrada do Brasil na Guerra, em 1942, os ânimos contra as comunidades de alemães, italianos e japoneses se exaltariam ainda mais.²⁹⁵

As mudanças da política do Brasil com relação à Alemanha também podem ser percebidas pelas manchetes de capa do jornal nacional-socialista *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã), publicado em São Paulo. Em março de 1932, quando foi publicado o primeiro número, o jornal trazia na capa o retrato de Adolf Hitler. Já em novembro de 1941, o periódico mudou seu nome para *Aurora Ilustrada* e a capa foi ilustrada com o então presidente brasileiro Getúlio Vargas com a legenda: “A majestosa visão do Estado Novo”. Todos os artigos deste número foram publicados em português. A política nacionalizadora de Vargas surtiu o efeito esperado.²⁹⁶

Mesmo que muitas idéias e hábitos de tal germanidade tivessem sido preservados ao longo de gerações, havia grande resistência ao nazismo da parte dos descendentes. Alguns se diziam nacionalistas e, ao mesmo tempo, leais ao governo brasileiro. Além disto, se recusavam a seguir a liderança dos alemães integrantes do partido, a partir do seguinte pressuposto: “Nós nada temos contra o nazismo, apesar de não quisermos que nossos jovens sejam “guiados” por estranhos. Queremos nós mesmos os guiar e realizar nossas festas”.²⁹⁷

Haveria, portanto, uma certa dificuldade para os colonos — que até então haviam vivido sob um regime liberal — incorporarem os valores da “nova Alemanha”, como o país passou a ser chamado na época do III Reich. Esta foi a opinião de Elskop, o enviado alemão ao Brasil, que afirmou também que os alemães e descendentes estabelecidos no Brasil desenvolveram um novo sentimento no lugar do tradicional *Deutschtum*, que seria o *Deutsch-Brasilianertum* (germanismo brasileiro ou abrasileirado). Suas características, além da estranheza aos integrantes do partido, seria a reivindicação para participar da política local. Os adeptos do “germanismo brasileiro” queriam eleger governantes que

295

Ibidem.

296

Deutscher Morgen (1932-1942). São Paulo, SP. IFA-S e Instituto Martius Staden- SP

297

Relatório de Schmidt-Elkop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

protegessem seus interesses. Isto viria contra a política da não-interferência na política local, umas das premissas instituídas pelo partido exterior.²⁹⁸

Para a resistência dos teutos-brasileiros se transformar em conflito aberto não demoraria muito. Ao observar tal tensão no ar, as autoridades alemãs tanto no Brasil quanto na Alemanha se preocuparam em encontrar soluções viáveis. Uma delas foi confiar na competência e no espírito de conciliação de Hans Henning von Cossel, o chefe do partido nazista no Brasil. A outra seria formar uma associação exclusiva para os teuto-brasileiros, que pretendia formar personalidades da colônia alemã que se destacassem no contexto político brasileiro, como foi o caso dos irmãos Konder.²⁹⁹

Estes e outros conflitos foram inerentes ao cenário da estruturação do partido neste país tropical em regiões brasileiras bastante heterogêneas. Mesmo abordando algumas questões regionais, ficará em aberto para futuros trabalhos a análise pormenorizada da história de cada núcleo regional do partido.³⁰⁰ O objetivo, no nosso caso, é traçar um panorama nacional, centrado na problemática do nazismo tropicalizado no Brasil.

3.2. Sul

(ilustração 3.3)

O Sul é conhecido pela historiografia brasileira como lugar por excelência de imigração alemã. De fato, na segunda metade do século XIX, chegaram muitas levas de imigrantes alemães para povoar esta região do Brasil, incentivados muitas vezes por companhias de navegação. Além de desenvolverem colônias agrícolas, estes colonos primaram por preservar suas tradições culturais, com a realização de festas e a criação de

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ Adolfo Konder foi governador de Santa Catarina entre 1926 e 1930. Victor Konder foi ministro da Viação do governo Washington Luís. Ibidem.

³⁰⁰ Alguns projetos já estão em desenvolvimento. É o caso da história da partido nazista no Paraná e no Rio Grande do Sul. SILVA, Micael A. *Tríplice fronteira: preconceito e repressão no Estado Novo*. Projeto do Programa Uniamérica de Iniciação Científica – PRUIC. Faculdade União das Américas / PR. Orientador: Blasius Silvano Debal. CAMPELO, Tais. *Cortando as asas do nazismo: a Polícia Política no Rio Grande do Sul*. Projeto de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

associações populares, como clubes e associações de tiro, escolas e igrejas. Eles conceberam sua maneira de se relacionar com a política e desenvolveram suas próprias lideranças.

Com a chegada dos representantes do partido nazista local na década de 1930, a região, que por todas as características culturais de preservação do germanismo seria o melhor local para a difusão das idéias nazistas, foi palco de grandes conflitos. Muitos dos alemães que moravam nestes estados já estavam entre a 2ª e a 3ª geração e, por isto, eram chamados de *Volksdeutsche* (alemães do povo) em comparação com os *Reichsdeutsche* (alemães de sangue). Os *Volksdeutsche* não podiam entrar no partido nazista. Os *Reichsdeutsche* eram, em sua maioria, jovens e radicais, e se sentiam intimamente superiores pela questão da cidadania e por se sentirem “incumbidos pelo Führer da missão de desenvolver o partido em terras distantes”.

Os *Volksdeutsche*, há tempos instalados no chamado “País de hospedagem”, não aceitavam a liderança destes jovens. Muitos deles, principalmente no estado de Santa Catarina, mesmo sendo, em sua grande maioria, fiéis admiradores do regime de Hitler, escolheram militar nas fileiras de outra facção política, a do partido integralista, causando desconforto à matriz do partido na Alemanha.

Nos estados do Sul, houve diferenças na recepção e no acolhimento dos grupos locais do partido nazista pelas autoridades locais. Em Santa Catarina, houve uma oposição marcante vinda, principalmente, dos interventores Aristiliano Ramos (1933-1935) e seu primo Nereu Ramos (1935-1945), este último responsável por uma série de nacionalizações em escolas e associações alemãs.³⁰¹ Enquanto isso, os interventores do Paraná, Manoel Ribas, e do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, apoiaram a difusão do chamado germanismo e as manifestações pró-nazistas.

A descrição de dados específicos das regiões onde a colônia alemã se localizava está vinculada a quatro aspectos. O primeiro seria o interesse pelo conhecimento da realidade “tropical” para verificar possibilidades de desenvolvimento da raça ariana e de condições para a disseminação do nazismo.³⁰² O segundo aspecto teria um caráter econômico. Desejava-se manter parcerias comerciais com o Brasil que, nesta época, era um importante

³⁰¹ <http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/historia/paginas/governadores.html>

³⁰² Como as experiências com os alemães no Espírito Santo, conforme vimos na primeira parte deste estudo.

fornecedor de matérias-primas para a Alemanha. O terceiro, político, se ligava à política do III Reich de preocupação com o “alemão no exterior”, principalmente após as ondas emigratórias da segunda metade do século XIX e durante a República de Weimar.

Ainda teria um quarto aspecto. Apesar de todas estas preocupações com a economia e os movimentos políticos locais, a principal missão dos diplomatas alemães no Brasil e América do Sul estaria no âmbito cultural³⁰³. Além dos três consulados em território brasileiro, empenhavam-se nesta tarefa o próprio partido nazista e outras instituições ligadas aos interesses do alemão no exterior: a VDA (*Volksbund für das Deutschtum im Ausland* – União para o germanismo no exterior), o Instituto de Exterior em Stuttgart, o Instituto Ibero-americano e o RDV (*Reichsverband der Deutsche Vereine im Auslands* – Liga do Reich das associações alemãs no exterior). Todas elas seguiam instruções diretas da Alemanha.

A grande quantidade dessas associações que cuidavam dos alemães no exterior, às vezes causava ingerência das mesmas, uma vez que havia, muitas vezes, sobreposição de papéis e tarefas. Entre outras coisas, interesses financeiros estavam em jogo: de acordo com esta divisão de papéis, seriam destinados os recursos vindos da Alemanha.

Um dos conflitos registrados foi, por exemplo, entre o partido nazista, a Frente de Trabalho Alemã — DAF — e o Centro Agrícola na colônia Cruz Machado, localizada próxima a Curitiba (PR). Ocupados em proteger e preservar os interesses dos alemães e teuto-brasileiros, seus papéis acabaram por se chocar. Após algumas negociações, ficou estabelecido que o partido nazista, juntamente à DAF, se responsabilizariam pela esfera do político, enquanto o Centro Agrícola cuidaria dos interesses econômicos e culturais.

Tais divisões estanques não solucionaram os problemas de divisão de tarefas. Sempre que possível, o partido nazista reivindicava ações na esfera cultural, ao que o Centro Agrícola discordava. O centro argumentava que não seria possível que o partido cuidasse destas questões uma vez que os colonos se sentiriam melhor em uma organização brasileira. Mas, mesmo assim, o centro admitiu que houvesse uma tentativa de trabalho em conjunto com o partido, tolerando a presença de um partidário na direção do centro. Os colonos — em carta aberta à liderança do círculo local do partido — reclamavam da

³⁰³ Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

presença e interferência do partido: “Nós somos gente da terra, que duramente ganha seu pão e existência (...) temos todos a dura batalha pela preservação da raça e da língua. Além da política, nós precisamos trabalhar aqui (...)”³⁰⁴

Uma das preocupações dessas instituições era com as escolas alemãs estabelecidas no Brasil. O governo do III Reich dava tanta importância às escolas, consideradas como mantenedoras do *Deutschtum* (germanismo), como ao partido nazista. A nacionalização de escolas causou quase o mesmo desconforto diplomático que a proibição do partido. Havia no Brasil 2559 escolas alemãs, conforme tabela abaixo:

Número de escolas alemãs no Brasil / 1935

Estado	Escolas
Rio Grande do Sul	1300
Santa Catarina	800
Paraná	350
São Paulo	50
Minas Gerais	20
Rio de Janeiro	20
Espírito Santo (Vitória)	15
Bahia	3
Pernambuco	1
Total	2559

Fonte: Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

Os números da tabela acima abrangeram pequenos estabelecimentos no interior do estado. As menores escolas geralmente dependiam de recursos vindos da Alemanha, enquanto as médias e grandes, que em sua maioria estavam estabelecidas nas cidades maiores, conseguiam arrecadar mais receita. A falta de verbas foi o principal problema das escolas alemãs antes da campanha de nacionalização realizada por Getúlio Vargas, que ocasionou também em uma disputa entre os dois nacionalismos — brasileiro e alemão.³⁰⁵

Houve resistência do governo nazista que reclamou que, por falta de verba para erguer escolas estatais, o governo brasileiro optou pelo caminho mais fácil: a simples

³⁰⁴ Carta aberta de Cruz Machado à liderança do partido nazista. Ata R127503. 16 set. 1937. AA/B, Alemanha.

³⁰⁵ DIETRICH, Ana Maria. Caça às suásticas: o partido nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo, 2001. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, p. 199.

“intromissão” de inspetores brasileiros — classificados como “nativistas” — nas escolas alemãs. Um dos problemas vistos pelo governo alemão foi a exigência de se ministrarem aulas em português (a “língua nativa”) com um corpo de professores cuja maioria não conhecia o idioma local.³⁰⁶

Atento às peculiaridades da grande colônia de teuto-brasileiros no Sul, o enviado alemão³⁰⁷ Arthur Schmidt-Elskop, empreendeu uma viagem em 1935 a estes estados produzindo uma descrição minuciosa que foi enviada ao Ministério das Relações Exteriores na Alemanha em forma de relatórios. Seu testemunho teve uma perspectiva etnográfica: observou não só número da população local e da comunidade alemã, mas também os aspectos geográficos (clima e vegetação) e econômicos. Elskop visitou desde as capitais — Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis — até um grande número de vilarejos e colônias rurais localizadas no interior destes estados. O alemão chegou a ir até mesmo a “escolinhas” alemãs escondidas em meio à mata e utilizou frequentemente a linha aérea alemã do Sindicato Condor para facilitar seu deslocamento entre estados.

Durante a viagem, interessou a Elskop desde mapear lugares e verificar a produção local até diagnosticar conflitos. Chamou a atenção para a presença do partido em praticamente todos os lugares visitados, desde capitais até pequenas vilas. Ele visitou todas as sedes do partido e algumas vezes os partidários o recebiam com jantares ou festas. Tornou-se um roteiro de viagem *normal* para o diplomata visitar escolas, firmas, associações e a sede do partido nazista.

Nos cerca de 100 mil quilômetros do território de Santa Catarina, estado na época com um milhão de habitantes, o solo foi considerado “frutífero”³⁰⁸ e houve o registro da produção de couro, mandioca, banana, tabaco, mate, madeira, carne, banha, manteiga e lã. O Rio Grande do Sul foi descrito como “o maior e mais rico” dos estados do Sul, com 300 mil quilômetros de extensão e 3 milhões e 200 mil habitantes e seu clima seria semelhante

³⁰⁶ Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

³⁰⁷ Até 1936, o Brasil não tinha propriamente um embaixador alemão e sim um “enviado”. Somente a partir deste ano, as relações Brasil-Alemanha se elevam para embaixadas. GERTZ, René Ernaini. “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”. In: GERTZ, René E.; PADRÓS, Enrique Serra; RIBEIRO, Luiz Dario (orgs). Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón. Porto Alegre: Folha da História - CD-AIB/PRP - Palmarinca, 2000.

³⁰⁸ Nota-se a repetição desta expressão “solo frutífero” em inúmeros documentos, sendo esta representação comumente associada à idéia de paraíso tropical do Brasil, usada para atrair mão-de-obra imigrante a partir da segunda metade do século XIX.

ao do Uruguai. Além da atividade agrícola, havia uma produção fabril incipiente com indústrias têxtil, de fabricação de chapéu e de cofres. Na fronteira entre Sudeste e sul, entre os estados do Paraná e São Paulo, foram verificadas diferenças na vegetação com a presença marcante de pinheiros. O clima da região Sul já não podia ser chamado de tropical, mas sim de subtropical. A produção se concentrava em erva-mate, carne e banha, e os principais concorrentes eram o Paraguai e a Argentina. No Paraná, foi destacada a produção de couro, café, farelo e sêmea. Entre os problemas, foi citada a profusão das chamadas *doenças tropicais*.³⁰⁹

A viagem foi, segundo Elskop, uma oportunidade para manifestar o espírito de comunidade e “festejar” junto aos colonos. O único problema em viagens deste caráter seria a interrupção dos trabalhos burocráticos do consulado. Ressaltou, por fim, a importância de sua viagem, uma vez que os colonos há muitos anos não recebiam visitas de representantes da Alemanha. A última destas visitas teria sido de Maria Kahle, escritora alemã que migrou para o Brasil em 1913 e participou de um “esforço de guerra” visitando diversas comunidades alemãs.³¹⁰ Pela análise de seus relatos e de outros relatórios de caráter semelhante, realizou-se aqui um mapeamento dos estados do Sul com ênfase no papel do partido nazista em cada um deles.

Santa Catarina

(ilustrações 3.4, 3.5 e 3.6)

A primeira preocupação do enviado da Alemanha, Arthur Schmidt-Elskop, em sua viagem a este estado, foi quantificar a colônia alemã. Contou “800 a 900 mil almas”, mas destas, ressaltou que apenas 100 mil eram *Reichsdeutsche* (alemães de nascimento), com

³⁰⁹ Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

³¹⁰ Autora de *Liebe und Heimat* (1916), morou em Blumenau e retornou para a Alemanha. SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizonte Antropológico*. vol. 10, n^o. 22, 2004, pp. 149-197.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183. doi: 10.1590/S0104-71832004000200007. Acesso em: [05/09/2006].

uma evidente preocupação com a raça pura. O itinerário de Elskop foi bastante parecido nas cidades deste estado: era geralmente recebido pela colônia alemã e pelo prefeito; em seguida, visitava a sede do partido nazista local, associações, escolas, igrejas, firmas e fábricas alemãs. Uma avaliação da economia local também fazia parte do roteiro.³¹¹

Em Santa Catarina, Elskop visitou Rio Negrinho, São Bento, Joinville, São Francisco do Sul, Jaraguá, Timbó, Hansa-Hammonia, Neu-Berlim, Neu-Stettin, Neu-Breslau, Neu-Bremen, Brusque, Itajahy, Blumenau e Florianópolis. Nesta última cidade, foi recepcionado na sede do partido nazista local. Após visitar o interventor na época, Aristiliano Ramos, registrou que este e toda a família Ramos fazia uma oposição marcante contra os descendentes de alemães. Segundo Elskop, Aristiliano havia realizado as eleições na base do terror, dividindo o município de Blumenau entre quem era a favor e quem era contra os germânicos. Em sua avaliação, a recepção foi “correta”, mas não houve o estabelecimento de relações de boa vizinhança: “Tentei retirar alguma palavra em favor do sucesso no estado em favor do *Deutschtum* (germanismo), mas não obtive sucesso”.³¹² Segundo Elskop, o primo e antecessor de Aristiliano, Nereu Ramos, também foi opositor dos alemães, mas tal política se fazia de uma maneira mais branda.³¹³

Em Blumenau, Elskop visitou a Escola Alemã, o Clube Germânia, a Hering e a fábrica Feddersen.³¹⁴ Encontrou também o ex-ministro da viação do governo Washington Luís, Victor Konder, e ambos conjecturaram sobre a situação santa-catarinense. Entre outros aspectos, ressaltaram a confraternização entre os jovens teuto-brasileiros e o integralismo de um lado e a inimizade com os alemães de nascimento, de outro. A situação teria se tornado de tal forma caótica que tanto Victor Konder teria tentado intervir quanto o chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, ambos sem obter a desejada reconciliação entre os grupos.

Konder ressaltou ao enviado alemão que não era fácil, para os descendentes de alemães, participar do integralismo. O chefe integralista Plínio Salgado havia declarado que o integralismo nada tinha a ver com o nacional-socialismo alemão e o fascismo italiano. Mesmo assim, tal corrente política exercia um grande fascínio entre os teuto-brasileiros.

³¹¹ Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschtum. Anlage 3. 25 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

³¹² Ata pessoal de Schmidt-Elskop. 14 fev. 1934. AA/B, Alemanha.

³¹³ Ibidem.

³¹⁴ Ibidem.

Dáí acarretariam dois problemas: o primeiro era que os teuto-brasileiros, ao ingressar nos grupos integralistas, estariam desobedecendo ao princípio da não-intervenção política exigido pelo partido nacional-socialista; o segundo era que o integralismo, enquanto corrente nacionalista, pregava um Brasil para brasileiros, portanto sendo completamente inimigo das minorias nacionais que residiam no Brasil, caso dos alemães, apesar de eles declararem o contrário.

A adesão dos teutos locais preocupou o III Reich, que fez do problema assunto para diversos artigos. Segundo um deles, de 1937, que enfocava o integralismo na cidade de Blumenau, o integralismo havia invadido este grande pólo do germanismo criando uma desordem. Seria o movimento político que teria atraído a maior porcentagem de teuto-brasileiros até então.³¹⁵

Como em outros estados, a liberdade política exercida até aquele momento pelo partido nazista no Brasil foi restrita no ano de 1938. Dois meses antes da proibição nacional houve a prisão de um importante líder na cidade de Florianópolis, Otto Emil Schinke, chefe do círculo local. O partidário ocupou, durante vários anos, o cargo de editor do *Deutscher Morgen*, o jornal oficial do partido nazista no Brasil. A prisão foi imediatamente comunicada a Hans Henning von Cossel.³¹⁶

Rio Grande do Sul

(ilustrações 3.7, 3.8, 3.9 e 3.10)

A segunda maior comunidade alemã estabelecida no Brasil e o quarto maior grupo do partido estavam localizados no Rio Grande do Sul. Diferentemente de Santa Catarina, o governo local apoiou, durante toda a década de 1930, o partido nazista. Em 25 de julho de

³¹⁵ *Der Auslanddeutsche. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum* Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20. Oktober 1937. Heft 10. IFA/S, Alemanha.

³¹⁶ Abschrift von Hugo Stange a/c Carlos Hoepcke/ Florianopolis. Florianopolis, 22. März 1938. An die Landesleitung der NSDAP für Brasilien. Betrieb. Verhaftung des Kreisleiters. Elskop, personal akten. AA/B, Alemanha.

1937, por exemplo, o estado comemorou o Dia do Colono e também o dia da imigração alemã no Brasil. O então governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha³¹⁷, fez um discurso a favor do regime nazista e a favor da colônia de teuto-brasileiros, que ajudariam na questão da melhoria da raça brasileira. Concluiu enaltecendo o estadista Adolf Hitler e seus feitos na Alemanha, afirmando que não iria impedir que isto fosse divulgado na comunidade alemã rio-grandense-do-sul:

Eu poderia — como homem de estado — ser colocado como cego se eu não quisesse ver e reconhecer, que Hitler com sua visão de mundo nacional-socialista salvou a Alemanha e a cultura do caos. Eu poderia de qualquer maneira, ser colocado como cego, se eu quisesse proibir, que os pensamentos que fizeram com que acontecesse a reascensão da Alemanha fossem popularizados nos meios dos alemães de nascimento e teuto-brasileiros. Pelo contrário, só posso estar a favor disto.³¹⁸

Além dos governadores, outras autoridades estiveram presentes: os representantes de diversos ministérios e altas repartições, o embaixador alemão, outros funcionários da Embaixada e o chefe do partido nazista local. Além da melhoria da raça, o discurso enfatizou o papel da educação das crianças teuto-brasileiras para a região.

A atração do Natal em Porto Alegre de 1936 — festa que também teve a presença de diversas autoridades — foi a visita do dirigível Hindenburg que havia chegado da Alemanha. Ajudaram a organizá-la o partido nazista local, a Frente Alemã de Trabalho e a Sociedade de Trabalho das Mulheres Alemãs no exterior. No mesmo ano, Porto Alegre e Blumenau festejaram juntos o dia da sociedade alemã de igrejas evangélicas.³¹⁹

³¹⁷ <<http://assisbrasil.org/governador.html>>

³¹⁸ “Ich müsste als Staatsman mit Blindheit geschlagen sein, wenn ich nicht sehen und erkennen würde, dass Hitler mit seiner nationalsozialistischen Weltanschauung Deutschland und die Kultur vom Chaos gerettet hat. Und ich müsste ebenfalls mit Blindheit geschlagen sein, wenn ich verbieten wollte, dass die Gedanken, die Deutschlands Wiederaufstieg zu Wege gebracht haben auch unter den Reichsdeutschen und der Deutschbrasilianern hier Fuß fassen, im Gegenteil, ich kann das begrüßen”. *Der Auslandsdeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20. Oktober 1937. Heft 10. IFA/S, Alemanha.

³¹⁹ *Der Auslandsdeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20. Oktober 1937. Heft 10. IFA/S, Alemanha. Ver também: BREPOHL, M., op. cit, capítulo sobre a Igreja Evangélica de origem alemã no Brasil. Segundo a autora, houve no Brasil o

Em 1935, o enviado alemão Elskop, em visita a Porto Alegre encontrou o interventor Flores da Cunha, o prefeito e o bispo. Ainda, como de praxe, visitou a sede local do partido, a firma Bromberg e outras fábricas e associações alemãs. Mas o que ele registrou como sendo a “grande sensação” desta visita foi o jantar que participou junto ao presidente Getúlio Vargas. No relatório constam suas impressões do evento. Elskop escreveu que foi convidado pelo presidente “apesar de não ser do protocolo”. Sentou-se próximo a Vargas e conversou com ele sobre os objetivos da Revolução de 1930, da qual Vargas tinha sido um participante ativo, vencendo a resistência no Rio Grande do Sul e avançando por Santa Catarina e Paraná. Toda esta conversa fez o diplomata concluir que o presidente estava “muito satisfeito com as pessoas alemãs, mas não sem exceção”. As exceções seriam as pessoas dos círculos alemães que depunham contra ele. A aproximação entre Getúlio Vargas e Elskop não parou aí. Quando ele estava para cair, em 1937, Vargas escreveu uma carta endereçada diretamente a Hitler, a quem tratava como “grande e fiel amigo”, traçando elogios à gestão de Elskop e fazendo questão de enfatizar a relação amigável, nesta época, entre o Brasil e a Alemanha³²⁰. **(ilustração 3.11)** A intervenção não surtiu o efeito esperado, uma vez que Elskop foi deposto e em seu lugar foi selecionado Karl Ritter no fim de 1937³²¹.

O grupo local do partido nazista no Rio Grande do Sul mostrou em diversas situações tendências anti-semitas. Um dos casos mais enfáticos foi a do afastamento de Robert Löw — judeu de origem checa e batizado como católico — da direção do *Serra Post*, jornal bastante expressivo no Rio Grande do Sul. Löw era casado com uma alemã considerada “ariana pura”, cujo fato foi bastante criticado pelas instâncias consulares, que exerceram influências e o afastaram. Em seu lugar, liderados pelo chefe do partido nazista

desenvolvimento de um “protestantismo nacionalista”, que via na fidelidade dos crentes um compromisso com a cultura alemã.

³²⁰ Carta de Getúlio Vargas para Adolf Hitler. Rio de Janeiro, 22 nov. 1937. Ata pessoal de Schmidt Elskop. AA/B, Alemanha. Tal carta é representativa da política estratégica estabelecida por Getúlio Vargas com a Alemanha durante toda a década de 1930. Ver também: LEVINE, Robert. *Pai dos Pobres. O Brasil na Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³²¹ *Akten zur Deutschen Auswärtigen Politik 1918-1945*. Ergänzungsband zu den Serien A-E. Gesamtpersonenverzeichnis. Portraitphotos und Daten zur Dienstverwendung Anhänge. Vandenhoeck & Ruprecht in Göttingen, 1995. AA/B, Alemanha.

austriaco Raunegger, aqueles que os partidários classificavam como “arianos puros” tomaram o corpo de redação do jornal.³²²

Partindo do exemplo do caso *Löw*, os diplomatas alemães afirmaram que havia um “enjudaizamento” da sociedade gaúcha. Repetia-se, nesta capital, o mesmo discurso nacional-socialista: os judeus eram uma ameaça à economia e exerciam o monopólio do comércio e em outras áreas, como nas organizações médicas, nas escolas, nas universidades e na imprensa. O anti-semitismo foi expresso também com relação a vinda de refugiados judeus do regime nazista. Na visão do diplomata Ulrich Kuhlmann, do consulado de Porto Alegre, todo este processo “poderia ser agravado” com a vinda de novos imigrantes da Europa, tendo, por fim, uma situação semelhante a de Nova Iorque, conforme seu relatório ao Ministério das Relações Exteriores de Berlim em 1938:

Realmente não seria difícil escrever um relatório verdadeiramente fiel sobre o *Judentum* (judaísmo) daqui e sua influência cada vez mais forte. Cada vapor traz numerosos novos grupos de imigrantes judeus, as cidades grandes “se enjudaizam” mais a cada ano e também nos lugares pequenos os judeus se expandem de maneira cada vez mais nojenta. A imprensa passa cada vez mais para as mãos de judeus, as organizações médicas “se enjudaizam” devagar mas de maneira certa, especialmente desde os últimos anos quando aconteceu uma onda crescente anti-semita na Europa, o comércio nas grandes cidades se tornou de ano a ano cada vez mais um monopólio judaico (em Passo Fundo, por exemplo, há poucas lojas não judias de significativa importância), as novas gerações judias vão para os liceus, começam então a conquistar o ensino superior, mesmo o candidato à presidência do ano pássaro (Armando Salles de Oliveira) era de descendência judaica e casado com uma filha de rabino inteiramente judia. Se continuar desta maneira, teremos, dentro do espaço de tempo de uma geração como em Nova Iorque.³²³

³²² Bericht von gez. Dr. Ulrich Kuhlmann an das Auswärtige Amt in Berlin. 17/08/1938. Deutsche Konsulat Porto Alegre. R27916. AA/B, Alemanha.

³²³ “Es wäre wirklich nicht schwer, einen wahrheitsgetreuen Bericht über das Judentum hier und seinen immer stärker werden den Einfluss zu schreiben. Jeder Dampfer bringt neue Scharen von jüdischen Emigranten; die Grosstädte verjuden von Jahr zu Jahr mehr und auch in den kleinen Orten macht sich der Jude immer widerlicher breit. Die Presse kommt zusehends immer mehr in jüdische Hände, die Ärztschaft verjudet langsam aber sicher, besonders seit der in den letzten Jahren anschwellenden anti-semitischen Welle in Europa; der Handel in den Grosstädten wird von Jahr zu Jahr mehr ein jüdisches Monopol (in Passo Fundo z.B. gibt es kaum noch ein nichtjüdisches Geschäft von Bedeutung); der jüdische Nachwuchs geht auf die Gymnasien, fängt schon an, sich die Hochschulen zu erobern; selbst der vorjährige Bundespräsidentenkandidat (Armando Salles de Oliveira = Moritzsohn) war jüdischer Abstammung und mit einer Volljüdin Tochter eines Rabbiners, verheiratet. Wenn es so weit geht, haben wir in einer Generation

No ano seguinte, a conjuntura política se alterou, e o governador Flores da Cunha, que era o único que se opunha ao projeto continuísta de Vargas, foi deposto um pouco antes da deflagração do Estado Novo. Subiu ao poder Daltro Filho, que permaneceu pouco tempo no governo, pois faleceu, e depois, Cordeiro Farias, que permaneceu até 1943. Começou, a partir daquele momento, um período de repressão ao partido nazista no Rio Grande do Sul e os principais “cabeças” foram presos.³²⁴ Paralelamente, clubes, escolas e empresas alemãs foram nacionalizadas.³²⁵

A A.O. caracterizou este processo como uma “campanha difamatória” contra os alemães. Na imprensa, foram publicados artigos contra o círculo local do partido nazista de Porto Alegre. Os encontros do partido e de outras associações alemãs, como a Liga dos Alemães Russos, passaram a acontecer somente sob a proteção do consulado. Jornais de cunho nacional-socialista como o gaúcho *Für Dritte Reich* (Em favor do Terceiro Reich), editado em Porto Alegre, foram proibidos. O líder do círculo nesta cidade, Ernst Dorsch, e outros partidários de posição inferior na hierarquia do partido foram presos. A polícia prendeu Dorsch no próprio lar, o que ocasionou forte repercussão na Alemanha. Finalmente, o partido nazista no Rio Grande do Sul foi liquidado e apreendido grande material: 15 quilos de livros, cartas e revistas.³²⁶

Paraná

(ilustrações 3.12 e 3.13)

Até 1934, quando houve uma transformação na estrutura organizacional do partido nazista no Brasil com a transferência da sede do Rio de Janeiro para São Paulo, os estados de Paraná e São Paulo funcionavam em um único círculo e eram liderados ambos por Hans Henning von Cossel, que acumulava as funções de chefe deste círculo e chefe nacional. A partir da perspectiva da Organização do Partido Nazista no Exterior, portanto, mesmo sendo parte da região Sul, o Paraná era entendido como atrelado a São Paulo. O fato de ter

Zustände wie in New York”. Bericht von gez. Dr. Ulrich Kuhlmann an das Auswärtige Amt in Berlin. 17/08/1938. Deutsche Konsulat Porto Alegre. R27916. AA/B, Alemanha.

³²⁴ DM, 21 jan. 1938. Suplemento, p. 20

³²⁵ Uma abordagem bastante atual sobre as campanhas de nacionalização encontra-se na obra GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: [EdiUPF](#), 2005

³²⁶ *Ibidem*.

havido menos conflitos entre *Reichsdeutsche* e *Volksdeutsche* neste círculo foi atribuído, em diversos documentos, à liderança de Cossel. O líder costumava visitar a região, como em 1933, quando visitou a capital do Paraná, Curitiba. No Teatro Guanya, fez uma palestra, que durou 75 minutos, sobre os preceitos nacional-socialistas. O jornal *Der Kompass* (A bússola) noticiou o evento e reproduziu parte do discurso.³²⁷

Cossel enfatizou que o estadista alemão Adolf Hitler queria agregar a força dos *Auslandsdeutsche* (alemães no exterior) na construção da nova Alemanha. Esses alemães no exterior deveriam lutar contra os concorrentes da Alemanha em busca de paz, pão e trabalho, livrando este país da crise que atravessava. Os principais inimigos eram personificados nos comunistas e nos judeus. Mais uma vez, utilizou o discurso que o partido não seria um partido como os outros: “O partido de Hitler não é mais um partido, ele significa hoje em dia a Alemanha, a Alemanha de Hindenburg e de Hitler”.³²⁸

Apelando para a emoção da platéia, Cossel pediu para os presentes não apenas ouvirem, mas “abrirem seus corações” para que os alemães e teuto-brasileiros do Brasil se engajassem na missão em favor da Alemanha de Hitler e da paz mundial. A comunidade alemã deveria mostrar aos brasileiros “o que realmente a Alemanha quer” e, ao mesmo tempo, “se alegrar com o triunfo de Hitler”.³²⁹ Segundo trecho do discurso publicado no jornal curitibano *Der Kompass*:

Aqui fora é somente importante, que todos nós nos alegremos com a vitória do projeto de Hitler, e que nós, alemães e teuto-brasileiros, façamos nossa parte no grande trabalho de esclarecimento para a Alemanha e para a paz mundial, esclarecendo nossos amigos brasileiros do que, na verdade, a Alemanha quer.³³⁰

Para Cossel, chefe nacional do partido nazista no Brasil, o movimento teria em essência três objetivos: a questão racial, a ética econômica baseada no preceito *a comunidade vem da unidade* e o princípio do *Führer* (o *Führer* sempre tem razão). Estes

³²⁷ “Die Hitler-Partei ist keine Partei mehr, sondern sie bedeutet heute Deutschland, das Deutschland von Hinderburg und Hitler”. *Der Kompass*, Curitiba, 26 set. 1933. NS 9 Brasilien. BA/B, Alemanha

³²⁸ Ibidem.

³²⁹ Ibidem.

³³⁰ “Hier draussen isst nur wichtig, dass wir den Sieg der Hitler-Sache alle freudig, anerkennen und dass wir, Deutsche und Deutschbrasilianer, unser Teil tun am grossen Aufklärungswerk für Deutschland und damit für den Weltfrieden, indem wir unsere brasilianischen Freunde aufklären über das, was in Wahrheit Deutschland will.(...)”. Ibidem.

objetivos do nazismo no exterior estavam em concordância com os pontos do programa do partido nacional-socialista alemão. No ponto quatro do programa, pregava-se que os “membros do povo que têm ou mantêm a cidadania devem ter “sangue alemão”. Com isto, o Estado Alemão excluiu os considerados não arianos, com especial ênfase para os judeus, rotulados como “veneno da raça”. Pela visão de mundo nazista, seria importante um processo de purificação do corpo do povo alemão por intermédio da política de higiene racial. Além deste aspecto racista, do ponto de vista econômico, o programa do partido previa o combate ao desemprego e a revisão do Tratado de Versalhes e do ponto de vista geopolítico, a conquista do espaço vital (*Lebensraum*), que se desenvolveu em paralelo com a união de todos os alemães³³¹, itens abordados também por Cossel. Neste sentido, constata-se que havia uma óbvia tensão entre os ideais alemães e os possíveis brasileiros. Esta tensão — oriunda da transferência rígida das estruturas e da ideologia do nacional-socialismo e seu partido — deu origem ao que se chamou aqui de “tropicalização do nazismo”.

Sem deixar de enaltecer o país de hospedagem, o Brasil, o jornal *Deutscher Morgen*, em janeiro de 1938, exaltou o papel dos alemães e teuto-brasileiros, enfatizando a importância de representantes desta comunidade no Paraná: professores em universidades, funcionários de comércio, médicos e dentistas. Segundo o jornal, tudo isto era expressão do *amor à segunda pátria*, o Brasil. No quesito transferência do modelo nazista para a cópia tropical, até os escoteiros paranaenses, segundo o jornal, teriam seguido o exemplo da Juventude Hitlerista.³³² Tal jornal publicava também um suplemento voltado exclusivamente para a realidade paranaense sobre fatos relacionados à comunidade alemã como a reforma escolar empreendida no Paraná.³³³

As impressões do enviado alemão Arthur Schmidt-Elskop sobre o Paraná não se diferenciavam muito das de outros estados. Ele visitou em 1935 escolas alemãs, igrejas protestantes e sedes do partido em Curitiba, Terranova, Ponta Grossa, Rio Negro e Paranaguá. Em Ponta Grossa, 500 pessoas se reuniram para recepcioná-lo. Foi apresentada uma marcha de tropas do exército e da Sociedade dos ex-combatentes da 1ª Guerra.

³³¹ WIPPERMANN, Wolfgang. “Ideologie. NSDAP-Programm und Mein Kampf”. In: BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. Munique: DTV, 2001, p.564-565.

³³² *Deutscher Morgen*, 14 jan. 1938. IFA/S.

³³³ *Ibidem*.

Aviadores alemães, o consulado italiano, representantes do bispo e o comando militar também participaram da recepção ao enviado alemão, além do próprio prefeito. Elskop visitou o ponto de apoio do partido local e o Salão de Esportes.

Na capital paranaense, Elskop encontrou o interventor Manoel Ribas logo na estação de trem. Em seguida, visitou a igreja, uma fazenda e três escolas e três associações alemãs, além da sede do partido. Foi recebido por uma “Noite de Cumprimentos” pela colônia alemã na Associação de Cantores Alemães. Jantou com o líder do grupo do partido nazista local. Estavam presentes neste jantar integrantes das associações alemãs e Ribas que, segundo Elskop, ao contrário de Aristiliano Ramos tinha “simpatia pelo *Deutschtum*” (germanismo), estabelecendo ações que protegem a vida do alemão nas colônias como, por exemplo, a de Terranova onde os colonos estariam satisfeitos não só pela “terra frutífera e clima saudável” — condições estas consideradas inerentes do chamado país tropical, como podem ser observados em inúmeros documentos — mas também pela boa organização que os teuto-brasileiros estabeleciam na colônia.³³⁴

3.3. Sudeste

São Paulo³³⁵

(ilustrações 3.14, 3.15 e 3.16)

São Paulo foi o maior grupo nacional do partido, fato que pode ser explicado pela grande colônia de alemães de nascimento. Pode ser considerado também o grupo de maior importância devido a presença da sede nacional do partido³³⁶ e do seu chefe máximo Hans Henning von Cossel, da publicação do *Deutscher Morgen* e da expressividade das organizações nazistas, desenvolvidas em diversas células e instituições.³³⁷

³³⁴ Ata pessoal de Schmidt-Elskop. 20 abr. 1935. AA/B, Alemanha.

³³⁵ Ao longo deste estudo, haverá outras múltiplas referências à cidade e ao estado de São Paulo, uma vez que são utilizados como exemplo para mostrar a organização do partido no País. A leitura e análise do jornal *Deutscher Morgen*, publicado na capital paulista, também nos proporcionou inúmeros detalhes desta temática.

³³⁶ A partir de 1934, antes a sede era no Rio de Janeiro.

³³⁷ Para Luís Moraes, no entanto, o grupo de maior importância era o da Capital Federal, Rio de Janeiro. MORAES, Luís Edmundo S. M. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der*

Nos estados do Sul, mesmo com a grande e expressiva colônia de teuto-brasileiros, a colônia de cidadãos alemães era menor, até mesmo em Santa Catarina, que tinha o segundo maior grupo regional do partido. A imigração para São Paulo, estado considerado — já na década de 1930 — como importante pólo econômico e industrial, atraiu mão-de-obra técnica qualificada estrangeira. Muitos alemães, desiludidos com a crise que se instaurava na Alemanha com o fim da I Guerra Mundial e o estabelecimento da República de Weimar, emigraram para outros países, inclusive para o Brasil. Mais tarde, com a ascensão ao nacional-socialismo, este grupo de alemães recém-imigrados se juntaram em torno dos ideais nazistas constituindo o partido em território paulista. Isto se deu até mesmo antes de Adolf Hitler se tornar chanceler alemão, em 1931.³³⁸

O comerciante Cossel foi, a partir de 1934, o chefe regional de São Paulo e nacional do Brasil. Em São Paulo, a organização do partido era excepcionalmente bem estruturada, com células e pontos de apoio nos principais bairros da capital e cidades do interior.

Em outubro de 1933, o alemão Franz Wolf escreveu um relatório sobre a região industrial de São Paulo. Entre os aspectos levantados, Wolf destacou a presença de instituições alemãs na capital paulista como a Associação Germânia e as escolas alemãs. Já nesta época, apontava-se um conflito entre as crianças judias de origem alemã e o corpo docente anti-semita das escolas. A lei brasileira permitia que brasileiros e pessoas de outras nacionalidades pudessem se inscrever nas escolas alemãs, por isto, muitas crianças judias se matricularam causando revolta entre os nazistas.

Wolf afirmou, entretanto, que devido ao medo de incidentes com a Secretaria de Educação Brasileira, os professores alemães evitavam conflitos com as crianças judias. De acordo com seu relatório:

Mesmo que o corpo de professores inteiro tenha mentalidade anti-semita, ele demonstra resistência em difamar as crianças judias para evitar incidentes, o que poderia causar uma intervenção da Secretaria de Educação Brasileira. Quanto à questão da bandeira, ela se refere a uma

NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro. Berlim, 2001. Tese (História social) – Zentrum für Antisemitismusforschung. Technische Universität zu Berlin.

³³⁸

Sobre o partido nazista em São Paulo, ver: DIETRICH, 2001, op. cit.

discussão sobre se deveria hastear além da antiga bandeira do Reich, a bandeira com a suástica.³³⁹

Além das crianças judias, Wolf também denunciou a presença de “elementos marxistas” nas escolas.

Em 1933, ano de ascensão de Hitler ao poder, a presença do partido em São Paulo já era notável. Em viagem à capital paulista, o enviado Arthur Schmidt-Elskop fez diversos elogios de como o nazismo se encontrava bem organizado na capital e de como foi bem recebido pelas autoridades governamentais e empresários do café, estabelecendo relações amigáveis com eles. Na cidade que se reestruturava no período pós-revolução de 1932, o número de alemães já era o maior do Brasil. Nas contas de Elskop, somavam de 30 a 40 mil pessoas. Além da colônia alemã, Elskop observou a presença de outras colônias de estrangeiros como a italiana, polonesa e japonesa no estado de São Paulo.

O enviado alemão ficou completamente admirado com a receptividade paulistana: na sua chegada, houve apresentação da companhia de polícia e música. A corte da cavalaria também fez suas honras. Um representante do governo também estava presente. “A visita de nosso presidente teria as mesmas honras”, ressaltou, se referindo a Adolf Hitler. Segundo ele, houve uma recepção calorosa também por parte do povo: “Minha chegada em São Paulo foi aclamada por algumas pessoas do povo e um grupo que gritava: Viva Germânia, viva Hitler”.³⁴⁰

Segundo o relatório de viagem, o então interventor de São Paulo, Waldomiro de Castilho, tinha viajado ao Rio de Janeiro. Quem o representou foi Atalíbio Nogueira, que recebeu o diplomata alemão “de maneira afetuosa e quente”. Nogueira teria falado do trabalho em conjunto com a colônia alemã no desenvolvimento da cidade de São Paulo e se “autodenominou amigo da Alemanha”.³⁴¹

A agenda do enviado alemão Elskop foi bastante intensa na capital paulista. Foi a uma recepção à noite, onde estavam presentes 600 pessoas. Observou detalhes do *modus vivendi* da colônia alemã em São Paulo, como, por exemplo, sua capacidade associativa.

³³⁹ “Obgleich der gesammte Lehrkörper gesinnungsmässig antisemitisch eingestellt ist, widersetzt er sich doch der Diffamierung der Judenkinder, um Zwischenfälle zu vermeiden, die zu einem Einschreiten der brasilianischen Schulaufsichtsbehörde führen könnte. Was die Flaggenfrage betrifft, so geht der Streit darum, ob neben der alten Reichsflagge auch die Hakenkreuzflagge gehisst werden sollte”. Abschrift de Franz Wolf. São Paulo, 25 out. 1933. NS 9 Brasilien 296a. BA/B, Alemanha.

³⁴⁰ Ata pessoal de Schmidt-Elskop. 22 abr. 1933. AA/B, Alemanha.

³⁴¹ Ibidem.

Em levantamento de todas as associações alemãs, descobriu em São Paulo 50 delas. Constatou que a colônia, já nesta época, comemorava as festividades ligadas ao calendário do governo alemão, como a festa de Bismark, e compareceu a ela. Ficou com uma boa impressão: além do grupo regional do partido nazista, estavam presentes a Sociedade dos Ex-combatentes da 1ª Guerra e alguns dirigentes do Clube Germânia (atual Pinheiros), além, destacou, da “liderança conciliadora do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel”. Elskop escreveu em seu relatório: “Festas como esta deixam a colônia paulista com o poderoso reconhecimento de se sentir como seus irmãos na Alemanha nesta hora de renascimento nacional”.³⁴²

A relação Brasil-Alemanha, na opinião de Elskop, não poderia ser melhor, assim como a relação entre o consulado e a colônia alemã. O diplomata traçou considerações a respeito da economia paulistana: “apesar de ter acabado de sair de uma revolução, parece saudável com a venda de café no Porto de Santos”. Seus elogios não pararam aí. Segundo seu ponto de vista, o “Brasil tem vantagem por ter um mercado interno bom e pouco desemprego”. Terminou com uma afirmação utópica: “não existe fome no Brasil devido aos recursos da natureza”.

Elskop reclamou da legislação brasileira referente às escolas estrangeiras, que prescreviam que os alunos deveriam se formar em português. Este seria um obstáculo para os alemães buscarem seus círculos de influência. Visitou a Escola Alemã da (rua) Olinda, que, segundo ele, era a maior escola alemã de São Paulo com 700 alunos. Visitou também o Instituto Bacteriológico Martin Ficker e empresários do ramo do café. Em seguida, viajou a Santos para visitar a pequena colônia alemã lá estabelecida, caracterizada por ele como “100 cabeças, grande parte trabalha(va) na firma Theodor Wille & Co”.³⁴³

Na cidade de Santos, já nesta época, também havia uma célula do partido nazista. Muitos imigrantes — inclusive alemães — chegaram no Brasil por este porto. Quando o Brasil se posicionou na II Guerra ao lado dos Aliados, Santos e outras cidades litorâneas passaram a ser consideradas pontos estratégicos e os súditos do Eixo foram impedidos de circular ou morar nestas áreas.

No interior do estado, encontravam-se várias colônias agrícolas de alemães, instaladas principalmente a partir da segunda metade do século XIX com o *boom* do café.

³⁴² Ibidem.

³⁴³ Ibidem.

Segundo Silvia Cristina Siriani, sobretudo durante os anos de 1827 e 1889, houve uma intensa imigração para a então província de São Paulo. Nos finais do século XIX, este processo atingiu seu apogeu “em decorrência de uma série de reformas econômicas e administrativas ocasionados, principalmente, pelo grande fluxo monetário decorrente da expansão da lavoura cafeeira, que passou a contar com abundante mão-de-obra estrangeira”.³⁴⁴ Siriani citou também, como fator propulsor da imigração para as lavouras cafeeiras no interior paulista, a Lei Eusébio Queiróz, promulgada em 1850, que extinguiu o tráfico negreiro para o Brasil.

A colônia Paulista, por exemplo, estava localizada, segundo um relatório do colono Hans Alt³⁴⁵, em terra de “mata”, entre os rios Aguapé e do Peixe, a 80 quilômetros da cidade de Araçatuba. Os colonos, segundo seu relato, tiveram que fazer bastante esforço para se instalar. Um dos problemas foram as ligações de transporte com a colônia. Para chegar, utilizava-se a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Os imigrantes alemães não estranharam o “clima continental” do Noroeste de São Paulo, com temperatura amena de 20 graus. O mesmo não pode se dizer das “doenças tropicais” que foram vítimas: ferida brava, úlcera de bauru, malária, amarelão, catarata e lombriga, que eram ocasionadas pelo “hábitos pouco higiênicos no início de sua vida na selva”. Havia dificuldades para tratar estas doenças: o tratamento médico era feito na cidade de Araçatuba e muitos colonos não conseguiam custear a viagem até lá.

O diagnóstico descrito não era dos melhores: algumas grávidas faziam trabalho pesado e, quanto à moradia, o conforto foi deixado de lado. A maioria das casas era feita de madeira, e os telhados cobertos de ripas de madeira de cedro ou grama de sapé. Muitas casas ainda não tinham piso. Alguns faziam ranchos de galhos de palmito. *(ilustração 3.17)*

O maior contingente de alemães que aderiram ao nazismo no Brasil localizou-se no Estado de São Paulo, contrariando as correntes historiográficas que afirmam que o movimento foi mais expressivo nos estados do Sul. Isto se deu, principalmente, devido à imigração mais recente para este estado, mão-de-obra que foi atraída pelo crescimento econômico e industrial local, já crescente no início do século XX e, ao mesmo tempo,

³⁴⁴ SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. *Uma São Paulo alemã: vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)*. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 18.

³⁴⁵ Relatório de Hans Alt sobre Colônia Paulista. Araçatuba, 1 nov. 1938. R127503. AA/B, Alemanha.

“expulsa” do seu país de origem pela crise econômica da República de Weimar. Os imigrantes alemães se instalavam na capital paulista, empregando-se em firmas alemãs, indústrias, bancos ou como profissionais liberais. Outra leva se dirigiu ao campo, para trabalhar principalmente no Noroeste Paulista junto às fazendas de café. O grande sucesso do nazismo em São Paulo, porém, também se deveu à atuação do chefe — primeiramente regional e depois nacional — Hans Henning von Cossel. A sua gerência em organizar células do partido e outras associações ligadas a ele, como das mulheres, da juventude e da Frente de Trabalho, foi elogiada pelos seus companheiros de causa e pela matriz em Berlim.³⁴⁶

Rio de Janeiro

(ilustrações 3.18, 3.19, 3.20 e 3.21)

Com expressiva colônia alemã, a então capital federal tinha o terceiro maior grupo do partido nazista do Brasil — o primeiro estava em São Paulo e o outro, em Santa Catarina — e o segundo da região Sudeste, com 447 integrantes. Até 1934, sediava a sede nacional do partido que, neste ano, foi transferida para São Paulo. Foi a cidade que tinha mais nazistas por quilômetro quadrado. A Embaixada da Alemanha também se localizava lá. Um importante estudo sobre o partido nazista no Rio de Janeiro foi desenvolvido recentemente pelo historiador Luís Edmundo de Moraes, comparando esta cidade com Blumenau.³⁴⁷

Segundo Moraes, em 1940, moravam no Rio 215.524 estrangeiros, dos quais, apenas 12,2% eram alemães. Além do partido propriamente dito, funcionavam na capital federal diversas instituições alemãs de ajuda, de mulheres, esporte, escolas e professores. Nos anos 1930, surgiu na cidade um periódico voltado para defender as idéias nazistas. Primeiramente chamado de “Mitteilungsblatt der NSDAP” (Folha de notícias do partido

³⁴⁶ Sobre o papel de Cossel, ele está destacado no jornal *Deutscher Morgen* (1932-1942) e também em relatórios da A.O. como o de Ernst Kundt. Relatório de Ernst Kundt. *Auslandsorganisation der NSDAP*. Bonn, 21 jun. 1965. Ata R127875. AA/B, Alemanha.

³⁴⁷ MORAES, Luís Edmundo S. M., op. cit, 2001.

nazista), foi depois rebatizado como o nome “Der Nationalsozialist” (o nazista). A folha não economizava propaganda e artigos anti-semitas.³⁴⁸

Os alemães que foram para o Rio de Janeiro nos anos 1920 — os mesmos que iriam ingressar no partido nazista mais tarde — eram atraídos pela industrialização das grandes cidades brasileiras. A I Guerra teria significado mais do que a perda do *Deutschtum* (germanismo): a cultura alemã foi ameaçada³⁴⁹. A figura de Adolf Hitler na imprensa alemã no Brasil aparecia já na década de 1920, mas renegada a segundo plano. Com a passar do tempo, seu prestígio foi aumentando.

O grupo do partido do Rio de Janeiro não estabeleceu imediatamente relações de confiança na colônia. Pelo contrário, o partido encontrou muita resistência da colônia local, enfrentando um longo processo de reconhecimento. Como exemplo desta resistência, nos anos iniciais do partido, ao invés das festas e reuniões nazistas acontecerem no clube Germânia da cidade, elas eram realizadas no clube português.

Entre 1932 e 1933, houve uma crise na gestão do partido. O primeiro *Vertrauensmann* (homem de confiança), o dentista Herbert Guss, foi substituído devido a reclamações, como por exemplo, a carta que Hans Henning von Cossel escreveu para a A.O. em 1933 sobre a má gestão de seu antecessor. A matriz alemã optou pela intervenção no partido nazista no Brasil e foi chamado o líder partidário no Chile e “homem de confiança” do partido para a América do Sul, Willy Kohn, que ficou na chefia até maio de 1934, quando Cossel foi nomeado chefe no Brasil.³⁵⁰

Na edição de julho de 1933, o jornal *Der Nationalsozialist* (O Nazista) deu destaque para a presença de Kohn no Rio de Janeiro. Como comissário enviado pela chefia do Reich da A.O., Kohn anunciou no jornal sua disposição para marcar encontros com alemães e partidários, mas as inscrições deveriam ser feitas com antecedência pelo telefone ou correio. O chefe interino do partido nazista no Brasil fez também uma palestra para os integrantes do do movimento na Sala de Beneficência Italiana³⁵¹.

³⁴⁸ Ibidem, p. 52. Além desta folha, havia outro jornal que defendia as idéias da “Nova Alemanha nazista”, o *Das Neue Deutschland*. Herausgegeben von der Deutsch-Republikanischen Vereinigung für Brasilien. Rio de Janeiro, 1931. IFA/S, Alemanha.

³⁴⁹ Ibidem, p. 54.

³⁵⁰ Ibidem, p. 107-110.

³⁵¹ *Der Nationalsozialist*, jul. 1933. IFA/S, Alemanha.

Paralelamente à substituição do líder nacional, houve um conflito também com a liderança local: os partidários Wilhelm Keetman e Weber escreveram à A.O. pedindo a substituição. Assim, Bartels se tornou o líder regional.³⁵²

Na cidade portuária e, ao mesmo tempo, turística, os partidários costumavam se encontrar no Bar República, onde discutiam nas palestras à noite sobre idéias e concepção de mundo nazistas. Em 1932, foram criadas associações partidárias que eram braços do partido: a Juventude Hitlerista e a Associação de Mulheres Nazistas. O grupo funcionava em três diferentes frentes: Niterói, Ipanema e Centro.

Muitos setores da colônia não apoiavam os líderes do partido. Havia, ao mesmo tempo, desavenças internas e falta de apoio externo das instituições Pró Arte, Sociedade Germânia e Bonzentum da colônia alemã. O que iria complicar ainda mais este cenário foi a saída do enviado da Alemanha Knipping, que era arduamente criticado pelo partido, mas benquisto pela colônia alemã. Foi mais um conflito levado à liderança da A.O. na Alemanha — que reagiu mal —, reclamando da atuação do círculo regional do partido.

Ao se defender das acusações, os líderes do partido chegaram a chamar o grupo de oposição da colônia alemã de “judeu ou infectado do espírito judeu”.³⁵³ Com a intervenção de Kohn, as relações colônia-partido começaram a melhorar. Como sinal destes “novos tempos”, em 1933, o clube Germânia aceitou realizar o festejo nazista do 1º de Maio, em conjunto com a Pró Arte e a Sociedade de Artistas e Amigos das Belas Artes.³⁵⁴ (*ilustração 3.24*)

Neste mesmo ano, também houve comemoração do Dia do Trabalho no Clube Ginástico Português, com um público de 1.700 pessoas e presença das principais autoridades alemãs, como o enviado Schmidt Elskop. Como nos comícios nazistas na Alemanha, a comunidade alemã cantou o hino a Horst-Wesel e, no final dos discursos dos partidários, o grande público repetiu três vezes *Sieg Heil*, em homenagem a Adolf Hitler e ao marechal Hindenburg. A Associação Nazista de Mulheres preparou os comes e bebes. Nos discursos, foi ressaltada “a união do povo alemão que se encontrava — com o nazismo — em primavera.”³⁵⁵ Nesta e em outras festividades do calendário nazista no Brasil, era

³⁵² MORAES, Luís Edmundo S. M., op. cit, 2001, p. 218.

³⁵³ Ibidem, p. 227.

³⁵⁴ Ibidem, p. 238.

³⁵⁵ Observa-se aqui, mais uma vez, a utilização de metáforas da natureza para definir o movimento nacional-socialista.

repetida a idéia de que havia milhões de germânicos (em torno de 40) que marchariam fora das fronteiras alemãs e eram chamados para construir a nova Alemanha, participar “da luta de Hitler” e verificar o quanto este país se levantou da decadência, como se pode observar no trecho do discurso abaixo:

Nosso desejo é que o espírito de reconciliação, que se manifesta em nossa Pátria no almejo da união alemã, com este dia (1º de maio), entre em nossa colônia e então marchemos um dia juntos, se os 40 milhões de alemães no exterior se encontrarem e se derem as mãos (...) ³⁵⁶

Com festividades como esta, a influência do movimento na comunidade alemã carioca aumentou e, neste mesmo ano, o grupo do partido cresceu com uma nova divisão dos blocos em 3 grupos regionais: Rio Oeste, Rio Leste e Niterói³⁵⁷. O público das festas também aumentou. Em 1934, na data do aniversário de Hitler, houve dupla comemoração: no Salão do Clube Germânia (Grupo Rio-Sul) e no Salão do Cassino Beira Mar (Grupo Rio Norte), as duas lotadas. Nesse mesmo ano, a festa do 1º de maio na cidade teve um público de 4.000 pessoas e, no ano seguinte, em 1935, este número mais que dobrou: a comemoração no Clube de Esporte Alemão somou de 10 a 15 mil pessoas.³⁵⁸ É uma participação extremamente expressiva. Em nenhum outro evento do partido houve tamanha adesão da comunidade alemã. Deve-se lembrar que nos referimos aqui ao Rio de Janeiro, então capital federal. Não há nenhuma indicação de repressão ou controle das autoridades brasileiras.

Na festa de 1936, o chefe do partido nazista, Hans Henning von Cossel, estava presente e participou do evento que recebeu a visita do dirigível Graf Zeppelin, enaltecido como “um exemplo da tecnologia alemã da época”.³⁵⁹

³⁵⁶ “Unser Wunsch ist, dass dieser Geist der Versöhnung, der sich in unserem Vaterlande im Sehnen nach deutscher Einigkeit offenbart, mit dem heutigen Tag auch in unsere Kolonie einziehen möge, denn wenn wir alle einmal gemeinsam marschieren, wenn die 40 Millionen Auslandsdeutsche sich gefunden und die Hand reichen (...)”. Tag der deutschen Arbeit. *Der Nationalsozialist*, maio 1933. IFA/S, Alemanha. Ver também *Der Nationalsozialist*, ago. 1933.

³⁵⁷ Em 1934, os grupos Rio Oeste e Leste são extintos. MORAES, Luís Edmundo S. M., op. cit, 2001, p. 240.

³⁵⁸ Ibidem, p. 248.

³⁵⁹ Ibidem, p. 248.

A ascensão do grupo, porém, depois do seu ápice, entrou em curva de decadência a partir de 1937: houve uma diminuição de “força e tamanho” dos eventos do partido na cidade.³⁶⁰ Por exemplo, a maior festa do calendário nazista, o 1º de maio, teve metade do público do ano anterior. Moraes atribuiu isto à onda de nacionalização na capital federal. As comunidades de alemães passaram a ser sinônimo de perigo. Diversos artigos vindos de agências de notícias norte-americanas apareceram na imprensa brasileira sobre as “intenções territoriais” da Alemanha no Brasil³⁶¹. Apesar da reação do líder Hans Henning von Cossel com a fundação da Ajuda de Inverno, em novembro de 1937, os eventos do partido se tornaram raros. Após a sua proibição, em abril de 1938, as notificações sobre os eventos nazistas desapareceram da imprensa nacional-socialista.³⁶²

Além das festividades, o anti-semitismo era característica fundamental no movimento hitlerista no Rio de Janeiro, constantemente divulgado pelos periódicos nazistas como o *Der Nationalsozialist* (O Nazista), publicado na então capital federal. No “A Divisão das Raças”, artigo publicado em maio de 1933, o jornal reproduziu o pensamento nazista vigente, afirmando que os judeus eram inferiores ao povo alemão, “piores ainda” que outros grupos também rebaixados nesta hierarquia: “negros e pessoas de sangue amarelo”. O jornal tomou a questão judaica como mais difícil e proclamou que os alemães no Rio de Janeiro deveriam “evitar a mistura das raças”, lamentando que esta já havia se iniciado:

Não há nenhuma dúvida, que a questão dos judeus é muito, muito mais difícil que a questão dos negros e da mistura com sangue amarelo. Certamente se trata também de evitar a mistura de raças, mas a dificuldade está que esta mistura já se iniciou.³⁶³

³⁶⁰ Ibidem, p. 248.

³⁶¹ Ibidem, p. 250.

³⁶² Ibidem, p. 251.

³⁶³ “Es ist kein Zweifel, dass die Judenfrage viel, viel schwieriger ist als die Frage der Neger und der Mischung mit gelbem Blut. Gewiss handelt es sich auch hierbei in erster Linie darum, eine Vermischung der Rassen zu verhindern, aber die Schwierigkeit liegt eben darin, dass die Vermischung bereits eingetreten ist”. Scheidung der Rassen. *Der Nationalsozialist*, maio 1933. IFA/S, Alemanha.

Segundo o artigo, o povo judeu conteria “sinais exteriores e espirituais” que difeririam do povo alemão. Eles foram comparados com um “fermento de decomposição” que conteria uma força para desagregar o povo alemão, considerado pelos nazistas como uma raça melhor em diversos aspectos:

Do mesmo modo que o negro e o chinês são bem diferentes de nós por dentro e por fora, assim é o judeu. (...) Nós não queremos um homem universal, mas um homem alemão e este vem sendo deteriorado ao juntar sempre ao judeu. Por isto, proclamamos aqui: divisão de raças.³⁶⁴

Além de abusar da expressão de “raça inferior”, o texto também faz menção ao divulgado “poder mercantilista dos judeus”. O artigo afirmou que os muitos judeus que imigraram do leste para a Alemanha trouxeram suas bagagens repletas de dinheiro, que foram “produtos do seu roubo”. Por isso, segundo o artigo, o melhor seria uma rígida divisão de raças entre alemães e não-alemães. *(ilustrações 3.22 e 3.23)*

Os judeus, segundo o jornal, teriam sido também culpados pela falta de seriedade com que a colônia germânica no Rio de Janeiro encarava o movimento nazista, depois de um ano de atividades. Segundo o periódico, o conflito se deu pelas piadas feitas pelos judeus, pela pressão econômica e pelo ódio sem motivo.³⁶⁵ Os redatores acreditavam que uma maneira para resolver o problema da resistência da colônia germânica ao partido seria a construção de uma “ponte de entendimento”, por meio da comemoração conjunta do 1º de maio entre a organização nazista e as demais associações alemãs.

A divulgação dessas idéias radicais não tinha boa repercussão na colônia alemã do Rio de Janeiro. Neste mesmo número, avisou-se os leitores que corria um processo contra Werner Bartels, o chefe regional do partido, porque ele fez uma nota comparando o comerciante e membro da Câmara de Comércio Alemã, James Magnus, assim como o enviado alemão Knipping, a judeus. Mas, o fato de o comerciante perder em

³⁶⁴ Genau so gut wie der Neger und der Chinese äusserlich und innerlich etwas ganz anderes sind als wir, so ist es auch der Jude. (...) Wir wollen ja keinen Allgemeinmenschen, sondern den deutschen Menschen. Und der wird in der für ihn charakteristischen Art durch jüdische Beimischung verschlechtert. Deshalb heisst es auch hier: Scheidung der Rassen”. Scheidung der Rassen. *Der Nationalsozialist*, maio 1933. IFA/S, Alemanha.

³⁶⁵ Die überflüssige Ortsgruppe. *Der Nationalsozialist*, maio 1933. IFA/S, Alemanha.

primeira instância fez com que os ânimos não se retraíssem. Pelo contrário, no mês seguinte, o jornal publicou o artigo *O sionismo financeiro*, em que reafirmou a imagem anti-semíta dos judeus enquanto pessoas gananciosas que emprestariam dinheiro para depois cobrar juros altíssimos.³⁶⁶

Fora a insistência em divulgar idéias anti-semitas, o jornal também publicava com destaque as ações do partido, principalmente as de divulgação (palestras e encontros) e as beneficentes, com ênfase nas atividades da Associação de Mulheres Nazistas do Rio de Janeiro, que funcionava desde 1932. Sua líder foi, segundo o jornal, Gertrud Guss, esposa de Herbert Guss, o dentista e ex-líder nacional do partido no Brasil. A Associação, que trabalhava em conjunto com o núcleo de mulheres de Nova Friburgo, contava em 1933, com 20 participantes, que se dedicavam ao serviço social, à ajuda médica e aos cuidados com crianças alemãs.³⁶⁷

Afora estas palestras e festas, os partidários do Rio, pelos artigos do jornal, também costumavam receber viajantes vindos da Alemanha, atraídos pela beleza da cidade. Em 1933, 14 antigos combatentes, feridos na I Guerra Mundial, visitaram a cidade, passearam pela Tijuca e ficaram hospedados no Hotel Corcovado, tudo isto acompanhados de membros do partido local.³⁶⁸

A importância do Rio de Janeiro se deu não só pelo expressivo grupo do partido que lá se desenvolveu (apenas atrás numericamente de São Paulo e Santa Catarina), mas também por ser a capital federal e centro irradiador da política nacional e sediar a Embaixada Alemã. As festas nazistas, a organização de células do partido em bairros cariocas, a difusão de idéias anti-semitas nos periódicos de linha nacional-socialista — tudo isto se deu — sem repressão ou controle das autoridades nacionais pelo menos até 1938 — na capital brasileira da época.

Espírito Santo

(ilustrações 3.25, 3.26, 3.27 e 3.28)

³⁶⁶ Ibidem.

³⁶⁷ Ibidem.

³⁶⁸ *Der Nationalsozialist*, maio 1933 e ago. 1933. IFA/S

No Espírito Santo, considerado para os alemães nazistas como o estado “tropical”³⁶⁹ por excelência, encontrava-se instalada uma significativa colônia de germânicos que, entre teuto-brasileiros e alemães, contabilizavam de 30 a 40 mil pessoas, a maioria evangélica. Poucos, no entanto, aderiram ao partido nazista, apenas 41 pessoas. Mesmo assim, este estado tem grande importância no presente estudo, pois foi somente nele que foram empreendidas pesquisas de cunho racial para se verificar ou não a possibilidade de manutenção da pretensa “raça ariana” em um país tropical.

Segundo Carlos Fouquet, esta colônia se diferenciava da existente em outros estados do Brasil, justamente por manter pouco contato tanto com a sociedade brasileira quanto com imigrantes alemães estabelecidos em outras localidades brasileiras:

A movimentação existente nos Estados do Sul parece não os atingir. Há várias gerações vivem em seu mundo restrito e se sentem satisfeitos, assim isolados e não registrados pelos outros, que quase desconhecem sua existência. Salvo algumas exceções, não participam do comércio e nem da expansão da indústria: começaram como agricultores na mata virgem e até hoje o são, cultivando café, e, conforme as necessidades, também milho, mandioca, feijão, além de criarem gado, apenas para consumo próprio. Preferem viver em fazendas isoladas, constituindo famílias numerosas, cujos filhos cedo se casam e se tornam fazendeiros. Adquirindo sempre novas terras, ampliam a região por eles colonizada.³⁷⁰

Experiências da Sociedade de Medicina Tropical Alemã de Hamburgo mostraram que estes alemães tinham se miscigenado pouco ao longo dos anos e por isto “tinham mantido sua raça ariana”. Esta sociedade fez um extenso estudo em 1938 com a colônia

³⁶⁹ Mesmo que os alemães tivessem considerado seu clima como tropical, ele também é caracterizado como tropical de altitude, nas regiões serranas. Já na região litorânea, o clima pode ser considerado como, de fato, tropical.

“O Estado do Espírito Santo é caracterizado por duas tipologias climáticas variáveis de acordo com o relevo local. Na Baixada Litorânea predomina o clima tropical, com ocorrências de chuvas no verão, 1.250mm anuais na base da serra e em Vitória; no restante da baixada, a média pluviométrica anual é de 1.000mm. A temperatura média anual atinge 22°C podendo ultrapassar. A região serrana apresenta clima tropical de altitude, com temperaturas em torno dos 19°C, diminuindo conforme aumentam as altitudes. O índice pluviométrico chega a 1.700mm/ano.”

http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./estadual/index.html&cont_eudo=./estadual/es3.html

³⁷⁰ FOUQUET, *Imigrante Alemão e seus descendentes no Brasil (1808-1824-1974)*. São Paulo, 1974, p. 52-53.

germânica com a preocupação de se verificar se seria possível a manutenção dos “caracteres étnicos originais”, sendo que grande parte desta comunidade havia imigrado no século XIX e, segundo esses cientistas, havia permanecido “imune” à miscigenação.³⁷¹

Comparando os resultados dessa pesquisa com o de Ernest Wagemann, que também tinha se ocupado da mesma temática em 1918, os pesquisadores de Hamburgo questionaram a aclimação da raça branca em clima tropical e seus possíveis problemas de povoamento, assim como a manifestação de doenças como a disenteria e tuberculose e o tamanho e massa das pessoas. Foram verificadas condições ligadas à higiene e salubridade.³⁷² Além das características estéticas, verificou-se a adaptação corporal e psíquica, observando-se aspectos culturais e espirituais, como o seguimento da religião e a manutenção da “índole”. Concluiu-se, então, que o “isolamento da floresta brasileira” teria favorecido este último aspecto, com a preservação da língua e da fé.

A pesquisa teve o apoio de cientistas e das autoridades brasileiras. Houve também um agradecimento especial a Hans Henning von Cossel, líder nacional do partido nazista no Brasil. Pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz e um representante da Química Bayer também haviam colaborado, além de médicos e párocos alemães.³⁷³ A preocupação inicial foi explorar a relação do meio com a hereditariedade, concluindo os cientistas que o “saudável” fator hereditário dos alemães foi essencial para a manutenção da raça no clima tropical. Segundo Alckermann, foram feitas pesquisas de caráter antropométrico e estudadas as genealogias de algumas famílias de colonos:

Quarenta pessoas foram submetidas ao exame antropométrico que consistia nas especificações do colono (nome, idade, estado civil, procedência, cor de olhos, cor dos cabelos, cor de pele, tipo de cabelo –

³⁷¹ GIEMSA; G. NAUCK, E. G. Uma viagem de estudos ao Espírito Santo. Trabalho publicado pela Universidade Hanseática, *Anais Geográficos*, série D, Medicina e Veterinária, vol IV, Hamburgo, Friederischen, De Gruyter & Co, 1939.

www.estacaocapixaba.com.br/textos/imigracao/giemsna_nauck/prefacio.html Ver também a comunicação de ACKERMANN, Silvia. *Sob a lente alemã: súditos de Hitler pesquisam populações de origem alemã no Estado do Espírito Santo*. Anais do Simpósio Muitas Faces de uma Guerra. Florianópolis, UDESC, 2005.

³⁷² Sobre mais detalhes destas experiências, ver cap. 1 deste estudo. DA, 1937.

³⁷³ GIEMSA; G. NAUCK, E. G. *Uma viagem de estudos ao Espírito Santo*. Trabalho publicado pela Universidade Hanseática, *Anais Geográficos*, série D, Medicina e Veterinária, vol IV, Hamburgo, Friederischen, De Gruyter & Co, 1939.

www.estacaocapixaba.com.br/textos/imigracao/giemsna_nauck/prefacio.html

lisos ou ondulados, compleição, estado alimentar). E nas determinações antropométricas (peso, altura, circunferência da cabeça, comprimento da cabeça, largura da cabeça, largura frontal mínima, largura do arco zigomático, largura da mandíbula inferior, distância nasomentoniana, altura nasal, largura nasal, distância entre os olhos, distância entre as pupilas, profundidade nasal).³⁷⁴

A partir destes exames, não foi comprovado aquilo que eles consideravam como “degenerações”, devido ao clima do Espírito Santo, na população de origem teuta que, durante três ou quatro gerações, já estava estabelecida no Brasil. Afirmavam que teria havido algumas modificações em crianças que seriam “menos desenvolvidas física e intelectualmente”, mas as características da raça teriam permanecido.³⁷⁵

A pesquisa tem ligação com outro pensamento da ideologia nacional-socialista. Além da preservação da raça, pensou-se também na expansão territorial, a busca pelo espaço vital (*Lebensraum*). Procurava-se saber se o Brasil estaria apto — do ponto de vista racial — para “futuros empreendimentos coloniais teutos”, se bem que, ressaltaram os autores, o fim primeiro neste país seria a busca por matérias-primas.³⁷⁶

Segundo a pesquisa, a imigração teuta ao Espírito Santo foi mais expressiva até 1830, sendo que os alemães permaneceram, na maioria das vezes, em área rural, tendo freqüentemente que se mudar de fazenda para procurar terras mais férteis. Foram fundadas diversas colônias, mas elas não poderiam ser caracterizadas como somente de origem alemã, pois havia imigrantes italianos e brasileiros na região: Campinho, Leopoldina, Califórnia, Ponto, Santa Maria, Limoeiro-Jatiboca, Laranja da Terra, Lagoa, Criciúma, Santa Joana-Palmeira, Pontal, Santo Antônio e Mutum. Algumas colônias malograram, por exemplo, a de Afonso Pena, fundada em 1911, e da São Mateus, em 1923. Outras levas de alemães, que chegaram no século XX, também não conseguiram se firmar na região: iam para outros estados brasileiros ou chegavam a voltar para a Alemanha.³⁷⁷ Referiram-se os autores da pesquisa que, como nos estados do Sul, houve um embate entre os *Volksdeutsche* (teuto-brasileiros), já estabelecidos no Espírito Santo, e os *Reichsdeutsche* (alemães de nascimento), recém-chegados nas levas vindas da Europa no pós-guerra:

³⁷⁴ ACKERMANN, Silvia, op. cit., p. 3-4.

³⁷⁵ Ibidem, p. 5

³⁷⁶ GIEMSA; G. NAUCK, E. G., op. cit.

³⁷⁷ Ibidem.

A população radicada dos colonos olhava esses novos alemães como estrangeiros e desconfiava deles: consequência, em parte, das experiências que, infelizmente, tiveram com muitos elementos, saídos da Alemanha depois da (1^a.) guerra, vagabundos, trapaceiros e indolentes. O imigrante vindo da Alemanha, por seu lado, dificilmente integra-se na vida do colono, e sente muito o atraso do ambiente.³⁷⁸

Muitas vezes, também os *Reichsdeutsche* não queriam desempenhar profissões ligadas ao campo, preferindo se ocupar como artesãos ou em outras atividades urbanas, preferindo assim, ir para cidades do Sudeste ou Sul do Brasil.

As comunidades rurais do Espírito Santo foram as escolhidas para fazer experimentos de cunho racial no Brasil visando provar se seria possível o estabelecimento da “raça ariana” em solo tropical. Foram as únicas experiências deste caráter realizadas no Brasil durante o III Reich. São muito significativas da pretensa seriedade “científica” que os nazistas concebiam a colonização alemã no Brasil, pseudociência esta que acreditava em fatores como clima e miscigenação racial como determinantes do sucesso deste projeto.

Um projeto “colonial” que se desenvolveu tendo como cenário a teoria pangermanista do *Lebensraum* (espaço vital), na qual o Brasil apareceu como alvo para “futuros empreendimentos” deste porte. Mesmo que, em território brasileiro, as pretensões raciais tenham ficado apenas na não-miscigenação com a população local e no estudo da genealogia da população teuta, não se pode deixar de fazer a ponte com os “experimentos raciais” empreendidos pela Alemanha nazista praticamente no mesmo período: programas de eutanásia e de esterilização forçada de doentes mentais, programas de *Lebensborn*, onde, em espécie de haras humanos, mulheres alemãs solteiras concebiam crianças de soldados da SS³⁷⁹ e, finalmente, os campos de extermínio, onde milhões de vida foram levadas em nome desta chamada pureza da “raça ariana”. Segundo Roney Cytrynowicz:

Toda a concepção de mundo nazista era baseada na visão biológica de superioridade da “raça ariana” que exigiria uma luta para sua “purificação” e hegemonia (...). Esta concepção foi colocada em prática com a esterilização forçada e desembocou no extermínio de judeus e dos considerados “doentes incuráveis”. Era parte desta mesma concepção

³⁷⁸

ibidem.

³⁷⁹

LENHARO, Alcir, *Nazismo, o triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1995, p. 70.

fazer a guerra para conquistar territórios “necessários à sobrevivência da raça superior” às custas da subjugação de outros povos considerados inferiores, como russos e eslavos.³⁸⁰

Minas Gerais

(*ilustrações 3.29, 3.30 e 3.31*)

Em Minas Gerais, houve algumas poucas colônias alemãs fundadas no século XIX. Dentre elas, citamos a de Filadélfia, próxima a cidade de Teófilo Otoni, na qual havia imigrantes de diversas nacionalidades. Mas os alemães que chegaram, a partir de 1856, teriam sido trazidos com o intuito de “germanizar” a região. O local era considerado tão ruim devido ao mau planejamento e colheitas malsucedidas que no Brasil do século XIX era corrente ouvir as expressões das mães advertindo seus filhos: “Olha que eu te mando para o Mucuri!”.

A segunda colônia — Colônia Dom Pedro II — foi fundada próxima da região de Juiz de Fora em 1858 e chegou a ter 1162 colonos. Estes imigrantes sofreram a repressão da polícia brasileira durante a II Guerra, quando o Brasil se tornou inimigo da Alemanha. Em 1942, um pastor luterano, Viktor Schwaner, foi preso sob a acusação de ser um agente nazista e permaneceu na Prisão de Neves em Belo Horizonte por dois anos.³⁸¹

Com relação à atuação do partido, em comparação com outros estados do Sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro, Minas Gerais ficou entre os menos expressivos com um grupo de partidários de 66 integrantes. Foram encontrados, também, poucos registros desta presença, entre eles, destaca-se a publicação, durante a década de 1930, do jornal anti-semita *Mitkämpfer* (Combatente) pelo Sínodo do Brasil-Central e a Associação Gustav Adolf de São Paulo e Minas Gerais. Em setembro de 1934, por exemplo, teve como capa o artigo: “Eine weiße Mutter” (uma mãe branca) com a foto de uma mulher branca e loira carregando uma criança também branca e loira, ambos característicos dos ideais estéticos procurados pelos nazistas. Abaixo da foto, vinha a legenda: “Cada vez mais precisamos de menos damas e muito mais mães”.

³⁸⁰ CYTRYNOWICZ, Roney, *Memória da Barbárie*. São Paulo: Edusp, Nova Stella, 1990, p. 49.

³⁸¹ LUCA, Salcio del. Depoimento escrito de Viktor Schwaner. Mensagem recebida por: <ana_diet@hotmail.com> em set. 2005.

No mês seguinte, o foco foi a figura do judeu, caricaturado como o “Judeu Eterno”. Esta expressão era correntemente utilizada no III Reich. Um dos mais famosos filmes anti-semitas divulgados no período na Alemanha tinha este nome. Na obra, considerada “um dos mais maldosos filmes já rodados”³⁸², os judeus são comparados ora com moscas, ora com ratos. No texto do jornal *Mittkämpfer*, um rol de idéias anti-semitas foram expressas, tendo como base representações bíblicas deturpadas, como por exemplo, que o judeu foi o responsável pela crucificação de Jesus Cristo e que o havia ofendido com palavras baixas. Mas ao final, Jesus Cristo haveria respondido: “Eu vou ficar e me acalmar, você, ao contrário, deve ir”. Assim, o autor do artigo explicou que eles foram fadados a caminhar sem terra logo depois da destruição de Jerusalém, 70 anos depois de Cristo. O artigo é concluído com a máxima anti-semita que compara os judeus a uma múmia do povo: “A múmia do povo, que caminha sobre a terra, imersos em suas fraldas de caracteres, um pedaço da história mundial muito endurecido. Uma múmia? Mas uma múmia vive! Desassossegada e foragida”.³⁸³

Conclui-se que, mesmo que a colônia alemã em Minas Gerais tenha sido pouco expressiva e o nazismo tenha encontrado apenas um pequeno número de adeptos nesta região, encontram-se registros da presença da divulgação de idéias racistas, anti-semitas e nazistas no interior da colônia, como por exemplo, as divulgadas no jornal *Mittkämpfer*.

3.4. Norte e Nordeste

A historiografia sobre os germânicos no Brasil subestima a presença de alemães no Norte e Nordeste do País. No entanto, não só havia uma colônia expressiva alemã em alguns estados destas, como é o caso da Bahia e em Pernambuco, como também apareceram, na década de 1930, grupos, círculos, pontos de apoio e células do partido nazista.

³⁸² LENHARO, Alcir Lenharo. Nazismo. “O Triunfo da Vontade”. Campinas: Ática, 58.

³⁸³ “Volksmumie, die über die Erde wandelt, eingewickelt in ihren alten Buchstabenwindeln, ein sehr verhärtet Stückweltgeschichte - Eine Mumie? Aber die Mumie lebt! Unruhig und flüchtig”. *Der Mittkämpfer*. Herausgegeben für die Mittelbrasilianische Synode und die Gustav Adolf-Vereine São Paulo und Minas Gerais. São Paulo, 14 out. 1934, capa.

A presença mais significativa foi na Bahia e em Pernambuco, mas o estado do Pará apareceu como um dos primeiros grupos do partido no Brasil. A lógica permaneceu a mesma: em todo o território brasileiro, nas regiões onde houvesse colônias rurais de alemães, havia também representantes do partido nazista.

Em Manaus, por exemplo, existe o registro da colônia Tomé Guaçu. Apesar de o estado do Amazonas contabilizar o pequeno número de quatro partidários, houve uma importante expedição na região, em 1936, de cientistas nazistas que queriam pesquisar a flora e fauna local.

Na região da Bahia ou em Pernambuco, percebe-se traços de tropicalização deste nazismo. Ao mesmo tempo em que comemoravam o aniversário de Hitler, o 1º de maio, e festas do calendário nazista, havia espaço para a comemoração da brasileira Festa de São João, com direito a fogueira e canjica.

Bahia

(ilustrações 3.32 e 3.33)

Assim como os outros grupos de alemães estabelecidos no Brasil, a comunidade germânica da Bahia sofreu uma mudança de orientação com a chegada de Hitler ao poder. Em torno das notícias da ascensão econômica promovida pela Alemanha, houve uma reestruturação do sentimento nacionalista nestas colônias. Segundo o relatório anual da Associação Alemã Germânia, a pátria mãe (*Heimat*) tinha sofrido mudanças em 1933 que influenciariam tanto o *Auslandsdeutschtum* (germanismo no exterior) quanto as relações Brasil-Alemanha.

A estruturação do círculo local do partido nazista não impediu a tropicalização do nazismo. A comunidade alemã festejava, por exemplo, as festas brasileiras como o carnaval, São João e festa da primavera “com grande popularidade”³⁸⁴, mas não esquecia das tradicionais festas alemãs, como os chás dançantes e concertos de pianistas e violinistas em homenagem a Richard Wagner, artista predileto de Hitler. Os encontros festivos e reuniões partidárias aconteciam na sede da Associação Germânia da Bahia que, em 1933, completou 60 anos. Uma mudança ocasionada em função da estruturação do partido foi a

³⁸⁴

Jahres-Bericht. *Deutscher Verein Germania*. Bahia, 1933.

substituição, em alguns dias da semana, dos jogos de futebol pelos encontros do partido nazista local, realizados no ginásio esportivo desta associação.

O fundador desta associação foi Augusto Westphal, um veterano da guerra de unificação alemã de 1870 que, em 1934, morava em Porto Alegre. Desde a segunda metade do século XIX pode-se verificar a presença da comunidade alemã em diversos bairros da Bahia, por exemplo, em Garcia, Bom Gosto, Gamboa, Canela, Barra e Farol. Em comparação a outros estados brasileiros, a Bahia não foi vista como um campo para especulação, mas sim um lugar de “desenvolvimento calmo”. Para expressar melhor esta idéia da especificidade da realidade baiana, o integrante do Germânia, Wilhelm Overbeck, no discurso do 60º aniversário da associação, utilizou o dito popular: “Um jovem marinheiro na Bahia pode se tornar um grande comerciante, mas aí ele volta a ser um marinheiro”.

Em sua visão: “A Bahia nunca teve possibilidades para grandes negociações como, por exemplo, a borracha no Amazonas ou o café em São Paulo. O comércio da Bahia ocorre de maneira estável e com pequenas relações”. Um dos ramos de atividade exercido pelos imigrantes alemães foi a exportação de tabaco. O lado “exótico” também é descrito por Overbeck. Segundo ele, na segunda metade do século XIX, por exemplo, era possível subir a ladeira sendo confortavelmente carregado por dois negros³⁸⁵, o que custaria uma batáca (320 réis). Mas também teria seu lado negativo, como a epidemia de febre amarela que, em 1851, chegou a Santos (SP) e depois atingiu a então capital brasileira, Rio de Janeiro, e depois a Bahia.

As relações com a comunidade germânica foram abaladas pela deflagração da 1ª Guerra Mundial e o posicionamento do Brasil contra a Alemanha. Muitas empresas alemãs teriam sido mandadas para a lista negra, como a Firma Behrmann & Cia e o Banco Alemão. Mas, na década de 1920, as relações voltaram a melhorar e, em 1933, estavam boas. “Todos os participantes não-alemães são bem recebidos em nossa associação”, enfatizou Overbeck. Além disto, a própria cidade passou por um intenso desenvolvimento e se instalou uma atmosfera de paz onde foram enfatizadas as boas relações entre a colônia — principalmente os mais jovens — e os brasileiros. Segundo Overbeck:

³⁸⁵ Refere-se aqui ao transporte de pessoas feito por negros escravos, que poderia acontecer em redes ou em “cadeirinhas”.
http://www.fetranspor.com.br/revista25_historia_transporte.htm

Deixe nos ainda dar um panorama, como nestes últimos 10 anos nossa Bahia se desenvolveu e se transformou. Bem, são oferecidos mais cinemas e possibilidades de diversão. Desenvolveu-se pacificamente, de modo geral, sem ser influenciada por revoluções e, lentamente se renovou, mas de maneira muito expressiva (...) Quase nada disse se mostrou de efeito duradouro e chamou a atenção que esteja na memória das gerações mais jovens que pudemos agradecer os brasileiros por isto. Boas relações são um bem valioso, uma adaptação adequada de nossa parte trará frutos para cada um e para todos.³⁸⁶

O prédio da antiga firma alemã da cidade, Westphalen Bach & Krohn, foi reformado. Uma rua foi rebatizada como rua Alemanha, que seria um símbolo para extinguir os tempos de guerra. Outras inovações chegaram à cidade, como o correio por via aérea, o telégrafo e o telefone. Restabeleceu-se também um novo círculo com associações alemãs, desde escolas, até empresas e igrejas, o que foi chamado de persistência do *Bahideutschtum* (germanismo baiano). A cidade passou novamente a sediar o Banco Brasileiro para Alemanha e o Banco Alemão Transatlântico. Na mesma linha dos discursos dos partidários e simpatizantes, Overbeck afirmou também que a chegada de Adolf Hitler ao poder, com sua promessa de construir um novo Reich, fez com que a colônia alemã na Bahia ganhasse novas esperanças e fez votos que o novo cônsul deste estado viesse a fortificar o vínculo com a Alemanha, sem esquecer os interesses dos colonos:

Nós temos esperança que o novo Reich nos dê um cônsul, que pode ser e quer ser o que um cônsul deve ser: o vínculo mais nobre com a pátria mãe (*Heimat*), mas inserido no sentimento e modos de vida da colônia como seu membro participativo e colaborativo (...). Desejamos que a

³⁸⁶ “Lassen Sie uns noch einen Blick werfen darauf, wie sich nun in den letzten 10 Jahren unser Bahia entwickelt und verändert hat. Nun, es bietet mehr an Kinos und sonstigem Unterhaltungen. Im Wesentlichen unberührt von den Revolutionen, hat es seine friedliche Entwicklung genommen, hat sich langsam, aber doch eindrucksvoll erneut (...) Nachwirkend hat sich überhaupt kaum etwas davon gezeigt und bemerkbar gemacht, im Gegenteil, man hat ostentativ versucht Freundschaft zu betonen. Jüngerer Geschlechtern in unserer Kolonie möge das eine Erinnerung sein, dass wir hier den Brasilianern danken dürfen. Gute Beziehungen sind wertvolles Gut, richtige Anpassung unsererseits bringt dem Einzelnen und der Allgemeinheit Früchte.” Festrede zum 60jährigen Bestehen des Vereins Germania, gehalten von Herrn Wilhelm Overbeck. In Jahres-Bericht 1933, *Deutscher Verein Germania*, Bahia.

reconstrução e a sorte dê a nossa Germânia sempre um apoio alegre, forte e constante para um válido e durável desenvolvimento, que desejamos que a pátria tenha.³⁸⁷

A historiografia já abordou o apoio de alguns órgãos da imprensa brasileira à política do III Reich. Seria o caso do *Diário de Notícias*, publicado em Salvador, que se tornara uma espécie de porta voz dos interesses germânicos e atuava como peça de propagação dos ideais nazistas em terras baianas.³⁸⁸ Segundo José Carlos Peixoto Júnior, de 1935 a 1941, o jornal fez campanha política francamente adepta das idéias nazistas. Em janeiro de 1935, por exemplo, ao comparar o regime de Vargas que nasceu com o evento de 1930 e o III Reich, o *Diário de Notícias* afirmou que o Brasil devia seguir o exemplo de Hitler e comemorou o aniversário dos dois anos da “revolução” alemã:

O ano de 1933 foi o da Revolução alemã (...) A Alemanha de Hitler vive, tornando-se uma realidade fortíssima que ninguém mais pode eliminar (...) o Nacional-socialismo alemão está predestinado a fazer escola e servir de exemplo para o mundo.³⁸⁹

Em 1936, encontram-se novos registros da atuação do Grupo Regional da Bahia, com a promoção de uma festa deste grupo em conjunto com a Frente de Trabalho Alemã. O líder do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel³⁹⁰, estava presente e fez uma palestra sobre os objetivos do nazismo no Brasil, onde chamou os alemães no exterior, em especial os presentes naquele grupo do partido, a participar do movimento. Segundo Cossel, eles representariam uma “variável de muito valor” para a Alemanha e deveriam ser

³⁸⁷ “Hoffentlich gibt uns das neue Reich einen Konsul, der das sein kann und will, was ein Konsul sein muss: vornehmstes Bindeglied mit der Heimat, aber eingegliedert in das Fühlen und das Wesen der Kolonie, als ihr anteilnehmendes, mitarbeitendes Mitglied (...). Hoffen wir, dass das Wiederaufbauen und das Glück, dass eine helle Zukunft Deutschlands unser Germania ständig eine freudigen, starken, beständigen Rückhalt gibt zu der günstigen und dauerhaften Entwicklung, die ihr beschieden sein möge”. Ibidem.

³⁸⁸ PEIXOTO Jr, José Carlos. A quinta coluna do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941). In: II ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2004, Florianópolis.

³⁸⁹ *Diário de Notícias*. 29 jan. 1935, edição nº 9302, p. 3. Apud PEIXOTO Jr., op. cit.

³⁹⁰ Acreditamos que, neste ano, Cossel teria visitado os grupos do partido localizados no Nordeste. Abaixo, veremos relatos sobre visita do mesmo a Pernambuco.

representantes da sua pátria mãe, colocando-se a dispor para o trabalho de construção da nova Alemanha. Em suas palavras: “Uma das missões dos grupos regionais do partido nazista no exterior é manter e intensificar a ligação com a Pátria e os alemães no estrangeiro (...)”.³⁹¹

Porém, antes da ascensão de Adolf Hitler, em 1926, já havia registros de relatórios da Alemanha sobre as regiões Norte e Nordeste, destacando a organização do *Deutschtum* (germanismo) na Bahia, Recife, Pernambuco, Belém do Pará e Manaus. Segundo o relatório escrito pelo enviado alemão Rubert Knipping, a maior e mais antiga colônia alemã, nestas regiões, se localizava na Bahia, com 600 pessoas. Este estado, na década de 1920, encontrava-se em crise de mão-de-obra, devido ao fim da escravidão no final do século XIX. Os germânicos que moravam ali se dedicavam à cultura do tabaco e do cacau, mas já se encontrava uma produção fabril incipiente, com fábricas de cigarro no interior do estado, que empregavam alemães imigrantes.³⁹²

Estes alemães sofriam também nesta época alguns resquícios da I Guerra, mas o saldo foi considerado bom. “As pessoas podem falar de uma simpatia pelos alemães neste estado”³⁹³, escreveu Knipping. Esta simpatia se estenderia aos representantes locais. A Bahia seria, portanto, segundo o relatório, o único estado brasileiro que a fundação pró-aliados na I Guerra não teria influenciado a população, principalmente pela proteção do chefe de polícia à comunidade alemã. Em Ilhéus (BA), os alemães imigrados se dedicavam a atividades agrárias com o cultivo de cacau, café, açúcar, tabaco e algodão.³⁹⁴

Tanto na Bahia quanto em Recife, foram destacadas também a presença de alemães em ordens religiosas como os franciscanos e beneditinos. Foram contabilizados cerca de 60 franciscanos alemães em missões indígenas na Bahia e Olinda, dos quais 26 foram ex-combatentes da I Guerra.³⁹⁵

³⁹¹ “Eine der Aufgaben der Ortsgruppen der NSDAP im Ausland sei es, die Verbindung zwischen Vaterland, und Auslandsdeutschen aufrechtzuhalten und auszubauen”. *Aus der OG Bahia*. DM, 28 fev. 1936, p. 13. IFA/S, Alemanha.

³⁹² Relatório de Rubert Knipping, enviado almejo ao Brasil (1925-1933). Rio de Janeiro, 25 out. 1936. R127507. AA/B, Alemanha.

³⁹³ “Man kann in diesen Staat vielleicht von positiver Deutschfreundlichkeit sprechen”. *Ibidem*.

³⁹⁴ *Ibidem*.

³⁹⁵ *Ibidem*.

Pernambuco

(ilustrações 3.34, 3.35 e 3.36)

O círculo local do partido nazista em Pernambuco funcionou desde 1932. O clube alemão deste estado, pelo seu periódico mensal, seria o grande propagador dos encontros nazistas. Em sua sede, no local dos seus ginásios esportivos, eram realizadas as reuniões do partido. O jornal do clube, a partir de 1934, passou a estampar em sua capa a bandeira brasileira ao lado das duas bandeiras nazistas: a primeira com a suástica e a segunda, de cores preta, branca e vermelha, era utilizada no Estado alemão para fins nacionais de comércio entre 1933 e 1935. A partir de 1936, o periódico passou a estampar apenas a bandeira com a cruz gamada e a brasileira. Abaixo das bandeiras estava um desenho do clube, um suntuoso prédio de dois andares circulado por uma moldura que continha a águia, tradicional símbolo da Alemanha.

Muitas casas comerciais de Recife anunciavam no jornal, como por exemplo “A preferida”, de tecidos e “A Condessa”, de máquina de costura. Em maio de 1936, a publicação estampou uma propaganda da festa de 1º de maio que se daria no Clube Alemão. Na ilustração, abaixo da foto de três homens, havia a legenda: “Dia do Trabalho — Brasil — 1936” estampada com a suástica. No anúncio, constava também a observação: “É o maior dia festivo do nosso povo na nova Alemanha, ninguém deve faltar”.³⁹⁶ Outra data festiva do III Reich, comemorada no mesmo ano, foi a festa do dia 30 de janeiro, celebração da chegada ao poder de Adolf Hitler. (ilustrações 3.37 e 3.38)

Porém, a programação do clube alemão não era feita apenas por festas do calendário nazista. Percebe-se também uma mistura entre manifestações da cultura popular brasileira e do nazismo, que se *tropicalizava*. Por exemplo, nos anos de 1935 e 1936 — logo após a comemoração do 1º de maio e do solstício, ambas festas comemoradas também na Alemanha, — houve, em 24 de junho, um Baile de São João, festa tradicionalmente brasileira, com canjica, fogueira e fogos de artifício. No programa do clube, bilíngüe, os autores do jornal não acharam uma palavra para o típico doce da culinária brasileira, a canjica, e deixaram-na versada em português no programa escrito em alemão. A frase em português “Baile de S. João, Canjica, Fogos artificiaes - Fogueira” foi traduzida para “Ball

³⁹⁶

Deutsche Klub Pernambuco, n. 71, 1936. IFA/S, Alemanha.

zu S. João, Canjica, Feuerwerk-Feuerstoss”. Os outros programas daquele mês foram típicos da cultura alemã, como o torneio de tiro e concertos de música. Em 1934, foi publicado um jornal extra sobre o carnaval na cidade, com músicas carnavalescas em alemão e charges. Neste número, o jornal descreveu em forma de crônica a cidade de Recife, chamando os germânicos que moravam em *zona tropical* para atentar às diferenças com a Europa, como por exemplo, o sol do norte e as praias com areias brancas. Porém, havia também uma observação do crescimento da cidade que traria “uma ameaça constante de perigo”.³⁹⁷ (*ilustração 3.39*)

O jornal do clube alemão em Pernambuco foi um dos mais radicais periódicos de orientação nacional-socialista no Brasil. O clube, em 1934, fez questão de mudar seus próprios estatutos para melhor se adaptar ao regime de Adolf Hitler. Procurava-se, assim, levar as idéias nazistas aos vilarejos mais distantes e também a responsabilidade de se lutar pelos ideais deste Estado. Segundo o jornal de junho de 1935:

O pensamento nacional-socialista se irradia não somente na Alemanha, ele também alcançou todos os alemães no exterior. Também em nossa pequena colônia em Pernambuco, ele estabeleceu raízes profundas e a colônia se reúne hoje de maneira unânime em volta do Führer e chanceler do povo Adolf Hitler e em volta do trabalho por ele desenvolvido.³⁹⁸

Grande parte da colônia alemã, segundo o jornal, havia participado das festas realizadas no mês de maio, organizadas pelo consulado e pelo partido nazista. No jornal do clube, eram publicados discursos dos membros do partido da Alemanha e do Brasil; entre eles, alguns especificamente contra os judeus.

Assim como na Bahia, o clube também oferecia os seus próprios espaços, como por exemplo, a quadra de boliche para se realizar as reuniões e eventos do partido. Assim, seus dirigentes concluíram que: “Não há mais meio caminho, deve se tornar claro aos

³⁹⁷ “Scylla und Charybdis”. Monatsblatt *Deutscher Klub Pernambuco*, Karnevals Nummer, 1934. IFA/S, Alemanha.

³⁹⁸ “Der national-sozialistische Gedanke herrscht heute nicht nur in Deutschland, nein, er hat auch alle deutschen Menschen im Ausland erfasst. Auch in unserer kleinen Kolonie Pernambuco hat er tiefe Wurzeln geschlagen, sie steht heute einmuetig hinter dem Fuehrer und Volkskanzler Adolf Hitler und hinter seinen Werk.” Monatsblatt *Deutscher Klub Pernambuco*, n. 62, Ende Juni 1935. IFA/S, Alemanha.

integrantes do clube e a toda comunidade alemã o significado do partido nazista e seu movimento”. Ficou decidida a elaboração de um trabalho conjunto entre o clube e o partido. Como símbolo desta parceria, o quadro de Adolf Hitler, que fora trazido na festa de 1º de maio, passou a figurar as paredes da sede. A posição do clube e do seu jornal, no entanto, não foi bem recebida por toda a comunidade alemã. Alguns membros elaboraram um abaixo-assinado de protesto. Porém, eles deixavam claro que não eram contra o governo do III Reich, *mas sim contra a veiculação de propaganda política partidária no jornal*. Tal manifestação não surtiu efeito, uma vez que, nos números subsequentes, os proprietários levaram adiante a mesma linha editorial e o clube continuou sendo palco de festividades nazistas.

Em janeiro de 1936, a comunidade alemã em Recife comemorou o dia da chegada ao poder de Adolf Hitler. Compareceram 120 pessoas no salão de festas do clube. Foi feito um desfile com a bandeira e, em seguida, vários partidários do círculo local discursaram. O simpatizante Kalk fez um apelo aos membros do povo para que “Finalmente se unam e lutem em conjunto para se formar uma comunidade unida”. Lembrou também que o serviço de Ajuda de Inverno do grupo de Recife havia arrecadado 20 contos de réis. O partidário Angermann abordou o renascimento econômico da Alemanha. Em consonância com o discurso vigente na Alemanha nazista de extirpação da fome e do desemprego, ele afirmou que o nacional-socialismo trouxe empregos para este país e o fez renascer lutando contra o bolchevismo. Angermann destacou a volta da soberania do exército alemão. Como de praxe, após este discurso, foi entoado os hinos alemão e o de Horst Wessel.

Outro acontecimento neste ano foi a visita, em fevereiro, do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel.³⁹⁹ Primeiramente, ele foi até o ponto de apoio do partido Paulista para depois encontrar o grupo local de Recife. Este grupo organizou no clube alemão uma recepção que foi chamada de *Noite dos Camaradas*, onde Cossel e outros partidários discursaram. As falas se concentraram no último acontecimento do movimento hitlerista no exterior: o assassinato do chefe nazista na Suíça, Gustloff.

³⁹⁹ Nota-se como o chefe nazista no Brasil empreendeu diversas viagens no decorrer da década de 1930. Em 1933, por exemplo, Cossel estava no Paraná. O chefe tupiniquim, no entanto, não deixou de fazer viagens a Alemanha à matriz do movimento do exterior, pelo menos três vezes nos anos 1930. Acredita-se que lá ele recebia instruções políticas.

Aos 18 de abril, a colônia alemã Paulista (PE) e de Recife voltaram a se reunir para a comemoração do aniversário de Hitler. Segundo o jornal, 140 participantes foram de “ônibus, bonde e autos” para a colônia Paulista (PE). A festa foi organizada pelo grupo do partido nazista local de Recife e o ponto de apoio do partido da Colônia Paulista. O partidário Schmidt fez o discurso de abertura. Em seguida, garotos e garotas da Juventude Hitlerista declamaram uma poesia em homenagem a Adolf Hitler. Houve, então, o discurso do partidário Sieck sob a foto de Hitler, enfatizando que o estadista, em seu 47º aniversário, era o “símbolo da nação alemã, a união entre um homem de estado e construtor do Reich”. Entre os feitos deste líder nazista, estaria a reestruturação das forças armadas alemãs que desde a I Guerra Mundial estavam desarticuladas. A nova lei da comunidade alemã em Recife deveria ser “ter confiança” na liderança do Führer: “Alemães em todo o mundo celebram o homem pelo qual nosso coração bate de amor e de gratidão sinceros”.⁴⁰⁰ Após seu discurso, foi entoado o hino padrão para estes eventos: a canção de Horst-Wesel e feito o sinal de *Sieg Heil*.⁴⁰¹ Em seguida houve um concerto de piano.

Fiel ao calendário nazista, a comunidade alemã em Pernambuco também comemorou a chamada “maior festa nacional da Alemanha”, o 1º de maio. O jornal do clube enalteceu o evento — noticiando que 90% da comunidade teutônica estava presente: “É raro ver aqui uma festa na qual todos os membros da comunidade alemã participem de seus preparativos nesta extensão, como foi o caso nesta vez”.⁴⁰² O jornal destacou também a “presença ativa” das mulheres germânicas nos preparativos. O ritual da comemoração seguiu o da grande maioria das festas do dia do trabalho realizadas pelas comunidades alemãs pelo Brasil: iniciou-se com uma marcha da bandeira, seguida de concerto com flauta e comes e bebes (café com bolo) e terminou com o hino de Horst-Wesel e a saudação do *Sieg Heil* em homenagem ao Führer e seu povo. Segundo o jornal do clube, o discurso foi proferido em

⁴⁰⁰ “Deutsche in aller Welt gedenken des Mannes, dem unser aller Herzen entgegenschlagen, in aufrichtiger Liebe und Dankbarkeit.” “Bericht über die Hitler-Geburtstagfeier in Paulist am Sonnabend, den 18.4.1936”. In: Monatsblatt *Deutscher Klub Pernambuco*, n. 63, junho 1935. IFA/S, Alemanha.

⁴⁰¹ Observam-se elementos em comum nas festividades nazistas em todo o Brasil como a entoação do hino alemão, da canção de Horst-Wessel, a presença da Juventude Hitlerista e, em alguns eventos, marchas com bandeiras nazistas e entoação do hino brasileiro.

⁴⁰² “Noch selten fand hier eine Feier statt, zu deren Vorbereitungen nahezu alle Mitglieder der Deutschen Kolonie in dem Ausmasse (extensão) beitrugen, wie es dieses Mal der Fall war.” Der 1. Mai im Deutschen Klub. In: Monatsblatt *Deutscher Klub Pernambuco*, n. 73, maio 1936. IFA/S, Alemanha.

português, devido à presença de alguns brasileiros e teve o tom especial de “mostrar aos brasileiros o que os alemães querem”, que seria resumido em espaço (*Raum*).⁴⁰³

O líder da imprensa no partido local, Angermann, aproveitou a ocasião para fazer um discurso sobre os problemas sociais da Alemanha. Segundo ele, as soluções viriam “não de uma classe, mas de uma nação”. O partidário Kalk voltou a chamar os alemães no exterior para participar do Estado de Hitler e pediu “união do povo que deverá caminhar em uma direção certa”. O jornal noticiou que houve danças até a madrugada. Os dirigentes da escola alemã decretaram o dia seguinte como feriado para alunos e professores. O departamento de propaganda do partido forneceu material (artigos e fotos) para os periódicos locais, sendo que o Jornal do Comércio publicou reportagem sobre a celebração alemã.⁴⁰⁴ O jornal lembrou que a data também estava sendo comemorada na Alemanha. Após os discursos, foi entoado o hino nacional do Brasil.⁴⁰⁵

Em 1926, foram contabilizados 400 a 500 alemães em Recife. Muitos deles moravam na colônia Paulista (PE) que tinha recebido ex-oficiais do exército alemão da I Guerra e que trabalhavam, em sua maioria, em firmas de algodão. Além da mão-de-obra, havia também interesse pela tecnologia alemã, com a importação de máquinas para as usinas de açúcar. Mas, segundo o relatório, “com a sociedade pernambucana, os alemães tem muito pouco a ver”.⁴⁰⁶

Em outros estados do Nordeste não havia presença oficial do partido, mas mesmo assim, tinha uma pequena representatividade de alemães imigrantes. É o caso do Maranhão, cuja comunidade contava apenas com 20 a 30 germânicos, que se dedicavam à produção do óleo de babaçu e trabalhavam em três firmas alemãs na região. Estes teutos reclamavam das dificuldades de escoamento dos produtos pelos portos destes estados.⁴⁰⁷

Pará, Amazonas e outros estados do Norte

(ilustrações 3.40 e 3.41)

⁴⁰³ Ibidem.

⁴⁰⁴ Ibidem.

⁴⁰⁵ Ibidem.

⁴⁰⁶ Relatório de Rubert Knipping, enviado alemão no Brasil (1925-1933). Rio de Janeiro, 25 out. 196. R127507. AA/B, Alemanha.

⁴⁰⁷ Ibidem.

O Belém do Pará, já em 1933, contava com um ponto de apoio do partido nazista. No arquivo federal da Alemanha, encontramos correspondência já nesta data entre este grupo e a liderança do departamento de propaganda do Reich, localizada em Munique. Mais uma vez foi enfocada a reconstrução da Alemanha e o apoio do grupo local ao movimento hitlerista.⁴⁰⁸ Neste mesmo mês, outra correspondência, também com o timbre do partido nazista no Pará, demonstra que houve inspeção dos grupos do partido no Brasil pela matriz do movimento no exterior, nesta época, sediada em Hamburgo.⁴⁰⁹

Em outro documento, o grupo do Pará escreveu à sede nacional do partido, nesta época localizada no Rio de Janeiro, sobre a situação do ponto de apoio na Bahia. Destacou que, apesar da grande comunidade alemã instalada neste estado, o número de partidários ativos era pequeno. O líder do grupo do Pará criticou a atuação do líder local da Bahia, dizendo que a “culpa era dele” e que era melhor se obter uma troca de lideranças para melhorar a atuação do nazismo neste estado.⁴¹⁰ O documento demonstra também uma comunicação entre os grupos do partido nazista no Brasil, mesmo no início da atuação do movimento em território brasileiro, logo em 1933. Outra observação importante é que, em apenas um mês, o grupo do Pará é elevado de “ponto de apoio” (*Stützpunkt*) a “círculo local” (*Ortsgruppe*).

Relatório de 1926 afirma, no entanto, que na região amazônica a importância do desenvolvimento do *Deutschtum* (germanismo) é pequena. O estado do Pará já possuía um consulado alemão para representar o interesse do pequeno número da comunidade (60 a 70 alemães). Em Manaus, a colônia se mostraria ao mesmo tempo “fraca e fechada em si mesma”. Mesmo assim, já se encontravam instaladas algumas firmas alemãs como a Berringer & Co de comércio de borracha, cuja matriz se localizava em Hamburgo. Tanto no

⁴⁰⁸ Documento timbrado “Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Pará-Brasil. Belém do Pará, den 6/02/1933. Von Leiter Stützpunkt der NSDAP- Belém do Pará (assinatura ilegível) an die NSDAP, Reichpropagandaleitung, Haupt. II. Herrn Pg. Schumann, München. NS 9 Brasilien. BA/B, Alemanha.

⁴⁰⁹ Documento timbrado “Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Pará-Brasil. Belém do Pará, den 28/02/1933. Von Ortsgruppe der NSDAP, - Belém do Pará (assinatura ilegível) an die NSDAP Gauleitung Ausland – Gau-Inspektion, Hamburg. BA/B, Alemanha.

⁴¹⁰ Documento timbrado “Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Pará-Brasil. Belém do Pará, den 17/03/1933. Von Ortsgruppe der NSDAP - Belém do Pará (assinatura ilegível) an die NSDAP Rio de Janeiro”. BA/B, Alemanha.

Pará quanto no Amazonas, a relação da comunidade com as autoridades e com a imprensa não era boa.⁴¹¹

Expedição nazista na floresta amazônica

Apesar da representatividade do partido nazista ser pequena no estado do Amazonas (apenas quatro integrantes), o interesse do III Reich pela região amazônica era significativo. Em 1935, por exemplo, houve uma expedição para a floresta organizada por Otto Schulz-Kampfhenkel que durou dois anos — de 1935 a 1937. Como resultado da expedição, foi publicado o livro *Enigma do inferno da mata*⁴¹², no qual foram descritos, de maneira romantizada, as “aventuras” deste grupo na grande floresta tropical. O subtítulo explica que o livro traz um relatório feito por Schulz deste “pedaço inexplorado” da Amazônia e um diário do seu companheiro Gerd Kahle, caçador e aviador. A partir desta expedição, também foi realizado um documentário com nome homônimo pela UFA (*Universum Film Aktien Gesellschaft*), famoso estúdio cinematográfico criado em 1917 e que na década de 30 foi um importante instrumento de propaganda do regime nazista.⁴¹³

O objetivo da expedição, em primeiro lugar, foi percorrer o rio Jari até a fronteira com a Guiana Francesa. Segundo o livro, era a primeira vez que alguém atravessava este trecho da Amazônia. Na introdução da obra, na primeira edição feita pela Editora Alemã de Berlim, em 1938, torna-se clara a ligação com o partido nazista no exterior, que teria financiado o evento junto aos governos alemão e brasileiro, este último sob o protetorado do Instituto de Biologia Wilhelm-Kaiser e do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nas edições posteriores (1954 e 1959), tais informações são omitidas.

Não era a primeira vez que governos estrangeiros faziam expedições científicas em território brasileiro. Muitos outros alemães, franceses e pessoas de outras nacionalidades tinham tentado desvendar parte deste “paraíso exótico”. Há uma extensa produção bibliográfica sobre este assunto, sempre centrando na questão do exótico e do diferente,

⁴¹¹ Vermerk, Berlim, 11 mar. 1943. Ata R127507. AA/B, Alemanha.

⁴¹² SCHULZ-KAMPFHENKEL, Otto. *Rätsel der Urwaldhöhle*. Berlim: Deutscher Verlag, 1938.

⁴¹³ RÄTSEL der Urwaldhöhle. Direção de Otto Schulz-Kampfhenkel. Roteiro: Gerd Kahle e Otto Schulz-Kampfhenkel. UFA, 1938. Ver: ISOLAN, Flaviano. *Das Páginas à Tela. Cinema Alemão e imprensa na década de 1930*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006 que abordou o papel da UFA no Rio Grande do Sul.

sentimentos que a floresta desperta até hoje⁴¹⁴, como por exemplo, da existência de tribos de canibais. Além disto, foi enfatizado o caráter de aventuras na selva, de “selvageria”, de perigos e de segredos da mata. Tãmanha foi a procura por tais excursões que o governo brasileiro criou um departamento específico para regulamentá-las. “Para realizar qualquer trabalho no interior do Brasil era necessária uma licença do governo, dada pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, criado em 1933 para 'vigiar' o território nacional”⁴¹⁵.

Levi-Strauss, etnólogo e antropólogo, que junto a outros professores franceses e de outras nacionalidades⁴¹⁶, vieram ao Brasil na década de 1930 com o intuito de trabalhar na implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP⁴¹⁷, em seu livro *Tristes Trópicos*, olhou com desconfiança para estas abordagens “curiosas” da Amazônia, taxando muitas delas de “lendas de almanaque”. Segundo Levi-Strauss:

A Amazônia, o Tibete e a África invadem as lojas na forma de livros de viagem, narrações e álbuns de fotografia em que a preocupação com o impacto é demasiado dominante para que o leitor possa apreciar o valor do testemunho que trazem. Longe de despertar seu espírito crítico, ele pede cada vez mais esse alimento, do qual engole quantidades fantásticas.⁴¹⁸

⁴¹⁴ DONAT, Frany. *Paradies und Hölle*. Stuttgart: Verlag von Strecker und Schröder, 1927. FAWCETT, P. H., *Geheimnisse im brasilianischen Urwald*. Stuttgart, 1996. SNETHLAGE, Emil Heinrich, *Meine Erlebnisse bei den Indianer des Guaporé*. Berlim, 1962; entre outros.

⁴¹⁵ DOMINGUES, Heloisa et. al. Retrato brasileiro dos “tristes trópicos”. *Ciência Hoje*, nov. 1998.

⁴¹⁶ Ruy Ribeiro Franco, em depoimento à Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP em 1994, afirmou que, além de franceses, importantes pesquisadores italianos e alemães participaram deste processo de formação da USP. Com relação ao Instituto de Geociências, pode-se citar o nome do pesquisador alemão Heinrich Rheinboldt, químico. “Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, não tínhamos a obrigação de seguir as aulas nas outras áreas, mas assistíamos às conferências dos mestres estrangeiros e de professores brasileiros. Vindo da Alemanha, o professor Rheinboldt foi o primeiro a chegar, instalada a cátedra de Química, dando a ela grande e merecido prestígio”. Depoimento de Ruy Ribeiro. Revista do Instituto de Estudos Avançados –USP. Vol. 8, n. 22. São Paulo, set./dez. 1994.

⁴¹⁷ Hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

⁴¹⁸ STRAUSS, Levi. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 15-16.

Ele mesmo percorreu o Brasil nesta mesma época, fez uma conhecida expedição para Serra do Norte, no Mato Grosso, em 1938, e trouxe extensos relatos sobre a vegetação brasileira. Deslumbrou-se com os mistérios da floresta, que segundo ele, ao olhar de fora pareceria um “monte de bolhas imóveis, um amontoado vertical de inchações verdes”. Aos poucos, foi desvencilhando este universo e conclui que a floresta era como um mundo à parte, “tão rico quanto o nosso e que o teria substituído”.⁴¹⁹ Ele descreveu a rica relação homem-natureza que verificou em sua expedição:

O ar é tão imóvel que a gente se crê num espaço fechado e não mais ao largo; nuvens sombrias cujo equilíbrio nenhuma brisa compromete, sensíveis somente à gravidade, abaixam-se e se desintegram lentamente (...) Tão densa quanto as nossas cidades ela [a floresta] estava povoada de outros seres formando uma sociedade que nos mantivera à distância mais seguramente que os desertos onde avançamos loucamente, tanto pelos altos cimos pelas charnecas ensolaradas de árvores e de plantas afasta o homem, apressa-se em cobrir o traço de sua passagem.⁴²⁰

No caso da expedição à região do Jari, antes de começar a narrar suas aventuras e desventuras, Schulz-Kampfenkel relatou as dificuldades burocráticas que teve no Brasil para conseguir autorização para realizar a viagem. Algumas repartições brasileiras acreditavam que a expedição funcionaria como uma possível

⁴¹⁹ Ibidem, p. 323.

⁴²⁰ Ibidem, p. 326. Outra importante expedição foi a da Comissão Rondon entre 1907 e 1915. Liderada pelo Marechal Rondon (1865-1958), que na época ocupava o posto de major do Corpo de Bombeiros, teve como objetivo construir a linha telegráfica de Cuiabá a Santo Antônio do Madeira, a primeira linha a alcançar a região amazônica. <http://www.ronet.com.br/marrocos/rondon.html>

Conta-se também sobre uma lendária expedição Urucumacua nos anos 1940, que teria sido realizada em busca de um lugar perdido com tesouros encantados. Segundo histórias a respeito desta expedição, o lugar foi encontrado, mas não foi possível retornar a ele. Até hoje, em Rondônia, há grupos de homens que sonham em se aventurar em buscar desse lugar. Sobre isto ver: MACIEL, Marcia. História Oral com os Cassupá. <http://www.unir.br/~albertolinscaldas/relatosdecampo.htm>

“missão secreta” do governo alemão. Isto foi negado por Schulz que afirmou que o objetivo era melhorar as relações culturais entre o Brasil e a Alemanha, sem fornecer outros detalhes sobre qual seria o papel do partido nazista no exterior como um dos apoiadores da expedição.⁴²¹

Vindo de avião da Alemanha, Schulz e seu grupo chegaram em Belém do Pará em 1935, onde foram recepcionados pelo governador do Estado e pelo general Daltro Filho, comandante da 8ª região Militar, sediada no Pará. (*ilustração 3.42*) As primeiras descrições de Schulz em seu livro se referem à cidade de Belém do Pará: “uma ilha de gente no meio da selva”⁴²², segundo o alemão. Do Consulado do Rio de Janeiro, o enviado Schmidt-Elskop entrou em contato com ele, pedindo que viajasse com urgência para a capital federal para negociar com o governo brasileiro a autorização da viagem.

No Rio, Schulz barganhou com as autoridades locais, argumentando que os resultados seriam positivos tanto para a Ciência alemã quanto para a brasileira. Conseguiu, então, a autorização. A viagem de Schulz para o Rio rendeu também o encontro com Josef Greiner, considerado um “homem da terra” e convidado para ingressar no grupo e participar da expedição com a função de intérprete. Schulz o descreveu como “Um alemão que morava no exterior, desempenhava a função de marinheiro e era simpático e de confiança”.⁴²³

Segundo Schulz, a expedição tinha um caráter exclusivamente científico, que poderia ser resumido em três tarefas principais: a pesquisa de animais (mamíferos, répteis e anfíbios) na região; reconhecimento etnológico do Jari e seus afluentes (busca por tribos de índios que moravam na floresta e, em caso de descoberta, realização de extensa seleção do seu território cultural); estudo geográfico da paisagem, registro cartográfico e de possíveis afluentes descobertos durante a expedição.

Para viabilizar um expedição tão longa (2 anos) e em floresta fechada, o alemão solicitou aos patrocinadores um enorme arsenal, que continha, entre outras coisas, armamentos, munições diversas e um avião para se chegar até a região.⁴²⁴ Os exploradores levaram 11 toneladas de suprimentos e munição para 5 mil tiros. Não foi detalhado no livro o papel do partido para a concretização da viagem, mas foi lembrado que o partido

⁴²¹ Ibidem, p. 16-18.

⁴²² SCHULZ-KAMPFHENKEL, 1940, op. cit., p. 12.

⁴²³ Ibidem, p. 18.

⁴²⁴ SCHULZ-KAMPFHENKEL. *Rätsel der Urwaldhöhle*. Berlim: West-Berlin, 1940, p. 8-9.

nazista no exterior trabalhou em conjunto nos preparativos da viagem com o governo brasileiro e representantes do consulado alemão. Segundo o livro:

Para a garantia do material do projeto foram realizadas negociações com os ministérios especializados, institutos de ciência, lugares de divisas e bancos. A preparação da viagem foi feita em trabalho conjunto com o Consulado Alemão, a *Organização do Partido Nazista para o Exterior* e as autoridades brasileiras. [grifos meus]⁴²⁵

Formado o grupo, eles voaram de avião até a cachoeira de Santo Antônio e de lá começaram a navegar no rio Jari. Segundo Schulz, “Os caboclos ficaram maravilhados ao verem o primeiro avião de suas vidas”. O uso de aeronave foi justificado porque a correnteza naquela região era, em alguns trechos, muito forte. Além disto, somente com o avião eles poderiam adentrar no interior da floresta fechada. Houve contato com muitas comunidades de caboclos. Outras tantas curiosidades são narradas no livro: para escrever o seu diário, Schulz afirmou que tinha que se cobrir dos insetos com uma espécie de rede e o calor se tornava insuportável.⁴²⁶

Um total de 21 pessoas — entre os alemães, descendentes e caboclos —, distribuídas em cinco embarcações, cruzaram a região amazônica navegando pelo rio Jari com objetivo de chegar na fronteira com a Guiana Francesa. O tom do livro é de aventura. Schulz e Gerd Kahle, seu companheiro que também colaborou na obra com algumas linhas de seu diário de bordo, enfatizaram os perigos da mata que estava repleta de animais ferozes como piranhas, cobras, onças e capivaras. Além disto, narraram constantes dificuldades de navegação pela correnteza do rio, como por exemplo, panes no motor e desvios de grandes rochedos, o que lhes valeram “semanas difíceis com selvagens cachoeiras retumbantes”.⁴²⁷ (*ilustrações 3.43, 3.44 e 3.45*)

Mas além de conseguir a difícil travessia, um dos principais objetivos de Schulz foi a heróica pretensão de encontrar tribos indígenas que ainda não haviam entrado em contato com ocidentais e “provar que os indígenas existem”. Schulz escreveu que os alemães

⁴²⁵ SCHULZ-KAMPFHENKEL, Otto. *Rätsel der Urwaldhölle*. Berlim: Deutscher Verlag, 1938, p. 18.

⁴²⁶ Ibidem, p. 33.

⁴²⁷ Ibidem, p. 55.

tinham intenções amistosas: queriam visitar os indígenas e “fazer amizade”⁴²⁸ “Queremos ultrapassar a fronteira da civilização”, afirmou no livro.⁴²⁹ Além disto, os indígenas poderiam os ajudar nas provisões de comida. O primeiro contato com os índios se deu no vigésimo dia de viagem na região da foz do rio Iratapuru. Depois de tanto tempo na mata, eles já haviam perdido as esperanças. Foi quando dois remadores pularam para a margem da floresta e gritaram “Índios, lá vem, índios!”. Ao que Schulz não acreditou em um primeiro momento, riu dos homens e pensou se tratar de uma piada. Mas não era. Ele descreveu o indígena com admiração pela sua beleza, mas sem deixar de observar os detalhes considerados “selvagens”:

Um único, de aparência selvagem, homem vermelho (...) A abundância de longos cabelos negros voavam sob seus ombros. Estava totalmente nu. (...) Não (era) grande, mas com boa proporção, ombros largos, ancas estreitas, postura orgulhosa como de uma estátua de bronze modelada por um artista.⁴³⁰

Utilizando desenhos e gestos para se comunicar pelo processo que Schulz chamou de “diplomacia da mata”, os alemães travaram contato com esta tribo de indígenas e trocaram objetos pelo artesanato local, sem grandes conflitos. Muitos índios teriam demonstrado curiosidade pelas aparelhagens de som e de câmeras, experimentando seu uso. Mas também demonstraram preocupação do grupo estrangeiro trazer para sua tribo a doença “catarro”, da qual muitos haviam morrido.

As aventuras do livro acabaram em tragédia. Josef Greiner — o intérprete do grupo — morreu de febre em janeiro de 1936. A cruz, com o símbolo da suástica e feita de madeira amazônica, pode ser vista até hoje na região da cachoeira Santo Antônio. Em sua sepultura, lê-se a inscrição: “Morreu aqui em 2 de janeiro de 1936 de febre mortal, em serviço do trabalho alemão de pesquisa, na excursão alemã ao rio Jari (1935-1936)”.⁴³¹

(ilustração 3.46)

⁴²⁸ Ibidem, p. 55, 56.

⁴²⁹ Ibidem, p. 55, 56.

⁴³⁰ Ibidem, p. 54.

⁴³¹ SCHULZ-KAMPFHENKEL, 1938, op. cit.

Como resultado da expedição, o grupo juntou um grande número de esqueletos e carcaças de animais diversos e levou para a Alemanha. Foram enviadas as peles de 500 mamíferos diferentes, centenas de répteis e anfíbios e 1.500 objetos arqueológicos. Produziram 2.500 fotografias e 2.700 metros de filme 35 mm que mostram índios, caboclos, animais, peles, cobras e outros espécimes exóticos do mundo tropical.⁴³² Além disto, foram produzidos documentos fotográficos, filmes e gravações com o fim de se levar para a pátria mãe um “retrato do trabalho na selva e da convivência com um território selvagem virgem”.⁴³³

3.5. Centro-Oeste

(ilustrações 3.47 e 3.48)

Na região Centro-oeste, temos a presença do partido nazista apenas nos estados de Goiás e Mato Grosso. Neste último estado, registrou-se, na época, a presença de 426 alemães. Destes, apenas 31 faziam parte da célula local do partido. Em Goiás, somam-se 284 alemães com apenas 23 partidários.

A grande maioria destes germânicos se concentrava na colônia Uvá, no norte do estado de Goiás. Tal colônia foi fundada com incentivo do governo local, em 1924, especialmente para colonizar esta parte do Brasil. Esta região era a menos desenvolvida do estado, com grande instabilidade social e presença do banditismo dos jagunços. Nesta época, a população de Goiás era de um pouco mais de 500 mil habitantes.

Segundo artigo publicado na revista *Deutschtum im Ausland*, de autoria de Franz Zwick, logo depois do fim da I Guerra Mundial, o governo de Goiás incentivou um processo de colonização alemã no norte do estado.⁴³⁴ Teria sido a primeira experiência de imigração européia incentivada na região Centro-oeste, até então pouco povoada, e com suas atividades concentradas na agricultura e pecuária, além da extração de ouro e diamantes.

⁴³² <<http://serqueira.com.br/extra/naziam2.htm>>

⁴³³ Ibidem, p. 18.

⁴³⁴ Aus der Staate Goyaz in Brasilien – Zukunftsaussichten der detusche Kolonie Uvá- Die neue Staatshauptstadt Goyanea. Revista *Deutschtum im Ausland*, 1937. IFA/S, Alemanha.

Porém, as dificuldades dos alemães foram inúmeras. Segundo Zwick, eles chegaram de carro, caminhão, a pé e a cavalo, araram a terra, plantaram seu alimento e construíram suas casas. Muitos foram vítimas de doenças. O governo lhes forneceu alguns gêneros alimentícios e ferramentas, mas não deu o apoio necessário para que a colônia prosperasse.

Apesar de considerarem a terra “frutífera”, reclamavam do próprio modo de produção instalado nesta região, com grandes agricultores que davam pouco espaço aos pequenos, e estabeleciam, de acordo com Zwick, uma relação semelhante ao do feudalismo. Segundo a visão deste alemão, isto seria a razão do lento desenvolvimento do estado tão grande (seu território ocupava a área de uma Alemanha e meia).

Antes da chegada dos germânicos, já estavam instaladas em Goiás duas colônias pequenas de imigrantes italianos e japoneses. Elas ficavam no sul do estado, próximas às fronteiras com Minas Gerais, o que, para Zwick, se constituía uma vantagem, pois a comunicação era bem melhor com o Sudeste do país. Mas, reclamou Zwick, a região do sul do estado não havia sido ofertada aos alemães. Também na região da cidade de Caldas Novas havia alguns teutos que se dedicaram à criação de porcos, mas suas atividades não tinham prosperado em virtude do solo pedregoso. Outras terras, como a do platô nesta mesma região, teriam sido melhores escolhas, mas elas pertenciam ao governo.

Outro problema que a colônia Uvá enfrentou foi a chamada “Revolução de 1930”. O interventor quis transferir a capital para uma nova cidade e, em 1933, foi feito o projeto para a construção de uma cidade próxima ao Rio Meia Ponto, a 2,5 quilômetros da estação de trem. A antiga capital, Goiás, e a colônia Uvá, que ficavam próximas a esta cidade, foram, nas palavras de Zwick, “deixadas de lado”. Todos os esforços se voltaram para a construção de Goiânia. Assim, alguns trabalhadores alemães de Uvá migraram para esta região para auxiliar no projeto. Outros foram para o Sul. Em 1937, a capital foi transferida para lá. “Surgiu da necessidade de uma nova sede administrativa para o estado de Goiás, que sinalizava novos tempos de crescimento econômico e populacional apoiado na evolução da pecuária e no processo gradativo de industrialização”. Hoje, com mais de 1 milhão e 200 mil habitantes, Goiânia se tornou, junto à capital federal (Brasília), um dos maiores centros populacionais e consumidores do Centro-oeste.

Sobre o partido nazista no Mato Grosso, não encontramos registros de mais detalhes, a não ser anúncios publicados no jornal *Deutscher Morgen* estimulando os imigrantes alemães a irem para colônia Tannenberg, pela Cia. de Viação São Paulo —

Mato Grosso. Segundo o anúncio, havia nesta colônia “solo frutífero” para todas as culturas: farinha, arroz, batata e plantas de fibra. Outra vantagem, seria a abundância de madeira.⁴³⁵ (*ilustração 3.49*)

* * *

Pela análise comparativa de como se desenvolveu o partido em diferentes estados brasileiros, pode-se concluir que a tropicalização do nazismo do Brasil foi regional, ou seja, os estados assumiram de formas particulares a transferência do nazismo e de suas estruturas para a realidade brasileira.

Capítulo 4

⁴³⁵ *Deutscher Morgen*, 1934. IFA/S, Alemanha.

O modelo e sua versão tropicalizada: flexibilidade e e resistência

“A propósito, o líder integralista Plínio Salgado deveria encontrar-se em um bárbaro equívoco se ele acreditar, com o integralismo no Brasil, poder fazer o mesmo trabalho de reforma que Adolf Hitler”.

Partidário Dittmar, Florianópolis, 20 nov. de 1935.⁴³⁶

4. 1- O processo de implementação das estruturas do partido

Será avaliado pelos relatos sobre o cotidiano do partido, presentes nos periódicos alemães, como se deu, de forma institucionalizada pela A.O., a transferência das estruturas de seu funcionamento e até que ponto para resistir em território brasileiro, foi imprescindível ao partido e para suas organizações e ideologia se flexibilizar, ou se *tropicalizar*. Tendo o III Reich como o grande emissor das idéias e fomentador do modelo do partido, verificaremos como se deu a recepção em solo brasileiro e quais foram limites que esta recepção se deparou.

⁴³⁶ “Im übrigen dürfte sich der integralistische Führer Plínio Salgado in einem grausamen Irrtum befinden, wenn er glaubt, mit dem Integralismus in Brasilien die Reformarbeit eines Adolf Hitler verrichten zu können”. Relatório de Dittmar, Consulado Alemão, Florianópolis 20 nov.1935, Ata 79005. AA/B, Alemanha.

Para se entender melhor tal processo, será analisado como funcionava o modelo, a A.O., a matriz do partido nazista no exterior e sua proposta para as células nos países fora da Alemanha. A instituição era segmentada em departamentos que representavam sua área de atuação e as esferas de interesse do chamado jovem “*Gau*” (comarca). Com base em textos publicados nos jornais do partido de autoria de personalidades do Reich, como Rudolf Hess, vice de Hitler, e Joseph Goebbels, chefe da propaganda nazista, será analisado o discurso ideológico que era transmitido para as células no exterior. Em um segundo momento, procuraremos detectar “falhas” na transferência deste modelo que possibilitou o que chamamos de tropicalização do nazismo.

Em 1939, os departamentos da A.O. sediada em Berlim eram os seguintes: Associação de Mulheres, Frente Alemã de Trabalho, Sessão de Alemães Refugiados no Exterior, Navegação, Repatriamento, Repartição de Direito, Tesouraria, Sessão de Esporte, Sessão do Bem Público, Repartição Cultural, Divisão das Colônias, Repartição de Assuntos Escolares e Política Racial, Repartição de Comércio Exterior, Administração da Casa, Repartição de Imprensa, Tribunal do *Gau* (comarca), Comissão de Ajuda.⁴³⁷ Além da Frente Alemã de Trabalho e da Associação de Mulheres Nazistas, os departamentos se dividiam em funções administrativas e trabalhavam com questões relacionadas à política externa, ao setor judiciário, às colônias e à política do III Reich e explicitavam o interesse racial e pelas escolas no exterior.

Desse aparato burocrático, algumas dessas matrizes foram repassadas para o exterior. De todas as repartições citadas, destacam-se as associações ligadas ao partido nazista. No Brasil, também atuavam repartições referentes às escolas e ao repatriamento.

Verifica-se aqui uma das primeiras falhas dentro do grande aparato da A.O. Uma das principais normas desta instituição é que ela deveria se manter neutra nos países onde funcionava. Mas como poderia isto acontecer com atuação marcante em diversos níveis da política local, como, por exemplo, no incentivo constante do repatriamento dos alemães residentes no exterior?

Outra falha era inerente ao processo de mudança da estrutura nazista para outros países. Havia um conflito de poder entre importantes instituições que agiam no exterior antes do governo de Adolf Hitler, caso das embaixadas e consulados e do DAI (Instituto

⁴³⁷

NS 9 15, AFA.

Alemão no Exterior), que disputavam quem conquistaria o papel central de apoio ao alemão no exterior. Isto permaneceria até a nomeação — feita pelo próprio Adolf Hitler — do chefe da A.O., Ernst von Bohle, como chefe deste setor no Ministério das Relações Exteriores em 1937. Foi então atribuído à A.O., a facção do partido nazista no exterior, o papel de representante oficial dos germânicos residentes fora da Alemanha.

Soma-se à complexa estrutura o aparato de propaganda proposto para ser transportado para o estrangeiro, por meio de publicações, do cinema e do rádio que reproduziam os discursos dos líderes nazistas, caracterizando uma grande ênfase à vida cultural. Filmes de caráter nazista eram apresentados em escolas e associações comunitárias diversas espalhadas pelo território brasileiro⁴³⁸. 15 emissoras de rádio — como por exemplo, a rádio Ipanema no Rio de Janeiro — foram encampadas no Brasil para fazer propaganda pró-Eixo entre 1941 e 1942.⁴³⁹ Eram comuns, na vida dos teutos residentes no exterior, festas e noites comunitárias. Houve a criação de livrarias alemãs, que recebiam extensa literatura produzida pelo regime nacional-socialista durante toda a década de 1930 e 1940. A imprensa deste movimento fazia propaganda tanto a favor do regime de Adolf Hitler quanto contra os considerados inimigos. Era recorrente a retórica da contra-conspiração, ou seja, que a imprensa nacional-socialista deveria revelar como seria a situação verdadeira da “nova Alemanha”, pois os jornais comuns publicados no estrangeiro tinham uma imagem deturpada que era divulgada principalmente por influência da propaganda judaica e bolchevista. Afirmou o órgão da A.O. em 1943:

⁴³⁸ Isolan fez um elo entre o cinema nazista no Rio Grande do Sul e sua recepção na imprensa local, enfatizando como ele foi divulgado pela imprensa de Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, esta última caracterizada como cidade de colonização alemã. Discutiu o conceito de “cinema alemão”, dotado de valores como a moralidade e o realismo. Afirmou que os filmes divulgados no Rio Grande do Sul não foram somente de caráter nazista. Havia também operetas, comédias e musicais. ISOLAN, Flaviano, Das páginas à tela. Cinema alemão e imprensa na década de 1930, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

⁴³⁹ Segundo Francisco Teixeira, tal processo foi possível porque havia indivíduos pró-Eixo na esfera do poder do controle da comunicação no Brasil, como por exemplo, Lourival Fontes, diretor do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. Este processo de incorporação tinha como principal interesse as relações de comércio entre os dois países. Na América do Sul, o número de estações de rádio encampadas é de 40. TEIXEIRA, Francisco apud Nas Ondas do Reich. O Globo, 21 jan. 2001.

Ao invés de sermos chamados de quinta-colunas, um termo pejorativo, seria melhor sermos chamados de uma coluna sem número, mas que luta para proteger os alemães da avidez do poder dos judeus-bolcheviques.⁴⁴⁰

Em discurso de 1937, na cidade de Stuttgart (Alemanha), Rudolf Hess, o vice de Hitler, fez um alerta contra os difamadores do III Reich e da ideologia nacional-socialista, supostamente membros da Imprensa Internacional que divulgavam que este movimento tinha como principal propósito a espionagem. “Quem falou que com a revolução nacional-socialista a Alemanha ficou em ruínas, verificou hoje que isto não passa de uma mentira”.⁴⁴¹

Do ponto de vista econômico, perceberam-se intensas ações coercitivas como o boicote às empresas que não concordavam com a política nazista ou as de origem judaica. Circulavam também, nesta mesma época, as chamadas “listas negras” em que constavam nomes de empresas que agiram contra a política nazista como, por exemplo, empregando nos seus quadros empregados de origem judaica.⁴⁴²

As ações da A.O. eram divididas entre as atividades em sua matriz, em Berlim, e suas células no exterior. Os partidários do estrangeiro — principalmente os *Landesgruppenleiter* (chefes de países) — freqüentemente viajavam para a Alemanha e participavam de reuniões e de palestras sobre a importância da divulgação do nazismo no exterior. Era obrigatório o comparecimento com uniforme.

Em 1939, por exemplo, Alfred Rosenberg, um dos teóricos que influenciou Adolf Hitler, conhecido pelo seu anti-semitismo ferrenho e pela criação da teoria do espaço vital, discursou aos partidários vindos do estrangeiro sobre a política externa no oeste da Alemanha. Neste mesmo ano, houve também palestras direcionadas para a juventude hitlerista no exterior e sobre o judaísmo internacional. Da mesma maneira em que era comemorado o Dia do partido anualmente em Nuremberg (*Reichsparteitag*), havia em Stuttgart, o Dia dos Alemães no exterior, em vigor desde 1933. Nesta data, correntes de germânicos de países ao redor do mundo viajavam à Alemanha para os festejos da data, que

⁴⁴⁰ 15 Jahre Aulands-Organisation. Deutsche Allgemeine, 2 jul.1943, capa. Ata R127875. AA/B, Alemanha.

⁴⁴¹ Worte an die Aulandsdeutsche zur V. Reichstagung der Auslandsdeutschen in Stuttgart (29.8 bis 5.9.1937). *Jahrbuch der Auslands-organisation der NSDAP 1942*. Herausgegeben von der Leitung der Auslands-Organisation der NSDAP im Gauverlag der AO. Seefahrt und Ausland G.m.b.H. 1942. StB/B, Alemanha.

⁴⁴² *O Globo*, outubro de 1937. Ata 104939. AA/B, Alemanha.

contava com a presença de personalidades do III Reich, como Ernst Bohle, Joseph Goebbels e Rudolf Hess. Em palestra durante esta festa, em agosto de 1937, Bohle, ironicamente, comparou os “bons” judeus aos “confusos” nazistas⁴⁴³. Enfatizou a importância do *Führer* Hitler para a formação da grande comunidade nacional que uniria os alemães que moravam no exterior⁴⁴⁴.

(Ilustrações 4.1, e 4.2 e 4.3)

A A.O. — chamada por Rudolf Hess, vice de Hitler, como o jovem *Gau* — tinha algumas particularidades. Além de não ter uma delimitação geográfica como os demais *Gaue*, o grande público da A.O. era subdividido entre três grandes grupos: os alemães que moravam no exterior, os marinheiros que carregavam a suástica negra nas proas de seus navios e o aparato administrativo de Berlim. O objetivo da organização — repetido inúmeras vezes nos discursos, como o do chefe da A.O. Ernst von Bohle — era preservar o germanismo (*Deutschtum*) no exterior. Solicitava-se a união entre os dois grupos de alemães — no exterior e no interior (dentro da Alemanha) — para o trabalho em conjunto pela Pátria Mãe.

(Ilustração 4.4)

As principais tarefas da A.O., segundo Bohle, seriam: desenvolver e fomentar as atividades da DAF (Frente de Trabalho Alemã), da *Winterhilfe* (Ajuda de Inverno), da *NS-Volkswohlfahrt* (Associação Nazista para o Bem Público), da *NS-Rechtsbetreuung* (Associação Nazista para Cuidados de Direitos Civis). Agregavam-se a estes objetivos a comemoração de feriados nacionais germânicos no exterior, a luta contra a difamação e o terror do judaísmo e outros inimigos e a formação da grande comunidade nacional⁴⁴⁵.

Paralelamente, procurava-se obter um eficiente aparato escolar alemão no estrangeiro. A juventude teuta no exterior tinha grande importância, assim como a sua educação, segundo os princípios do III Reich. Esta importância se tornou fixação. Verificamos inúmeras correspondências, relatórios e artigos sobre as escolas no estrangeiro,

⁴⁴³ Zur V. Reichstagung der Auslandsdeutschen *Der Auslanddeutsche*. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20. September 1937. Heft 9, capa.

⁴⁴⁴ Worte an die Auslandsdeutsche zur V. Reichstagung der Auslandsdeutschen in Stuttgart (29.8 bis 5.9.1937). *Jahrbuch der Auslandsorganisation der NSDAP 1942*. Herausgegeben von der Leitung der Auslands-Organisation der NSDAP im Gauverlag der AO. Seefahrt und Ausland G.m.b.H. 1942. StB/B, Alemanha.

⁴⁴⁵ *DM*, 26 fev. 1937, p. 3. IFA/S, Alemanha.

que demonstravam uma preocupação de doutrinação dentro do espírito germanista não apenas da primeira geração de alemães imigrados, mas também de seus filhos e netos.

Outro alto funcionário da estrutura nazista, Hermann Göring, ministro do Interior do Reich, afirmou que uma palavra resumia o que a Pátria Mãe queria de todos os alemães — tanto do interior quanto do exterior — *sacrifício*. Os alemães, como membros do povo, deveriam, para isto, permanecer *preparados*. O grande acontecimento do III Reich, nas palavras de Göring, seria a união de todos os germânicos em uma grande comunidade do povo, como um “inseparável bloco de granito”. Afirmou em 1937: “Na Alemanha, o partido nazista é o único portador da vontade política. Os alemães no exterior não podem ser outra coisa senão nazistas”.⁴⁴⁶

Na nossa visão, esta é a maior falha que se aplica à História do movimento nazista no exterior e de sua entidade organizadora — a A. O., que funcionava com um grande polvo com seus tentáculos espalhados pelo mundo. Não seria possível conseguir pretensioso objetivo de união de mais de 30 milhões de alemães que moravam no estrangeiro, principalmente por tentar adaptar uma estrutura pronta em países de realidades tão distintas. O *bloco de granito* a que Göring se referiu não passou de uma grande utopia. Os críticos desta organização apontaram como principal “erro” estratégico o fato de a A. O. pretender unir os alemães ao redor do mundo tendo como princípio ações de coação e de ameaças. Segundo tais críticos, isto teria gerado o efeito contrário⁴⁴⁷.

O chefe da propaganda no III Reich, Joseph Goebbels, quando discursou sobre esta organização, centralizou seu pensamento na importância do partido para o povo alemão. Respondendo a questão do porquê da organização dos alemães no exterior ser parte integrante do partido, justificou dizendo que: “O partido não quer apenas alcançar o poder, mas permanecer nele. O partido é o representante legítimo do povo”.⁴⁴⁸ Neste mesmo sentido, completou: “Os homens no exterior (alemães) devem se portar como filhos da Alemanha”.⁴⁴⁹

⁴⁴⁶ Worte an die Aulandsdeutsche zur V. Reichstagung der Auslandsdeutschen in Stuttgart (29.8 bis 5.9.1937). *Jahrbuch der Auslands-organisation der NSDAP 1942*. Herausgegeben von der Leitung der Auslands-Organisation der NSDAP im Gauverlag der AO. Seefahrt und Ausland G.m.b.H. 1942. StB/B, Alemanha.

⁴⁴⁷ Ata R127875. AA/B, Alemanha.

⁴⁴⁸ Este e os outros discursos estão citados na ata R127875. AA/B, Alemanha.

⁴⁴⁹ Worte an die Aulandsdeutsche zur V. Reichstagung der Auslandsdeutschen in Stuttgart (29.8 bis 5.9.1937). *Jahrbuch der Auslands-organisation der NSDAP 1942*.

Deve-se ter em mente, entretanto, que os objetivos da A.O. foram dinâmicos no decorrer da sua história. Com o contexto de guerra, esta organização, assim como todo o aparato nazista, teve suas funções modificadas. Seu papel se tornou cuidar dos alemães feridos de guerra do Exército Alemão principalmente pela ação da Associação de Mulheres Nazistas no Exterior, que atuavam como enfermeiras em países invadidos ou em guerra com a Alemanha. A A.O. também passou a informar o III Reich sobre a situação dos alemães confinados em terras inimigas⁴⁵⁰ em campos de internamento. Na guerra, foi enfatizado de uma maneira ainda mais intensa o caráter de *sacrifício* que deveria se submeter o teuto no exterior em função da Pátria Mãe, oferecendo sua força de trabalho e apoio espiritual em favor da vitória germânica.

No caso do Brasil, a promulgação dos decretos-lei de 1938, que proibiram o funcionamento do partido e intervieram na nacionalização de escolas alemãs, prejudicou a ação da A.O. A primeira célula do partido nazista no exterior nasceu em 1928 em Timbó, no estado de Santa Catarina, mas a intensificação do sentimento de *Deutschtum* (germanismo), já acontecia desde 1918, depois do término da I Guerra. As células ao redor do mundo foram aumentando após as eleições de 1930, na Alemanha, em que o partido nazista obteve uma grande expressividade de votos. Apareceram filiais do partido no Paraguai, Chile e Argentina e também nos navios alemães. Em 1943, contabilizavam-se 600 grupos regionais em todo o mundo⁴⁵¹.

Com a entrada do Brasil na II Guerra e a instalação dos chamados campos de internamento no Brasil, onde permaneciam alemães comuns e prisioneiros de guerra, a A.O. continuou atuante, com as células do partido em solo brasileiro já bastante desarticuladas, mas ativa na sua matriz alemã que gerenciava o movimento dos germânicos no estrangeiro. Berlim sempre recebia reclamações sobre as condições dos alemães nos campos, consideradas como “intragáveis”.⁴⁵²

Esta história da disseminação do nazismo no exterior contou com partidários que figuravam como mártires. O caso mais famoso é do chefe do partido nazista na Suíça,

Herausgegeben von der Leitung der Auslands-Organisation der NSDAP im Gauverlag der AO. Seefahrt und Ausland G.m.b.H. 1942. StB/B, Alemanha.

⁴⁵⁰ Idem.

⁴⁵¹ Idem.

⁴⁵² Como medida de segurança, a A.O. colocou um homem de confiança em cada campo e prisão no Brasil.

Wilhelm Gustloff, cujo assassinato em 1936 foi atribuído, pelos nazistas, a um judeu.⁴⁵³ A repercussão da imagem desta figura chegou até o Brasil e, em sua homenagem, foi nomeada uma casa com o nome Gustloff, em Curitiba, Paraná.⁴⁵⁴

Crítica à atuação da A.O.

Nos seus 17 anos de existência, dona do objetivo bastante audacioso de disseminar a ideologia nazista em 83 países, a A.O. também foi alvo de crítica no interior do próprio partido. Em documento de junho de 1965, 20 anos após sua desarticulação, Ernst Kundt, ex-partidário, fez um diagnóstico de toda história desta organização.⁴⁵⁵

Kundt afirma que vários foram os problemas da atuação da A.O. Eles começaram pela sua própria estrutura. Por fazer parte do organograma do partido alemão na Alemanha e atuar no estrangeiro, houve um erro primário. “Há uma enorme diferença entre a Pátria e os outros países”, escreveu Kundt.

Outro problema seria, no período da guerra, a sobreposição de poderes de agências que funcionavam no exterior e que a A. O. muitas vezes não respeitava por considerar-se superior. Era o caso da Cruz Vermelha, a Ynca e a Caritas, estas duas últimas organizações religiosas, que cumpriam o papel de, durante todo o período de guerra, cuidar dos civis em terras inimigas. O próprio desenrolar da guerra também colocou em cheque o poder da A.O. principalmente em terras inimigas. Seu raio de atuação passou a ser os domínios do Reich. “A região da operação da A.O. estava no estrangeiro e não estava localizada na sua região de poder (a Alemanha). Este foi o principal fator de seu fracasso”.⁴⁵⁶

Com a deflagração da guerra, as nações que se posicionavam neutras ou inimigas proibiram a existência do partido. Colaborou com isto a existência da propaganda financiada pelos países em guerra contra a Alemanha, caso da Inglaterra e dos Estados Unidos. No Brasil, associações, organizações e escolas alemãs foram também fechadas.

O objetivo de unir os alemães no exterior com a Pátria Mãe já teria sido um grande trabalho para a A.O. que poderia ter sido efetuado com publicações e anuários em diversos

⁴⁵³ Idem.

⁴⁵⁴ *DM*, 27 mar. 1936, p. 6.

⁴⁵⁵ Relatório de Ernst Kundt. *Auslandsorganisation der NSDAP*. Bonn, 21 jun. 1965. Ata R127875. AA/B, Alemanha.

⁴⁵⁶ Relatório de Ernst Kundt. *Auslandsorganisation der NSDAP*. Bonn, 21 jun. 1965. Ata R127875. AA/B, Alemanha.

países, mas não por intermédio da *coação, violência e arrogância* como aconteceu de fato. Os alemães e descendentes que não aderissem a esta propaganda sofreriam ameaças. Além desta suposta união, eram pregados os lemas de volta à terra mãe, por meio do slogan “o *Führer* te chama” (de volta ao Reich). Tais ações hostis provocaram revoltas nos governos locais.

Segundo Kundt, a nomeação de Bohle como secretário do Estado no Ministério das Relações Exteriores o cobriu de poderes extras. Aquilo que seria a proposição básica da A.O. — não intervenção na política dos países onde atuava — ficou apenas na teoria. Com esta nomeação, passaram a existir membros diretos do partido em consulados e embaixadas de todos os países onde haviam grupos do partido nazista. Nas palavras de Kundt, “nos consulados alemães, os representantes vinham para o exterior com muita arrogância e pouco conhecimento da língua”.

A atuação do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, foi citada como uma exceção pela eficiência e racionalidade de suas ações.

Reuniões do partido

A hierarquia desenvolvida no Brasil seguia o modelo do III Reich, com uma disposição territorial partindo do geral — o país — para o particular — os bairros (*Landesgruppen* — grupos dos países a *Zellen* – células). Pela análise da coluna *Aus der Bewegung* (Do movimento) do jornal *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã), verificou-se onde eram as reuniões realizadas por estas células na cidade de São Paulo, onde funcionou o maior e mais bem estruturado grupo regional do partido nazista no Brasil, que será aqui analisado como exemplo do que acontecia nos outros grupos em território brasileiro.

Em janeiro de 1934, o grupo regional de São Paulo ainda funcionava em conjunto com o Paraná. O grupo comemorou o crescimento expressivo de integrantes no seu terceiro ano de funcionamento (a fundação oficial do partido no Brasil foi em 1931) com o mote “3 anos de muitos inimigos e muita honra”. Em seguida, o grupo foi convocado a participar de reuniões subdivididas pelas células e bairros ativos em São Paulo.

As reuniões tinham caráter obrigatório e se realizavam em diversos núcleos do partido nos bairros de São Paulo e na sede do partido, localizada na Avenida Conselheiro Nebias, 35, esquina com a Rua Gusmões, no centro da cidade. Em janeiro de 1934, por exemplo, os partidários tiveram que comparecer neste mês a pelo menos três reuniões, duas

gerais. Estas células nos bairros funcionavam, em geral, em escolas e associações alemãs. Na célula da Rua Augusta, também no centro da cidade, funcionava a *Deutscher Turnverein*, um clube esportivo alemão. A célula do bairro da Moóca / Brás, funcionava na escola alemã Moóca-Brás, conforme tabela a seguir:

Célula do grupo regional do partido nazista em São Paulo (SP)	Local das reuniões em janeiro de 1934
Todas as células do grupo regional de São Paulo	<i>Conferência de Walter Stab, Sede do partido- Wartburghaus, Rua Conselheiro Nebias, 35.</i>
Todas as células do grupo regional de São Paulo	<i>Reunião de todo o grupo convocada pelo chefe do grupo regional. Sede do partido- Wartburghaus, Rua Conselheiro Nebias, 35.</i>
Todas as células do grupo regional de São Paulo	<i>Reunião extraordinária com o partidário alemão Keetmann em comemoração ao dia de ascensão de Hitler.</i>
Célula do centro	<i>Sede do partido- Wartburghaus, Rua Conselheiro Nebias, 35.</i>
Célula Santana	<i>Rua Bias, 25, Tremembé</i>
Célula Vila Mariana	<i>Sede do partido- Wartburghaus, Rua Conselheiro Nebias, 35.</i>
Célula Jardim América	<i>Deutschen Turnverein – Clube Esportivo Alemão Rua Augusta, 3.</i>
Célula Moóca-Bras	<i>Escola Moóca-Brás, rua João Caetano, 25-31</i>
<i>Ponto de apoio Campinas</i>	<i>Rua José Alencar, 647.</i>

Fonte: DM, 19 jan. 1934 e DM, 26 jan. 1934. IFA/S

4.2. Associações partidárias

O partido nazista alemão não funcionou isoladamente no Brasil. Com ele, foram transportadas outras estruturas do III Reich, algumas importantes associações partidárias: a Associação de Mulheres Nazistas, Associação de Professores Nazistas, Frente de Trabalho Alemã e Juventude Hitlerista. Estas associações faziam parte do partido e ajudavam na

tarefa de atingir o maior número de alemães residentes no exterior. As associações buscavam seguir o modelo do III Reich. Mas algumas destas instituições eram peculiares do “nazismo tropicalizado”, caso da Organização do Trabalho dos Colonos. No jornal *Deutscher Morgen* de 1935 a 1937, havia uma coluna dedicada a esta organização.⁴⁵⁷ Ela promovia muitos eventos ligados ao *setor agrícola* do partido, como, por exemplo, congressos sobre este tema. Outra organização ligada a este setor foi o Centro Agrícola.⁴⁵⁸

Além destas, havia outras associações que não faziam parte do partido, mas colaboravam com ele. É o caso da Associação dos ex-combatentes da I Guerra. Muitos de seus participantes foram homenageados pelo governo de Hitler com cruces de honra e chamados a colaborar nas células do partido.⁴⁵⁹ Alguns usavam o símbolo desta sociedade nos ombros, ao lado da suástica.

À medida que o nazismo no exterior ia articulando suas bases, tais estruturas se tornavam mais complexas. Em 1936, por exemplo, a Associação de Mulheres Nazistas no Exterior se dividiu em várias células na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo, funcionava nesta cidade, além do partido alemão e da associação de mulheres, a facção austríaca do movimento nazista.⁴⁶⁰

(Ilustrações 4.5 e 4.6)

Uma das principais campanhas para o combate ao desemprego na Alemanha foi a *Winterhilfswerk - WHW* (Ajuda de Inverno Alemã). Subordinada à associação nazista *NS-Volkswohlfahrt* (Associação Nazista para o Bem-Estar), recebia doações voluntárias de firmas e associações diversas. Este “voluntarismo”, no entanto, foi muitas vezes permeado por pressões e coações.⁴⁶¹ Dentro desta campanha, um dos eventos mais importantes foi o *Eintopfsonntag*, uma refeição semelhante à sopa preparada em um único prato. Durante tais festas era servido esta especialidade e o dinheiro arrecadado era revertido para a Ajuda de Inverno e enviado ao III Reich.

Tanto na Alemanha quanto no exterior, o Auxílio de Inverno foi proclamado como um exemplo de lealdade dos alemães à sua Pátria de origem. Colaborar com este programa era considerado um dos atos mais louváveis para o partidário ou teuto comum. De acordo

⁴⁵⁷ DM, 15 jan. 1937, p. 7. IFA/S, Alemanha.

⁴⁵⁸ DM, 19 fev. 1937, p. 13. IFA/S, Alemanha.

⁴⁵⁹ DM, 20 jan. 1933, p. 5. IFA/S, Alemanha.

⁴⁶⁰ DM, 28 fev. 1936, capa. IFA/S, Alemanha.

⁴⁶¹ BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4ª edição. Munique: DTV, 2001, p. 807.

com os dirigentes do III Reich, o germânico no exterior que colaborasse com o Auxílio de Inverno passaria a se igualar ao alemão que morava na Alemanha. Segundo o jornal *Deutscher Morgen* de janeiro de 1934, havia uma campanha do chefe da propaganda nazista, Joseph Goebbels, para que houvesse uma contribuição dos alemães no estrangeiro para acabar com a fome e o frio na Alemanha. Nas palavras de Goebbels, o alemão que assim agisse, estaria com a “consciência tranqüila” para iniciar o ano de 1934.⁴⁶²

Com isto, grandes somas deixavam os países onde havia filiais do partido.⁴⁶³ A Ajuda de Inverno Alemã, devido às grandes arrecadações recebidas em diversos países, inclusive no Brasil, fazia com que a A.O. se tornasse interessante ao Reich também economicamente. Poderia-se dizer que o Auxílio de Inverno foi um dos principais motores econômicos da presença do nacional-socialismo no exterior. No Brasil, o Banco Alemão Transatlântico despontou como principal colaborador.⁴⁶⁴ (*Ilustração 4.7*)

A DAF e a busca pela unificação dos alemães no exterior

A *Deutsches Arbeit Front* - DAF (Frente de Trabalho Alemã) era a maior organização de massa da Alemanha, agregando, em 1938, 23 milhões de integrantes. Tinha um enorme poder financeiro e também cuidava dos serviços de formação profissional. Além disto, promovia a beleza no trabalho, que poderia ser traduzida como a aplicação de normas de higiene e organização no espaço de da atividade profissional.⁴⁶⁵ A *Kraft durch Freude* (Força da alegria), era subordinada a DAF, e promovia programas culturais e turísticos para o preenchimento do tempo livre do trabalhador alemão.

A DAF foi criada após a destruição dos sindicatos e a unificação dos trabalhadores em uma mesma entidade. Segundo Norbert Frei, quando o nacional-socialismo subiu ao poder na Alemanha, não se imaginava que o objetivo final seria a destruição do movimento sindical alemão. Mas foi o que aconteceu. Logo no primeiro ano de governo de Hitler, em 1933, na comemoração do 1º de maio, dia do trabalhador, com a participação da SS e SA, houve uma ocupação de todas as sedes sociais e instalações dos sindicatos livres do Reich.

⁴⁶² DM, 5 jan. 1934. IFA/S, Alemanha..

⁴⁶³ Ata R127875. AA/B, Alemanha.

⁴⁶⁴ DM, 6 mar. 1936. IFA/S, Alemanha.

⁴⁶⁵ BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Org.).*Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4. ed. Munique: DTV, 2001, p.550-551.

Foi então criada a DAF, em primeiro lugar, idealizada para “enquadrar” a classe trabalhadora, mas depois utilizada para controlar e influenciar ideologicamente os operários alemães. Em troca da calma social gerada pela eliminação dos sindicatos, as empresas alemãs fizeram um acordo no qual deveriam recompensar o Reich com 0,5% dos lucros anuais.⁴⁶⁶

(Ilustrações 4.8, 4.9, 4.10 e 4.11)

No Brasil, a DAF também era bastante expressiva e, em quantidade de integrantes, possuía mais que o dobro de número de partidários, somando 6.401 pessoas.⁴⁶⁷ Não era necessário ser membro do partido para fazer parte desta organização.⁴⁶⁸ Sua importância política no Brasil refletia o que acontecia na Alemanha. Era representativa nas firmas e empresas alemãs que funcionavam em território brasileiro. Como na Alemanha, também se preocupava com o tempo livre dos alemães no exterior pela ação da *Kraft durch Freude-KdF* – Força da alegria⁴⁶⁹, que tinha como objetivo promover a arte e a música germânicas. Em 1936, por exemplo, esta associação promoveu uma grande festa de carnaval em conjunto com o grupo regional do partido nazista de Santos.⁴⁷⁰

Segundo o *Jahrbuch de 1942*, a função da DAF no exterior dentro do aparato da A.O. foi coibir a propaganda inimiga, divulgar a idéia de paz no trabalho e promover programas sociais. Dentro destes programas, eram suas atividades no exterior: reuniões mensais, cursos de formação de professores e criação de grupos de jogos e de esportes. Seus integrantes se comprometiam a dar consultoria jurídica, participar da formação e responsabilidade sociais, cuidar da educação e participar de atividades de imprensa.

Em São Paulo, tendo o exemplo e o modelo da estruturação do próprio partido, a DAF era organizada em células, como um braço independente. Segundo o jornal, esta organização foi trazida a São Paulo em 1935 e tinha como principal tarefa chamar os “camaradas de trabalho” para o pertencimento a esta comunidade, assim como aconteceu na

⁴⁶⁶ FREI, Norbert. *O Estado de Hitler: o poder nacional-socialista de 1933 a 1945*. Trad. Monika Weisler e António Nabarrete. Lisboa: Notícias, 2003, p. 73-78.

⁴⁶⁷ MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika: die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien und Mexiko, 1931-1945*. Verlag Hans-Dieter Heinz Akademischer. Verlag Stuttgart, 1997, p. 196.

⁴⁶⁸ MORAES, Luís Edmundo. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 141.

⁴⁶⁹ DM, 6 mar. 1936, p. 7-8. IFA/S, Alemanha.

⁴⁷⁰ Idem, p. 8, IFA/S, Alemanha.

Alemanha⁴⁷¹. Dentro do movimento nazista no exterior como um todo, a DAF pretendia angariar os alemães no estrangeiro para o trabalho do *Deutschtum* (germanismo):

O nacional-socialismo, segundo ele, atinge um povo de quase 70 milhões no profundo significado da vida política, econômica e cultural. Porém, isto não é suficiente, o nacional-socialismo quer também englobar os cerca de 30 milhões de alemães que vivem no exterior. (...) Esta é a principal tarefa da Frente de Trabalho Alemã: empreender o trabalho do germanismo no verdadeiro sentido da palavra.⁴⁷²

Em 1937, ano em que o partido no Brasil havia alcançado um complexo grau de organização, funcionavam em São Paulo, concomitantemente com as células do partido, as células da Associação de Mulheres, da filial do partido nazista austríaco, dos ex-combatentes da I Guerra Mundial (Sociedade Kyffhäuser) e também da DAF, cuja disponibilização de células e reuniões vê-se na próxima tabela:

Células da DAF em São Paulo (SP)	<i>Tipos de reunião em janeiro de 1937</i>
Grupo Local – São Paulo –sede Wartburghaus, Rua Conselheiro Nebias, 35. (mesmo lugar que a sede do partido).	<i>Instruções oficiais de deveres</i>
Célula Vila Mariana	<i>Reunião de deveres</i>
Ponto de Apoio Mogi das Cruzes	<i>Reunião dos pontos de apoio</i>
Célula Caneiras	<i>Reunião dos pontos de apoio</i>
Ponto de Apoio Araraquara	<i>Reunião dos pontos de apoio</i>
Grupo local – Santos	<i>Reunião dos pontos de apoio</i>
<i>Grupo Local Blumenau</i>	<i>Reunião dos pontos de apoio</i>

Fonte: DM, 19 mar. 1937. IFA/S, Alemanha.

⁴⁷¹ DM, 12 mar. 1937, p. 2. IFA/S, Alemanha.

⁴⁷² “Der Nationalsozialismus, so führte er aus, erfasse ein Volk von fast siebzig Millionen in der ganzen Tief seines politischen, wirtschaftlichen und kulturellen Lebens. Damit ist es aber nicht genug, sondern der Nationalsozialismus will auch die etwa dreißig Millionen Deutschen, die im Ausland leben umspannen (...) Das ist es eine der Hauptaufgaben der Deutschen Arbeitsgemeinschaft, hier einzusetzen und Deutschtumarbeit in des Wortes wahrster Bedeutung zu leisten”. DM, 5 jul. 1935, p. 7. IFA/S, Alemanha.

Durante a II Guerra, a maioria destas atividades parou e a DAF se voltou quase que exclusivamente ao esforço deste conflito. Neste contexto, principalmente nos países beligerantes, a DAF também passou a cuidar dos marinheiros germânicos e alemães no exterior que porventura, devido à guerra, passaram a ser alvos de bloqueios ou boicotes, ou estavam necessitados de cuidados.

Com a proibição das atividades estrangeiras no Brasil, em 1938, a DAF passou a ter um outro significado, agregando as atividades antes realizadas pelo próprio partido, para que este, sob a fachada de outro nome, continuasse a funcionar mesmo com a proibição.

A mulher alemã no exterior: mãe, enfermeira e colaboradora na guerra

Pelo discurso nazista, o papel da mulher era o de ser o de mãe e protetora do lar. O regime de Hitler prestou atenção no grande quinhão das mulheres e criou em 1931, uma associação voltada exclusivamente para elas, a *NS-Frauenschaft* (Associação Nazista de Mulheres), considerada braço do partido com 1,2 milhões de associadas. A chefe da organização era a alemã Gertrud Scholtz Klink. Da mesma maneira que o partido, a associação de mulheres era organizada em *Gau* (comarca), *Kreis* (círculo), *Ortsgruppe* (grupo regional), *Zelle* (célula) e *Block* (distrito).⁴⁷³

Este modelo foi transferido para o Brasil e outros países onde funcionava o partido nazista. O total de mulheres participantes era bastante expressivo, com 2.050 integrantes, um pouco menos que o número de partidários no Brasil⁴⁷⁴. A Associação Nazista de Mulheres funcionava com fins sociais, beneficentes e culturais. Entre suas tarefas, estava prestar auxílio a gestantes, ensinar afazeres domésticos e costura, elaborar trabalhos manuais para fins sociais, dar assistência a senhoras e moças alemãs e organizar festas de

⁴⁷³ BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEISS, Hermann (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4ª edição. Munique: DTV, 2001, p. 617-618.

⁴⁷⁴ MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika: die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien und Mexiko, 1931-1945*. Verlag Hans-Dieter Heinz Akademischer. Verlag Stuttgart, 1997, p.196.

beneficência, como o Natal de crianças pobres.⁴⁷⁵ A embaixada alemã no Brasil definia assim seus objetivos: “A associação nazista de mulheres no exterior tem a tarefa de dirigir sua visão de mundo política para as mulheres e gerenciar as atividades delas pela ação da associação de trabalho das mulheres alemãs no exterior”.⁴⁷⁶

A atividade de mulheres no exterior já estava sendo pensada na Alemanha desde a década de 1920. Em abril de 1927, em Rendsburg (Alemanha), foi criada uma escola de colônia para mulheres a fim de capacitar meninas e senhoras para trabalhar na liderança de colônias de alemães no estrangeiro. Em 1938, este programa passou a ser organizado pelo departamento político colonial do partido nazista, da mesma maneira treinando mulheres para o trabalho além-mar.⁴⁷⁷

Em São Paulo, a parte mais ativa da Associação de Mulheres era a *Arbeitsgemeinschaft der deutsche Frau im Ausland* (Associação de Trabalho da Mulher Alemã no Exterior), que publicava, inclusive, suas atividades em uma coluna no jornal *Deutscher Morgen*, juntamente com as atividades do partido. (*Ilustração 4.12*) Entre os anos 1931 e 1935, esta associação funcionava juntamente com o partido nazista, na mesma sede, na chamada *Wartburghaus*, na Rua Conselheiro Nebias, no centro da cidade. A partir de 1936, ela foi subdividida em células, espalhadas pelos bairros Jardim Europa, Moóca/Brás, Aclimação, Vila Mariana, Santana e Jardim América, conforme tabela abaixo:

Célula da Associação Nazista de Mulheres	Local das reuniões em março e abril de 1936
Centro	<i>1º local:</i> <i>Wartburghaus</i> , Rua Conselheiro Nebias, 35. Lá funcionava também um horário de atendimento durante à tarde. <i>2º local:</i> Rua Aurora, 186
Santana	<i>1º local:</i> <i>Turnerschaft</i> (Ginásio) <i>2º local:</i> Deutsche Schule
Vila Mariana	<i>1º local:</i> <i>Block 1</i> (Distrito 1)

⁴⁷⁵ Relatório “*Arbeitsgemeinschaft Deutscher Frauen im Ausland*” (Associação de Trabalho de Senhoras Alemãs no Estrangeiro), AB.

⁴⁷⁶ Ibidem.

⁴⁷⁷ DM, 14 jan. 1938.

	Rua Humberto Primo 2º local: Block 2 (Distrito 2) Rua Bernardino de Campos, 5 3º local: Rua Domingos de Moraes
Jardim América	Rua Oscar Freire, 218
Moóca-Brás	Rua Xingu, 39
Aclimação	Rua Safira, 428
Jardim Europa	Rua Rússia, 205
Ponto de apoio em Mauá	

Fonte: DM 6 mar. 1936, 27 mar. 1936, 3 abril 1936, 1 maio 1936. IFA/S, Alemanha.

(Ilustração 4.13)

No ano seguinte, houve um crescimento da Associação atingindo outros bairros da cidade com novas células no Jardim Paulista, Broklinn Paulista e Campo Belo⁴⁷⁸. Nas células eram realizadas reuniões mensais. O fato de as reuniões ocorrerem em diferentes lugares mostra que não havia sedes fixas para as células, sendo as atividades organizadas de uma maneira improvisada em locais como escolas alemãs e ginásios de esporte. Palestras, como aquela sobre a questão racial, realizada em março de 1936 na *Wartburghaus*, também faziam parte de suas atividades.⁴⁷⁹

Uma data especial para as mulheres nazistas residentes no Brasil era o Dia das Mães. Em maio de 1936, 300 mães alemãs de São Paulo e redondezas se encontraram em um evento no clube Germânia organizado pela Associação de Trabalho das Mulheres no Exterior. O salão foi enfeitado para a ocasião e foi servido café com bolo aos presentes. Em discurso, o pastor Frever enfatizou que, com o advento do nazismo, o dia das mães passou a ser feriado nacional. Já a dirigente, identificada como Sra. Schwarz, disse que, com o nazismo, as mães passaram a ocupar um lugar importante para o povo alemão. **(Ilustração 4.14)**

Além das atividades da Associação de Trabalho de Mulheres, o jornal *Deutscher Morgen* também publicava a coluna *Deutsche Frau* (Mulher alemã), que buscava fornecer os fundamentos do discurso do partido para a formação da mulher nazista. Em um destes artigos, publicado em maio de 1936, constam falas de Adolf Hitler, dizendo que a mulher e

⁴⁷⁸ DM, 19 mar. 1937. IFA/S, Alemanha.

⁴⁷⁹ DM, 27 mar. 1936. IFA/S, Alemanha.

a mãe se transformarão em importantes cidadãs alemãs. Para ele, o papel da mulher seria a de “guarda-costas” do sangue alemão, cuidando da célula originária do Estado: a família.

Segundo Hitler, elas não deveriam apenas colocar crianças no mundo, mas também “educá-las dentro da consciência do povo”. Seu papel não seria o de fazer parte de trabalhos em profissões consideradas “pesadas”, mas sobretudo ser mãe.⁴⁸⁰ Durante a guerra, com a ocupação de diversos países pela Alemanha nos primeiros anos do conflito, os grupos da Associação Nazista de Mulheres que atuavam no exterior potencializaram sua ação. Elas desempenhavam funções como enfermeiras, visitavam feridos levando flores e abasteciam os soldados em diversos campos de batalhas com café, bolo, frutas, cigarros e pequenos presentes. Lavavam suas roupas e muitas vezes acompanhavam os mortos em combate em seus enterros, no lugar de familiares.⁴⁸¹ No Brasil e em outros países em guerra contra Alemanha, elas passaram a acompanhar os casos de alemães confinados, controlando as listas de internados nos países inimigos.⁴⁸²

(Ilustrações 4.15, 4.16 e 4.17)

Com a multiplicidade das organizações de alemães no exterior, houve algumas tentativas de unificação, como foi o caso da *Deutsches Hilfswerk* - Associação Beneficente Alemã, fundada em 1934 em São Paulo, que pretendia unir: a antiga Associação de Ajuda (*Hilfsverein*), Associação de Ajuda das Mulheres (*Deutsche Frauenhilfe*), representantes do partido nazista, a associação dos ex-combatentes, a *Wartburghaus*, a igreja evangélica alemã e o hospital alemão. Esta associação foi de tal forma concebida “para elaborar um trabalho em conjunto e para executar decisões de acordo com cada particularidade”.⁴⁸³

Professores e juventude: preocupação com as futuras gerações

Outra associação que desempenhou um importante papel no desenvolvimento do movimento nazista no exterior foi a *NS-Lehrerschaft* (Associação dos Professores Nazistas), também braço integrante do partido nazista no exterior. Segundo relatório endereçado ao

⁴⁸⁰ DM, 22 maio 1936. IFA/S, Alemanha.

⁴⁸¹ BEHR, Wera. *Die Auslandsdeutsche Frauenschaft in Zweiten Kriegsjahr*. Jahrbuch 1942, StA/B, Alemanha.

⁴⁸² *Deutsches Frauenwerk*. Ata R127877. AA/B, Alemanha.

⁴⁸³ “É tornado de maneira imediata, se reúne e realiza a unificação em todos os detalhes”. “Er wird sofort gebildet, tritt zusammen und vollzieht den Zusammenschluss in alles Einzelheiten”. DM, 12 jan. 1934. IFA/S, Alemanha.

Itamaraty, ela deveria dirigir as escolas alemãs segundo a visão de mundo alemã e suas orientações políticas⁴⁸⁴.

Uma preocupação constante do governo nazista era com as crianças que pertenceriam às novas gerações e iriam levar a ideologia hitlerista ao futuro. Por intermédio do consulado, alguns professores foram enviados da Alemanha para trabalharem no Brasil em escolas germânicas durante um prazo de quatro anos, em média. Estes professores teriam a “missão” de educar as crianças alemãs de acordo com as idéias nazistas⁴⁸⁵. Contabilizavam-se cerca de 100 professores integrantes desta associação no Brasil.⁴⁸⁶

Os decretos-lei de Getúlio Vargas de 1938 que promoviam a nacionalização de empresas e escolas estrangeiras atingiram as escolas alemãs no Brasil. A nacionalização destas escolas repercutiu tão mal na Alemanha do III Reich quanto a proibição do partido nazista. Muita correspondência foi trocada entre os governos alemão e brasileiro, mas a decisão de Vargas não foi alterada.

Até hoje se fala sobre uma espécie de “trauma” gerado na comunidade alemã estabelecida no Brasil devido a este processo nacionalizante. A historiadora Marlene de Fáveri, em seu livro *Memória de uma (outra) guerra*, aborda a comunidade alemã de Santa Catarina, mais especificamente de Florianópolis, alvo de preconceito e repressão neste momento de valorização da comunidade nacional brasileira pelo governo varguista. Ao falar sobre as denúncias à polícia política catarinense, afirma que:

Se a língua estava no centro das denúncias, agravam-se com os preconceitos étnicos contra os brasileiros que se aproveitavam do momento para denunciar o estrangeiro ou descendente – era o momento de desforra! Não eram gratuitos os enfrentamentos: os imigrantes tinham mesmo certa aversão (ou muita, dependendo do caso) para com os “brasilians”, ou “caboclos”. Faziam emergir conflitos identitários, onde critérios da identidade “regional” ou “étnica” — como a língua, o sotaque,

⁴⁸⁴ NSDAP – Gliederung der Partei: Organisation und Aufbau (Reichschlunbsbrief 11/36).

AB.

⁴⁸⁵ DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas, o Partido Nazista em São Paulo*. São Paulo, 2001. Dissertação (Historia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 200.

⁴⁸⁶ MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika: die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien und Mexiko, 1931-1945*. Verlag Hans-Dieter Heinz Akademischer. Verlag Stuttgart, 1997, p.196.

o dialeto — que na prática social constituem objetos de representações mentais, acompanhando a reflexão de Bordieu, eram também lutas de poder. (...) Era como se vê (...) uma guerra de denúncias e vigilância num momento em que o não uso do idioma português era considerado um ato de traição à pátria brasileira, ao mesmo tempo em que falar o idioma estrangeiro qualificava o falante – se a língua era o italiano, tratava-se de um fascista; se era o alemão, estava-se diante de um nazista.⁴⁸⁷

Isto talvez explique porque durante muito tempo simplesmente não se falava a língua alemã no Brasil, nem em escolas e instituições, causando uma ruptura na manutenção da cultura alemã em diversos estabelecimentos desde as primeiras ondas imigratórias na segunda metade do século XIX. Muitos alemães deixaram de falar sua língua nativa e outros, até hoje, se calam sobre o passado dos anos 1930 e 1940, caracterizado como uma lei da mordação.

Nas entrevistas, realizadas durante esta pesquisa em Rolândia (PR), poucos se encorajavam a falar sobre o tema do nazismo, talvez pelo medo que tenha permanecido a partir de tal experiência nacionalizadora. Os colaboradores fazem questão de enfatizar, no entanto, outros aspectos com a experiência da nacionalização e os atos de desagregos contra a comunidade alemã após a entrada do Brasil na guerra junto aos Aliados, como a explosão de foguetes nas casas dos teutos. Além disto, eles gostam de reafirmar o seu caráter de pioneiros na tarefa de colonização do Brasil rural, conforme nos confidenciou o sr. Irineu Welter, um descendente de alemães, cujo pai era comerciante e a mãe trabalhava tirando leite de vaca em Rolândia na década de 1940. Quando foi questionado sobre o nazismo, ele se negou se lembrar de alguma coisa, justificando que era criança. Segundo sua entrevista, ele, na época, até se envergonhou de ser descendente de alemão:

Quando meu pai chegou aqui, só tinha uma rua principal. Logo a duas quadras dali já era mato, entendeu? Para cá também era. Tinha essa quadra, depois fazia um “L”, tinha um ponto de ônibus ali em baixo e um hotel. Ele chegou bem no começo. Não foi um pioneiro mesmo, mas chegou logo em seguida. Eu tinha quatro anos de idade. Ele veio trabalhar no comércio e minha mãe cuidava de uma chácara, tirava leite de vaca. Esta cidade sempre foi rural, mas essa movimentação toda de alemães e

⁴⁸⁷ FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Editora da UFSC/UNIVALI, 2004, p. 101.

italianos vindo para cá, se abriram muitas fazendas, e o comércio se desenvolveu em função disso, principalmente em função do café...

Quer dizer... bem no comecinho era amora, para tratar bicho de seda... fabricar aqueles tecidos de seda para fazer aqueles pára-quadras para sustentar a guerra. Os ingleses pagavam para que se plantasse amora, e se tratasse de bicho de seda para se ter esse material.

Depois virou café aqui, era café, café, café, café. Foi a rainha do café aqui. Vieram alguns judeus também, mas judeus alemães, não judeus assim... judeus alemães que fugiram do domínio de Hitler e vieram para cá. Não muitos não, mas teve uma colônia boa de judeus aqui. Italianos, alemães, japoneses depois vieram também, mas os alemães é que foram mais...acho que número maior.

Aqui se industrializou um pouco, mas, na zona rural agora, ainda têm soja, trigo, café, mas caiu muito, a produção de café.

O senhor ouviu falar alguma coisa sobre o nazismo aqui, se ele se expandiu na época da guerra?

Não. Eu quando vim para cá, era para quatro ou cinco anos, estava acabando a guerra... Então, justamente por isso...eu disse para você que eu não tenho assim, não posso ser considerado alemão da gema não, porque quando eu vim de Santa Catarina para cá, meus pais e eu, e meus irmãos falávamos em alemão (ênfase). Mas aí veio a guerra. A Alemanha perdeu a guerra, então houve manifestações contra os alemães, o Brasil ganhou a guerra e tal, e tal...e eles soltavam foguetes na casa de alemães, então a gente ficou...se retraiu, e não queria mas ser... Não queria mais ser alemão não (ênfase).

É...porque a gente era novinho e ficou impressionado. Então, a gente não queria...Daí a pouco o pai ou a mãe falava em alemão com a gente e a gente respondia em português, não queria mais saber de ser alemão. Bobagem, né! Mas criança se impressiona com isto.

Foi terrível o final da guerra. Aqui em Rolândia muita gente foi perseguida, foi...né...E a gente se retraiu um pouco, quisera eu ter mantido a tradição.⁴⁸⁸

O colaborador Helmut Bietrich, que chegou em Rolândia em 1934, para morar junto com sua família em um sítio, disse que ficou sabendo pouco da guerra pela ausência de televisão e rádio. Dedicavam seu tempo para plantar arroz, feijão, milho, mandioca e, mais tarde, café. Disse que sua família não foi perseguida pós-1942, porque morava no sítio e tinham pouco contato com a cidade (“Lá no mato, não tinha divertimento nenhum, mas, amolação, vamos dizer, inimigos também não tinha, no tempo do nazismo”). Mas, Bietrich afirmou conhecer algumas famílias que foram. Hoje, trabalha como técnico de televisão e sente orgulho por estar na cidade de Rolândia há 45 anos:

488

Entrevista de Irineu Welter a Ana Maria Dietrich. Rolândia, julho de 2005.

Chegamos aqui em 1934. Em Rolândia acho que tinha três casas, só. Aqui era tudo mato. Desde aquele tempo eu moro aqui. Quando eu cheguei não tinha cidade. Nós fomos morar direto do sítio, no mato. Não tinha asfalto, sabe, naquele tempo. Asfalto muito mais tarde foi feito. Morei no sítio trinta anos. Em 1962 eu mudei para a cidade, que já era mais ou menos cidade, sempre crescendo... Na época era assim... Nós morávamos no sítio, quase não tinha vizinho, não tinha, por exemplo, cinema, essas coisas. Eu cheguei com sete anos.

Primeiro se plantava só feijão, arroz, milho, mandioca. Depois, plantava-se o café... foi a época do café, que começou, acho, em 1948. Era muito bom, tinha bastante movimento, por exemplo, nosso sítio tinha vinte alqueires, tinha cinco famílias que cuidavam do café. O café tinha preço bom e sobrava um dinheiro. Hoje é mais difícil sobrar dinheiro, né!? Hoje no sítio não tem mais café...soja e trigo.

Não tinha muito alemão, não, mas tinha alemães. Mas, nossos vizinhos não era alemães. A gente não tinha carro, no começo, nem bicicleta tinha. Andava só a pé, eram doze quilômetros do sítio para Rolândia.

Quando a guerra começou em 1939, já estávamos aqui no sítio. Nós não tínhamos problema nenhum... Tinham alemães aqui que foram perseguidos, mas nós não. Não tinha televisão também, não existia naquela época. Televisão acho que começou em 1960... Não havia rádio nem nada. Ficava lá no mato, não tinha divertimento nenhum, mas, amolação, vamos dizer, inimigos também não tinha, no tempo do nazismo.

Meu pai saiu da Alemanha em 1934 e ele estava com medo da guerra, porque ele foi na outra guerra, de 1914 a 1918. O Hitler começou...eu lembro, na Alemanha, antes de nós sairmos de lá, em vez de falar “bom dia”, “boa tarde”, só se falava “Heil Hitler”. Eu andava na rua e falava para todo mundo “Heil Hitler”. Eles criaram escolas, todos já foram treinados para serem soldados, para fazer guerra. Então, meu pai disse: “vamos embora”. Então, fomos para o meio do mato.

1942 foi quando o Brasil entrou na guerra, eu tinha mais de dez anos, mas só que a gente não escutava muita notícia da guerra. Hoje, a gente liga a televisão, fica sabendo de tudo, muito mais fácil de saber da vida dos outros.

Hoje eu concerto televisão... Comecei no sítio com um radinho... Quantos anos faz!? Quarenta e cinco que estou aqui.⁴⁸⁹

A colaboradora Elizabeth Pundt chegou a confirmar a simpatia da família pelo nazismo, na época, mas não deu grandes detalhes, respondendo às perguntas curta e secamente. Lastimou-se, porém, que os netos não sabiam falar mais o alemão:

Eu nasci em 1919. Eu tenho 86 anos. Em Rolândia, tinha barro, não tinha asfalto, tinha barro, poeira... Meu pai veio morar na cidade, nesta casa aqui. Meu pai mudou para o Rio Grande do Sul, lá falavam que aqui em

489

Entrevista de Helmut Bietrich para Ana Maria Dietrich. Rolândia, 2005.

Rolândia era tudo alemão, era muito bonito...ele veio para cá. Meu pai tinha loja de secos e molhados. Viemos para cá em 1932.

E do nazismo, a senhora lembra de alguma coisa aqui em Rolândia?

Não lembro nada.

Nada!? Lembra que foi proibido falar alemão aqui?

Ah... sim, no tempo da guerra. É. Foi mudado o nome de Rolândia...era Cabreúna... Depois mudaram de novo para Rolândia

Na época, a sua família era a favor de Hitler?

Acho que era a favor, era simpatizante do nazismo... Meu pai, Otto Pundt, tinha a venda e todo mundo gostava dele. Eu estudei só no sítio. Alemão. Estudei só em escola alemã. Não tinha brasileiro... era tudo alemão. Apreendi o português aqui na loja, eu pensei que nunca ia aprender o português. Achei tão difícil. Agora, os meus netos não sabem falar alemão. Minhas filhas sabem.⁴⁹⁰

O processo de nacionalização em Santa Catarina também foi intenso. Foram fechadas 79 escolas alemãs particulares e transformadas em municipais. As escolas passaram a lecionar em português e as associações de professores se nacionalizaram ou desapareceram. Fica, no entanto, explícito, que uma “experiência” não excluiu, nem banalizou a outra. O fato de os alemães terem sofrido controle de seu trânsito e de suas organizações, de serem proibidos de falar sua língua nativa, de publicar seus jornais e de ouvir rádio, e, em determinado momento, encarados como “inimigos internos” do Brasil, não anula que uma parcela destes mesmos alemães atuou no partido nazista ou em instituições partidárias.

Alguns estudos sobre comunidades regionais de alemães costumam abordar estas problemáticas como duas posições antagônicas: os que defendem e os que atacam os alemães. Isto apenas simplifica a dimensão dos problemas vividos por esta comunidade nos anos 1930 e 1940 e as repercussões das posições políticas tomadas pelas lideranças brasileiras e alemãs.

A revista do Instituto do Alemão no Exterior – DAI – traz, em artigo publicado em 1934, uma série de regras que o professor alemão no exterior devia seguir. Estas regras foram definidas no evento do 6º dia do professor, realizado em Darmstadt (Alemanha), em 1933. O documento começou com um alerta, que traz como princípio a mesma orientação feita para os integrantes do partido nazista, a não-intervenção na política do país de hospedagem, devendo o alemão seguir as leis da nação onde atuaria. A orientação se

⁴⁹⁰

Entrevista de Elizabeth Pundt para Ana Maria Dietrich. Rolândia, 2005.

concentrava, principalmente, na questão dos direitos do *staff* dos professores alemães no exterior:

Vocês estão em solo estranho. A orientação principal é seguir o direito da terra de hospedagem, como também direitos públicos e privados referentes a ela. As escolas estrangeiras estão subordinadas às leis do país de onde estão localizadas (...). O professor no exterior está submetido de muitas maneiras às orientações de educação da terra de hospedagem. O professor deverá se submeter aos direitos internos da pátria de hospedagem.⁴⁹¹

As orientações, no entanto, não conseguiram dimensionar como se deu o cotidiano desta associação no exterior, no caso deste estudo em especial, no Brasil. Estes professores, apesar de aparentemente não “se intrometerem” na política local, compareciam às aulas uniformizados e, com uma saudação a Adolf Hitler, começavam suas lições. Os símbolos da Alemanha nazista também se faziam presentes, com bandeiras e distintivos. A proximidade deste corpo de professores era tamanha que eles chegavam a visitar os próprios alunos em suas casas. Estes estudantes, educados de acordo com a formação nacional-socialista, se sentiam como membros de uma raça superior e de uma “elite”. Segundo Alfred Kepler, que foi membro da Juventude Hitlerista e freqüentou a Escola Alemã de Vila Mariana, em São Paulo (SP):

Em 1933, eu entrei na Escola Alemã de Vila Mariana, onde aprendi alemão... O diretor era Mathias Demer, que morreu logo depois da guerra. Ele era antinazista, mas a maioria dos professores vinha do partido nazista na Alemanha. Era uma linha de professores estranha, sabe? Eles eram perfeitos professores, verdadeiros mestres: orientavam as crianças, viviam na casa delas e trabalhavam com elas. Por exemplo, um deles, o Hopf, foi em minha casa várias vezes visitar a mim e a meus irmãos. Era gente simples que lutava, que falava: “Deus, Pátria e Família”. Falavam português. O partido nazista era bastante atuante dessa forma e funcionava de maneira aberta, todo mundo sabia. Usavam-se bandeiras, distintivos e

⁴⁹¹ “Die rechtliche Stellung der deutschen Auslandslehrer”. In: *Der Auslandsdeutsche*, 17 mar. 1934, p. 196. IFA/S, Alemanha.

tudo mais. No Germânia, por exemplo, eu desfilava com camisa parda nas olimpíadas de inverno. Eu era parte de uma elite.⁴⁹²

(ilustrações 4.18 e 4.19)

Kepler disse lembrar-se bem do professor Arthur Hopf: “Ele era uma pessoa fantástica, um solteirão... ele viajou para a minha casa, no Guarujá, várias vezes nas férias”.⁴⁹³

(Ilustrações 4.18 e 4.19)

A Juventude Hitlerista no exterior — associação que Alfred Kepler diz ter tomado parte — era outra organização partidária da A.O. presente em diversos países. Primava pela reprodução fiel da juventude hitlerista alemã, como também por divulgar a doutrina nazista entre os jovens e crianças alemãs ou descendentes de alemães espalhadas pelo mundo. O cenário de crianças uniformizadas lendo cantos, provérbios embaixo de palmeiras poderia acontecer tanto no continente sul-americano quanto na África. A apologia à participação da juventude entre os ideais nazistas era amplamente divulgada na propaganda nazista voltada aos germânicos no exterior.⁴⁹⁴

(Ilustrações 4.20, 4.21, 4.22, 4.23, 4.24, 4.25, 4.26 e 4.27)

O *Jahrbuch da A.O.* de 1942, em artigo sobre a juventude hitlerista no exterior, descreveu inúmeras atividades desenvolvidas por esta organização. Os meninos atuavam como bombeiros, ajudando nas colheitas e durante a guerra, auxiliando a população a atender regras como o toque de recolher. As meninas e moças também colaboravam no esforço da guerra, confeccionando jogos de xadrez para os feridos e levando flores em seus leitos nos hospitais.⁴⁹⁵

No território brasileiro, a juventude hitlerista chegou a atuar em conjunto com o movimento em outros países da América do Sul. Articulados com meninos do Chile,

⁴⁹² Entrevista de Alfred Kepler realizada em São Paulo/SP em 19 nov. 2002 por Ana Maria Dietrich, Ana Sílvia Bloise e Humberto Redivo Neto.

⁴⁹³ Idem.

⁴⁹⁴ *Jahrbuch der Auslandsorganisation der NSDAP 1942*. Herausgegeben von der Leitung der Auslands-Organisation der NSDAP im Gauverlag der AO. Seefahrt und Ausland G.m.b.H. 1942

⁴⁹⁵ Idem.

Paraguai e Uruguai, integrantes da Juventude Hitlerista no Brasil fizeram uma viagem, em 1935, para a Alemanha, o que mereceu grande divulgação da imprensa pró-nazismo. Foram 150 meninos e 20 meninas. Destes, 102 integrantes eram da juventude teuto-brasileira. Em julho de 1935, eles chegaram em Hamburgo e foram recepcionados como convidados da Juventude Hitlerista na Alemanha. Um dos principais objetivos da viagem era participar do dia do partido em Nuremberg.⁴⁹⁶ Os jovens voltaram ao Brasil apenas três meses depois, em setembro do mesmo ano. O jornal *Deutscher Morgen* acompanhou com entusiasmo a excursão, publicando o relato apaixonado dos meninos. O tom da carta faz parte do fascínio que os adeptos do nacional-socialismo tentavam exercer sobre as massas e a intensa divulgação desta viagem foi utilizada como propaganda do partido:

Hamburg, 15 de julho de 1935

Queridos pais,

Depois da viagem de ida nós aportamos em 12 de julho. A recepção, que nossos camaradas nos prepararam, foi simples e bela. A SA, SS, Juventude Hitlerista e autoridades estavam representados. Vocês não podem fazer nenhuma idéia da nossa admiração, que não tinha fim.⁴⁹⁷

(Ilustração 4.28)

Neste mesmo ano, a juventude hitlerista divulgou a apresentação do filme “*Wir unter uns*” (Nós sobre nós). A sede da associação teuto-brasileira em São Paulo funcionava ao lado da sede do partido, na própria Rua Conselheiro Nebias, 335.⁴⁹⁸ Outras atividades como entoar canções nacional-socialistas, fazer excursões campestres e praticar esportes eram comuns à juventude nas escolas alemãs, que seguiam o modelo da juventude hitlerista.⁴⁹⁹ Também as rotinas escolares eram permeadas por ensinamentos sobre a ideologia nazista. O jornal “O Globo”, de janeiro de 1937, por exemplo, publicou um desenho de Hitler segurando a bandeira nazista de um aluno de uma escola alemã de Santa Catarina. Segundo o jornal:

⁴⁹⁶ DM, 5 jul. 1935. IFA/S, Alemanha.

⁴⁹⁷ DM, 26 jul. 1935. IFA/S, Alemanha.

⁴⁹⁸ DM, 5 jul. 1935. IFA/S, Alemanha.

⁴⁹⁹ DIETRICH, op. cit, p. 231.

Os exercícios escolares de desenho, por exemplo, são na sua quase totalidade sobre temas alemães e particularmente nazistas. Os meninos são postos a copiar flâmulas, bandeiras nazistas. Comumente os desenhos mostram um rapaz segurando uma bandeira nazista e trazendo uma legenda Heil Hitler.⁵⁰⁰

(Ilustração 4.29)

Os relatórios da polícia política brasileira freqüentemente fazem menção à distinção presente nas escolas alemãs de direcionamento nazista entre as crianças germânicas e as brasileiras. A polícia do Rio Grande do Sul enfatizou que as escolas alemãs foram tomadas pelo partido e que este fazia as crianças brasileiras e alemãs se autodiscriminarem:

O abuso da tolerância com relação às escolas pelo Partido (Nazista) tomou, desde que o mesmo dominou as escolas, formas mais que provocadoras ou provocantes. Assim, uma criança que freqüentou não uma escola alemã, mas sim uma escola nazista, saberá quando diligentemente interrogada, narrar qual a diferença que existe entre ela (a criança alemã ou de origem tal) e a criança brasileira, segundo a opinião de Hitler.⁵⁰¹

Se as crianças brasileiras eram discriminadas, as judias também não eram benquistas em tais escolas perante, principalmente, os professores, deliberadamente anti-semitas. Entre os matriculados nas escolas alemãs de São Paulo, os representantes do nazismo se preocupavam especialmente com a infiltração de pessoas de orientação marxista e de crianças judias nas escolas alemãs. Os professores germânicos, apesar de serem, segundo o documento, anti-semitas, tinham que se submeter às leis brasileiras, pelas quais, quem tivesse dinheiro poderia se matricular nas escolas alemãs. Segundo o jornal *Deutscher Morgen* de fevereiro de 1936:

Apesar destes senhores alemães, participarem, sem exceção, de ciclos de simpatizantes nacionais e de organizações de direita, não participam do partido nazista. Devem ser denunciados, como eu tenho ouvido, como marxistas. Apesar das escolas representarem os fundamentos alemães,

⁵⁰⁰ Há infiltração e espionagem nazista no sul do paiz? *O Globo*, Rio de Janeiro. Ata: R104939, AA/B, Alemanha.

⁵⁰¹ O nazismo em São Paulo. Relatório da Polícia do RS. Jun. 1939. AB.

para leis brasileiras, todas as crianças, cujos pais tem dinheiro para pagar, devem ficar livres para se matricular. Uma grande porcentagem destes estudantes são recrutados da juventude brasileira como também de outras origens, sendo também alguns judeus. Apesar do corpo dos professores em sua maioria ser anti-semita, evita-se a difamação das crianças judias, para que os professores possam seguir as regras brasileiras.⁵⁰²

Os professores e a juventude hitlerista não eram os únicos representantes da presença nazista nas escolas. Comumente os próprios partidários utilizavam as escolas alemãs como sede para fazer suas reuniões mensais. Em eventos e festividades promovidas dentro das escolas, os partidários marcavam presença. Foi o caso do líder do partido nazista no Brasil que visitou a escola alemã de Santana em março de 1936 junto ao também partidário Oldendorf e representantes do consulado, da Sociedade *Kyffhäuser* — formada por ex-combatentes da I Guerra Mundial, da Sociedade dos Cantores e outros. O jornal *Deutscher Morgen* registrou o momento desta visita com uma foto cuja legenda é: “O chefe do partido nazista no Brasil — Hans Henning von Cossel — leva os votos do partido”.⁵⁰³

A juventude hitlerista fazia parte de eventos maiores que envolviam outros segmentos dos representantes do nazismo no Brasil. Em 1937, ela participou da semana alemã em Curitiba (PR), organizada pelo consulado alemão de Curitiba e pelo grupo do partido nazista no Paraná, entre outras associações. O objetivo foi festejar e incentivar o sentimento de germanismo na região. A semana reuniu diversas atividades, entre elas congressos para colonos, celebração do Dia dos professores e Dia das Mães, concertos festivos, exibição de filmes e peças de teatro. Um dos dias da semana foi dedicado inteiramente à juventude local.⁵⁰⁴

Um negro na juventude hitlerista, indícios do processo de tropicalização

⁵⁰² Relatório de Franz Wolf. São Paulo – Industrieort (3f). Abschrift. São Paulo, 25 out. 1933. NS9- Brasilien. AA/B, Alemanha.

⁵⁰³ DM, 28 fev. 1936. IFA/S, Alemanha.

⁵⁰⁴ DM, 19 fev. 1937. IFA/S, Alemanha.

O ex-integrante da Juventude Hitlerista, Alfred Kepler, conseguiu entrar no partido nazista graças à influência do seu pai, que era integrante do partido nazista no Brasil. Ele quis entrar na Juventude Hitlerista, que se reunia no Clube Germânia (atual Clube Pinheiros) devido a uma história de amor com uma nadadora do clube, conforme afirmou:

No dia 11 de agosto de 1933, conheci uma menina, Cecília, era filha de pai português, Henrique Laja e mãe alemã. Fiquei doido por esta menina, até quando saí do ginásio estava apaixonado, pensava em casar e tudo mais. Dava a minha vida por ela. Ela era uma grande nadadora do Germânia. Por isto, eu quis ingressar no clube. Fomos eu e um amigo até lá... os dirigentes nem tomaram conhecimento nosso. Cheguei em casa, contei para o meu pai e perguntei de forma indignada o que era isto que todos falam ser o partido nazista. Meu pai, na hora, telefonou para o presidente e, no dia seguinte, pude ingressar no clube. Paguei trinta mil réis de mensalidade e entrei direto na juventude hitlerista. Em 1938 ou 1939, me formei no ginásio e a tal da Cecília me chamou para o aniversário dela. Foi a hora! Pensei em propor casamento! Mas, ela se adiantou: “Olha Alfredo, gosto muito de você, mas você vai ser um advogado de porta de cadeia daqui a sete anos. Tem um velho que me propôs casamento. Ele tem vinte e seis anos e é arquiteto. Pela primeira vez, pensei que meu mundo tinha acabado. Pensei em me matar, assim coisas desse gênero.”⁵⁰⁵

Curiosamente, como um dos indícios da tropicalização do nazismo, Kepler relatou a presença de nazistas negros entre os membros da juventude hitlerista do Germânia, prova de que, apesar de todas as orientações do partido para a não-miscigenação de alemães com brasileiros, principalmente os de origem afro, o nazismo no Brasil teve peculiaridades especiais. No relato, Kepler não esconde sua indignação pelo fato, caracterizado por ele como uma aberração:

Na juventude hitlerista do Germânia tinha uma peculiaridade muito engraçada, tinha um (com ênfase) rapaz mulato (risos). Era o Friedenreich, o jogador de futebol Friedenreich, um dos maiores jogadores de futebol do São Paulo. Seu pai tinha se casado com uma mulata e tido um filho mulato. Então tinha uma aberração... (risos). Era

⁵⁰⁵

Entrevista de Alfred Kepler realizada em São Paulo/SP em 19 nov. 2002 por Ana Maria Dietrich, Ana Sílvia Bloise e Humberto Redivo Neto.

nazista preto, mulato, não tinha nada que ver. Curioso isto, né?! Tem casos estranhos para burro.

O pessoal não sabia que eu tinha ingressado na Juventude Hitlerista, pois todo mundo achava que eu tinha cara de judeu, não pensavam que eu havia chegado a este ponto.⁵⁰⁶

As informações fornecidas pelo São Paulo Futebol Clube confirmaram o depoimento de Kepler. O jogador de futebol Artur Friedenreich, nasceu em 1892 em São Paulo (SP), filho do alemão comerciante Oscar e de uma mãe lavadeira mulata. Apelidado de “Fried”, entrou no clube Germânia aos 17 anos e, mais tarde, em 1930, mudou para o time do São Paulo, onde permaneceu até 1934, tendo marcado, nestes anos, 63 gols. Durante sua permanência neste clube, foi campeão paulista em 1931 e sua atuação foi considerada importante, apesar de estar, na época, com 39 anos. Considerado pelo clube como o “Pelé dos anos 20”, passou para o São Paulo em 1930, devido a extinção do futebol do Paulistano.

Isso (sua cor) poderia ser um obstáculo para o jovem Arthur Friedenreich, que herdara da mãe, uma lavadeira mulata, as características raciais que fizeram dele um mestiço. Mas não foi. Com 17 anos incompletos, arranjou uma vaga no time do Germânia, onde receberam sem problemas aquele rapaz magricela de jogo habilidoso e de cabelos que lembravam os de um europeu. Embora fossem naturalmente ondedados, ele os alisava com pacientes aplicações de gomalina, uma espécie de brilhantina, e de toalhas quentes. Tratava-se de um processo demorado, mas eficiente: Friedenreich, sempre o último a entrar em campo, por causa dos cuidados com o penteado, chegou a ser considerado um branco. Bronzeado, porém branco. Foi o preço que pagou para que lhe fossem abertas as portas do nascente e elitista futebol brasileiro. Agora não mais um mulatinho de um bairro da baixa classe média, eis Friedenreich fazendo gols em cima de gols pelos clubes por onde passava: Mackenzie, Paulistano, Germânia outra vez, e bem depois São Paulo e Flamengo.⁵⁰⁷

Também atuou na Seleção Brasileira e, representando o Brasil, foi campeão sul-americano em 1919 e artilheiro do campeonato. Marcou 1.329 gols nos seus 26 anos de

⁵⁰⁶

Idem.

⁵⁰⁷

<http://www.netvasco.com.br/mauoprais/futbr/fried.html>

futebol. Foi nove vezes artilheiro do Campeonato Paulista. Segundo o clube, Friedenreich era: “Moreno dos olhos verdes e cabelos carapinha (filho de alemão com mulata), sua agilidade era tanta que os argentinos, reis do futebol naquela época, o apelidaram de *El Tigre*”⁵⁰⁸.

Sua descendência alemã lhe favoreceu a movimentação nos clubes brasileiros, até então sob o domínio dos brancos que tratavam os negros e mulatos com preconceito. “Mulato, só assim ele pôde jogar nos grandes clubes freqüentados pelos brancos da elite”. Mas, mesmo assim, tinha um cuidado todo especial com seu cabelo utilizando gomalina e brilhantina antes de entrar em campo. Ele chegou até a ficar com fama de chegar sempre atrasado em campo.

Os sobrenomes estrangeiros foram os primeiros “passaportes” para os negros e mestiços no futebol brasileiro da década de 1920 e 1930. Escreve Mário Filho, em um estilo de crônica na obra *Negro no futebol*:

Um mulato podia ser um Friedenreich, um preto podia ser Gradim. Quem quisesse um bom jogador não precisava ir longe. Em todo o canto havia uma pelada. O Brasil com muito mais mulato, muito mais preto que o Uruguai. Com muito mais Friedenreich, com muito mais Gradins, portanto.⁵⁰⁹

O depoimento de Kepler sobre Friedenreich, jogador que durante a juventude jogou no Clube Germânia, demonstrou um típico caso do processo de tropicalização do nazismo já em seu estágio final, quando “mestiços de origem africana” eram aceitos nos quadros da juventude hitlerista no Brasil. O contrário do esperado por Adolf Hitler que, nas Olimpíadas de 1936 realizadas em Berlim, levantou-se e foi embora do estádio quando o americano negro Cornelius Johnson foi campeão em salto em altura. Neste mesmo evento, outro americano negro, James Cleveland “Jesse” Owens ganhou quatro medalhas de ouro.

⁵⁰⁸ São Paulo Futebol Clube. Mensagem recebida por <ana_diet@hotmail.com> em 10 abr. 2006.

⁵⁰⁹ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Fumo, 1994, p. 136.

Uma foto, uma história: lembranças da juventude hitlerista de Presidente Bernardes (SP)

Presidente Bernardes é uma pequena cidade do noroeste do estado de São Paulo com cerca de 11 mil habitantes, distante 8 horas de ônibus da capital. Atualmente, ela se tornou conhecida pela presença do presídio de segurança máxima que está localizado nos limites da cidade — Centro de Readaptação Penitenciária (CRP). Mas, não foi sempre assim. Nos anos 1930 e 1940, a cidade foi um pólo de chegada de imigrantes de toda parte da Europa. Muitos vinham, desde o porto de Santos, em carros puxados por bois e carregados de banana e outros produtos tropicais. O destino? Fazendas, sítios ou pequenos lotes de terra. Construía suas casas, muitas vezes em barro e sapé, e plantavam o que comer: arroz, feijão e milho. Um modo de vida muito diverso do que estavam acostumados na Europa. Entre estas famílias, encontravam-se imigrantes alemães, como por exemplo, a família de Klara Bremer. Em entrevista, ela contou o envolvimento de sua família com o nazismo — Klara foi membro da Juventude Alemã de Presidente Bernardes e seu pai, Germano, diretor do partido nazista em São Paulo. O avô, Friedrich Dierken, segundo os autos policiais e seu depoimento, também era do partido (“um nazista fanático, mas um santo homem”, afirmou).

Klara *teve intenção* de dar esta entrevista estimulada por uma reportagem publicada na revista *Veja* de novembro de 2001⁵¹⁰ na qual foi publicada uma foto do acervo DEOPS-SP que retratou crianças da juventude hitlerista da cidade, entre as quais ela mesma, Klara. Crianças de 1 a 12 anos posaram fazendo o famoso sinal de *Heil Hitler*, sob uma grande suástica e os cartazes com os dizeres: “Com a Alemanha triunfa o bem, perto do líder está a salvação” em meio a uma vegetação tropical de plantações de uva e de milho. Ao centro da fotografia, encontra-se o avô de Klara, Friedrich Dierken.

A reportagem da *Veja* causou grande repercussão na cidade e Klara — com a ajuda de um advogado local — pensou, inclusive, em processar a revista. Alguns anos após, por intermédio de uma senhora de Presidente Bernardes, Aparecida Magrini, Klara — hoje já avó — procurou-nos com o explícito intuito de fornecer seu *testemunho* para a História. A

⁵¹⁰ CARNEIRO, Marcelo, *Heil, Hitler. Novos Documentos contam a história do Partido Nazista no Brasil de Vargas*. Revista *Veja*, 14 nov. 2001, p. 81.

entrevista rendeu quatro fitas cassetes, além da doação de fotos de álbuns de família. Sua irmã — Inga — que também está na foto se negou a dar entrevista e nos receber.

No processo da entrevista, as fotografias — tanto esta das crianças, quanto outras apreendidas pelo DEOPS-SP — foram utilizadas como objetos biográficos. No dia da foto, contou Klara, as crianças foram marchando e cantando canções nazistas pelas ruas de Bernardes, acompanhadas de Dierken, até chegarem à chácara onde foi tirada a foto.

Neste dia, lembro que nós crianças fomos marchando e cantando atrás de meu avô, Friedrich Dierken. Lembro até hoje (*canta em alemão o hino de Horst-Wessel*): “Levanta a bandeira, as fileiras bem unidas e marcha com passos calmos e firmes”. Nós adorávamos! Foi a festa do Dia da Colheita, também comemorado na Alemanha. Nós costumávamos celebrar tanto as festas da Alemanha quanto do Brasil. Você sabia que o aniversário de Getúlio Vargas era 19 de abril? Pois é, nós sabíamos! Nós sempre prestávamos homenagem a ele. 7 de setembro⁵¹¹ era um dia que meu avô — que mal falava português — aprendeu a falar sobre ele para toda esta piazada (*apontando a foto*). Ele era uma pessoa que achava que a gente devia amar a Pátria que morávamos. Não sei como foram escrever aquele horror dele (*se referindo à Revista Veja*). Ele foi uma pessoa fabulosa. Nem brasileiro sabia que era Dia de Bandeira, mas meu avô sabia. Ele falava para nós. Só lembro de um momento em que ele ficou meio espinhento, foi quando a Inglaterra entrou na guerra... Ele veio nos ensinar a marchar cantando (*canta em alemão*): “Então nós vamos, vamos contra a Inglaterra”. Nós não entendíamos, nós apenas sabíamos que estávamos contra a Inglaterra”.⁵¹²

Este trecho da entrevista demonstrou que essas crianças repetiam meramente idéias ensinadas pelos adultos, cantavam seus hinos nazistas, aprendidos com seus pais e avós imigrantes, mas não atinavam para o conteúdo ideológico destas canções. Por exemplo, a canção de Horst-Wessel cantada por Klara era um dos principais hinos da Juventude Hitlerista Alemã. A repercussão da propaganda nazista com a juventude foi em alguns casos decisiva. Irmãos e primos de Klara resolveram ir para a Alemanha e acabaram permanecendo neste país com a deflagração da guerra. Ao ouvi-la, tem-se uma nova dimensão de como foram difundidas as idéias nazistas em território brasileiro. Elementos como o anti-semitismo ferrenho ou racismo corrente na Alemanha nazista não apareceram

⁵¹¹ Ela faz referência ao feriado nacional da independência brasileira, 7 de setembro, pois a entrevista foi realizada neste mesmo dia.

⁵¹² Entrevista de Klara Bremer a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia, com a presença de Aparecida Magrini. Presidente Bernardes, 7 set. 2006.

no seu discurso. Ao contrário, temos algo mais romantizado com colonos comemorando festividades do calendário alemão e cantando hinos que eram usuais no III Reich.

Klara passou a refletir sobre o que aconteceu na II Guerra posteriormente, quando veio a saber das atrocidades cometidas pelo III Reich. A partir daí, procurou ler e se informar mais do assunto:

Por que não gostar de judeus? Eu não conheço nenhum judeu na vida, mas eu sabia que eles (alemães) não gostavam. Mas, eles tinham suas razões. Eles estavam passando fome. Meu avô voltou da Alemanha por causa disto. Mas, ele nunca falou nada para nós. Eu era criança naquela época e não tinha condições de entender nada. Nunca tinha escutado nada contra judeus. Só comecei a entender mais tarde, quando li sobre o assunto. Mas, não acreditava, porque meu avô era um santo homem. Era um nazista fanático sim, mas amava sua família e era adorado pelos netos e outras crianças alemãs da região. Costumava acordar todos os dias de manhã, bem cedo e ensinava as crianças a fazer ginástica.⁵¹³

Ao mesmo tempo em que Klara admitiu que Dierken era nazista, reforçou em seu discurso o lado humano, familiar e bondoso do avô. Outros elementos estão presentes em sua fala: quando ela se referiu, por exemplo, às atividades de esporte ensinadas pelo avô, ela não demonstrou consciência que este era um dos preceitos básicos da Juventude Hitlerista — o culto ao corpo. Outro elemento é a utilização de um patriotismo brasileiro para minimizar o reconhecimento da adesão ao nazismo de sua família. Ela afirmou que eles comemoravam festividades nazistas, mas ressaltou que também respeitavam o Brasil, chegando até a comemorar datas que nem os brasileiros conheciam bem — como o aniversário de Getúlio e o Dia da Bandeira.

Em outro momento da entrevista, comparando a trajetória dos judeus e alemães, ela afirmou que os judeus não foram “roubados” como aconteceu aos alemães no Brasil. Ela se referiu às apreensões de bens dos súditos do Eixo, após a entrada do Brasil na II Guerra, empreendidas pela Polícia Política. Neste momento, houve a tentativa de ser vista pela História como vítima do processo e não como “nazista algoz”. Para isto, contou, com detalhes emocionados, os atentados contra súditos do Eixo feitos por moradores locais:

⁵¹³

Idem.

Meu pai era nazista, mas os judeus, o que era isso? Nós não roubamos ninguém, mas o delegado roubou tudo que nós tínhamos. O delegado era um grandão... bêbado. Ele roubou uma coleção de moedas do meu pai. Levaram um rádio que tínhamos para ter notícia dos meus irmãos. Levaram tudo o que nós tínhamos.

Eles também colocaram bombas para ameaçar. Eu vi pela veneziana de nossa mercearia quem era o “manda-chuva”. Meu pai fez um toco, amarrou uma corda e disse: “Se eles tacarem fogo, nós vamos saltar de uma das janelas”. Vizinhos nossos, Seu Joaquim e João Custodes, disseram a meu pai: “Deixe as meninas dormirem em outro lugar porque eles vão atear fogo na casa”. Mas, meu pai respondeu: “Então morreremos todos”. (*sussurrando*) Aí eles não puseram. Seu João e meu pai dormiram atrás do balcão, armados para evitar que alguém invadissem. Aí meu pai mandou tirar a bomba de gasolina. Nosso bar chamava-se Alemanha, mas mudamos para Bar Vitória. Aí eles escreviam com piche: “Vitória dos Aliados”. “Abaixo o III Eixo”⁵¹⁴. Eu nem sabia o que era III Eixo!!!!⁵¹⁵

Sobre as prisões do grupo nazista local após a proibição do partido, tanto Klara Bremer quanto outra entrevistada, sua prima Emy Görte, afirmaram que os nazistas provocavam os policiais e atravessavam a cidade algemados em direção à cadeia cantando hinos nazistas:

Enquanto nós estávamos aqui com Getúlio do lado do Eixo não teve problemas. Depois, quando Getúlio resolveu passar para outro lado começaram a perseguir alemães, japoneses, todo mundo. Mas os partidários do nazismo continuaram fazendo a mesma coisa, vestindo uniformes, usando suásticas e ia todo mundo para o xadrez. Eles sabiam disto, então provocavam, cantando hinos nazistas a caminho da prisão.⁵¹⁶

Tanto a entrevista de Klara Bremer quanto a de Alfred Kepler, ambos ex-integrantes da Juventude Hitlerista, nos deram uma nova dimensão para esta problemática, humanizando-a. No caso da juventude, existem pessoas ainda vivas que podem prestar depoimentos. Com relação às outras agremiações partidárias, a maioria dos potenciais entrevistados — que na década de 1930 e 1940 tinham entre 20 a 40 anos — já faleceu.

⁵¹⁴ Acreditamos aqui que ela se refira ao III Reich ou ao Eixo. A expressão III Eixo é errônea.

⁵¹⁵ Entrevista de Klara Bremer a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia, com a presença de Aparecida Magrini. Presidente Bernardes, 7 set. 2006.

⁵¹⁶ Entrevista de Emy Görte a Ana Maria Dietrich e Maiza Garcia. Presidente Bernardes, 8 set. 2006.

4.3. Outras associações

O Partido Nazista Austríaco no Brasil

Ainda pouco conhecido pela historiografia brasileira e alemã, houve uma facção do partido nazista austríaco que funcionava na América Latina, em países como o Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, na década de 1930. Um documento, produzido em Buenos Aires, capital da Argentina, assim definia o movimento nazista austríaco: “Aqui se estabelece também nossa luta, a luta dos que são fiéis à pátria e dos alemães austríacos na América do Sul”.⁵¹⁷

A grande peculiaridade desta organização é que, antes da anexação da Áustria em março de 1938, este país não aprovava a presença do partido nazista austríaco nem em seu próprio território, nem em território estrangeiro.

Quando foram ventiladas notícias de que havia cidadãos austríacos dando apoio ao movimento de Hitler no exterior, alguns deles sofreram processo de expatriação e perderam sua cidadania austríaca.⁵¹⁸ Esta é a principal diferença com relação ao partido nazista alemão. Enquanto que em solo brasileiro ele era uma “filial” da matriz alemã e seguia suas ordens e diretrizes, o partido nazista austríaco no Brasil contava com a resistência e oposição em seu próprio país. Segundo ofício do governo da Áustria, em 1936, o cidadão austríaco que participasse do movimento nazista perderia a cidadania⁵¹⁹.

O governo austríaco também acusou funcionários da imprensa nazista do Brasil, dos jornais *Für Dritte Reich* - Pelo Terceiro Reich (Porto Alegre - RS) e *Der Deutschösterreicher* - O alemão-austríaco (São Paulo/SP) que teriam ofendido o governo

⁵¹⁷ “Hier setzt auch unser Kampf, der Kampf der heimattreu und deutsch gebliebenen Österreicher in Südamerika ein”. Buenos Aires, 1. Jan. 1936. NPA 515 – *Brasilien* 2-21- 1936. StA/W, Áustria.

⁵¹⁸ Heinrich Binder – São Paulo, Ausbuergerung. Rio de Janeiro, 27 abr. 1936. NPA 515 – *Brasilien* 2-21- 1936. StA/W, Áustria.

⁵¹⁹ Ofício de Faccioli-Grimani, encarregado de negócios da Áustria para José Carlos de Macedo Soares, Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Rio de Janeiro, 6 jul. 1936. NPA 515 – *Brasilien* 2-21- 1936. StA/W, Áustria

austriaco utilizando os termos “traidores” e “patifes”. Em São Paulo, porém, a acusação não vingou e a Procuradoria Geral absolveu os periódicos⁵²⁰.

O partido nazista austriaco promoveu a comemoração do aniversário de Hitler paralelamente na Argentina (Buenos Aires) e no Brasil (Rio de Janeiro) em 1936. Na cidade de Assunção, no Paraguai, o movimento publicava o jornal *O Humor*. Neste jornal ficava explícita já em 1936 a propaganda a favor da anexação da Áustria pela Alemanha. Segundo o periódico, sem a Áustria não haveria o III Reich:

Nós nos aproximamos da vitória final, pois sem Áustria, não haverá III Reich. Nos nivelamos, preparamos os caminhos para se obter a anexação da Áustria alemã em sua pátria mãe, o reino alemão no sentido do primeiro ponto do programa do partido nacional-socialista.⁵²¹

(Ilustração 4.33)

Desde 1936, foi publicada uma coluna no jornal *Deutscher Morgen* dedicada a divulgação das atividades do movimento nazista na América do Sul, com o símbolo da suástica sob a bandeira da Áustria. **(ilustração 4.34)** A sede do movimento em São Paulo também funcionava na *Wartburghaus*, junto ao partido nazista alemão, à DAF e a Associação de Mulheres Nazistas. Seguindo o modelo de estruturação do partido nazista e suas associações, o movimento austriaco — denominado como associação austro-alemã do Brasil — também foi subdividido em grupos regionais e em células. Segundo o jornal, o grupo se encontrava nos seguintes locais:

<i>Células da Associação austro-alemã do Brasil</i> <i>Ortsgruppe São Paulo</i>
<i>Célula Cidade I</i> ⁵²²
<i>Célula Cidade II</i>
<i>Célula Bosque</i>
<i>Célula Vila Mariana</i>
<i>Célula Moóca-Brás</i>
<i>Célula Lapa e Indianópolis</i>

⁵²⁰ Idem.

⁵²¹ “Die Wege zu ebnen für den Anschluss Deutsch-Osterreichs an unser Mutterland, das Deutsche Reich im Sinne des ersten Punktes des Programmes der NSDAP treten wir an zum Endsieg: denn ohne Osterreich, kein Drittes Reich”. *O Humor*. Kampfblatt der Deutsch-Osterreichischen Vereinigung Gau Paraguay, Assunção. 1 set. 1935. NPA 515 – *Brasilien* 2-21- 1936. StA/W, Áustria.

⁵²² Não constam os endereços.

<i>Ponto de apoio Sorocaba</i>
<i>Ponto de apoio Mauá</i>
<i>Ponto de apoio São Vicente</i>
<i>Rio de Janeiro</i>
<i>Ponto de Apoio Niterói</i>
<i>Minas Gerais</i>
<i>Ponto de Apoio Belo Horizonte</i>

Fonte: DM, 28. fev. 1936. IFA/S, Alemanha.

Nota-se que — em comparação com outras associações nazistas — existiam células que funcionavam nos mesmos lugares como Vila Mariana, Moóca-Brás e Centro, e outras cujos trabalhos aconteciam em bairros como Bosque, Lapa e Indianópolis. O mesmo podemos dizer sobre pontos de apoio que aparecem em novas localidades como Sorocaba (SP) e Belo Horizonte (MG) e em locais onde coexistiam com outras associações, caso de Niterói (RJ) e Mauá (SP).⁵²³

Neste mesmo número do jornal, o movimento publicou um artigo se autodescrevendo. Segundo este artigo, os objetivos do movimento austríaco nazista muito se assemelharam com o alemão:

Nós reivindicamos o nosso direito ao nosso estado. Em nome do povo alemão da Áustria, nós, nacional-socialistas de todo o mundo levantamos a nossa voz, a fim de constatar, exigir e declarar o seguinte.⁵²⁴

Pode-se concluir que o partido nazista austríaco não se diferenciava do alemão quanto à forma e divulgação da ideologia, mas sim quanto à receptividade no país de origem — a Áustria — que, antes da anexação, o condenava.

Sociedade Kyffhäuser

⁵²³ DM, 28 fev. 1936. IFA/S, Alemanha.

⁵²⁴ “Wir fordern unser Recht an unseren Staate. Im Namen des deutschen Volkes von Österreich erheben wir Nationalsozialisten vor aller Welt unsere Stimme, um folgendes festzustellen, zu fordern und zu erklären”. DM, 28 fev. 1936, capa. IFA/S, Alemanha.

Algumas associações não estavam ligadas estruturalmente ao partido, mas seu desenvolvimento esteve atrelado ao progresso do nacional-socialismo e muitas de suas ações correram a ele. É o caso da Sociedade Kyffhäuser⁵²⁵, formada por ex-combatentes da I Guerra Mundial que, com a ascensão de Hitler, tiveram uma revitalização com o recebimento de cruces de honra e homenagens. Esta sociedade tinha filiais no mundo todo. Segundo um documento oficial da própria, suas células se encontravam espalhadas por “30 mil núcleos” ao redor do mundo. No Brasil, estava instalada em Porto Alegre, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.⁵²⁶

Uma das atividades da sociedade no Brasil foi a organização de uma festa para comemorar a fundação do núcleo de Jundiaí (SP). A festa, realizada em outubro de 1934, teve o juramento à bandeira do III Reich. Também na década de 1930, na foto da fundação do Partido Nazista em Presidente Wenceslau (SP), alguns dos partidários usaram além do símbolo da suástica no ombro direito, o símbolo desta sociedade nos punhos, símbolo da união entre tal sociedade e o partido.⁵²⁷

(Ilustração 4.35 e 4.36)

Em São Paulo, em 1934, esta mesma sociedade publicava o jornal *Velhos Camaradas*⁵²⁸, que destacava a importância dos ex-soldados para o III Reich. A sede do jornal era no centro de São Paulo, na Avenida São João, 324, próximo à sede do partido, que ficava na Rua Conselheiro Nebias.

No artigo de capa da edição de 1º de março de 1934, foi destacada a queda do Marechal Hindenburg do governo alemão e ascensão de Hitler, sendo enfatizada a passagem do “segundo para o terceiro Reich”. Neste mesmo número, foi divulgada a realização de um encontro do grupo de Santo Amaro (SP) no Esporte Clube Germânia (atual Pinheiros). O jornal informou que a reunião se deu em um ambiente decorado, na represa Santo Amaro, com um grande grupo de pessoas. O programa começou com uma marcha de saudação aos velhos camaradas, seguida de uma saudação do líder da

⁵²⁵ Kyffhäuser é uma montanha localizada na Alemanha em fronteira com a Turíngia. Tem um significado mitológico alemão, de que sob esta montanha, o imperador Friederich Barbarossa foi enterrado, mas não estaria morto, apenas dormindo.

⁵²⁶ DIETRICH, 2001, op. cit., p. 97-100.

⁵²⁷ Ibidem.

⁵²⁸ Alte Kameraden - Nachrichtenblatt der Vereinigung ehemaliger deutscher Kriegsteilnehmer. São Paulo – Velhos Camaradas, Folha de notícias da sociedade dos alemães ex-participantes da guerra.

associação, uma palestra, a apresentação de um quarteto musical, outra marcha e dança para terminar. O chefe da sociedade, von Hardt, enfatizou a necessidade da participação dos ex-soldados na “reconstrução da Alemanha” que estaria sendo empreendida pelo III Reich:

O encontro dos ex-soldados não é nenhum acidente considerando os grandes objetivos da sociedade e a necessidade da união de todos os ex-soldados, especialmente agora quando o povo alemão — pelo de seu atual governo — concedeu o direito de ajudar na reconstrução do Reich. Com uma saudação de “Sieg Heil” para nosso Führer, e de “Frontheil” para os camaradas da S.A., SS Stahlhelm e Sociedade Kyffhäuser o orador encerrou a sua saudação, que terminou com a entoação do hino nacional alemão, que foi cantado de coração por todos os presentes.⁵²⁹

Depois do hino alemão, seguiu-se, segundo o jornal, o hino brasileiro e a canção de Horst-Wessel, chefe da juventude hitlerista, suspeito de ter sido assassinado por comunistas e que, por isto, se tornou mártir do regime nazista. No funeral de Wessel foi composta esta canção que se tornaria um dos grandes hinos do nacional-socialismo, muito declamada na Alemanha nos anos 1930.

Uma das apresentações oficiais da sociedade, assinada pelo “camarada” Richard Koch, explicitou os objetivos desta sociedade no Brasil, chamando os ex-soldados para participarem da sociedade: “Todos os ex-soldados, que dão valor ao seu passado e que estão sob o chão do novo Reich alemão sob o comando de Adolf Hitler, nós alcançamos suas mãos e os convidamos para estar em fila novamente com seus velhos camaradas”.⁵³⁰

⁵²⁹ “das Zusammenkommen der alten Soldaten kein Zufall sei in Anbetracht der hohen Ziele der Vereinigung und der Notwendigkeit des Zusammenfindens aller alten Soldaten besonders jetzt wo dem deutschen Volke durch die Regierung gegeben wurde und wir alte Kameraden die eiserne Pflicht haben, beim Wiederaufbau des Reiches mitzuhelfen. Mit einem Siegheil auf unsere Führer, einem Frontheil auf die Kameraden von SA SS Stahlhelm und Kylfhaeserbund schloss der Redner seine Begrüßung die ausklang mit dem von allen Anwesenden aus vollem Herzen mitgesungenen Deutschlandlied”. Ibidem.

⁵³⁰ “Allen alten Soldaten, denen ihre Vergangenheit lieb und teuer ist und die auf dem Boden des neuen Deutschen Reiches unter Adolf Hitler Führung stehen, reichen wir die Kameradenhand und fordern sie auf, wieder wie einst in Reih und Glied mit ihren alten Kameraden zu treten”. Pront. 581 – Delegacia de Policia de Jundiá, 2º volume, DEOPS/SP In: DIETRICH. op. cit., p. 98.

Núcleos regionais da sociedade funcionavam em São Caetano do Sul, Santos, São Bernardo e Santo Amaro, cujas sedes eram bares e restaurantes locais.⁵³¹

Já em 1933, havia a presença da sociedade em São Paulo, publicando, inclusive, um anúncio no jornal *Deutscher Morgen*, onde convocava os ex-combatentes alemães da I Guerra Mundial para uma noite comemorativa por motivo da fundação do grupo em São Paulo no “Ginásio Esportivo de 1890”, estabelecida na Rua Couto de Magalhães, 28, na capital paulista.⁵³² A sociedade estava estabelecida também na capital alemã de Berlim. Em novembro de 1940, em plena guerra, focou suas atividades na ajuda aos alemães prisioneiros de guerra e internados civis no Canadá.

(Ilustração 4.37)

4.4. As festividades nazistas no Brasil

Um dos principais instrumentos da propaganda do regime nazista era a realização de festividades, algumas delas específicas a este regime político e outras que foram por ele apropriadas, a fim de se tornarem “festas nacionais”. Procurava-se realizar uma propaganda política de massa, utilizando o conceito de Le Bon de psicologia das massas, por meio do qual a multidão era vista como um ser novo e a massa como possuidora de determinadas reações afetivas. A partir destas idéias, é instituído pelo Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, um calendário político novo. Por este calendário, datas antes inexistentes como o aniversário da ascensão ao poder do nacional-socialismo (30 de janeiro) e o aniversário de Hitler (20 de abril)⁵³³ se tornaram grandes acontecimentos no cotidiano de alemães comuns. A comemoração que se tornou mais famosa de todas, sendo retratada inclusive por Leni Riefenstahl em seu célebre filme, *Triunfo da vontade*, foi o *Reichsparteitag* — o dia do partido, realizado em Nuremberg (Alemanha) durante 8 dias do mês de setembro. Segundo

⁵³¹ Em São Caetano do Sul (SP) no bar Emílio localizado na Rua Goiás; em Santos (SP) no Bar Neptun, Praça Telles, 8; em São Bernardo (SP) no Bar Franciscano; e em Santo Amaro, no restaurante Europa.

⁵³² DM, 21 jan. 1933. IFA/S, Alemanha.

⁵³³ DEPEUX, Louis. *História cultural da Alemanha (1919-1960)*. Trad. Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, p. 209.

Depeux, as festividades procuravam “nacionalizar” o indivíduo alemão pelo seu condicionamento transformando-o, ao mesmo tempo, em um mero elemento de massa:

As demonstrações de massa são a mais perfeita ilustração tanto da estetização da política quanto da politização da liturgia pelo regime. (...) O objetivo desejado era a nacionalização do homem alemão, isto é, seu condicionamento. Militante (*Parteigenosse*) ou simples compatriota (*Volksgenosse*) alistado numa organização do regime, nada era senão o elemento de base de uma multidão ou de uma massa.⁵³⁴

As celebrações, espécies de “missas políticas”, eram decoradas com cores chamativas como o vermelho, anteriormente usado pelos marxistas; o preto, símbolo dos camponeses; e o branco, associado à claridade e à luz. Tais cores faziam composição com a suástica. Nos desfiles, utilizava-se pirotecnia, como tochas e bacias de fogo, e também “procedimentos auditivos”, como tiros de canhão, entoação de canções nacional-socialistas e discursos dos líderes, principalmente de Adolf Hitler. Com objetivo de levar às massas a histeria⁵³⁵, Hitler costumava fazer seu discurso em altares ou púlpitos, seguindo modelos de ritos religiosos. Muitas pessoas vestiam uniforme e se organizavam em cortejo. O componente mágico misturava-se com o religioso, criando espécies de missas políticas. Depeux escreveu que:

O nazismo elaborou a síntese de todas as técnicas de manipulação científica e, sobretudo mágica, conhecidas até então e as levou ao apogeu durante as missas políticas que se constituem em deslumbrante demonstração do caráter de religião de substituição que as modernas ideologias totalitárias desempenham.⁵³⁶

Segundo a enciclopédia do nacional-socialismo, a realização de festas era um dos elementos centrais deste movimento.⁵³⁷ Para Gilberto Agostino, o fundamento da promoção das festas, encontros e congressos durante o regime nazista era o sentimento de felicidade, aliado à abstração das práticas coercitivas do regime: “A concretização do tempo festivo representava a possibilidade de promoção de uma felicidade coletiva, alegria e bem-estar geral, desviando o olhar da prática coercitiva e repressora que se implantava gradativamente”.⁵³⁸

⁵³⁴ Ibidem, p. 230.

⁵³⁵ Ibidem, p. 230.

⁵³⁶ Ibidem, p. 231.

⁵³⁷ BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4. ed. Munique: DTV, 2001, p. 459.

⁵³⁸ www.ifcs.ufri.br/tempo/gilbertoagostinho4.html

As festas do calendário nazista aconteciam sob uma dinâmica particular: ao mesmo tempo em que sua grande maioria foi transportada para o exterior — no caso, para o Brasil; — havia festas voltadas ao “alemão no exterior”, que eram realizadas na própria Alemanha. Verifica-se que o movimento do nazismo além das terras germânicas transitava por estes dois pólos — países estrangeiros e Alemanha — mesmo que unificados, embora distantes espacialmente, pelo mesmo discurso de propaganda das idéias nacional-socialistas.

Na matriz da A.O., na Alemanha, as festividades buscavam reunir partidários dos países onde estavam instalados grupos locais do partido com os representantes do nazismo no exterior e demais lideranças. Serviam para manter os líderes do partido no exterior em sintonia com as idéias difundidas pelo regime nazista e, ao mesmo tempo, sob o controle das ordens da matriz. Todos os líderes dos partidos nazistas no estrangeiro eram convidados a participar, ouvir o discurso dos dirigentes nazistas e discutir os rumos do movimento hitlerista no exterior. A realização destas festividades, congressos e diferentes encontros tinham o intuito de fazer com que o alemão no estrangeiro pudesse se sentir membro da grande comunidade nacional dos germânicos e pudesse participar e, se necessário, oferecer seu sacrifício à *Heimat* (Pátria Mãe).

A principal festividade voltada aos *Auslandsdeutschen* (alemães no estrangeiro) era o *Reichstagung* (dia do Reich) realizado em Stuttgart, a chamada cidade dos alemães no exterior, no final de agosto e início de setembro. No *V Reichstagung*, realizado em 1937, o ministro do Interior do Reich, Hermann Göring, o ministro da propaganda, Joseph Goebbels, o vice de Hitler, Rudolf Hess, e o chefe da A.O., Ernst von Bohle, fizeram discursos sobre a importância do nacional-socialismo fora da Alemanha.

Outro tipo de festa realizada, voltada mais especificamente para a América do Sul, era “o dia da América do Sul da B.D.A”. Antes de se tornar um *Gau* (comarca), quando ainda era sediado em Hamburgo, em 1934, houve também uma comemoração específica para o departamento do partido nazista no exterior, conforme vemos na tabela a seguir:

Alemanha

FESTA	DATA	Locais
<i>Reichstagung der Auslandsdeutschen</i>	agosto / setembro	<i>Stuttgart</i>
<i>Südamerika-Tagung des B.D.A.</i>	1934	<i>Hamburgo</i>
I Gauparteitag der Auslandabteilung der NSDAP	1934	<i>Hamburgo</i>

Algumas das datas deste calendário foram transportadas para o Brasil por intermédio da Organização do Partido Nazista no Exterior em conjunto com sua representação local do partido nazista no Brasil. Procurava-se imitar a forma e o modelo do que era feito no III Reich, em grandes festas em estádios de futebol brasileiros, com desfiles de bandeiras com suásticas, entoação de hinos da Alemanha nazista, presença da Juventude Hitlerista e de esportistas que faziam apresentações especiais e decoração com tochas de fogo. Tais eventos eram divulgados em toda comunidade alemã — aos que eram chamados — a exemplo do que acontecia no III Reich: de *Volksgenossen* (homens do povo) nos jornais de caráter nazista, como o *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã) e nas rádios locais. As autoridades brasileiras também eram convidadas e, muitas vezes, estavam presentes. Na maioria dos registros sobre as festas, encontramos a informação de que o hino nacional brasileiro era entoado.

A realização de festividades era uma das mais importantes atividades do partido nazista no Brasil, demonstrando não só sua presença marcante, mas também a fascinação pelo regime causada até em alemães em residências longínquas da pátria mãe. Esta estrutura propagandística conseguiu ser transportada de uma maneira muito bem-sucedida, uma vez que era “parte” do corpo do regime que, independentemente de onde estivesse sediado, poderia ser reproduzida. Segundo Wolfgang Benz, o estado nazista era composto de dois elementos principais: a fascinação e o terror, sendo este primeiro composto principalmente por tais movimentos em massa de exaltação ao Führer e ao regime.⁵³⁹ A *fascinação* estava presente em território brasileiro, mas o *terror* — com prisioneiros políticos, guetos, câmaras de gás, legislação anti-semita e GESTAPO — não.

Trazer para o Brasil o aparato de terror do movimento não se mostrou como um objetivo primeiro do partido. Desejava-se *seduzir* os alemães no exterior pelo seu discurso e não usando de instrumentos de coação: “Precisamos de dois movimentos no exterior: um leal e um revolucionário (...) Não faremos como Guilherme, o Conquistador, desembarcar

⁵³⁹ BENZ, Wolfgang. *Nationalsozialismus – Ideologie und Herrschaft 1919-1945*. Vorlesung. Zentrum für Antisemitismus Forschung – Technische Universität Berlin, 2003.

tropas e conquistar o Brasil com armas na mão. As armas que temos não se vêm”⁵⁴⁰, discursou Adolf Hitler, em 1933.

A realização destas festividades se deu até 1938 de forma intensa. Com a proibição do partido nazista no Brasil, tal frequência diminuiu, mas não cessou. O 1º de maio foi comemorado em 1938 em vários locais, mesmo sendo posterior ao decreto-lei de 18 de abril daquele ano⁵⁴¹ que colocou o partido na clandestinidade.

A seguir, foi feita uma tabela onde consta o calendário político alemão e as festividades que foram transferidas para o Brasil, assim como os locais em que foram encontrados registros e relatos sobre as festas.

Brasil

Calendário Político da Alemanha Nazista ⁵⁴²	Datas transferidas para o Brasil	Locais ⁵⁴³
Ascensão de Hitler ao poder 30 de janeiro	X	Rio de Janeiro, Paraná
Aniversário de Hitler 20 de abril	X	São Paulo, Santa Catarina
Dia Nacional do Trabalho 1º de maio	X	São Paulo (capital, Araçatuba e Presidente Wenceslau), Goiás, Paraná (Curitiba), Recife (Pernambuco), Bahia (capital), Rio de Janeiro (capital), Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Santa Catarina (Blumenau)
Dia das Mães	X	São Paulo
Dia do Solstício de Verão 21 e 22 de junho	-	
Dia dos camponeses 25 de julho	X	Rio Grande do Sul, Espírito Santo.
Reichsparteitagung Nuremberg – início de setembro	-	
Dia dos Mártires do Movimento 9 de novembro	-	
Dia do Solstício de Inverno 21 e 22 de dezembro	-	
<i>Natal Nazista</i>	X	São Paulo (capital), Paraná

⁵⁴⁰ RAUSCHING, Hermann, *Gespräche mit Hitler*. Wien, 1973 (1940), p. 61. Apud: DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo, 2001. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

⁵⁴¹ Decreto no. 383, 18/4/1938.

⁵⁴² BENZ; GRAML; WEIß. loc. cit.; DEPEUX, loc. cit.

⁵⁴³ Foram encontrados nesta pesquisa registros da realização de festas apenas nos locais listados a seguir, porém acreditamos que outros lugares também tenham sido palco de tais eventos.

As festas da tabela abaixo não tinham datas fixas, mas também eram realizadas na Alemanha nazista. As festas mais comuns promovidas pela Ajuda de Inverno eram o *Eintopf* (prato único). Cozinhando apenas um prato típico à base de batatas, o Serviço de Ajuda de Inverno arrecadava largas somas que eram transferidas para a Alemanha. Destas datas, a única que deixou de ser realizada também na Alemanha, foi a festa de Bismark, tradição do governo anterior, da república de Weimar (1919-1933), em memória a Otto von Bismark, importante estadista que ajudou na unificação da Alemanha e passou a ser conhecido como o “chanceler de ferro”. Após a subida ao poder do partido nazista, tanto na Alemanha quanto no Brasil esta festa não foi mais realizada.

Festas extra-calendário

Festas	Datas	Locais – Estado / cidade
Festas promovidas para arrecadar fundos para a <i>Winterhilfe</i> (Ajuda de Inverno Alemã) <i>Eintopf</i> (prato único) <i>Nudeln</i> (massa)	Em qualquer época do ano.	São Paulo (capital, Assis, São Caetano do Sul)
<i>Deutsche Woche</i> (semana alemã)	1937	Curitiba
Festa de Bismark	1 de abril de 1933	São Paulo

Principais festas realizadas no Brasil

Ao analisar a transferência destas festas para o Brasil, começamos pela principal delas, o 1º de maio, criado no governo anterior ao de Adolf Hitler, na chamada República de Weimar (1919-1933), mas apropriado pelo governo nazista. Em 1933, na primeira vez em que foi comemorado o 1º de maio após Hitler ter se tornado chanceler, houve a apresentação dos ideais nazistas no mundo do trabalho e também para a repressão aos sindicatos. Após a comemoração, o regime se viu com forças suficientes para dissolver todos os sindicatos alemães, sem grandes resistências.

Segundo Gilberto Agostinho, o 1º de maio foi incorporado pelos nazistas por meio do Ministério da Propaganda, liderado por Joseph Goebbels. Buscava-se, principalmente, uma comunidade de trabalhadores “una e indivisível”:

A primeira cerimônia do Dia do Trabalhador na Alemanha Nazista foi encarada por Goebbels como um passo crucial para a derrocada da atividade sindical independente. (...) Com esse objetivo, a proposta do Ministério da Propaganda era organizar um espetáculo de massa único, onde as diferenças existentes fossem superadas pelo sentido coletivo de um momento inesquecível, capaz de unir o povo inteiro, “por uma vontade, uma intenção.”⁵⁴⁴

O 1º de maio estava atrelado à principal instituição trabalhista do III Reich, que funcionava também no Brasil, a chamada DAF — Frente de Trabalho Alemã. Além do dia do trabalhador, a DAF promovia viagens, espetáculos de danças e óperas por meio de um de seus departamentos, denominado “Força para a Alegria”.

No Brasil, o 1º de maio também foi comemorado pela comunidade alemã em grandes proporções e em vários estados brasileiros. Estádios de futebol, escolas, clubes, vários destes lugares foram escolhidos para a celebração. Em 1936, sob o título “Nosso desejo, a comunidade, nossa crença, a Alemanha”, o jornal *Deutscher Morgen* publicou uma grande reportagem sobre esta comemoração em diversos lugares, enfatizando a importância do dia como o “feriado nacional por excelência da comunidade alemã do povo”. Além da grande similaridade com o modelo alemão, destaca-se o fato de que a comemoração iria chegar até o mais longínquo “pedaço de mata” do Brasil — enfatizando a vegetação tropical brasileira: “Todos estes relatórios, mesmo se provirem da selva mais profunda, são manifestações do espírito autêntico da comunidade nacional, são manifestações da vontade decidida de levar a sociedade ao objetivo”⁵⁴⁵.

Em São Paulo, por exemplo, um estádio de futebol ficou repleto de pessoas que vieram para assistir à celebração do Dia dos Trabalhadores. A divulgação foi feita pela rádio alemã de ondas curtas (*Deutsche Kurzwellensende*).⁵⁴⁶ Segundo o jornal, a comemoração — que reuniu cerca de 28 mil alemães e descendentes — se iniciou à tarde com uma parada de bandeiras. Logo após, houve um desfile de crianças, esportistas e funcionários de empresas alemãs. Houve apresentações de ginastas e discursos dos camaradas do partido à noite. A Câmara de Comércio teuto-brasileira e a juventude teuto-brasileira colaboraram com a organização do evento.

⁵⁴⁴

<http://www.ifcs.ufrj.br/tempo/gilbertoagostinho4.html>

⁵⁴⁵

“Aus all diesen Berichten aber, mögen sie aus den tiefsten Urwald kommen, spricht der echte Geist der Volksgemeinschaft, spricht der Wille, diese Gemeinschaft zum gesteckten Ziel zu bringen”. DM, 15 mai. 1936. IFA/S, Alemanha.

⁵⁴⁶

DM, 8 mai. 1936. IFA/S, Alemanha.

Em Porto Alegre (RS), o ponto alto da comemoração do 1º de maio foi a presença do balão “*Graf Zeppelin*” sobre o lugar de comemoração. No discurso proferido pelos partidários foi enfatizada a adesão do “alemão no exterior” aos ideais nazistas, que pode ser comprovada nesta data pelo envolvimento do festejo do Dia do Trabalhador: “Nós alemães no exterior reconhecemo-nos em grande maioria a favor do Führer”. A comemoração aconteceu no ginásio da associação esportiva, onde — seguindo o modelo do que acontecia no III Reich — foi montado um palco para os discursos e todo o local enfeitado com bandeiras. O jornal narrou que a cerimônia teve início com a entoação do hino nacional brasileiro. Logo após, o cônsul alemão Ried cumprimentou as pessoas saudando-as, também à moda nazista, três vezes com o *Sieg Heil*. Em seguida, os presentes cantaram uma das mais famosas canções nacional-socialistas, a canção de Horst-Wessel.⁵⁴⁷

Durante a cerimônia, as bandeiras alemã e brasileira foram hasteadas. A juventude hitlerista masculina e feminina se vestiram com trajes típicos e fizeram apresentações musicais de violino e guitarra. As meninas estavam de saias coloridas e os meninos, de calças curtas, imitando o estilo da juventude hitlerista. Depois da cerimônia, houve uma refeição, na qual, enfatizou o jornal, “empregadores e empregados” sentaram-se junto à mesa. Nota-se que este ponto foi ressaltado, pois a união entre trabalhadores e patrões era umas das principais bandeiras da política trabalhista do nacional-socialismo.

Em Cruzeiro do Sul (SC), as associações da região colonial se organizaram para comemorar a festa do Dia do Trabalhador. Apesar de os preparativos terem sido feitos com bastante antecedência, os organizadores tiveram que encontrar um lugar às pressas devido a chuva. Decoraram, então, uma sala fechada com as cores do III Reich e do Brasil, com a árvore de maio ornamentada com guirlandas, um dos principais símbolos nazistas desta festa.⁵⁴⁸ Segundo o jornal, havia convidados brasileiros e, como nas demais festas, houve a entoação do hino brasileiro. Ainda foi apresentada uma peça de teatro e danças durante a noite. Nos discursos, foi enfatizado o papel do alemão no exterior: “Cada integrante do povo alemão tem impreterivelmente o dever de se colocar em serviço do povo com toda a força. Alemanha e seu líder são um”.⁵⁴⁹

⁵⁴⁷ DM, 8 mai. 1936. IFA/S, Alemanha.

⁵⁴⁸ <http://www.dhm.de/lemo/html/nazi/innenpolitik/1mai/index.html>

⁵⁴⁹ “Jeder Volksgenosse hat die unbedingt Pflicht, sich mit seiner ganzen Kraft in den Dienst des Volkes zu stellen. Deutschland und der Führer sind eins”. DM, 8 mai. 1936. IFA/S, Alemanha. IFA/S, Alemanha.

O jornal afirmou que a festa veio mostrar a força da comunidade em torno do ideal nacional-socialista “atingindo até a mais longínqua colônia”. Os discursos se encerraram em proclamação de diferentes sentimentos que deveriam ser referenciados à Alemanha e ao Brasil: “na fidelidade à nossa Pátria mãe e a seu líder e em benefício da nossa pátria de hospedagem Brasil”.⁵⁵⁰ *Heimat* (Pátria Mãe) e *Gastland* (terra de hospedagem), fidelidade e benefício, as expressões fazem uma nítida distinção entre o papel do Brasil e da Alemanha no imaginário destes imigrantes e seus descendentes. Fica claro que para desenvolver no Brasil a ideologia nacional-socialista era necessário que este país fosse encarado apenas como um lugar de passagem, que seria como em qualquer outro lugar apto a *hospedar* o desenvolvimento da “raça ariana”.⁵⁵¹

Além da capital, o *Deutscher Morgen* registrou o festejo do 1º de maio em duas cidades paulistas: Araçatuba (SP), onde funcionava um ponto de apoio ao partido nazista, e Presidente Wenceslau (SP), onde também existia um grupo partidário local. Segundo o jornal, a comemoração na Colônia Paulista em Araçatuba ocorreu em duas partes: a oficial, com discursos, que durou uma hora e meia no período da tarde, e a não oficial, cujo festejo durou a noite toda. A ausência dos brasileiros foi justificada pela dificuldade de ligações de caminho até a colônia. Houve a entoação de canções nacional-socialistas como a já citada Horst Wessel, apresentações esportivas e, no discurso do chefe do partido nazista local, enfatizou-se que os representantes do nazismo se encontravam “em meio à selva”.⁵⁵²

Outra colônia rural que comemorou o 1º de maio em 1936 foi a Aymoré, localizada em Presidente Wenceslau, no interior de São Paulo. Segundo o relato do jornal, alemães de outras cidades como Porto Tibiriçá, Caieira, Santo Anastácio e Presidente Bernardes lotaram caminhões para ir à festa, apesar da chuva forte. O jornal estima que 500 “*Volksgenossen*” (membros do povo alemão) compareceram à escola colonial alemã para comemorar o dia. Foram entoados canções alemãs e o hino nacional brasileiro. Houve discursos, apresentação de danças, coral de músicos e flautistas e declamações de poesias

⁵⁵⁰ “In Treue zu unserer Heimat und ihrem Führer und zum Wohle unseres Gastlandes Brasilien”.

⁵⁵¹ DM, 8 mai. 1936. IFA/S, Alemanha.

⁵⁵² Verificar a ênfase, em diversos documentos, que o imigrante se encontrava em meio à selva, construindo a imagem da barbárie e selvageria, associada ao Brasil, em contraste com a Alemanha civilizada. “Em variada ordem foi apresentado o programa, de maneira a esquecer que nos encontrávamos em meio à selva”. “In bunter Reihenfolge werden Darbietungen zur Vorführung gebracht, die einen vergessen lassen, dass man mitten im Urwald sitzt”. Idem.

brasileiras e alemãs. O discurso do partidário Oebstger enfatizou que os alemães no exterior deveriam continuar próximos à suástica e terminou com um forte *Sieg Heil* (Salve a vitória): “Então o companheiro Oebstger tomou a palavra e explicou com frases claras o objetivo da revolução nacional-socialista e seu significado para o “Dia do Trabalho””.⁵⁵³

O jornal também registrou a comemoração do 1º de Maio em São Paulo e diversos estados em outros anos, como em 1934, onde trouxe artigos sobre os festejos em Curitiba (PR), Presidente Wenceslau (SP)⁵⁵⁴, Araçatuba (SP) e Goiás (GO). Em 1938, mesmo sendo posterior à lei que restringia atividades políticas dos estrangeiros e proibia o partido nazista, o 1º de maio foi comemorado — assim como no ano seguinte. Estas celebrações posteriores à proibição do partido são significativas, uma vez que o discurso pró-nazismo e suas idéias continuaram idênticos. Mesmo proibido, o partido permaneceu com uma das suas principais atividades, a divulgação do ideário nazista em discursos utilizando o elemento “agregador” das festas.

Em 1939, ano em que estourou a II Guerra Mundial, a comemoração em Curitiba (PR) teve juramento de fidelidade a Adolf Hitler. Os organizadores da festa foram os consulados e embaixadas alemãs. Na palestra de abertura foram utilizadas metáforas para expressar a chegada do nacional-socialismo, equiparado à chegada da primavera, e o 1º de Maio chamado de “dia da alegria” após a despedida do inverno:

Senhoras e senhores alemães,
Meus caros membros do povo,
Como aconteceu pela primeira vez em 1933, novamente saem hoje em massa milhões do nosso povo de sangue alemão junto aos alemães que moram fora em todo mundo para coletivamente festejar o 1º de maio. Desde antigamente era este dia da alegria quando, do mais profundo sono de inverno, se festeja a chegada da natureza nascente na terra alemã de sua juventude em suas caminhadas matinais através dos campos batismais com canções de júbilo e com a dança de maio. Este júbilo pode ser entendido por quem participou do despertar da primavera na pátria alemã, onde nesta época uma tempestade primaveril chove sobre a terra e permanece uma soada e um canto no ar e o sol da primavera aquece pessoas, animais, plantas (...). Em nenhum lugar do mundo do que lá do outro lado do Atlântico em nossa bela pátria alemã, sentimos mais claras

⁵⁵³ “Darauf ergriff Pg. Oebstger das Wort und erläuterte mit kernigen Worten die Grundlagen der nationalsozialistischen Revolution und ihre Bedeutung für den “Tag der Arbeit”. Idem.

⁵⁵⁴ Onde também funcionava um grupo local do partido nazista. Apud DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo, 2001. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

nestes dias de maio o ritmo poderoso da mudança de estação que eterniza a criação que se renova sempre.⁵⁵⁵

Como em muitos outros discursos, foi utilizada a imagem da chegada do sol ou da primavera como a ascensão do regime nacional-socialista ao poder, juntamente com a idéia de que antes do governo de Adolf Hitler, a Alemanha se encontrava mergulhada em um profundo inverno. Destaca-se também o discurso praticamente apolítico, com figuras de linguagem relacionadas a elementos da natureza como a terra, o sol, a tempestade, o rio e o tempo delimitado pelas estações do ano.

Além do Brasil, registrou-se a comemoração do 1º de maio em outros países da América Latina que possuíam filiais do partido nazista. É o caso da Argentina, em 1937, cuja comemoração em Buenos Aires contou com a presença de 16 mil pessoas. O artigo publicado na revista *Der Auslandsdeutsche* ressalta a *ordem exemplar* e a *conduta extremamente disciplinada* das formações do partido local e da juventude teuto-argentina⁵⁵⁶ [grifos meus].

Outra festividade típica do nazismo alemão e transferida para o Brasil foi a festa de ascensão de Hitler ao poder, comemorada em 30 de janeiro. Nesta data, em 1933, Hitler havia se tornado chanceler do Reich. Pouco tempo depois, houve a dissolução do parlamento e, em seguida, promulgada a legislação por decreto. Encontram-se registros da comemoração desta festa nos estados do Rio de Janeiro, em 1934, e Paraná e São Paulo, em 1938.

No Rio de Janeiro, a comemoração aconteceu no Instituto Nacional da Música, estando presentes grupos regionais do partido nazista no Rio de Janeiro (Rio-sul, Rio-norte e Niterói). No salão, adornado com tochas e bandeiras nazistas e brasileiras, foram

⁵⁵⁵ “Deutsche Männer und Frauen
Liebe deutsche Volksgenossen

Wieder wie zum erste Mal im Jahre 1933 strömen heute Millionen unserer Volksgenossen auf deutschem Boden und draussen in aller Welt zusammen, um gemeinsam den 1. Maientag zu feiern. Seit Jahrhunderten wurde dieser Tag der Freude über die aus tiefem Winterschlaf neu erwachende Natur in deutschen Landen von der Jugend auf ihren morgendlichen Wanderungen durch die taufrischen Fluren in jubelnden Liedern und im Maientanz gefeiert. Diesen Jubel kann der verstehen, wer das Frühlingserwachen in der deutschen Heimat selbst miterlebt hat, wo um diese Zeit der Frühlingssturm über die Lande braust, ein Klingen und Singen in der Lüften steht und die wärmende Frühlingssonne Menschen, Tiere, Pflanzen (...) Nirgendwo anders wie gerade drüben in unserer schönen deutschen Heimat fühlen wir deutlicher in diesen Maientagen den gewaltigen Rhythmus der im Wechsel der Jahreszeiten ewig sich erneuernden Schöpfung”. Palestra do festejo de 1º de maio, realizada no consulado alemão de Curitiba. Ata R127506. AA/B, Alemanha.

⁵⁵⁶ Der Auslandsdeutsche. Zeitschrift für die Runde vom Auslandsdeutschtum Herausgegeben vom Deutschen Ausland-Institut Stuttgart. Jahrgang 20. Juli 1937. Heft 7, p. 501.

declamados discursos, como em outras festividades, inclusive um do enviado da Alemanha⁵⁵⁷, e entoadas canções nacional-socialistas. O diferencial desta festa foi a presença de integralistas “em suas camisas verde-oliva”, dos grupos de Vitória (ES) e Nova Friburgo (RJ). O homem de confiança do partido nazista no Brasil na época, o partidário Menk, disse que todos os alemães no exterior deveriam voltar a ter orgulho da pátria mãe, além de lutar contra a difamação do regime de Hitler. Segundo o jornal, “a fala acabou com um urra em favor do futuro da pátria mãe”.⁵⁵⁸

No Paraná, a festa aconteceu na Casa de Gustloff⁵⁵⁹, onde foi servido *Eintopf* (o prato único), também tradição do regime nacional-socialista para arrecadar fundos para Ajuda de Inverno Alemã. Durante a manhã e tarde foi servido café com bolo. Os organizadores e funcionários do consulado alemão convidaram todos os que se julgassem “amigos da Alemanha”.⁵⁶⁰ Além da comemoração dos cinco anos sob o regime nazista, também foi enfatizado o alcance desta ideologia, “até o último colono em lugar distante”, em picadas de matas. Estes alemães em terras tropicais também puderam ser testemunhas de como “da fraqueza e da decadência, novamente surgiu um forte reino (...) que as crianças de todo o mundo não irão nunca esquecer”.⁵⁶¹ Neste trecho, expressou-se mais uma vez a idéia de exaltação do regime, baseada principalmente na reconstrução de uma nova Alemanha; que, pela ascensão do regime nacional-socialista, conseguiu sair do cenário de decadência do período pós I Guerra.

Em São Paulo, o círculo do partido nazista sob proteção de honra do consulado comemorou o dia no salão da Associação Esportiva. “Os cidadãos e amigos da nova Alemanha” foram convidados.⁵⁶²

No espírito de “culto ao líder”, era comemorada na Alemanha nazista o aniversário de Adolf Hitler, em 20 de abril. Mesmo sendo uma das festividades mais específicas do regime nacional-socialista, esta comemoração também foi transportada para o Brasil, tendo sido encontrados registros em São Paulo e Santa Catarina. Neste último estado, a data foi festejada em 1940, dois anos após a proibição do partido, reunindo 456 participantes na

⁵⁵⁷ Nesta época, ainda não havia um “embaixador” alemão.

⁵⁵⁸ DM, 9 fev. 1934. IFA/S, Alemanha.

⁵⁵⁹ Wilhelm Gustloff foi o líder do partido nazista na Suíça, supostamente assassinado por um estudante judeu.

⁵⁶⁰ DM, 21 jan. 1938. IFA/S, Alemanha.

⁵⁶¹ DM, 28 jan. 1938. IFA/S, Alemanha.

⁵⁶² Ibidem.

Sociedade dos Atiradores de Blumenau. Durante o evento, foi feito o juramento ao *Führer*.⁵⁶³ Em São Paulo, o aniversário foi celebrado no mesmo mês e ano em que havia sido proibido o partido no Brasil, em 1938.

Dentro das comemorações do calendário político nazista, ainda foram transferidas para o Brasil festas tradicionais como Natal e o Dia das Mães, que eram utilizadas como oportunidade para reunir a comunidade alemã e ventilar as idéias hitleristas. Segundo Wolfgang Benz: “A realização de festas constrói um elemento central da propaganda nacional-socialista (...) e divulga a ideologia nazista em uma forma concreta”.⁵⁶⁴ Acabaram assim, por influenciar, de maneira direta, o cotidiano da comunidade alemã. Na festa de Natal em São Paulo (SP), por exemplo, segundo o jornal *Deutscher Morgen*, os partidários e seus parentes se reuniram no salão da Sociedade de Esportes mais uma vez adornada por motivos da propaganda nacional-socialista, distribuíram presentes e chamaram um Papai Noel. No meio deste clima “natalino”, os partidários fizeram discursos que lembravam “o sentido profundo do nazismo”. O Papai Noel presenteou “as crianças nazistas (...) na medida em que provaram sua bravura”.⁵⁶⁵

Em Curitiba (PR), o “natal nazista” do ano seguinte foi comemorado na casa de Gustloff, com discurso do chefe local do partido, Werner Hoffmann.⁵⁶⁶ Em Blumenau, a festa teve o discurso do partidário Richter que cumprimentou todos os presentes, entre membros do consulado e integrantes do partido nazista. “Queridos amigos, companheiros do povo, camaradas! Eu saúdo de maneira especial o representante do povo alemão, o cônsul Otto Tohstohl, os integrantes do partido nazista, os camaradas da Marinha, os camaradas da Liga Hanseática que hoje aqui se encontram”.⁵⁶⁷ No Natal de 1936, em Porto Alegre (RS), a novidade foi a presença do dirigível Hindenburg. A festividade do natal

⁵⁶³ DIETRICH, Ana Maria. “O partido nazista em São Paulo”. In: ALVES, Eliane B.; DIETRICH, Ana Maria; PERAZZO, Priscila F. *Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 1997. (Inventário DEOPS), p. 47.

⁵⁶⁴ BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4. ed. Munique: DTV, 2001, p. 459.

⁵⁶⁵ DM, 4 jan. 1936. IFA/S, Alemanha.

⁵⁶⁶ DM, 2 jan. 1937. IFA/S, Alemanha.

⁵⁶⁷

“Liebe Freunde, Volksgenossen, Kameraden! Ich begrüße Sie ganz besonders gilt mein Gruß der Vertreter des Deutschen Reiches, Herrn Konsul Otto Tohstohl, den Mitgliedern der NSDAP, den Kameraden von der Marine, den Kameraden aus des Hansa, die heute unter uns weilen”. DM, 4 jan. 1936. IFA/S, Alemanha.

nazista teve a presença do próprio partido local, da Frente de Trabalho Alemã e da Organização de Trabalho das Mulheres⁵⁶⁸.

Das festas promovidas pela Ajuda de Inverno Alemã, umas das mais freqüentes tanto na Alemanha quanto no Brasil era a *Eintopf* (prato único) à base de batatas, servido geralmente aos domingos. Em 1938, foram realizadas estas festas em São Paulo (SP), Assis (SP) e São Caetano do Sul (SP). O fundo era revertido para a Ajuda de Inverno. Em São Caetano do Sul (SP), o ponto de apoio do partido escolheu macarrão com *gulasch* para arrecadar fundos para a Ajuda de Inverno. A festa aconteceu na escola Johannes Keller. Em São Paulo, a festa de 1938 aconteceu em diversos locais simultaneamente: na Escola Alemã Moóca-Brás, na Sociedade Germânia, em um Salão em Indianópolis e no clube esporte do Canindé, unindo assim diversos grupos locais do partido nazista, o grupo de São Paulo leste, oeste, sul e norte — organização semelhante ao Rio de Janeiro.

Segundo a descrição do jornal, a festa, preparada de uma maneira artesanal pelos *Volksgenossen* (membros do povo), seria uma maneira de os alemães no exterior colaborarem com o nacional-socialismo: “Eles mesmos cortam as batatas e a carne, limpam os legumes, alimentam o fogo, mexem a caldeira e pagam com gosto cada prato cheio da comida”.⁵⁶⁹

Encontra-se referência à realização desta festa também em outros países da América Latina, como é o caso do Uruguai, em 1937, quando a sessão de esportes do Partido Nazista local e a Liga de Meninas Nazista se reuniram para este encontro.

⁵⁶⁸ *Deutschtum im Ausland*, 1937.

⁵⁶⁹ “Sie schälen selbst die Kartoffeln und schneiden selbst das Fleisch, putzen das Gemüse, sie richten das Feuer und rühren die Kesel, bezahlen gern jeden Teller voll des Eintopfgerichts”. DM, 4 jan. 1938. IFA/S, Alemanha.

Capítulo 5

Cossel - O Führer Tupiniquim?

“Ele [Cossel] era muito bem-visto por Getúlio Vargas que, na época, era o presidente do Brasil. Eles se conheciam bem. Havia um quadro interessante de Vargas. Hoje não existe mais, mas ele [Cossel] tinha recebido de presente de Getúlio, com uma bela moldura e tal. (...) Meu pai também encontrou pessoalmente Adolf Hitler apenas uma vez durante toda a sua vida. Foi em 1936 ou 1934. Para fazer relatórios com ele. Ele não achou que Hitler fosse uma pessoa que causasse muita impressão”.

Jutta Kruse, filha de Hans Henning von Cossel⁵⁷⁰

5.1. A visão familiar

Dentro da perspectiva da história diplomática entre os dois países, ressaltamos a importância de Hans Henning von Cossel. Tido como figura curinga, pois agregava vários cargos e funções de acordo com a conjuntura política, Cossel exerceu múltiplos papéis na história do partido ou mesmo como uma espécie de *Führer* tupiniquim.

Foi chefe do partido nazista no Brasil (1934 a 1942), adido cultural, *Vertrauensmann* (homem de confiança do partido em território brasileiro) e correspondente do governo alemão em terras brasileiras. Em algumas ocasiões, verificava-se que os próprios embaixadores alemães no Brasil, Knipping, Ritter e Prüfer, se submetiam a sua alçada. Interessante notar que os embaixadores mudaram, mas Cossel permaneceu no poder de 1934 a 1942, quando retornou para a Alemanha junto a outros diplomatas.

⁵⁷⁰

Entrevista de Jutta Kruse a Ana Maria Dietrich, Hamburgo (Alemanha), 23 nov. 2003.

Empreendeu na época diversas viagens pelo território brasileiro para visitar as colônias alemãs, elaborando, como resultado, minuciosos relatórios tanto do ponto de vista geográfico como cultural e político. Nestas ocasiões, fazia palestras sobre a ideologia nazista⁵⁷¹.

Segundo entrevista com sua filha, Jutta Cossel⁵⁷², tinha uma excelente relação com Getúlio Vargas e, ao mesmo tempo, com Adolf Hitler, sendo até recebido pelo estadista alemão em viagem à Alemanha na década de 1930. Também escreveu um livro sobre o germanismo político no exterior. O livro foi editado em Ponta Grossa, no Paraná, pelo pastor Friedrich Wilhelm Brepohl, dentro da coleção: “A revolução nazista, texto esclarecedor teuto-brasileiro sobre a revolução na nova Alemanha”.⁵⁷³

Nas muitas vezes em que esteve na Alemanha, foi recebido pelos dirigentes da Organização do Partido no Exterior, em especial pelo chefe da A.O., von Bohle. Pouco mais de um mês depois da proibição do partido, teve uma sessão especial com o Ministro do Reich, von Ribbentrop, e, neste momento, foi assim apresentado:

Chefe do Partido Nacional-Socialista no Brasil, partidário número 54474, soldado que lutou na guerra e membro do Freikorps, fundador do grupo São Paulo do partido nazista em junho de 1931, chefe nacional do Partido Nacional-Socialista desde maio de 1934. Um dos mais bem afortunados e confiáveis chefes nacionais do Partido Nacional Socialista, que comanda o maior grupo nacional da A.O. Ao mesmo tempo, é o adido cultural na Embaixada alemã no Rio de Janeiro.⁵⁷⁴

Em outra ocasião, em 1938, foi convidado por Rudolf Hess, o vice de Hitler, para apresentar relatórios e participar de uma festa de despedida:

⁵⁷¹ Como por exemplo, a realizada em Curitiba em 1933 e publicada pelo jornal *Der Kompass*, cf. visto no cap. 3.

⁵⁷² Entrevista de Jutta Kruse, filha de Hans Henning von Cossel, a Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 23 nov.2003.

⁵⁷³ COSSEL, Han Henning, *Politisches Auslandsdeutschum*. Ponta Grossa (PR), 1933.

⁵⁷⁴ “Landesgruppenleiter in Brasilien
Partei-Mitgliedsnummer: 544 743
Frontsoldat und Freikorpskämpfer (EK I, Schlesicher Adler)
Gründer der Ortsgruppe Sao Paulo Juni 1931
Landesgruppenleiter seit mai 1934.
Einer der geschikstesten und zuverlässigsten Landesgruppenleiter, der die grösste Landesgruppe der AO führt. Gleichzeitig Kulturbeirat an der Botschaft in Rio de Janeiro”
Auzeichnung für den Herrn Reichsaußenminister. 20.6.1938. Ata 27916. Ministério das Relações Exteriores, Berlim, Alemanha.

A seguinte notícia deve ser divulgada pela estação de rádio para América do Norte e do Sul: “O adido cultural do consulado alemão no Rio de Janeiro, von Cossel, esteve hoje junto ao vice do Führer, Ministro do Reich, Rudolf Hess, para fazer relatórios e para participar de um evento de despedida.”⁵⁷⁵

Para os líderes da A.O., ele era o porta-voz oficial do partido, ou seja, grande parte da correspondência entre a A.O. na Alemanha e o *Landesgruppe* Brasil era feita por intermédio deste líder nazista. Também foi o editor do jornal *Deutscher Morgen*, órgão oficial do movimento no Brasil.

Além de encontrar pessoalmente Adolf Hitler e ser um bom conhecido de Getúlio Vargas⁵⁷⁶, Cossel era tido como pacificador de conflitos, principalmente no Sul do Brasil, e admirado pelos membros da colônia alemã e teuto-brasileira. Contava-se que sabia quando um colono ficava doente e era completamente minucioso na sua troca de correspondência com o Reich. Descrevia, em relatórios detalhados que eram enviados à matriz alemã, informações sobre as cidades, colônias rurais brasileiras e movimentos políticos do Brasil.⁵⁷⁷

Foi elogiado pelos líderes da A.O. e o sucesso do número de filiações ao partido está vinculado a sua trajetória. Tinha também uma face obscura, como agente transmissor de informações sobre o Brasil para o III Reich, muitas vezes por meio de telegramas cifrados.

A análise de sua trajetória pode modificar toda a dimensão dada ao movimento nazista no Brasil. Pode-se pensar, ao verificar estatísticas e posição do partido, que esta organização política era pequena (apenas 2.900 integrantes), voltado a uma pequena comunidade no Brasil — a dos alemães natos — que, nesta época, somavam um pouco

⁵⁷⁵ “Folgende Nachricht soll über den Kurzwellensender nach Nord – und Südamerika gehen:

Der Kulturbeirat bei der Deutschen Botschaft in Rio de Janeiro, von Cossel, wurde heute vom Stellvertreter des Führers, Reichminister Rudolf Hess, zum Bericht und zur Verabschiedung empfangen”. Nota de gez. Ehrich. Berlin, 23.06.1938. Ata 27916, AA/B. Nota-se que este encontro se deu após a proibição do partido e foi ventilado pela rádio alemã para a América do Norte e do Sul.

⁵⁷⁶ Entrevista de Jutta Kruse, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

⁵⁷⁷ Cf. atas 127506, 127503 e 27916. AA/B.

mais de 80 mil pessoas e que faziam suas festividades e pequenas atividades sem incomodar o restante da sociedade brasileira.

Ainda no Brasil, é de crucial importância a relação de von Cossel com o presidente Getúlio Vargas. Segundo Jutta Cossel, os dois eram muito conhecidos e Vargas chegou a dar-lhe como presente um retrato de si mesmo com uma bela moldura. “Meu pai era muito bem visto por Getúlio Vargas”, disse. Também no Brasil, sua relação com os embaixadores alemães era muito boa, chegando a trabalhar, a partir de 1936 até 1942 como Kulturattaché (adido cultural) na Embaixada Alemã no Rio de Janeiro.

Pela análise das entrevistas das duas filhas Gisela e Jutta e a sobrinha Ingeborg Kaulbach, levaremos em conta, além do dito, o não dito, a memória esquecida por inúmeras razões, entre as principais delas, o medo da perseguição aos alemães, sentimento este pertencente ao passado, mas que é recuperado no tempo presente. O medo foi o elemento justificador de muitas das frases e não-frases. De esquecimentos justificados por “eu não sei, eu era muito criança”. “Eu não me lembro”, “Eu não tenho a menor idéia”.

Para se continuar a viver, deve-se “esquecer”: esquecer traumas, mágoas, ressentimentos. O esquecido também deve ser um elemento de análise, pois funciona como um filtro do que ficou retido na memória. Ao trabalharmos com a memória dos perpetradores, ou seja, daqueles que vivenciaram de maneira direta ou indireta uma situação que ficou conhecida como trauma, como é o caso da II Guerra Mundial e do movimento nazista, temos que ter em vista sempre isto, ou seja, que a construção desta memória vai estar permeada por filtros por diversas vezes muito rígidos constituídos de emoções:

O processo de seleção do que lembra implica o que se esquece. Assim como temos que aprender a esquecer mágoas, ressentimentos, tristezas, precisamos também, socialmente, esquecer detalhes que atrapalham o desenvolvimento de projetos sociais. Há esquecimentos forçados que podem ser considerados “apagamentos”, ou seja, promoção de censuras que obstaculizam o conhecimento de alguma coisa. A história oral pode atuar nesta direção, permitindo que mediante a memória o conhecimento do passado “proibido” reponte e seja questionado.⁵⁷⁸

⁵⁷⁸

BOM MEIHY, José Carlos Sebe, *Manual de História Oral* (4ª ed.) São Paulo: Loyola, 2002, p. 67

Ao mesmo tempo, forjou-se uma imagem positiva do pai dentro deste espectro familiar, que o vê principalmente como “pai e tio” e não como o líder do nazismo no Brasil. Todas foram unânimes ao defender seu bom caráter e cobrir sua figura de bons adjetivos, defendendo-o assim ao ocultar suas ações políticas.

Houve uma evidente “construção do herói”. As filhas descrevem Hans Henning von Cossel como uma pessoa boa, transformando-o, por meio da visão de herdeiras. Não se trata de modificar a visão de Cossel como líder do partido nazista no Brasil, mas sim cobri-lo de adjetivos e características que mostrem seu lado humano, de pai de família e de sua função benevolente dentro da comunidade alemã. Não houve negação explícita do Cossel nazista, mas sim a reconstrução deste dentro de uma visão familiar, mais próxima a nós e, portanto, mais humana.

Não convém aqui julgar suas palavras e verificar o seu caráter de “verdade”, mas sim analisar qual é a imagem que se pretendeu construir e o porquê. Esta imagem, pintada pelo amor familiar, dará outra dimensão aos documentos oficiais compilados sobre von Cossel.

Antes de entrar nas entrevistas propriamente ditas, vamos analisar, primeiramente, o caminho percorrido até lá.

Berlim 2003. Depois de quase um ano pesquisando em arquivos alemães, os funcionários de algumas destas instituições já me conheciam. Um deles, Jens Fleischer, do Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, localizado em Berlim, se via especialmente engajado em me ajudar no processo de pesquisa. Primeiramente, dando inúmeras dicas de como me movimentar dentro do arquivo, depois fornecendo números de atas que possivelmente iriam me interessar. Ele me indicou um fundo específico, de atas pessoais, assim poderia conhecer melhor o histórico dos personagens da história do partido nazista em território brasileiro e no estrangeiro, os embaixadores alemães no Brasil, von Bohle, o chefe da Organização do partido nazista no Exterior, teóricos do nazismo e... *Hans Henning von Cossel*, o chefe nacional da organização partidária no Brasil.

Ao analisar as atas, a de Cossel era a menor. O chefe do Brasil tinha morrido naquela época — há apenas seis anos, em 1997. As fotos que constavam eram recentes e as doadoras, as próprias filhas. Comentando este fato com Fleischer, ele teve a idéia de localizar as filhas na Alemanha para realizar uma entrevista. Naquele momento, aquilo me

pareceu bastante inatingível: entrevistar as filhas do homem mais importante da história do partido no Brasil era algo que poderia mudar todo o rumo da pesquisa até ali.⁵⁷⁹

Fui de Berlim para Hamburgo de trem e o casal Gisela, uma das filhas de Cossel, e Klaus, seu marido, foi me buscar na estação. Era inverno, já podia se ver neve nas ruas. Eles me levaram para a casa de Jutta, a outra filha de Cossel, onde houve uma sessão de chá e de fotos. Logo após entrevistei as duas filhas separadamente em um dos quartos da residência. As entrevistas duraram toda a tarde.

Como material da entrevista, além das fitas K7, nossas colaboradoras⁵⁸⁰ me emprestaram fotos do acervo da família, do Rio de Janeiro nos anos 1930, do próprio von Cossel com as duas garotas pequenas e da mãe, além de alguns documentos oficiais dele, como sua carta de motorista. Havia uma foto em particular que nos chamou a atenção: de uma reunião de partidários ou de diplomatas, entre eles, Curt Prüfer, embaixador alemão de 1939 a 1942.⁵⁸¹

(Ilustrações 5.1, 5.2, 5.3, 5.4, 5.5, 5.6, 5.7, 5.8)

Além de ceder este material, as duas filhas Jutta e Gisela, que seriam o ponto zero⁵⁸² desta pequena rede⁵⁸³ familiar, me apontaram mais uma pessoa, a prima Ingeborg, que seria entrevistada posteriormente.

Na visão da filhas de Cossel, sua trajetória de vida pode ser vista de acordo com as seguintes marcas temporais:

1930

Cossel imigrou ao Brasil junto com a esposa e a filha mais velha, Gisela. Morou em São Paulo, trabalhando como representante comercial de uma firma alemã de Porcelanas. Nesta época, Gisela tinha 4 meses (ela nasceu em 1930). O motivo da vinda da família foi a

⁵⁷⁹ Com a ajuda de Fleischer, localizamos na internet o endereço e telefone de uma delas, Gisela Ehrlich. Entrei em contato com ela, me apresentei como uma pesquisadora brasileira interessada em alemães no Brasil e marcamos a entrevista em Hamburgo. Ela contatou a outra filha de Cossel, Jutta, que também aceitou o convite.

⁵⁸⁰ Segundo Bom Meihy, o colaborador atua com um papel mais ativo, diferente de um simples entrevistado ou “objeto de pesquisa”. Ele também é sujeito. Idem, p. 192.

⁵⁸¹ *Akten zur Deutschen Auswärtigen Politik 1918-1945. Ergänzungsband zu den Serien A-E. Gesamtpersonenverzeichnis. Portraitphotos und Daten zur Dienstverwendung Anhänge. Vandenhoeck & Ruprecht in Göttingen, 1995.*

⁵⁸² “Entende-se como ponto zero um depoente que conheça a história do grupo ou de quem se quer fazer a entrevista central”, BOM MEIHY, op. cit., p. 167.

⁵⁸³ “Rede, como subdivisão da colônia, funciona como indicativo de como as entrevistas devem se articular”. Idem, p. 166.

falta de trabalho na Alemanha. Nesta época, já teria trabalhado para o partido⁵⁸⁴ e morava em São Paulo.

Dentre suas lembranças sobre São Paulo, quando tinha de um a seis anos, entremeadas de frases “eu era muito pequena”, Gisela, a mais velha, lembra-se de ter ido a uma escola alemã, que acreditou ser a da Rua Olinda, em São Paulo, e que o pai ficava pouco em casa.

Bom. É naturalmente difícil, quando nós viemos ao Brasil, eu tinha apenas alguns meses (4 meses). Em São Paulo, eu era muito pequena. Em 1930 eu nasci em Hamburgo (Alemanha) e vim para o Brasil de navio. Meus pais moraram alguns anos em Hamburgo e meu pai veio para São Paulo como vendedor, como representante de uma firma alemã. Onde nós morávamos primeiramente no Brasil, eu não sei, eu era muito pequena. Ele trabalhou como comerciante, meu pai não ficava muito em casa, eu posso me lembrar mais de minha mãe. Lá (São Paulo) ele não tinha nada a ver com a Embaixada. (...)

Eu me mudei e nós fomos morar em uma casa grande e eu me lembro dos vizinhos alemães. Ele trabalhou em uma firma alemã de porcelana⁵⁸⁵, eu acredito que ela ainda exista. Em 1936, eu fui a uma escola alemã, eu não lembro qual. Olinda⁵⁸⁶ é para mim a mais conhecida, pode ser lá. Eu ia à escola, mas eu não sei muito, eu não posso me lembrar, porque em 1936 eu me mudei para o Rio.⁵⁸⁷

Já a irmã Jutta, nasceu em São Paulo em 1933. Também se lembrava pouco da época na capital paulista, justificando com isto ser muito pequena. Sua memória a remeteu para 1936, o ano em que viajou com os pais para a Alemanha e se mudou para o Rio:

Nasci em 26 de novembro de 1933 em São Paulo (com ênfase) em um hospital alemão. Sobre São Paulo eu posso falar muito pouco, porque eu

⁵⁸⁴ Cossel é visto nos documentos como o fundador do partido nazista em São Paulo em 1931. Neste mesmo ano, ele já fazia parte da diretoria nacional do partido. Em 1934, tornou-se, no lugar de Guss, o chefe nacional do partido nazista do Brasil, cf. visto no capítulo 2.

⁵⁸⁵ Acreditamos, pelo cruzamento com outros documentos, que se trata da firma Schmidt, Trost und Cia. Ata 27916, AA/B.

⁵⁸⁶ Escola Alemã da Rua Olinda, também conhecida como Escola Santana. DIETRICH, Ana Maria. Caça às Suásticas. O partido nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política. São Paulo, FFLCH, USP, 2001, p. 200.

⁵⁸⁷ Entrevista de Ana Maria Dietrich com Gisela Ehrlich, filha de Hans Henning von Cossel. Hamburgo (Alemanha), 23 nov.2003. Apesar de terem sido gravadas originalmente em alemão, optou-se - neste capítulo - em manter a versão em português das entrevistas para se preservar a fluidez do texto.

era muito pequena. Nós nos mudamos em 1936 para o Rio. Eu tinha 3 anos, ou nem isto. Eu não tenho nenhuma lembrança. Somente do Rio, mais tarde, posso lembrar bem.⁵⁸⁸

1936

Este ano foi marcado nas lembranças de Gisela e Jutta por dois grandes acontecimentos. Um deles foi a ida de Cossel à Alemanha, juntamente com todas da família. Nesta época, Cossel, como chefe nacional do partido no Brasil, provavelmente teria viajado para lá para ter uma interlocução com os líderes nazistas.

Viagens para a Alemanha, durante o período em que Cossel era o *Landesgruppenleiter* (chefe do grupo nacional), foram muito comuns. Esta não foi a única. Em 1938, 1939, ele realizou mais duas. Logo depois da proibição do partido, ele viajou para a Alemanha, em maio de 1938, provavelmente para receber instruções sobre os novos rumos políticos.⁵⁸⁹ Mas a única que ficou registrada na memória das duas garotas foi a de 1936, talvez porque foi a única vez, durante o período em que estava no Brasil, em que Cossel voou para a Alemanha com toda a família. Segundo Jutta, o caráter foi de uma “viagem de férias”.

O segundo acontecimento deste ano foi, na volta para o Brasil, a mudança da família Cossel de São Paulo para a então capital federal, Rio de Janeiro. Neste momento, Cossel passou a trabalhar na Embaixada Alemã, como adido cultural.

Lembramos que o ano de 1936 é muito importante dentro do cenário internacional que se configurava no entre-guerras. A partir deste ano, com a deflagração da Guerra Civil Espanhola, as nações passaram a se posicionar a favor do nazismo ou do comunismo⁵⁹⁰.

Nas palavras de Gisela:

Eu ia a escola, mas eu não sei muito, não posso me lembrar, porque então em 1936 nós nos mudamos para o Rio. Mas, antes disto, nós fomos com nossos pais passar uns meses na Alemanha. Então eu posso me lembrar bem, como a senhora leu, meu pai foi o mais jovem homem da Marinha na 1ª Guerra. E no navio ele teve tempo para nós. Quando era criança, eu

⁵⁸⁸ Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

⁵⁸⁹ Telegramm Geh. Ch. V. von Bohle. Diplogerma. Rio de Janeiro-Berlin, 19 maio de 1938. Ref. VLR Freytag von Abt. Kult. Berlin, 27 junho 1938. Ata 27916, AA/B.

⁵⁹⁰ Ver SOUZA, Ismara Izepe, *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil Espanhola. (1936-1946)*. São Paulo: Humanitas, 2005.

me interessava por isto e mais tarde também. Meus pais ficaram em Berlim. Nós ficamos com os pais de minha mãe, meus avós. Isto não é muito importante. Então nós viemos embora, mas eu não sei dizer direito em qual mês. Como foi exatamente, como meu pai entrou na Embaixada, isto não sei. Eu não sei em que cargo ele entrou. Mas, no final, ele era enviado da Embaixada. Em São Paulo, eu não posso me lembrar, mas no Rio eu me lembro da Colônia Alemã⁵⁹¹.

Entre as lembranças de Jutta no Rio de Janeiro, estava sua grande casa em Ipanema, próxima à praia, onde funcionou também uma escola alemã, onde aprendiam português e alemão⁵⁹²:

Nós morávamos em Ipanema, não muito longe da praia. Eu sei que meus pais sempre tinham convidados, profissionais e artistas, que vinham ao Brasil fazer uma turnê e ficavam conosco como convidados. Meu pai era competente com arte e cultura. Ele visitava colônias e escolas alemãs. Era certamente muito interessante para mim, eu era pequena para entender tudo (...). O que eu mais sei é que em 1936 nós fomos para a Alemanha ficar meio ano. Nós tivemos, mais ou menos, meio ano de férias na Pátria. Eu ainda não tinha três anos, eu faria três. Me lembro da viagem de navio. É uma lembrança muito antiga. Nós fomos para Berlim e, mais tarde, para a casa de nossos avós, os pais de minha mãe. Nós fomos para Hamburgo também.

Eu entrei com seis anos na escola, era uma pequena escola alemã, da qual o último ano aconteceu na casa de meus pais, no Rio, em 1939. Nós tínhamos uma babá. (...) Nós éramos muito amadas. Era divertido, porque eu morava em um quarto da casa com mais seis a oito crianças. Eu comecei a estudar na escola na casa de meus pais. (...) Na 2ª série, fui para uma outra escola. Nós tínhamos uma professora brasileira. Nesta época, ainda não era proibido [o alemão], podíamos estudar as duas línguas. No começo, só tive alemão. (...) Eu tive aula de português, nós tínhamos que fazer contas em português. Isto eu acho especialmente difícil.

1942

Sobre o início da guerra, em 1939, Gisela não tem muitas recordações. O que marcou suas memórias foi quando o Brasil cortou as relações com a Alemanha, após o bombardeamento dos navios brasileiros por submarinos alemães, fato negado por ela. Em

⁵⁹¹ Entrevista de Ana Maria Dietrich com Gisela Ehrlich. Hamburgo (Alemanha), 23.nov.2003.

⁵⁹² Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

suas palavras, houve “dedos dos americanos no processo”. Nesta época, Gisela tinha 12 anos.

Von Cossel, junto a outros diplomatas, voltou para Alemanha com sua família. Foram três navios que fizeram a travessia Rio de Janeiro-Lisboa. O navio em que estavam Gisela, Jutta e sua mãe foi o Cerpa Pinto. O medo de serem atacados pelos ingleses e americanos, a longa trajetória, alguns acidentes de percurso, a chegada em Lisboa e posterior travessia pelos países ocupados pela Alemanha (França e Itália), tudo isto é narrado pelas colaboradoras.

Após o retorno à Alemanha, a família nunca mais voltou ao Brasil. Cossel chegou a lutar também na II Guerra, outra vez na Marinha alemã. Apesar de ter sido convidado a trabalhar no Ministério das Relações Exteriores, não aceitou e passou a trabalhar de novo como comerciante — representando uma firma de chocolates.

Então o Brasil estava mais do lado dos americanos, com certeza, e as relações diplomáticas foram cortadas. Então dois ou três navios foram para Portugal e havia muitos alemães, não só alemães diplomatas, mas outros, que se dirigiram para Lisboa.

A viagem não foi sem perigos, porque os americanos e ingleses provavelmente sabiam sobre os navios e eles podiam os interceptar. Mas eles não o fizeram e nós chegamos bem em Lisboa. Neste tempo, eu tinha 12 anos, disto eu me lembro bem. Eu penso que cada um não sabia que era perigoso, porque eu era criança. Havia muitas crianças no navio. Foi falado mais tarde que era perigoso.

Havia uma senhora, uma brasileira, que caiu na água. O navio fez uma grande volta sobre si mesmo e então começou lentamente, ela não afundou e a mulher não morreu. Eu e minha mãe ficamos muito chocadas. Eu acredito que havia portugueses ou brasileiros, não somente alemães. Minha prima, que na época era mais velha, tinha 20 anos, estava em outro navio.

Então ele (von Cossel) voltou para a Marinha na 2ª Guerra Mundial. Meu pai, eu já disse, que na 1ª Guerra Mundial foi o mais jovem oficial e na 2ª, ele foi o mais velho (risos). Foi um capitão. Ele foi para Noruega e então ele participou da retirada das tropas.

Na Itália, os americanos e ingleses estavam aportados no território e os alemães também, em toda a Itália. Então a marinha e as tropas lentamente voltaram. Ele não foi mais do Ministério das Relações Exteriores. Foi prisioneiro pelos franceses e teve que cavar e cavar. Ele foi, então, para Freiburg (Alemanha). Lá ele ficou em zona francesa, onde havia ainda a britânica, americana e russa. Ele ficou na francesa. (...) Então, voltou a trabalhar como comerciante. Foi representante de uma firma de chocolate.

Sobre os navios brasileiros, que os alemães teriam afundado, eu acredito que teve dedos americanos nisto.⁵⁹³

Jutta — a mais nova — afirmou também que os pais não queriam voltar para a Alemanha em plena guerra, mas teriam que o fazer, senão irão ser internados em um campo de concentração em uma ilha no Rio de Janeiro (possivelmente Ilha Grande ou Ilha das Flores). Enfatizou que a relação Brasil e Alemanha sempre foi de natureza “de amizade”. Como Gisela, lembrou-se também de detalhes da viagem e do acidente com uma brasileira que caiu no mar. Depois, contou como atravessou a Europa em guerra, até chegar em Frankfurt (Alemanha).

Em 1942, as relações entre Brasil e Alemanha foram cortadas, então os meus pais se questionaram se deveriam ficar no Brasil e serem internados em uma ilha no Rio, em um grande campo de internamento. Então meus pais decidiram ir embora do Rio. Eles não sabiam como estava a situação na Alemanha. Foi um longa guerra, não se poderia deduzir como tinha ficado a Alemanha.

Nós voltamos. Eu tinha oito anos. Me lembro bem da viagem. Era um transporte com três navios, o navio italiano Cerca Pinto. Um grande número de pessoas dos navios era de diplomatas, para que os ingleses não interceptassem o navio. Eles não fizeram isto, não com este transporte, o transporte que foi mais tarde foi interceptado pelos ingleses. Nós não, nós chegamos bem na Alemanha. Estávamos em um navio em que só haviam crianças. Minha prima [Ingeborg], que morava conosco no Brasil, foi em outro navio onde haviam pessoas sem crianças ou casais. No nosso só estavam famílias com crianças, alemãs, brasileiras e italianas.

O navio não era luxuoso como hoje. A cabine era pequena e estreita, eu acredito que havia certamente 300 pessoas ou talvez mais no navio. Tinha um deque também e desta viagem eu me lembro muito bem. Eu o achava, como criança, muito bonito. Não sabia que era tão perigoso. Um dia, uma mulher caiu do navio. No momento que ela estava na água, ela gritou por ajuda. Era uma brasileira. O homem gritava: “minha mulher, minha mulher”. Alguém pulou na água e salvou a mulher. Ela se salvou e não aconteceu nada. Nós chegamos em Lisboa e todos desembarcaram, ficamos lá uma semana. Então, nós viajamos de trem através da Espanha e da França. Foi uma viagem não direta, porque a França estava metade ocupada e metade livre, França Livre. Nós viajamos pela região ocupada até Frankfurt am Main e então nós desembarcamos e adeus”.⁵⁹⁴

⁵⁹³ Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

⁵⁹⁴ Idem.

Para exemplificar a amizade entre os dois países, Jutta falou das relações de seu pai, von Cossel, com o ex-presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Segunda Jutta, Cossel era conhecido e muito “bem-visto” por Vargas.

Amizade de Cossel com Vargas:

Ele [von Cossel] era muito bem-visto por Getúlio Vargas que, na época, era o presidente do Brasil. Ele o conhecia bem. Havia uma interessante pintura de Vargas. Hoje não existe mais, mas ele [von Cossel] tinha recebido de presente de Getúlio, com uma bela moldura e tal.

Meus pais sempre diziam: os alemães e os brasileiros são finalmente de natureza de bom entendimento. Não existe inimizade entre essas pessoas. O fato foi que o Brasil em 1942 teve que cortar relações. Muitos alemães foram embora e muitos ficaram no Brasil. Sempre foram bons uns com os outros, o Brasil e a Alemanha... uma amizade.

A influência dos americanos era forte, meus pais diziam, sobre a economia, negócios e dinheiro. Isto auxiliou muito para que o Brasil rompesse com a Alemanha, a pressão dos americanos. Talvez também da Inglaterra. Certamente, de ambos. Sei que havia muitos estrangeiros na embaixada alemã. Por exemplo, italianos, japoneses, muitos estrangeiros tinham a ver e não somente alemães. Até o rompimento da guerra era um ambiente agradável e de muita paz. Eu sei que meus pais gostariam muito de ficar no Brasil. Gostariam de ficar no Brasil (com ênfase). Isto eu acredito. Ambos falavam muito bem o português, eles tinham aprendido muito rápido.⁵⁹⁵

Quando fala da relação de seu pai com os dois estadistas, enfatizando o grau de afinidade dele com Vargas, Jutta nos leva a crer que Cossel não era um “nazista maldoso”, pelo contrário, ele se dava muito bem com os brasileiros, incluindo a pessoa de maior poder na época, o ex-presidente Vargas, representando assim, as relações de amizade entre os dois países. Em outra instância, com Hitler, a história era outra. Cossel tinha uma relação impessoal — somente fazia relatórios com o *Führer*, e não o achou alguém capaz de “causar impressão”. Dentro desta pesquisa, no entanto, o encontro de Cossel com os dois estadistas tem um caráter especial que mostra a amplitude do movimento nazista em território brasileiro. Não era apenas um movimento de colonos “saudosistas” e sim, algo que interferiu nos grandes escalões de poder da sociedade.

1942-45

Na marinha alemã na II Guerra Mundial

⁵⁹⁵

Idem.

Segundo Jutta, em 1942, depois de voltar com sua família para a Alemanha, Cossel foi convocado a trabalhar no Ministério das Relações Exteriores. Mas ele se negou, pois passou a saber o que de fato acontecia na Alemanha pelas mãos do partido nazista. “Eu não colaboro com isto”, teria dito. Então, decidiu lutar mais uma vez na Marinha e foi para as frentes de ataque. Como prisioneiro dos Aliados, obteve um cargo burocrático na França com a incumbência de enviar para a Alemanha os prisioneiros de guerra alemães presos na França.

Enquanto o pai estava na Marinha e, posteriormente, se tornou prisioneiro dos Aliados, a mãe e as filhas, que nesta época moravam em Frankfurt, sofreram um pouco da repressão do regime totalitário de Hitler. Segundo Jutta, sua mãe, Beatriz, costumava falar muito mal de Adolf Hitler e foi aconselhada pelos vizinhos a tomar cuidado.

Eu não tenho nenhuma experiência pessoal. Nós apenas conversamos depois. Meus pais também. Minha mãe dizia, que quando nós viemos de lá [Brasil], nós falávamos, eu não sei direito o que minha mãe dizia, mas nós conversávamos muito sem cuidado. As pessoas sempre diziam “Tenham cuidado” (...) Meu pai estava na guerra, ele não pensava sobre isto. Ele passava as férias conosco raramente.⁵⁹⁶

Mesmo depois da guerra, Cossel, segundo Jutta, não quis voltar ao serviço diplomático e voltou a trabalhar como comerciante. (“Para construir uma nova existência”)⁵⁹⁷

5.2. A construção do herói

Tanto para Gisela quanto para Jutta, Cossel era uma ótima pessoa. Elas fizeram questão de construir, com inúmeros bons adjetivos, a imagem do pai. Sobre seu papel como líder do partido nazista no Brasil, há poucas palavras. Elas dizem que não sabiam ou que não se lembravam, mesmo tendo convivido com ele até 1997, quando ele morreu. Na entrevista de Gisela, não há quase nenhuma referência a seu pai como líder do partido

596

Idem.

597

Idem.

nazista. Na imagem construída pelas duas, ele trabalhava na Embaixada, sempre ocupado com assuntos culturais e artísticos, nunca com assuntos políticos.

A documentação sobre von Cossel atestou simplesmente o contrário. Como líder máximo do nazismo no Brasil, Cossel manteve relações com os principais líderes do regime nazista, manteve correspondência com o III Reich, indicando inúmeras informações sobre o momento político que o Brasil atravessava, mesmo depois do partido ter sido proibido. Foi editor do jornal *Deutscher Morgen*, que se autodenominava a folha semanal do partido nazista do Brasil.

A imagem que as duas revelaram foi a do outro lado da história, a humanização do líder. Seus hábitos, rotinas, seu papel enquanto pai, seu conhecimento de línguas, sua habilidade com comunicação e com as pessoas em geral. Uma face de Cossel, no entanto, se encontra em sintonia com a documentação oficial: o seu caráter conciliador junto à comunidade alemã. O problema, neste caso, é que as filhas enaltecem esta qualidade para ocultar as suas atividades políticas junto ao partido.

Um outro aspecto que levantamos como hipótese é porquê Jutta e Gisela quiseram dar seu depoimento. Acreditamos que seja para dar um testemunho para história, em uma espécie de “prestar contas” com o passado. Elas descreveram o seu lado da história, como elas vivenciaram todos estes momentos e — o mais importante — a visão que tinham do pai, quase que “inocentando-o” para a posteridade.

Os próximos tópicos são uma tentativa de retirar de suas narrativas temas que representem a visão do pai que elas querem deixar registrada para o futuro. Não a do líder do partido nazista no Brasil, mas a de um bom pai de família que gostava de viajar e nadar nas praias de Ipanema, que era um benfeitor para a comunidade alemã e se comunicava muito bem. Na nossa opinião, porém, a face que mais funcionou para inocentá-lo foi aquela do Cossel ingênuo, que desconhecia o caráter do movimento que estava inserido, mesmo após chefia-lo durante nove anos. Segundo Jutta, quando Cossel voltou para a Alemanha e soube o que era verdadeiramente o nazismo e suas atividades “atrozes” — preferiu lutar nas frentes de ataque contra os franceses do que ficar a mercê do serviço burocrático do Ministério das Relações Exteriores.

As faces de Cossel

1º O aventureiro no país tropical

Jutta: “Lembranças de viagens de aventura no Brasil”.

Sobre meu pai, eu só posso contar sobre o Rio, nada sobre São Paulo. Ele estava sempre em viagens, ele viajava muito freqüentemente, todas as viagens de aventura no Brasil, ele ia visitar escolas e cuidava delas.⁵⁹⁸

Gisela: “Gostava de ir para o mato”

Ele ia muito para Blumenau. Como ele contava, ele usava botas devido às cobras no mato e aí por diante. Isso lhe dava muito prazer. Não gostava de se sentar em uma escrivania.⁵⁹⁹

Gisela: “Cossel gostava de nadar em Ipanema”

No Brasil nós não morávamos diretamente no centro da cidade, nós morávamos um pouco afastado, em uma grande casa. Era bonita e não muito longe da praia. Eu devia ir à escola, mas minha mãe não podia passar um tempo agradável comigo. Meu pai tinha tempo aos sábados e domingos e ia muito à praia, porque ele podia nadar bem. Minha mãe não nadava muito longe da praia, mas eu nadava e eu nadava com ele.⁶⁰⁰

2º O viajante

Jutta: “Ele ficava pouco em casa”.

Ficava pouco em casa, porque tinha que trabalhar muito. Meus pais estavam sempre fora, porque tinha compromissos da sociedade pela embaixada alemã. Portanto, tínhamos uma babá, porque minha mãe precisava ir junto.

Eu penso que ele esteve em Blumenau. Nova Hamburgo, Nova Friburgo, lá ele sempre ia, porque havia muitos alemães nestes lugares. As escolas e a cultura alemã deveriam ser cuidadas. Minha mãe também trabalhava muito.⁶⁰¹

⁵⁹⁸ Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

⁵⁹⁹ Entrevista de Ana Maria Dietrich com Gisela Ehrlich. Hamburgo (Alemanha), 23 nov.2003.

⁶⁰⁰ Idem.

⁶⁰¹ Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

Gisela: “Meu pai viajava muito”

Meu pai viajou muito, mas minha mãe nunca foi junto. Eles tinham muitos compromissos de sociedade na embaixada. Os diplomatas estavam sempre em viagens. Ele nunca estava em casa. Ele trabalhava com gosto, História também o interessava.⁶⁰²

3ª O comunicador / pacificador

Jutta: “Um bom interlocutor”.

Meu pai era pessoa ponderada, ele não era bravo, minha mãe era mais brava. Ele lidava bem com as pessoas. Não era radical. Ele sempre se entendeu com as pessoas. Ele se expressava bem com as pessoas. Com os alemães e com os brasileiros (com ênfase).⁶⁰³

Ingeborg: “Ele era solícito”

Meu tio, como posso dizer, ele era um tipo solícito. Eu acredito que ele não tivesse nenhum inimigo. Ele era amado, até onde sei, e se entendia bem com as pessoas também. Eu não posso dizer mais. Sempre pronto a ajudar e legítimo.⁶⁰⁴

4ª A boa alma

Jutta: “Meu pai cuidava dos alemães no Brasil”:

Nós sempre ajudávamos as famílias. Nós recebíamos dinheiro e roupas da embaixada alemã (...) mas também fizemos isto em São Paulo. Ele sempre cuidou dos alemães no Brasil.⁶⁰⁵

5ª: O ingênuo

Jutta: “Ele disse: eu não colaboro com isto”

⁶⁰² Entrevista de Gisela Ehrlich, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

⁶⁰³ Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

⁶⁰⁴ Entrevista de Ingeborg Kaulbach, sobrinha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Frankfurt am Main (Alemanha), fevereiro de 2004

⁶⁰⁵ Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

Segundo Jutta, quando o pai tomou conhecimento do que os nazistas haviam feito na Alemanha, não quis mais compactuar com aquilo. Segundo Jutta, esta teria sido a razão porque ele decidiu lutar novamente na II Guerra na Marinha e não ficar na administração em algum lugar do Ministério das Relações Exteriores.

Que meu pai era importante, eu não podia imaginar. Ele sempre recebeu muitas visitas dos alemães, de pessoas da terra. Se elas tinham necessidade, ou tinham problema, ele sempre procurava a embaixada alemã para ajudar. É uma tarefa da embaixada ainda hoje. (...) Sobre as relações da guerra, eu não posso dizer. Eu sei somente que, em 1942, nós viemos para a Alemanha. Nós fomos para Berlim para o Ministério das Relações Exteriores. Eles queriam o manter por lá.

Meu pai disse que ele os olhou e afirmou: “Nisto eu não colaboro”.⁶⁰⁶ Eu volto para a Marinha, eu fui da Marinha na I Guerra Mundial. Antes do Brasil, na I Guerra, ele era soldado da marinha. Eles [o ministério] não podiam dizer não, porque ele tinha se inscrito voluntariamente.

Eu sei exatamente porque nós conversamos mais tarde sobre isto. Ele não queria trabalhar no Ministério, porque ele tinha visto o que aconteceu. Ele começou certamente a notar o que se passava na Alemanha e tomou cuidado. O que no Brasil não podíamos reconhecer. E então ele se inscreveu na Marinha.⁶⁰⁷

6º O homem importante

Jutta: “Encontro de von Cossel com Hitler”

Meu pai também encontrou pessoalmente Adolf Hitler. Foi apenas uma vez durante toda a sua vida. Foi em 1936 ou 1934. Para fazer relatórios com ele. Ele não achou que Hitler fosse uma pessoa que causasse muita impressão. Ele não causou uma impressão de alguém especial. Ele [Hitler] era alguém que as pessoas precisavam elaborar relatório.⁶⁰⁸

Jutta: “Sobre o partido nazista no Brasil, organizava a parte cultural e das escolas”

Sobre o partido nazista, ele organizava e cuidava da área cultural e das escolas. Eu acredito que era sua atividade principal, porque ele não se ocupava com os negócios, havia outras pessoas, eu acredito adidos

⁶⁰⁶ Aqui ela se refere ao regime nazista. Jutta afirmou que Cossel não quis participar das atividades do ministério para não se envolver politicamente com algo que ele não concordava e que só teve a dimensão a partir do momento em que viu o que acontecia na Alemanha. Ou seja, após 1942.

⁶⁰⁷ Entrevista de Jutta Cossel, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo (Alemanha), 27 nov. 2003.

⁶⁰⁸ Idem.

comerciais. Ele visitava as colônias alemãs com certeza, isto ele contou. Ele sempre estava em algum lugar viajando. Não havia boas estradas (...) Ele era responsável pelo jornal *Deutscher Morgen*. Ele falava platt [dialeto alemão] e escrevia platt. Ele também usava o rádio, provavelmente, eu posso imaginar. Eu não lia ainda na época, era pequena. Foi tanto tempo que se passou (...) Eu não tenho idéia, eu não posso afirmar nada. Mas... o partido no Brasil... talvez houvesse muitos alemães e eles pensavam que era bom. Eu não sei nada, que houvesse tal partido. Nós éramos ambas muito pequenas.⁶⁰⁹

Gisela: “O partido foi diferente no Brasil, garantido”

O partido nazista no Brasil foi algo diferente, garantido. Como meu pai entrou, as pessoas pensam que ele sabia de tudo, mas não foi assim. No exterior, eu penso, não foi assim. Muitas pessoas na Alemanha também não sabiam. Na Alemanha tínhamos a I Guerra atrás, então veio Hitler e cuidou do desemprego. Alemanha acordou novamente⁶¹⁰ e, no exterior, as pessoas são mais alemãs que no interior porque existe um sentimento de Pátria.⁶¹¹

5.3. As negativas de uma memória

A entrevista com a sobrinha de Cossel, Ingeborg Kaulbach, é um exemplo de uma não-entrevista. Muito mais do informar, Kaulbach ficou o tempo todo tentando negar o seu passado, muitas vezes com nervosismo. Ela chegou a falar 20 vezes, a frase: “Eu não sei absolutamente nada”. Na entrevista das duas filhas de Cossel, que eram crianças na ocasião, não vimos tal resistência em fornecer informações sobre este período como no caso de Ingeborg. É difícil acreditar que ela realmente não se lembrava de nada, afinal Kaulbach tinha, na época, 23 anos. Para pessoas que viveram experiências traumáticas como a guerra, este tipo de comportamento pode ser visto como normal. O medo as paralisa de falar e as recordações são deixadas no limbo do esquecimento.

Segundo Maurice Halbwachs, existiria além da seletividade da memória, um processo de negociação para conciliar a memória coletiva e as memórias individuais⁶¹². Michael Pollak discordando desta posição, acredita que exista uma memória em disputa marcada pela escolha dos objetos de preferência pelo conflito e competição entre diversas memórias. O processo de esquecimento não pode ser entendido longe das realidades

⁶⁰⁹ Idem.

⁶¹⁰ Aqui, Gisela faz uso de um dos maiores jargões da propaganda nazista: “Alemanha acorde”.

⁶¹¹ Entrevista de Gisela Ehrlich, filha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Hamburgo, 23 nov.2003.

⁶¹² HALBWACHS, Maurice apud POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

socioculturais em que está envolvido⁶¹³. Assim, no caso de Kaulbach, o esquecimento vem acompanhado do sentimento de culpa pela morte de judeus e ao mesmo tempo uma intensa resistência em admitir que ela, como tantos outros alemães comuns, fez parte deste processo tão destrutivo. A experiência da guerra, em contrapartida, é por si só traumática. No caso desta senhora, ela veio passar as férias no Brasil em 1939 e ficou impossibilitada de voltar e ver os seus pais devido a eclosão do conflito mundial. Como suas primas, outro trauma causado pela guerra foi atravessar o oceano Atlântico em direção à Europa com a ameaça do navio ser derrubado pelos Aliados.

Michael Pollack, ao se referir às vítimas do Holocausto, afirmou que: “Em face desta lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio”.⁶¹⁴

Ele continua o raciocínio afirmando que para se falar deve-se ser ouvido. O esforço mundial de reconstrução do pós-guerra apagou esta escuta, fadando-os ao silêncio. O mesmo pode-se dizer das pessoas que vivenciaram o trauma de guerra. A dificuldade de falar sobre o assunto, além de trazer à tona lembranças incômodas, está ligado à falta de escuta, de ser punido por aquilo que se diz ou ser exposto à vergonha. “A estas razões políticas do silêncio, acrescentam-se aquelas pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais”⁶¹⁵. Deve-se esquecer para se continuar a viver.

No caso de Kaulbach, além de esquecer, há também a negativa constante que mostrou uma posição defensiva muito forte. Além de não querer ver sua própria imagem associada ao nazismo, ela temeu que este passado influenciasse suas relações no presente. Para reforçar sua imagem de “inocente”, Kaulbach construiu de si mesma alguém que “não viu, não escutou, não falou”, alguém com total descomprometimento político com a realidade em questão. “Eu somente me divertia” (em alemão o verbo *amüsieren* tem uma conotação bastante forte, não é apenas uma simples diversão, mas sim, um tempo maravilhoso, sem preocupações, sem problemas, ou seja, descomprometido), justificou,

⁶¹³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 1.

⁶¹⁴ Idem, p. 4.

⁶¹⁵ Idem, p. 4.

narrando vários eventos como danças, jantares, idas a praia e namoros. O descomprometimento joga o passado político de Kaulbach, seu contato com o embaixador alemão Prüfer e com o chefe do partido nazista, Hans Henning von Cossel, em um silêncio confortador.

Outra hipótese levantada é que Kaulbach não consegue associar o seu passado — na sua opinião tão inocente, repleto de festas, piqueniques, namoros — com as atrocidades perpetradas pelo III Reich contra minorias como os judeus. Como parte de uma elite — a dos diplomatas — ela não participava politicamente do processo, apesar de acompanhar as reuniões festivas e comemorações. Além disto, ficava à parte por ser mulher em um partido onde as mulheres desempenhavam sempre funções auxiliares. Portanto, quando ela fala que não é nazista, é porque ela não consegue ligar o nazismo dos diplomatas alemães no Brasil com o nazismo do Holocausto. Espantada ao ver a inegável constatação, que ambos eram a mesma coisa, ela prefere negar.

Negativas

1. **Não vi** – A postura defensiva de Ingeborg passa primeiro pela tradicional negativa de que ela não participou dos acontecimentos políticos de sua época. O tempo todo, mesmo conhecendo cônsules e embaixadores alemães, ela não viu nada de anormal. Ela apenas se divertia. Ela diz que não conheceu ninguém sendo o tio, o chefe nacional do partido Nazista no Brasil, e o embaixador alemão Prüfer, seu amigo, conforme confirmou em outros trechos da entrevista.

a) “Eu não conheço ninguém”

Ana Maria: Fale sobre este momento, que não foi tão bom.

Kaulbach: **Eu não conheço de lá nenhum nome (com ênfase).** No Brasil eu não conheço nenhum nome, não tenho nenhuma idéia (também pode ser traduzido como “Não tenho nenhuma noção sobre isto”).⁶¹⁶

b) “Eu não posso dizer-lhe nada”

⁶¹⁶ Entrevista de Ingeborg Kaulbach, sobrinha de Hans Henning von Cossel, para Ana Maria Dietrich. Frankfurt am Main (Alemanha), fevereiro de 2004.

Ana Maria: Pessoas do povo?

Kaulbach: Do povo. Fizeram uma placa no carro. Eu não sei mais. Eu verdadeiramente, eu não posso lhe dizer nada.”⁶¹⁷

Para incentivá-la a falar, fiz a proposta, em determinado momento, de se usar um pseudônimo, mas isto não mudou o tom da conversa. Ela me respondeu: “Eu não posso te dizer nada, é tudo que posso dizer”.

2. Não sei

a) “*Você sabe mais do que eu*”.

Para se ver livre das perguntas, além de negar que conhecia os nazistas no Brasil, em determinado ponto da entrevista, Ingeborg afirma que eu, enquanto pesquisadora, sabia mais do que ela, apesar de ela ter vivenciado este momento político em solo brasileiro:

Ana Maria: ... Até 1942. Por exemplo, é importante para mim, porque eu pesquisei nos arquivos, eu li bastante, tudo...

Kaulbach: Então você sabe mais do que eu, eu não tenho verdadeiramente nenhuma idéia... Porque em 1939 foi belo... Não era tão assim...

Ana Maria: Por exemplo, o partido não é nenhum segredo.

Kaulbach: Não, não era...

Ana Maria: As pessoas sabem disto.

Kaulbach: Eu sei disto. Ele voltou...

Ana Maria: É muito importante, o que não está nas atas. As coisas, detalhes, o que não está nas atas, isto eu procuro.

Kaulbach: Eu não sei isto, talvez nas atas do Brasil. Não tenho a menor noção.⁶¹⁸

3. Não participei

Uma das mais importantes negativas é a de que Ingeborg não teria participado do movimento nazista. Ela procura, com isto, isentar-se da culpa que aqueles que tomaram parte, mesmo que indiretamente do partido nazista, carregam. Ao invés de participar de atividades políticas, ela teria apenas participado de jantares, bebido e fumado com os diplomatas alemães no Brasil.

⁶¹⁷ Idem.

⁶¹⁸ Idem.

Sobre o partido, sua narrativa foi confusa. Provavelmente, com a intenção também de não se culpar ou mesmo de se envolver, ela fala que poderia ter havido um partido, enquanto em outros momentos, afirmou que sabia do papel político de Cossel.

Ana Maria: Porque eu quero dizer, que queria que a senhora esclarecesse um pouco mais sobre este tempo. Tudo, qualquer detalhe que você falar, é muito importante.

Kaulbach: Eu acredito. Mas eu não posso verdadeiramente dizer nada. Eu não conheci os nazistas. Eu conhecia apenas a Embaixada e os cônsules e nós fizemos festas e nós bebíamos e fumávamos e eu estava sempre junto ao meu namorado.⁶¹⁹

“Eu somente me divertia...”

Kaulbach: **Eu somente me divertia. Eu não fiz absolutamente nada.**

Ana Maria: Ah, tá.

Kaulbach: Eu somente me divertia. Eu estava junto com o holandês, lá, tínhamos parentes, eu fui uma vez para a Bahia, visitar o cônsul da Bahia, em São Paulo, com Molly [cônsul alemão em Santos]

Ana Maria: Mas eu queria saber, o que você lembra destas pessoas, por exemplo, de Molly.

Kaulbach: **Eu não sei absolutamente nada. Eles apenas faziam seu trabalho.** (...) Eu só me divertia, com os britânicos e com o holandês, eu estava com parentes, mas de política e von Cossel, não sei nada. Meu tio ia a Embaixada e então tarde da noite ou de tarde, não sei, né, de noite, de fato, ele estava ocupado. Ele tinha muitos amigos brasileiros e depois ficou difícil, porque veio a guerra fora, e dos brasileiros com alemães, isto não foi bom”.⁶²⁰

“Pode ser que havia um partido”

“Ele [von Cossel] estava no partido, pode ser, pode ser que ele estava no partido. Mas, mais tarde, no Brasil, ele teve – minha coisa – ele renunciou provavelmente também, como eu poderia dizer, ele ficou um pouco neste partido, como poderia dizer, daí ele se retirou, ele não estava de acordo. **Mas, eu não conheço nenhum nazista de lá [Brasil], eu não tenho verdadeiramente nenhuma idéia, eu nunca ouvi nada a respeito.** Isto foi antes do meu tempo, isto foi antes, ele estava há muito tempo no Brasil. Eu não sei nada, o que eles fizeram lá, meus parentes.”⁶²¹

“Daí veio a guerra e não pude voltar...”

619

Idem.

620

Idem.

621

Idem.

“Então veio a guerra. Meio tio voou um pouco antes para a Alemanha. E ele não poderia voltar. Ele não podia e eu não podia ir para a Alemanha. Por quê? Verdadeiramente porque era guerra, eu não sei, era guerra e isto é tudo. E então, o meu tio, meio ano depois voltou para o Rio pela Itália. Eu vim visitar o meu tio e então veio a guerra e eu estava no Brasil”.⁶²²

Aqui ela seleciona muito as palavras, tem dificuldade em expressar o que pretende, parece não querer se comprometer, nem assumir muito a respeito das atividades políticas de seu tio Cossel, mas sabe a respeito da filiação dele ao partido nazista e porque ele se desfilou. Nota-se, mais uma vez, a negação de responsabilidade sobre os fatos e sua relação com seu tio, von Cossel e seus parentes. As negativas perpassaram todo o discurso.

Estas entrevistas, além de dar uma nova versão a figura de Cossel, a versão familiar, deu novas interpretações ao papel do partido no Brasil ao se verificar, por exemplo, o reconhecimento que von Cossel tinha — da parte do governo nazista — com muitas viagens à Alemanha que resultavam em uma constante interlocução com os líderes máximos do regime nazista como Ernst Wilhelm von Bohle, chefe do movimento nazista no exterior, Rudolf Hess, substituto do Führer, e o próprio estadista Adolf Hitler.

A trajetória de nosso Hitler tropicalizado, Hans Henning von Cossel, baseada principalmente na visão da pequena “rede” familiar de colaboradoras, forneceu um interessante aspecto da história: a reprodução em nível “micro” do que aconteceu no nível “macro”, das relações Brasil-Alemanha. A tríade Cossel-Hitler-Vargas refletiu as relações de Getúlio Vargas com a Alemanha, que — quer seja por estratégia política e econômica, quer seja por mera simpatia ao regime de caráter fascista — foram, durante toda a década de 1930, de amizade e toleraram todas as atividades do partido, desde festividades, publicações de jornais nazistas, constituição de escolas com perfil nazi até o controle à distância da comunidade judaica aqui estabelecida.

⁶²²

Idem.

Capítulo 6

Nazismo no Brasil: percursos historiográficos

“Não era o movimento nazista na região que possibilitava a apologia da cultura teuto-brasileira. Pelo contrário, era a arrancada da apologia, na década de 30, que possibilitava as manifestações nazistas.”

Sergio Sant’Anna⁶²³

⁶²³

SANT’ANNA, op.cit.

O tema do partido nazista no exterior e o estudo da A.O. (Organização do Partido Nazista no Exterior) que o promoveu está longe de estar esgotado. Existem algumas pesquisas que abordaram, de uma maneira geral, a estrutura e funcionamento deste *Gau* (comarca) do partido nazista, mas datam das décadas de 1960 e 1970.⁶²⁴ Com a abertura de novos arquivos⁶²⁵ e o acesso a novos documentos, tais estudos mereceriam ser revistos a partir de novas abordagens historiográficas. São raros também os estudos específicos sobre os grupos do partido nos países em que funcionou, caracterizando-se então um caminho a ser percorrido pelos estudiosos. Também existem fontes documentais relacionadas a grupos específicos do partido nazista, que ainda não possuem nenhum estudo correspondente⁶²⁶.

Alguns países já foram alvo de reflexões historiográficas sobre o partido nazista na América Latina. A maioria surgiu a partir da década de 1980 com abordagens sobre o Chile, a Argentina, o México e o Brasil, entre outros⁶²⁷. Reflexões sobre os grupos do partido em outros países do continente, como Guatemala, Bolívia, Paraguai e Uruguai ainda não foram realizadas.

Com relação aos alemães no Brasil, temos estudos sobre a imigração e a colonização alemã, principalmente nos estados do Sul. Estes autores, muitas vezes tangenciaram o tema do partido nazista em território brasileiro, mesmo que este não seja o seu objeto principal. Temos também muitos trabalhos sobre a Era Vargas. De uma maneira geral, em algumas destas obras analisou-se o posicionamento do Brasil frente ao conflito mundial da II Guerra e a presença da comunidade alemã em terras brasileiras.

⁶²⁴ JACOBSEN, Hans-Adolf. *Nationalsozialistische Außenpolitik (1933-1938)*. Berlin, 1968; McKALE, Donald M. *The Swastika outside Germany*. Kent, 1977.

⁶²⁵ Como por exemplo, de algumas DEOPS estaduais no Brasil. O arquivo federal da Alemanha e o Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores de Berlim também receberam na década de 1990 importantes coleções como, por exemplo, a do Berlin Document Center (1994).

⁶²⁶ Nas bibliotecas alemãs, há trabalhos historiográficos sobre a Bélgica e a Suíça.

⁶²⁷ Citamos como exemplo: **MÜLLER**, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika: die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien und Mexiko, 1931-1945*. Verlag Hans-Dieter Heinz Akademischer. Verlag Stuttgart, 1997; GAUDIG, Olaf; VEIT, Peter. *Der Widerschein des Nazismus. Das Bild des Nationalsozialismus in der deutschsprachigen Presse Argentiniens, Brasiliens und Chiles 1932-1945*. Berlin, 1997; FARIAS, Victor. *Los Nazis en Chile*. Barcelona, Seix Barral, 2000; CAMARASA, Jorge A. *Los nazis en la Argentina*. Legasa: Buenos Aires, 1992. CONVERSE, Christel. *The rise and fall of Nazis influence among the German-Chileans*. Ann Arbor, 1990. Dissertação; EBEL, Arnold. *Das Dritte Reich und Argentinien. Die diplomatischen Beziehungen unter besonderer Berücksichtigung der Handelspolitik (1933-1939)*. Köln / Wien, 1971; FREYE, Alton. *Nazi Germany and the American Hemisphere (1933-1941)*. London: New Haven, 1967; HILTON, Stanley. *Hitler's Secret War in South America (1939-1945). German Military Espionage and Allied Counterespionage in Brazil*. London: Baton Rouge, 1981.

Especificamente sobre o partido nazista no Brasil, mesmo considerando que importantes reflexões foram realizadas⁶²⁸, ainda há muito a pesquisar. Os estudos sobre o partido privilegiaram muitas vezes uma perspectiva política e nacional, não abordando as diferenças regionais. Neste sentido, estudos que analisem os partidos nazistas regionais do Brasil serão importantes, dado o tamanho deste País e suas diferenças. Pesquisas sobre a repressão ao partido nazista em São Paulo⁶²⁹ e sobre a comparação entre os núcleos das cidades do Rio de Janeiro e de Blumenau⁶³⁰ privilegiaram esta linha de pesquisa.

Tanto os estudos sobre imigração alemã no Brasil quanto os referentes ao partido têm uma tendência clara para a regionalização, privilegiando a região Sul brasileira. O meu estudo propôs um caminho inverso: tratar a questão do nazismo sob a perspectiva nacional sem deixar de observar as peculiaridades dos contextos regionais dos estados que tinham núcleos desta organização partidária, contemplando estados onde a sua presença não foi tão expressiva, caso do Norte e do Nordeste.

No campo das comparações entre países, destaca-se Jürgen Müller. Ele fez uma história comparada entre os *Landesgruppen* (grupos nacionais) do Partido Nazista na Argentina, Brasil, Chile e México. Para isto, o autor utilizou fontes de arquivos alemães e de arquivos de cada país. No caso do Brasil, o autor chamou a questão para o Nacionalismo, crescente desde o século XIX, e para o chamado “perigo alemão”. Segundo ele, devido ao perigo alemão, escolas foram nacionalizadas, os cultos passaram a ser feitos em português e o jovem teuto-brasileiro foi obrigado a servir no exército brasileiro. Destaca também o grande sucesso do movimento integralista na região Sul. Apesar das medidas de

⁶²⁸ Quanto aos trabalhos historiográficos brasileiros sobre o Partido Nazista no Brasil, destacam-se os seguintes: COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói, 1988. Dissertação (História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Centro de Estudos Gerais, Universidade Fluminense; MORAES, op. cit.; MORAES, Luís Edmundo. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro*. Technische Universität zu Berlin – Fachbereich Geschichte. Zentrum für Antisemitismusforschung, 2001; GERTZ, op.cit.; BREPOHL, M. D., op.cit.; SANTANA, op.cit.; SANT’ANNA, op. cit.; DIETRICH, *Caça às Suásticas, o partido nazista no Brasil sob a mira da polícia política*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001.

Quanto aos trabalhos de autores alemães e de outras nacionalidades que trabalharam com este tema, cito: FREYE, op.cit.; HARMS-BALTZER, Kate. *Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen (1930-1938)*. Berlin, 1970; BARTELT, Dawid. *Die Auslandsorganisation der NSDAP in Brasilien im Rahmen der Deutsch-Brasilianischen Beziehungen 1931-1939*. Magisterarbeit. Fachbereich Geschichtswissenschaften der Freien Universität Berlin, 1991; [MÜLLER](#), op.cit.

⁶²⁹ DIETRICH, op.cit.

⁶³⁰ MORAES, op.cit.

nacionalização, as relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha, a partir de 1934, começaram a melhorar substancialmente.

Luís Edmundo de Moraes trabalhou com a problemática do partido nazista no Brasil em dois estudos. No primeiro, como Müller, também analisou a questão do Nacionalismo brasileiro. No segundo, trouxe como abordagem principal os “casos” das cidades do Rio de Janeiro e Blumenau, traçando um estudo comparado. O autor fez levantamentos numéricos por: cidades, grupos, profissão dos membros do partido nazista no Brasil e de todos os *Landesgruppen* (grupos do país) da organização partidária nacional-socialista no mundo. Mencionou também as associações ligadas a ideologia nazista no Brasil – a Juventude Hitlerista, a Associação de Mulheres Nazistas, a Associação de Professores Nazistas, a Ajuda de Inverno e a Frente de Trabalho Alemã.

Os autores Donald Mc Kale e Hans-Adolf Jacobsen fizeram uma análise do papel da A.O., trazendo seu histórico e desenvolvimento. Jacobsen traçou a história da A.O. de maneira cronológica, desde suas origens em 1931 (quando era um departamento do partido) até 1938. Entre as questões trabalhadas estão: as funções, a estrutura, a seleção do pessoal, a tentativa de unificação dos alemães no exterior e a nomeação de Wilhelm von Bohle para o chefe da A.O. no Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. A análise de Mc Kale abordou a biografia dos líderes desta organização, primeiramente Hans Nieland que, segundo o autor, tinha uma pequena articulação política e, depois, Ernst Wilhelm von Bohle. Bohle teria expandido a A.O. com os grupos partidários do exterior. Analisou também a atuação da A.O. em diversas partes do mundo: na América, Ásia, África e Europa.

Dawid Bartelt desenvolveu em “A Organização do NSDAP no Brasil no ramo das relações brasileiro-germânicas nos anos de 1931-1939”, uma perspectiva política e econômica da história do partido nazista em solo nacional. Entre as questões trabalhadas estão os obstáculos e a resistência da colônia alemã neste País, as tendências anti-semitas em solo brasileiro e as relações econômicas entre Brasil, Alemanha e Estados Unidos, na década de 1930. Além disso, afirmou que a GESTAPO e o Brasil trabalharam juntos em uma luta anticomunista. Analisou a questão da legislação nacionalista e como esta repercutiu nas ações do partido nazista no Brasil.

Marionilde Brepohl também chamou a atenção para a organização responsável pela divulgação do nazismo no exterior, a A.O. “A A.O. se constituía num órgão de

informações sobre as possibilidades de realização de transações comerciais favoráveis ao seu país”.⁶³¹ Segundo ela, esta organização esperava que, por meio da propaganda ideológica, pudesse se formar um contingente de cidadãos do Reich, que serviria como reserva militar em caso de alistamento.⁶³²

Meu trabalho de Mestrado *Caça às Suásticas - o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política* analisou especificamente este grupo regional do partido, sob a perspectiva da repressão da Polícia Política paulista utilizando como *corpus* documental o acervo DEOPS-SP. Tendo como fonte os inquéritos, ofícios, termos de declaração e material apreendido pela polícia, fotografias, panfletos e jornais procurei datar, em primeiro lugar, o período em que o partido nazista funcionou livremente, sem ser incomodado, e em segundo lugar, quando e por que se deu a repressão aos alemães. Interessou-me também analisar os mecanismos que a polícia política utilizava nos processos de controle, vigilância e prisão.⁶³³

As conclusões foram que, na primeira fase do governo Vargas (1930-1937), o nazismo teve *livre trânsito* encontrando um clima propício à sua organização como partido subvencionado por múltiplas organizações alemãs distintas por suas funções: culturais, diplomáticas, industriais, educacionais, financeiras, etc.⁶³⁴

Entre 1938-1942, o alemão não era visto como um perigo ideológico pela divulgação do ideário nazista e sim um perigo “étnico”, visto como “alienígena” ao homem nacional brasileiro que se desejava construir. A partir de 1942, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados, este perigo ganhou uma nova dimensão, transformando-se em “militar e ideológico”. O alinhamento brasileiro ao lado dos Aliados redefiniu uma série de posturas e atitudes dos órgãos de repressão. O estado de neutralidade não permitia certos tipos de coação / repressão.

Com relação aos mecanismos da polícia política, percebeu-se o principal elemento incriminador de um alemão era o antinacionalismo brasileiro. Isto poderia servir, ao mesmo tempo, para incriminar inocentes e inocentar culpados. Por exemplo, um alemão que fosse flagrado falando alemão em público era considerado nazista; mas um dirigente político do

⁶³¹ BREPOHL, Marionilde Dias. “A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã / FFLCH/USP, 1995, p. 225.

⁶³² Ibidem.

⁶³³ DIETRICH, 2001, op. cit.

⁶³⁴ Ibidem.

partido nazista que não incorresse em atos contra o nacionalismo brasileiro poderia sair ileso.⁶³⁵

Além dos trabalhos já citados, outros autores — mesmo que não tenham o partido nazista como tema — forneceram, por meio de seus estudos, indícios da divulgação da ideologia nazista no Brasil na comunidade alemã e teuto-brasileira. Dentre estes, a historiadora Marionilde Dias Brepohl se preocupou em investigar o nacionalismo alemão dos imigrantes da região Sul brasileira, a partir da teoria do pangermanismo. A preservação da identidade nacional alemã estaria ligada à fidelidade ao nacional-socialismo. Neste sentido, o germânico verdadeiro seria apenas o alemão nazista. Brepohl contestou as hipóteses de que poderia ter havido um projeto expansionista de Hitler na América Latina (incluindo o Brasil).

Nesta época, além do pangermanismo⁶³⁶ alemão, havia o pan-eslavismo⁶³⁷ e o pan-americanismo. Todas estas ideologias com intenções de ampliar o espaço territorial definiram zonas de interesse dentro dos continentes. No caso do pan-americanismo, política expansionista norte-americana, o Brasil interessava aos Estados Unidos, representando uma importante nação para a "política de boa vizinhança". A Alemanha também se interessava pelo Brasil tanto pelo fornecimento de matérias-primas quanto como importante ponto militar e estratégico.⁶³⁸

Também René Gertz, em *O perigo alemão e O fascismo no sul do Brasil*, abordou a questão do nazismo no Brasil, bem como as relações entre o Brasil e a Alemanha no período de 1933 a 1938, analisando as colônias alemãs da região Sul. Segundo ele, os imigrantes eram orgulhosos de sua condição de “alemães” e não queriam ampliar este privilégio a outros por meio da concessão da cidadania.

A apologia ao germanismo unia a comunidade, fazendo com que, mesmo distante das formas de representação da ideologia nazista, ela se sentisse membro de uma nação e comprometida com seus interesses. Com relação a esta questão, o autor Sérgio Sant’Anna, em seu estudo, *História palinódica, significações culturais de uma regionalidade teuto-*

⁶³⁵ Ibidem.

⁶³⁶ Movimento político, surgido no século XIX, que pretendia a união dos povos germânicos. Fortaleceu-se com a unificação da Alemanha em 1871 e mais tarde, Hitler iria endossá-lo com sua teoria da busca pelo espaço vital. LENHARO, op. cit, p. 75.

⁶³⁷ O pan-eslavismo era um movimento, criado no século XIX, que buscava a união de todos os povos eslavos, cujo principal representante foi Bakunin.

⁶³⁸ DIETRICH, op. cit, 2001.

brasileira, afirmou que o pangermanismo era vinculado ao nacionalismo alemão. Era difundido, principalmente pela imprensa alemã no Brasil, que todos os alemães e descendentes no mundo poderiam formar uma unidade nacional, não sendo necessário um território específico, mas a configuração de uma cultura unificada⁶³⁹.

No Sul houve a difusão do sentimento de germanismo (*Deutschtum*), que podia ser definido como a conservação de valores étnicos (língua, costumes e tradições) pelos alemães e teuto-brasileiros.⁶⁴⁰ A derrota da Alemanha na I Guerra fez surgir entre os germanistas uma oposição à República de Weimar e um movimento de renovação do povo alemão. Os germanistas mostravam-se favoráveis ao hitlerismo, mas não aceitavam de bom grado os partidários, que pouco conheciam a realidade do país.

O pangermanismo, segundo Marionilde Brepohl, permitiu a construção de um imaginário social sobre a nação alemã, facilitando a coesão social entre os membros da colônia. Este sentimento teria ocasionado, nas comunidades alemãs estabelecidas no Sul, uma identidade social entre os imigrantes, uniformizando-os “por dentro” (o sangue, a língua, a cultura), enquanto que o nazismo tentava uniformizá-los “por fora”, dado o caráter sectário desta doutrina que esperava formar “alemães integrais”.⁶⁴¹ O movimento nazista do Sul do Brasil “não favoreceu a afirmação de sua identidade coletiva, como fez o pangermanismo nas décadas anteriores. Pois, em seus delírios darwinistas, os nazistas rejeitavam diversas parcelas deste segmento social, quer por motivos étnicos, culturais ou políticos⁶⁴²”. Eram muitos os fatores segregadores do nazismo: os partidários discriminavam, entre os teuto-brasileiros, aqueles que não utilizavam corretamente o idioma alemão, os que se miscigenaram e os que não tinham a cidadania alemã. Segundo a autora, todos estes elementos atrapalharam na divulgação desta ideologia na região Sul brasileira, dando a ela um perfil de “seita” dentro da comunidade alemã no Brasil.⁶⁴³

Para a divulgação das idéias germanistas, nota-se a importância da Liga Pangermânica e dos meios de comunicação de massa, que teriam ajudado a reduzir a distância entre os imigrantes e a sua pátria mãe. Havia também associações alemãs preocupadas com os germânicos residentes no exterior para a preservação de uma

639 SANT’ANA, op. cit.

640 GERTZ, op.cit..

641 BREPOHL, M. D., op.cit..

642 Ibidem, p. 209.

643 DIETRICH, 2001, op. cit.

“identidade étnica”. As idéias de *Gross Deutschland* (Alemanha grande) e o pangermanismo passaram a ser divulgadas na América Latina e no Brasil já nos fins do século XIX, sendo que o nacionalismo alemão “extrapolava” as noções territoriais.⁶⁴⁴

O desenvolvimento do pangermanismo favoreceu, mais tarde, a adesão a um discurso nazista dada as semelhanças entre as duas correntes. Segundo Sant’Anna, a adesão de alemães e de descendentes ao partido nazista local está diretamente associada à divulgação dos ideais pangermanistas pela Liga Pangermânica.⁶⁴⁵

Durante I Guerra Mundial, o vínculo do sangue tornou-se cada vez mais presente no discurso germanista, aproximando os alemães da Alemanha. No período de 1930-1937, divulgou-se junto à comunidade alemã radicada no Sul do Brasil, “inúmeras obras pró-arianas e germanófilas que criaram (...) uma verdadeira mina semântica para a articulação do discurso racista”⁶⁴⁶, favorecendo o crescimento do sentimento de identidade nacional. Assim, o movimento nazista encontrou expressão no imaginário dos alemães e seus descendentes que residiam no Brasil prestando-se como um reforço às idéias germanistas difundidas desde a década de 1920. O nazismo teria importância pelas significações que manipulava e não enquanto doutrina ideológica, pois tais significações aproximavam-se do imaginário popular teuto-brasileiro de apologia ao germânico.

Apesar da adesão às idéias nazistas, os teutos do Sul do Brasil criticavam a organização de um partido que vinha de fora e não condizia com a realidade deles. Os teutos não desejavam que o Brasil fosse dominado pelo regime hitlerista. Porém, ao contrário de Gertz que constatou uma “franca antipatia” da comunidade frente ao partido, Sant’Anna afirmou que as críticas a ele eram brandas uma vez que a comunidade tinha incorporado valores nazistas. Os agentes do partido nazista eram, segundo ele, geralmente bem recebidos nestas regiões, porém o discurso político-institucional do nazismo não atraía, mas sim o seu conteúdo cultural de apologia à raça alemã. Apesar de elencar muitas semelhanças entre os dois discursos, Sant’Anna ressaltou que o pangermanismo se diferenciava do nazismo, pois era marcado pela heterogeneidade brasileira distanciando-se dos princípios segregadores do nacional-socialismo. Com o projeto de nacionalização empreendido por Vargas, o nacionalismo brasileiro entrou em choque com o germanismo

644 Ibidem.

645 SANT’ANNA, op.cit.

646 Ibidem, p. 494.

difundido entre a comunidade alemã. Segundo o autor, até mesmo manifestações de caráter cultural foram associadas a um perigo a esta unidade nacional brasileira.

A propaganda do “perigo alemão” favoreceu a difusão de um antigermanismo de parte da população brasileira que, a partir da I Guerra Mundial, passou a ver o alemão como um perigo à identidade nacional. O ideário nacionalista do Brasil entrou em choque, então, com o ideário “pangermanista” alemão, gerando formas de resistência do imigrante. A aproximação entre os ideais nazistas e pangermanista somente se processou no plano ideológico.

Se observarmos as formas de estruturação da propaganda nazista, seja por parte da *Auslandsorganisation*, seja dos pangermanistas que se converteram ao nazismo, ou dos *Neudeutschen*, constatamos que sua lógica se baseou na necessidade de irradiação de um conjunto de idéias-força que visou recobrir todo o campo cultural que se pretendia dominar.⁶⁴⁷

As relações entre o Brasil e a Alemanha tornaram-se mais estreitas após a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha em 1933, tanto do ponto de vista político quanto econômico. A partir daquele ano, houve um crescente interesse por parte da Alemanha pelo mercado brasileiro. Além disso, em 1936, as representações diplomáticas — que até então funcionavam como legação — foram elevadas para a categoria de embaixada, oficializando a simpatia do governo brasileiro pelo projeto político alemão por meio de acordos comerciais, visitas oficiais, intercâmbio cultural e política imigratória.⁶⁴⁸

Segundo René Gertz, alguns fatos podem ser interpretados como colaboracionismo entre os governos brasileiro e nazista. O próprio presidente Getúlio Vargas teria se envolvido no engajamento das campanhas beneficentes de inverno promovidas pela Winterhilfe (Ajuda de Inverno). O governo brasileiro teria enviado na década de 1930 carregamentos de café ao governo alemão. Além disto, teria havido uma espécie de acordo para se treinar os policiais brasileiros com táticas da GESTAPO.⁶⁴⁹

⁶⁴⁷ Ibidem, p. 207.

⁶⁴⁸ GERTZ, op.cit.

⁶⁴⁹ Ibidem, p. 63.

Na mesma direção, Seitenfus elencou motivos para o estreitamento das relações Brasil-Alemanha após a ascensão do III Reich, entre eles, a luta anticomunismo que aproximou ideologicamente a polícia de Vargas à GESTAPO. O governo brasileiro teria expressado sua simpatia pelo movimento nazista que se desenvolvia no Sul do Brasil. Aliás, mais do que simplesmente mostrar-se favorável, o governo teria também estimulado tais manifestações, que após 1938 foram tachadas de nazistas.⁶⁵⁰

Seitenfus⁶⁵¹ afirmou que o partido nazista pretendeu traçar uma identificação dos alemães residentes no Brasil com o III Reich, a fim de que, desta forma, eles pudessem aderir à doutrina nacional-socialista. Segundo ele, a interferência alemã se fez sentir também na educação, com um grande número de escolas que divulgavam as idéias nazistas. Os germânicos também influenciaram as comunicações aéreas, mantendo um conjunto de rotas dominadas pelas companhias de aviação alemãs que cobriram três quartos do território sul-americano. Algumas das mais importantes companhias aéreas brasileira estariam a partir de 1927, segundo o autor, sob o controle parcial da alemã *Lufthansa*:

As linhas aéreas brasileiras encontram-se, a partir de 1927, quando da criação do *Sindicato Condor* e de sua filial *Varig*, sob o controle parcial da *Lufthansa*. Em 1934, brasileiros de origem alemã fundam a Companhia Vasp, subvencionada pelos Estados de São Paulo e Goiás.⁶⁵²

Seitenfus afirmou que, ao se conflagrar a II Guerra, os aviões pertencentes ao *Sindicato Condor* transmitiram informações para a Marinha de guerra alemã sobre o sistema de defesa brasileiro, avisando também da posição das embarcações militares ou de transporte que navegavam pelo Brasil.⁶⁵³

Para Gertz, a propaganda norte-americana e inglesa sobre “perigo alemão” teria sido uma variável importante para o governo brasileiro se posicionar em favor dos Aliados. Segundo esta propaganda, haveria um real perigo de invasão militar alemã no Brasil, principalmente nas áreas de maior colonização, na região Sul brasileira. Tudo isto seria

⁶⁵⁰ Ibidem.

⁶⁵¹ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Nacional; Brasília: Fundação Pró-Memória, 1985, p. 97.

⁶⁵² Ibidem, p. 55.

⁶⁵³ Ibidem, p. 54-55.

facilitado, pois os alemães não se encontrariam totalmente assimilados como o eram na América do Norte.⁶⁵⁴

Esther Cohen acrescentou que a mudança de posição da política brasileira com relação ao governo alemão teria ocorrido também devido a suspeita de participação nazista no atentado integralista de 1938. Cohen também levou em consideração o implemento de um projeto de nacionalização do governo brasileiro, pelo qual todos os estrangeiros, inclusive os alemães, seriam considerados “nocivos” à nação.⁶⁵⁵

O trabalho de Käte Harms-Baltzer abordou a nacionalização dos imigrantes alemães no Brasil como problema para relações entre este país e a Alemanha no período de 1930 a 1938. Analisou a chamada legislação de nacionalização do governo de Getúlio Vargas e seu conflito com as atividades da A.O. O processo nacionalista, segundo a autora, teria se iniciado nos estados brasileiros do Sul e daí então se estendido para o Brasil de uma maneira geral.⁶⁵⁶ Com o empreendimento desta campanha pelo governo federal, uma série de medidas abalou o *Deutschtum* como, por exemplo, a nacionalização do ensino e a proibição do emprego do idioma alemão tanto na língua corrente como nos jornais, revistas e livros que circulavam junto à comunidade.⁶⁵⁷

Até 1942, ano em que o Brasil ingressou na guerra ao lado dos Aliados, a “questão alemã” foi encarada pelo governo brasileiro, sobretudo, como “um problema de fazer cumprir decretos”.⁶⁵⁸ Com a entrada do Brasil na guerra, a comunidade alemã foi controlada e vigiada por meio de medidas legislativas e policiais, como a exigência de salvo-conduto para “súditos do Eixo”, a proibição de se falar alemão em público e de ouvir transmissões radiofônicas dos países tidos como inimigos, assim como a intensificação do controle às associações estrangeiras e aos meios de transporte de propriedade de firmas alemãs.

Outro trabalho que trouxe indícios da presença de elementos nazistas a serviço do Reich no Brasil foi *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil (1939-1945)*, do brasilianista Stanley Hilton. Nesta obra, Hilton analisou a rede de espionagem nazista no País na época da II Guerra Mundial. Descreveu quais foram os métodos de atuação dos espões e como a

⁶⁵⁴ GERTZ, op. cit.

⁶⁵⁵ COHEN, op.cit.

⁶⁵⁶ HARMS-BALTZER, op. cit.

⁶⁵⁷ GERTZ, op. cit.

⁶⁵⁸ COHEN, op. cit, p. 88.

polícia política de Getúlio Vargas conseguiu capturá-los e descobrir as redes que funcionavam no Brasil. O autor também dissertou sobre a formação de colônias alemãs de imigrantes nas quais o nazismo foi bastante divulgado nesta época.

Sobre as numerosas obras da historiografia nacional que analisaram o governo Vargas, serão apresentadas apenas algumas, de acordo com as perguntas norteadoras deste trabalho. Foram escolhidas aquelas que analisaram a posição do governo brasileiro frente ao partido nazista e aquelas que abordaram os conflitos raciais no Brasil durante a década de 1930, entre eles, o possível e discutido anti-semitismo.

Robert Levine afirmou que uma “corrente subterrânea de xenofobia e anti-semitismo veio à tona no começo da década de 1930”. A maior expressão seria entre a elite intelectual brasileira. Alguns eram leitores dos estudos de racistas europeus como Gustave Le Bon e Ludwig Gumplowicz. A constituição de 1934 também colaborou para restringir a imigração dos refugiados judeus vindos da Alemanha nazista. Mas apesar destes indícios, segundo o autor, o anti-semitismo não era bandeira do governo Vargas, apesar de ele ter tolerado o aumento de atividades anti-semitas, principalmente promovidas pelos integralistas.⁶⁵⁹ Segundo ele, o Estado Novo tinha pouco da parafernália monolítica do totalitarismo: “O nazismo não obcecou o Estado Novo salvo por alguns resquícios de xenofobia e sobrevivências de atitudes antijaponesas ou anti-semitas por parte de uma pequena minoria”.⁶⁶⁰

Tanto Roberto Gambini em *O duplo jogo de Vargas* quanto Maria Luiza Tucci Carneiro em *O anti-semitismo na Era Vargas* abordam a questão do jogo político de Getúlio Vargas, que não ocultava uma certa atitude de simpatia aos governos nazi-fascistas (Alemanha e Itália), insistindo, entretanto, em se mostrar “neutro” aos olhos dos norte-americanos. Segundo Gambini, a divulgação do pan-americanismo no Brasil não foi capaz de atingir as colônias imigrantes alemãs que mantiveram a sua homogeneidade cultural. Tal tese do “jogo duplo” já foi contestada. Há alguns historiadores, como é o caso de Robert Levine, que acreditaram que, ao invés de um jogo, o que houve realmente foi uma estratégia articulada do então presidente Getúlio Vargas.⁶⁶¹

⁶⁵⁹ LEVINE, Robert. *O regime de Vargas, os anos críticos 1934-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 43.

⁶⁶⁰ Ibidem, p. 264.

⁶⁶¹ LEVINE, Robert. *Pai dos Pobres. O Brasil na Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Tucci Carneiro, por sua vez, abordou a questão da neutralidade de Getúlio Vargas que serviria para encobrir interesses comerciais, além de uma certa afinidade ideológica pelo nazismo e fascismo, vistos como modelo de progresso. Segundo ela, os ideais nazistas, assim como o anti-semitismo, também foram endossados pelos órgãos de segurança do governo, principalmente pela Polícia Política de Filinto Müller.⁶⁶²

Tal posição é questionada pelos historiadores Zilda Márcia Gricoli Iokoi e Jeffrey Lesser.⁶⁶³ Segundo Iokoi, o anti-semitismo é parte do problema e não a sua essência. A perseguição do governo brasileiro foi, em primeiro lugar, contra os intelectuais de esquerda e os comunistas, muitos deles, judeus vindos da Polônia. Eles eram perseguidos por serem comunistas e não por serem judeus. Na mesma linha de análise, Jeffrey Lesser afirmou que, mesmo com a presença de uma circular secreta proibindo a concessão de vistos para pessoas de origem semita, a imigração judaica para o Brasil explodiu na década de 1930, sendo o Brasil o terceiro país do mundo a receber esses imigrantes, perdendo apenas para os Estados Unidos e para a Argentina. Lesser afirmou que alguns intelectuais defendiam a tese do darwinismo social e do racismo científico, mas os judeus, ao contrário dos negros, eram bem-vindos ao Brasil por serem brancos e considerados como europeus. Com relação a este problema, o autor afirma uma controvérsia: os judeus que queriam imigrar para o Brasil eram considerados “não-brancos”, enquanto que os judeus que já viviam em nosso País eram considerados “não-negros”.

Ainda sobre alemães no período da II Guerra, cita-se o livro *O Canto Vento*, de Camões Filho, que tratou da história dos prisioneiros alemães nos campos de internamento brasileiros. Esses ex-tripulantes do navio Windhuk ficaram presos no Brasil de 1942 a 1945. Mais recentemente, em 1997, Suzana Ribeiro, pesquisadora do NEHO (USP) recuperou as histórias de vida dos prisioneiros de guerra no Vale do Paraíba.⁶⁶⁴

Destaca-se que os estudos citados serão de muita importância para a análise de diversas questões do presente trabalho, principalmente no que diz respeito à conjuntura

⁶⁶² CARNEIRO, op. cit.

⁶⁶³ IOKOI, Zilda Marcia. *Intolerância e resistência. A saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975)*. São Paulo: Humanitas; Itajaí: UNIVALI, 2004; LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica. Imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

⁶⁶⁴ RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *História de vida dos prisioneiros de guerra no Vale do Paraíba durante o Estado Novo*. Relatório de Iniciação Científica. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy. FAPESP, 1997.

histórica dos anos 1930 e 1940 no Brasil e na Alemanha, bem como sobre as relações políticas, econômicas e culturais entre os dois países.

Meu estudo traz a perspectiva da tropicalização do nazismo, ainda não pensada pelos demais autores. Pelo eixo da tropicalização, propôs-se pensar o fenômeno do nazismo no Brasil a partir do olhar do III Reich, explicitado pelos inúmeros relatórios, telegramas, artigos, cartas e correspondências sobre o Brasil elaborados pela A.O., pela diplomacia alemã e partidários ou envolvidos em associações ligadas ao nazismo.

As fontes da documentação oficial da A.O. presentes nos arquivos alemães permitiram fazer uma análise do partido no Brasil dentro do contexto mundial do movimento do nacional-socialismo no exterior e não somente a partir de conflitos nacionais e da perspectiva do governo Vargas. Interessou, neste caso, uma visão “de fora” sobre este grupo partidário, ou seja, a importância dele, em um primeiro momento, para o III Reich. Pela grande quantidade de periódicos da época de cunho nazista, foi possível trazer aspectos do cotidiano dos partidários.

Apontamentos conclusivos

Comecei a desenvolver esta tese na Alemanha no inverno de 2002. Lembro que me espantava muito ver a neve cair da janela da Escola de Alemão em Leipzig (ex-Alemanha oriental) em um edifício típico da arquitetura alemã com telhados em forma de triângulo, parecendo que tinha saído de um dos contos dos irmãos Grimm. Terminei-a, no entanto, no verão paulista de dezembro de 2006, um verão abafado, quente. Choveu toda à tarde, o ar permanece ainda pesado. Quatro anos se passaram desde o início, anos nos quais arquivos foram percorridos, debates aconteceram, entrevistas foram realizadas.

A trajetória desta pesquisa se parece um pouco com meu caminho, um caminho entre dois países. O tema também orbita entre dois pólos: desvendar o processo de transferência das estruturas partidárias da Alemanha para o Brasil e, ao mesmo tempo, recuperar histórias de imigrantes alemães que atravessaram o oceano carregando na sua bagagem idéias que fariam o solo fértil para o desenvolvimento do nazismo no Brasil na década de 1930. Estes imigrantes criaram, então, o maior grupo do partido nazista fora da Alemanha.

Foi por meio desse olhar – o olhar “imigrante”, com todas as dificuldades de aclimação social e física – que a tese do *Nazismo Tropical* foi tomando forma. Foram seus relatórios, seus depoimentos, seus discursos em estádios de futebol, seus artigos nos jornais, suas experiências pseudo-científicas para verificar a possibilidade de criação de uma raça ariana em solo tropical, seus embates com a população local que deram o tom e as matizes deste trabalho.

Da mesma maneira, o trabalho com as fontes documentais transitou entre estes dois países. Na Alemanha, pude pesquisar as atas oficiais da Organização do Partido Nazista no Exterior, assim como um grande número de periódicos e livros anuais. Frequentei seminários sobre a temática do nazismo e, ao mesmo tempo, visitei os locais desta memória, como museus e campos de concentração. A volta ao Brasil me fez, além de poder cruzar estas informações com a de arquivos nacionais, seriar documentos e amadurecer a problemática da tropicalização do nazismo.

Duas fontes fizeram um contraponto com a densidade da extensa documentação diplomática que predomina neste trabalho: as entrevistas e as fotografias. Enquanto os relatórios constatarem que as crianças alemãs no Brasil cantavam a canção de Horst-Wessel nas festividades nazistas, Klara Bremer, ex-integrante da Juventude Hitlerista de São Paulo, a cantou para mim durante a entrevista, mesmo sem saber o nome de tão famosa canção e sua importância dentro do movimento nazista. Mesmo com o passar das décadas, a música do “Levanta a bandeira” ainda continuava viva em sua memória.

A fotografia – por assim dizer – também teve peso significativo nesta contraposição de fontes. Em uma delas, temos o símbolo da suástica em um documento escrito “Belém do Pará” o que causa um certo estranhamento. Em outra, Hans Henning von Cossel, chefe do partido, abraça suas duas filhas pequenas, endossando – iconograficamente - o discurso delas de humanização do alçoz. Outras mostram grupos de nazistas no meio a plantações de milho ou comemorando a ascensão do nazismo em fazendas, parecendo que as pessoas tinham sido colocadas lá por engano em um cenário que beira ao *fake*. A inegável presença de uma expedição nazista para a Amazônia na década de 1930: a foto da cruz de madeira com a suástica cercada de índios no meio da Amazônia. Não que a fonte fotográfica tenha sido utilizada como documento-prova, mas sim como documento-memória. Ela apresenta uma inegável aproximação com a memória deste grupo, quase sinestésica, uma vez que podemos olhar nos seus olhos, observar suas roupas, entrar em seu universo de trabalho.

Um dos grandes desafios desta pesquisa foi o próprio objeto – o nazismo no Brasil. Como é complexo se pensar este País hoje, quanto mais da década de 1930 e 1940. Um Brasil rural, mas com grandes cidades já despontando sua importância nacional. Mas, pretendi pensá-lo na sua diferença e, ao mesmo tempo, dentro de uma pretensa identidade nacional aglutinada na figura do presidente Getúlio Vargas. Os grupos se estruturaram em 17 estados brasileiros. Não foi apenas no Sul do Brasil, ou em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Não pude ignorar isto. O *nazismo regional* que se constitui um nazismo diferente em cada região brasileira e o *nazismo urbano x nazismo rural*, que apontou diferenças destas duas realidades, foram as formas encontradas para se abordar esta problemática. Espero que outros estudos, se aprofundem nesta temática, pensando na expansão destas idéias dentro dessas realidades específicas, de esferas particulares de poder e de conflitos.

Outra forma de abordar a *tropicalização do nazismo* foi explorar a figura emblemática de Hans Henning von Cossel, o *Führer* tupiniquim. Ele se tornou, dentro da análise do texto, a personificação do nazismo *que foi possível* no Brasil – um comerciante que nadava nas praias de Ipanema e “adorava viajar”, visitando as colônias rurais mais longínquas para fazer discursos pró-Eixo, o eleito homem de confiança da Alemanha no Brasil, que viajou inúmeras vezes a este país se encontrando até mesmo com o próprio Hitler. Figura contraditória – que, segundo depoimentos de sua filha, não queria voltar para a Alemanha em 1942 e só o fez, devido a ameaça de ser internado em um campo no Brasil – foi o que o nazismo tropical conseguiu construir.

Do ponto de vista da transferência da estrutura nazista do III Reich e sua versão brasileira, percebemos que a rigidez do modelo causou suas principais falhas. Foi devido à proibição de descendentes de se entrar no partido, que o partido perdeu uma das suas maiores forças no Sul, onde a comunidade alemã mais expressiva era de *Volksdeutsche* (homens do povo, descendentes) e não de *Reichsdeutsche* (cidadãos alemães). Foi devido a isto que houve uma reação ao nazismo segregacionista, líderes não foram aceitos e o integralismo se tornou a opção viável. Outro exemplo, a proibição expressa da não miscigenação, logo desobedecida por diversos partidários.

Quanto às festividades, também houve um elemento transformador. O nazismo, em solo brasileiro, se caracterizou mais pela fascinação e menos pelo terror. No Brasil, tivemos a ausência da face obscura do nazismo: os campos de extermínio, a legislação anti-

semita, a GESTAPO. Mas o caráter de fascínio das massas, as multidões agrupadas em torno de shows pirotécnicos, esta característica permaneceu. Como exemplo, observam-se as fotos das comemorações do 1º Maio, dia Nacional do Trabalhador, nos estádios de futebol e clubes de São Paulo.

(Ilustração C-1)

Com relação às redes e jogos de influência, o nazismo internacional foi configurado, particularmente, em dois tipos de movimento. O primeiro deles funcionou em direção bilateral, da matriz para as filiais e vice e versa. As ordens chegavam da matriz para as filiais e estas tinham que “prestar contas” do desenvolvimento de suas atividades para a matriz. O segundo movimento funcionava em forma de rede. Ou seja, as filiais do partido nazista espalhadas ao redor do mundo se comunicavam entre si, utilizavam-se dos mesmos preceitos teóricos e simbólicos e faziam atividades coesas. Nesta espécie de movimento “teia de aranha”, houve a formação de zonas de influência. Assim, o movimento nazista internacional foi subdividido em 8 diferentes áreas. No caso do Brasil, ele estava imerso na zona da América Ibérica. Ao contrário de se pensar a regionalização do nazismo no Brasil, esta é outra vertente de estudos que se faz possível, pensar o nazismo no Brasil imerso na rede de grupos do partido espalhados pela América Latina, verificando suas articulações e junções.

Especificamente no Brasil, a importância do partido está ligada a algumas variáveis. A principal deles foi a questão numérica: o grupo nacional deste País foi o maior do mundo dentro do movimento nazista internacional, o que pode ser explicado, entre eles outros motivos, pelo número extenso da comunidade germânica de 230 mil imigrantes presente em solo brasileiro.

Em segundo lugar, nota-se a posição de “amizade” entre os governos brasileiro e alemão, posição esta que se perpetuou durante toda a década de 1930, só se modificando de fato com o rompimento de relações diplomáticas e a entrada do Brasil na guerra em 1942. Um pouco antes, em 1938, houve um ruído nessas mesmas relações provocado pela proibição do partido, mas apesar das ameaças do governo alemão — que afirmou que esta organização partidária era o povo alemão e que, com a proibição, o Brasil poderia passar para o rol de países inimigos da Alemanha — as negociações políticas e tratados comerciais continuaram. O próprio partido passou a funcionar clandestinamente. O chefe nacional da

organização, Hans Henning von Cossel, não chegou sequer a ser preso pela polícia política de Getúlio Vargas.

A adesão desses imigrantes alemães ao partido nazista no Brasil pode ser ligada ao saudosismo da Pátria Mãe. Havia idealizações de acontecimentos, provocados pelo sentimento da distância com relação à Alemanha, pátria esta que muitos haviam deixado em um momento de crise, durante a República de Weimar, e que agora viam renascer economicamente (pelo menos isto é o que divulgava a propaganda nazista) nos braços de Hitler.

Verifica-se que o partido foi bem-sucedido em sua proposta de se instalar em território brasileiro durante no mínimo dez anos (1928-1938), sem contar os anos de clandestinidade. Foram tempos de amizade entre Alemanha e Brasil, entre Getúlio Vargas e Adolf Hitler. Entre seus objetivos, o partido conseguiu, por exemplo, que sua política de repatriamento funcionasse. Muitos alemães voltaram à Alemanha no final da década de 1930 e início da de 1940, levadas que foram absorvidas para servir ao Exército Alemão. Outro aspecto “bem-sucedido” do partido foi a campanha de financiamento da Ajuda de Inverno Alemão (*Winterhilfe*). Por essa campanha, grandes somas em dinheiro deixaram os cofres de imigrantes alemães e de empresas germânicas estabelecidas neste País.

Outro traço de sucesso foi a proteção à Educação Alemã (*Schulwesen*), questão de extrema importância ao III Reich voltada às gerações futuras, que preservariam o *Deutschtum* (germanismo). Esforços não foram medidos: financiamentos de escolas e professores que vinham ao Brasil incumbidos de educar a juventude.

Para concluir, consideramos quatro importantes variáveis que possibilitaram afirmar que o nazismo foi tropicalizado:

1) **Racismo tropical:** além dos judeus, houve desavenças com outros tipos de grupos que estavam mais freqüentemente em contato direto com o partido, como foi o caso dos negros e da grande população mestiça, classificada como “brasileiros”. Com isto, percebe-se um rol de preconceitos contra o Brasil e seu povo.

2) **Casamentos interétnicos e resistência da população local ao germanismo:** Como exemplo, citamos Roland Braun, da diretoria do partido nazista em São Paulo, casado com uma brasileira e que tinha uma filha brasileira chamada Irene de acordo com documentos da polícia política. Quanto à resistência ao germanismo, alguns descendentes de alemães

diziam se sentir mais “em casa” **no Brasil**, pois na Alemanha já seriam considerados estrangeiros.

3) **Integralismo**: caracterizado como “mistura ideológica”, algo que fugiu à lógica do “modelo”.

4) **Mistura de hábitos**: Extensa literatura afirmou que houve uma formação de guetos da comunidade alemã no Brasil, onde principalmente as comunidades rurais da região Sul brasileira, tinham criado, do ponto de vista da identidade nacional, “um pedaço da Alemanha dentro do Brasil”. No nosso estudo, vimos que isto não aconteceu. Não houve um “isolamento” destas comunidades, elas interagiam com a sociedade local, e absorviam hábitos e costumes desta mesma sociedade.

A tropicalização não se deu, portanto, em um choque imediato. Ela foi acontecendo com o passar do tempo, com as nuances que a realidade brasileira, em um processo de recepção a todas essas idéias, formas e estruturas impôs ao nazismo. Assim, foi possível aos alemães e descendentes – nas décadas de 1930 e 1940 – ao mesmo tempo comemorar o aniversário de Hitler e uma festa de São João, tomar cerveja alemã e comer canjica.

Anexos

Anexo I

Cronologia

Para sistematização dos principais acontecimentos relacionados ao período focado neste trabalho, foi feita uma cronologia subdividida em três partes: a primeira, os principais fatos históricos que aconteceram na Alemanha, no Brasil e no Partido Nazista no Brasil. Além de fornecer um balizamento temporal ao trabalho, o objetivo é inter-relacionar os fatos da época. Mesmo que o período focado seja do ano de 1928 (ano da fundação do partido) até 1945 (final da Segunda Guerra), o levantamento deu-se desde o século XIX para melhor compreensão do processo de imigração alemã.

Período	Alemanha	Brasil	Partido
1850-1920	<ul style="list-style-type: none">▶ 1890 – Reinado de Guilherme II▶ I Guerra Mundial (1914-1918)▶ 1918 – fim da I Guerra Mundial▶ 1919 – fundação do partido nazista na Alemanha.▶ início da República de Weimar(1919-1933)▶ 1920 – São criados os 25 pontos do programa do	<ul style="list-style-type: none">▶ imigração alemã▶ abolição da escravidão (1888)	

	partido.		
1920-1930	<ul style="list-style-type: none"> ▶ República de Weimar ▶ <i>Putsch</i> de Munique: juntamente com outros inimigos da república, Hitler tentou tomar o poder em novembro de 1923. Hitler é preso e então escreve o livro <i>Minha Luta</i>. ▶ 1925 – Primeira edição do livro <i>Minha Luta</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ fluxo imigratório de alemães no pós-guerra e República de Weimar ▶ governo Epitácio Pessoa (1919-1922) ▶ governo Arthur Bernardes (1922-1926) 	
1928		▶ governo Washington Luís (1926-30)	▶ fundação do partido em Timbó (SC)
1930		▶ governo Getúlio Vargas (1930-1945)	
1931	▶ fundação do Departamento do exterior do Partido Nazista (<i>Auslandsabteilung der Reichsleitung der NSDAP</i>).		<ul style="list-style-type: none"> ▶ fundação do partido em São Paulo ▶ nomeação da diretoria oficial do Partido Nazista, sede Rio de Janeiro (cerca de 40 pessoas). Primeiros objetivos: combate ao comunismo e favorecimento eleições de Hitler ▶ criação do partido na Argentina
1932			▶ fundação do órgão oficial do partido no Brasil – <i>Deutscher Morgen</i> (em 16 mar. 1932)
1933	<ul style="list-style-type: none"> ▶ em janeiro, Adolf Hitler ascendeu ao poder como chanceler ▶ 27 de fevereiro – incêndio do <i>Reichstag</i> 		<ul style="list-style-type: none"> ▶ criação de ramificações do partido e de novos cargos (subchefe, juiz, chefe de organização, tesoureiro de Auxílio de Inverno) ▶ campanha de Auxílio de Inverno
1934	<ul style="list-style-type: none"> ▶ morte de Hinderburg. Hitler nomeou-se presidente (2 de agosto) ▶ o Departamento criado em 1931 muda o nome para Organização do Partido Nazista no Exterior (<i>Auslandsorganisation</i>) e ganha o status de <i>Gau</i> (comarca). 		▶ mudança da sede nacional do partido do Rio de Janeiro para São Paulo.

1935		▶ Levante comunista	
1936		▶ visita do dirigível alemão Hindenburg ao Brasil.	▶ Campanhas de incentivo ao repatriamento.
1937	▶ nomeação de Ernst von Bohle no Ministério das Relações Exteriores como chefe da A. O. (repercussão mundial) – cresce influência da sessão exterior do partido no III Reich	▶ Estado Novo ▶ visita de um representante do DEOPS-RJ a GESTAPO	
1938		▶ decretos-lei de nacionalização envolvendo comunidades estrangeiras, inclusive a alemã. Alemão visto como perigo étnico	▶ proibição do partido no Brasil (18 abr.1938) com estremecimento nas relações diplomáticas Brasil-Alemanha ▶ Tentativa de golpe integralista em maio.
1939	▶ II Guerra Mundial – invasão da Polônia em 1º de setembro.	▶ estado de neutralidade na II guerra ▶ espionagem nazista ▶ propaganda britânica (perigo alemão) ▶ propaganda anti-britânica	▶ Partido Nazista clandestino
1940			▶ indiciamento pelo DEOPS-SP dos proprietários do jornal <i>Deutscher Morgen</i> (Ernst Sommer, Ernestina Sommer e Herbert Sack)
1941		▶ proibição de circulação de jornais em língua estrangeira	
1942		▶ entrada do Brasil na II Guerra em 22.8.1942 Alemão como inimigo militar. ▶ expulsões e deportações; ▶ naturalizações de escolas e organizações alemãs; ▶ transferência de residência e viagens controladas; ▶ apreensão de máquinas fotográficas e rádios; ▶ proibição de se falar alemão em público; ▶ prisões; ▶ exigência de salvo-conduto; ▶ internamento dos súditos do eixo em Campos de Internamento para	▶ Hans Henning von Cossel – o chefe do partido no Brasil – deixou o país. ▶ em agosto de 1942, Otto Braun, tesoureiro do partido no Brasil, que se encontrava preso pela polícia política paulista (DEOPS-SP) deu declarações informando os principais nomes dos dirigentes do partido.

		prisioneiros de guerra; ► diplomatas alemães deixaram o Brasil; ► com o rompimento das relações diplomáticas, a Embaixada da Espanha no Brasil passou a cuidar do interesses dos alemães no Brasil.	
1945	► fim da guerra (agosto de 1945) ► dissolução do partido nazista na Alemanha= ► suicídio de Hitler (abril de 1945) ► Tribunal de Nuremberg (novembro de 1945)	► devolução de máquinas fotográficas e rádios.	► dissolução do partido nazista no Brasil.

Fontes

1. Arquivo Federal da Alemanha (Berlim)

Ata	Assunto
NS 9 Schumacher 296a	Brasilien
NS 9 Schumacher 296	AO Europa
NS 90	Arbeitsplan der AO der NSDAP
NS 9 - 148	Allgemeines, u. a Tätigkeitberichte, Anmeldungen zu Lehrgängen, Mütterschickung, Mutter-Kind-Dienst
NS 9- 15	Gauorganisationsleiter: Anweisungen und Bekanntmachungen
NS 9 – 181 e 182	Mitglieder der NSDAP im Ausland
NS 9 Slg. Schumacher – 291 sobre a organização da AO.	Organisation AO
NS 9 Slg. Schumacher - 292	Idem
NS 9 Slg. Schumacher - 293	Idem
NS 9 Slg. Schumacher – 294	Idem
NS 9 Slg. Schumacher - 295	Idem
NS 9 Slg. Schumacher - 298	Idem
NS 43 - 260 Bd 2:	Verschiedene –1933-1934
NS 43 3.5 -	Amerika
NS 43- 3.5.3	Südamerika
NS 43 –326	Brasilien – Pressewesen – 1937 – 1941 (Enthält v. a., Entwicklung, Einstellung zu Deutschland Brasilien – Zeitungen A – Z 1933-1937
NS 43 - 229 Bd: G-J 1933	Gazeta Israelita, o Globo, o Homem Livre, o Imparcial, a Informação, Jornal de Assis, Joinvillenser Zeitung, Jornal de Commercio, o Jornal Rio de Janeiro, o Judeo

2. Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores – Alemanha, Berlim.

Ata	Assunto
R104940	Politische Beziehungen Brasiliens zu Deutschland – 1936-1938
R79011	Strafverfolgung, Begnadigung Deutscher in Brasilien – 1920-36
R 27195	Südamerika A. O. – Australien / Belgien / Bolivien – 1937-40

R 27196	AO – Brasilien
R99264 R99265 R99266 R99267 R99268 R99269	Nationalsozialistische Ortsgruppen im Ausland
R99270	Mitglieder der Ortsgruppen, Vereine im Ausland (1935-1936)
R99262 R99263	Nationalsozialistische Ortsgruppen im Ausland
R104939	Politische Beziehungen – Brasiliens zu Deutschland
R104940	Politische Beziehungen – Brasiliens zu Deutschland
R27195	A.O. – Brasilien (1937-1940)
R28502	Reichsminister – Brasilien (1920-1932)
R28500	Reichsminister – Südamerika (1920-1935)
R78999	Po – Brasilien (1921-1926)
R79011	Strafverfolgung, Begnadigung Deutscher in Brasilien (1920-1936)
R79055	Polizeiwesen
R127503	Brasiliendeutsche in Brasilien (1925-1938)
R127506	Kultur Abteilung – Nationalisierung ab 1934
R127507	Kultur Abteilung – Nachforschungen nach Deutschen – 1942-1944
813 814	Madrid – Interesses Alemanes

Atas pessoais

1367 a 1369	Bohle, Ernst Wilhelm
<i>Biographisches Handbuch des deutschen Auswärtigen Dienstes 1871-1945</i>	Cossel, Hans-Henning von Ehrlich, Emil Fischer, Robert
010127 a 010129	Molly, Walther
011523 a 011525	Prüfer, Curt Max
013518	Schmidt-Elskop, Arthur
012398 a 012403	Ritter, Karl

3. Instituto de Relações Exteriores – Stuttgart (Alemanha) - (Institut für Auslandsbeziehungen e. V. – Stuttgart)

A) Jornais

Nome do jornal	Ano
Der Anzeiger (Santa Rosa)	1934, 1936, 1937, 1938, 1939
Blumenauer Zeitung	1921, 1922, 1923, 1924, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938
Brasil-Kurier (São Paulo)	1928
Correio da Tarde	1935 (alguns números)
Correio do Povo (Jaraguá do Sul, Santa Catharina)	1930-31 (alguns números)
Deutsche Rio-Zeitung	1923-1928

	1930-1940
Deutsche Stimmen (Rio de Janeiro)	1933-1934
Deutsche Tageszeitung (Curitiba)	1925-1930 a partir de 1928 (Deutsche Zeitung)
Deutsche Zeitung (São Paulo)	1920-1939
Deutsche Anzeiger für die Serra (Neu-Württemberg)	1923
Deutscher Morgen (São Paulo)	1934-1939
Deutsches Tagesblatt für Brasilien (São Paulo)	1926-1930
Deutsches Volksblatt (Porto Alegre)	1920-1940
Deutsches Volksblatt (Parana und Sta Catarina)	1933, 1934, 1935 (alguns números)
Für's Dritte Reich (Porto Alegre)	1938
Folha Nova (Joinville)	1933 (alguns números)
Germania (São Paulo)	1920-1921
Joinviller Lokalanzeiger	1931, 1932
Joinvillenser Zeitung (Santa Catarina)	1935
Journal de Brasil (Rio de Janeiro)	1939-1941
Kolonie (Santa Cruz)	1907-1915, 1920-1939 1934+ beilage: Neue Heimat
Kolonie Zeitung (Joinville)	1876, 1920-1939
Der Kompass (Curitiba)	1920-1939
Neue Deutsche Tageszeitung (São Paulo)	1930
Neue deutsche Zeitung (Porto Alegre)	1921-1939
Die Neue Zeit (Candelaria)	1928-1935
Oesterreichische Zeitung (São Paulo)	1931
Parana Post (Curitiba)	1932
Die Rundschau (St. Catarina, Brusque)	1922-1937
São Paulo Staatszeitung	1926-1932
Serra Post (Ijuby)	1920-1939
Der Urwaltsbote (Blumenau)	1920-1930 1932-1941
Vaterland (Porto Alegre)	1921-1938
Volkszeitung (São Bento)	1923- 1938

B) Revistas:

Der Auslanddeutsche – Halbmonatsschrift für Ausland-	1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938,
--	-------------------------------------

Deutschtum und Auslandkunde. Mitteilungen des Deutschen Ausland- Institut Stuttgart. Verlag des Deutschen Ausland- Instituts/Druck von Karl Weinbrenner & Söhne	1939, 1940, 1942, 1943, 1944
Mitteilungsblatt. Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, Hitlerbewegung Ortsgruppe Rio de Janeiro (Rio de Janeiro).	1932-33
Das neue Deutschland (Rio de Janeiro)	1931
Der Mitkämpfer (São Paulo)	1930-39
Terra das palmeiras (São Paulo)	1922-24
Monatsblatt – Deutscher Klub Pernambuco (Recife)	1929-1937
Jahres Bericht Deutscher Verein Germania Bahia (Bahia)	1914-33

4. Arquivo do Estado - Hamburgo- Alemanha (Staatsarchiv der Freien und Hansestadt Hamburg)

A) Arquivo

Ata	Assunto
614- 2/5	NSDAP (1926-45) Ortsgruppe Hamburg (fundando em 1922)
743-11	Archiv des Auswärtigen Amtes (1899-1857)
430-30	Archivalien fremder Herkunft Harburg (1862-1973)
422-30	Verschiedener Herkunft aus dem Wandsbecker Raum zur Schifffahrts und Hafengeschichte (1702-1934)
611-20 /35	Auslandberatung (Evangelische Auslandsberatung) 1950/1975 1871
622-1	Cramer (1839-1888) in den 1860er Jahren ausgewandert
612-1/31	Kramer (1966-1970) – Senator Gerhard F. Kramer
424-27	Statistisches Amt Altona (1871-1938)
373-7I	Auswanderungsamt (I) (listas de imigrantes e reemigrantes) 1840-1944 -Legislação para reemigrantes a partir de 1882. -Estatísticas de imigração de 1852 a 1932 (Jahresberichte und Statistiken. IEI 1 e 2) - Deutsche Auswanderungspolitik II A II A 2. Verhandlungen über die Notwendigkeit einer aktiveren Auswanderungspolitik Band 1. 1926-1927 Band 2. 1926-1934 -Rückwanderer II B I IICII 3. - Brasilien Band I und 2 - Aus und Einwanderungswesen (Legislação de Hamburgo de Auswanderungswesen)

	II A II Nr. 23 – Aussichten für Landwirte in Brasilien 1920 II a II 13. Manuskript einer Broschüre von Wilhelm Marzilger „Information für Auswanderungslustige über Brasilien Argentinien und die übrigen Südstaaten“ (Warnung vor der Auswanderung) – 1926 II A II. 13a. Jüdische Auswanderer 1938-1941
373-7II	Auswanderungsamt (II) 1947-1968
132, 132-1	Auswärtige Angelegenheiten (1864) 1894-1919 (1933)
611-20/22, 613-418	Auswanderer (Hamburger Verein zum Schutze von Auswanderern) 1852-1855
611-20/30 611-20/32	Deutsches Rotes Kreuz 1915-1918 (1935) Studentenwohnheim des Deutschen Roten Kreuzes Signatur 1. Handakte des Joh. Landmann, Zugführers in der Hamburger Kolonne vom Roten Kreuz, insbesondere betreffend die Transportbegleitung bei Liebesgaben-Sendungen 1915-1918, 1935
331-3	Politische Polizei (1878-1945)
613-3/ 97 1942 1942-1963 1944-1962	Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrts Gesellschaft (1942-1963) Stiftung „Unterstützung und Versorgungskasse der Hamburg-Südamerikanischen Dampfschiffahrts-Gesellschaft Signatur 1. Satzung und Satzungen Genehmigung der Staatsverwaltung Hamburg Signatur 3. Schriftverkehr des Vorstandes Signatur 4. Protokolle der Vorstandssitzungen
611-20/29	Flüchtlinge, Deutsche und Österreichische (1914)
611-20/36	Flüchtlinge Starhilfe (1953-1991)
741-4	Fotoarchiv (Abteilungen mit Dispositiven)
430-91	Fotos (Bilder und Fotos Harburg)
132-6	Hanseatische u. Hamburgisches konsularische Vertretungen - Generalkonsulat in: - Hamb. Generalkonsulat Rio de Janeiro (1843-1866) - Hamb. Konsulat Bahia (1848-1869) - Hamb. Konsulat Dona Francisca (1853-1868) - Hamb. Konsulat. Santos (1863)
613-2/1	Interessenschaft des Hofweges auf Uhlenhorst (1857-1887) -St. Catharinen-Feldbrunnen-Interessenschaft 1. Protokoll 1857-1878 Juni 18 2. Protokoll 1878 18-1887
613-4/8	Reichsverband deutscher Auswanderer (1920-27)
233-2/622-1	Ritter – 1782-1956

	1832-1967
113-2 113-3 113-5	Verfassung Nationalsozialistische (1933-1939)- foto
363-5	Volkstum (1933-1936) (foto)

5. Instituto da História do Estado – Frankfurt am Main - Alemanha (Institut für Staatsgeschichte Frankfurt am Main)

Ata	Assunto
Magistratsakten Akten Nr. 1115/11-17a Band Nr. 1 Teil I Zugang 47/69 Signatur 5.334-5.335	Dienstreisen von Beamten, Umzugskosten (1929-1944) 1. Jornal <i>Die Unterhaltung</i> , 12.11.1936 Ein Nationalsozialist fährt nach Südamerika Von der Land jenseits von Zeit und Raum / Erlebnisbericht von Heinz Bickendorf 2. Jornal <i>Die Unterhaltung</i> , 8.12.1936 Ein Nationalsozialist fährt nach Südamerika Das Märchen des deutschen Mädels Maria in Brasilien – Erlebnisbericht von Heinz Bickendorf. 3. Jornal <i>Die Unterhaltung</i> , 22.12.1936 Weiß und Schwarz in Brasilien Ein Nationalsozialist fährt nach Südamerika / Erlebnisbericht von Heinz Bickendorf
Magistratsakten – 47/69 Signatur 5318 1115/10a 1935-1938	Dienstreisen des Herrn Oberbürgermeisters.
Personalakten Stadtarchiv Frankfurt a. M. Nachlässe S1/130 Nr. 353	Herr Max Maier – 1891 – 1976 Rolandia Brasilien
Magistratsakten Zugang 47/69 Signatur 3.655-3.658	Consulado do Brasil em Frankfurt.

6. Biblioteca Central de Berlim – Alemanha (Staatsbibliothek – Berlin)

Número de Tombo	Título
Sa 5923/1810	Jahrbuch der AO der NSDAP (1939-1942).

4 ^o Ad 858/592	Deutsches Wollen: Zeitschrift der AO der NSDAP. 1939-1941
Ag 457/206-2,13	Die Auslandsorganisation der NSDAP – Emil Ehrich – 1937. Schriften der Deutschen Hochschule für Politik, Herausgegeben von Paul Meier-Benneckenstein. II. Der Organisatorische Aufbau des Dritten Reiches. Heft 13.
Ux 13072	NS Pionier – Revista do NSDAP – Landesgruppe Guatemala – 1936/1938

7. Arquivo do Estado – Viena – Áustria (Staatsarchiv Wien)

Ata	Assunto
NPA 513	Brasilien
NPA 514	Brasilien
NPA 515	Brasilien

8. Arquivo Histórico do Itamaraty – Rio de Janeiro – Brasil

Ata	Assunto
Maco 500.3 (81)	Nazismo no Brasil
Lata 1284	Nazismo no Brasil
29501, 15636	
Lata 1285	Atividades Nazistas nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.
29506 a 29507	
Lata 1286 II	Atividades Nazistas no Brasil
29509/29517	
572.1, 29518 a 29524	Telégrafos e radiotelegrafia
Lata 1306	Atividades político-sociais no Brasil- 1940
30142	Estado de Santa Catarina
30141	Imprensa
30136	Rio Grande do Sul
30140	Propaganda nazista nos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul
	Queixas alemãs no Paraná
30139	Atividades Polonesas no Brasil
30135	Atividades político-sociais no Brasil Maahs Bernardo
30143	Atividades político-sociais no Brasil relativas à Alemanha (1938-1941),
Lata 1366	processos de expulsão
Série Ofícios	Berlim Ofícios (Legação Berlim)

9. Instituto Martius Staden –São Paulo (SP)

Nome do jornal	Ano
Deutscher Morgen	1932-1941
Deutsche Zeitung (São Paulo)	1920-1939

Bibliografia

ABECK, Helmut. *Colaboração pangermânica no Paraná nos últimos cinqüenta anos (1929-1979)*. Curitiba: Entre Rios, 1980.

ACKERMANN, Silvia. *Sob a lente alemã: súditos de Hitler pesquisam populações de origem alemã no Estado do Espírito Santo*. Anais do Simpósio Muitas Faces de uma Guerra. Florianópolis, UDESC, 2005.

A colonização alemã no Vale do Mucuri. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1993.

ALMEIDA, Aluísio de. Alemães de Santo Amaro e Alhures. *Revista de Investigações*, São Paulo: Typografia do Departamento de Investigações, V. 3, M. 26, 1951.

ALVES, Eliane Bisan. *Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo – A comunidade alemã sob a vigilância do DEOPS (1930-1945)*. São Paulo, 2002. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

AMORIM, Aluizio. *Nazismo em Santa Catarina*. Florianópolis, 2000.

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. *O risco das idéias – intelectuais e a Polícia Política (1930-1945)*. São Paulo, 2001. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

_____; OLIVEIRA, Valéria Garcia. *Cultura amordaçada: intelectuais e músicos sob a vigilância do DEOPS*. São Paulo: IMESP, 2002.

AQUINO, Maria Aparecida. “A América vai à guerra”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã / Depto. História / FFLCH/USP, 1995.

[Arbeitstagung der Politischen Leiter](#)/ Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei / Auslands-Organisation. - Erlangen, 1935-1935

ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo, anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARTÚCIO, Hugo Fernandez. *Nazi underground in South America*. New York : Toronto, 1942.

BARTELT, Dawid Danilo. *Die Auslandsorganisation der NSDAP in Brasilien im Rahmen der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1931 bis 1939*, Magister-Arbeit FU, FB Geschichtswissenschaften, Berlin, 1991.

_____. *"Fünfte Kolonne" ohne Plan. Die Auslandsorganisation der NSDAP in Brasilien, 1931-1939*. in: IAA 19, 1-2 (1993), p. 3-35.

BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Org.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4ª edição. Munique: DTV, 2001.

- BENZ, Wolfgang. *Antisemitismus in Deutschland. Zur Aktualität eines Vorurteils*. München, 1995.
- _____. *Geschichte des Dritten Reiches*. München, 2000.
- _____. *Nationalsozialismus – Ideologie und Herrschaft 1919-1945*. Vorlesung. Zentrum für Antisemitismus Forschung – Technische Universität Berlin, 2003.
- _____. *Überleben im Dritten Reich*.
- BERGMANN; W.; ERB, R. *Antisemitismus in der Bundesrepublik Deutschland. Ergebnisse der empirischen Forschung 1946-1989*. Opladen, 1991.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe, *Manual de História Oral* (4^aed.) São Paulo: Loyola, 2002.
- BRACHER, Karl Dietrich. *La dictadura alemana: genesis, estructura y consecuencias del nacional-socialismo*. Madri: Alizanza, 1973.
- BREPOHL, Friederich Wilhelm. *Reichskanzler A. Hitler und das Ausland-Deutschtum*. Ponta Grossa, 1933.
- BREPOHL, Marionilde Dias. *Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil*. Campinas, 1993. Tese (História Social) - UNICAMP.
- _____. *Pangermanismo e nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, 1998.
- BRUEHL, Helmut. [Kolonial-Bücherei : Erlebnisse und Abenteuer tapferer wagemutiger Deutscher in unseren Kolonien, in fernen Ländern und auf fernen Meeren](#). Berlin: Steiniger, [1940-1942].
- CAMARANO, Ana Amélia; BELTRAO, Kaizo Iwakami. *Distribuição Espacial da População Brasileira: mudanças na segunda metade deste século*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Avançada, 2000.
- CAMARASA, Jorge A. *Los nazis en la Argentina*. Buenos Aires: Legasa, 1992.
- _____. *Odessa al Sur. La Argentina como refugio de nazis y criminales de guerra*. Buenos Aires: Planeta, 1995.
- CAMÕES Filho. *O canto do vento – a história dos prisioneiros alemães nos campos de concentração brasileiros*. São Paulo: Scritta, 1995.
- CAMPELO, Tais. *Cortando as asas do nazismo: a Polícia Política no Rio Grande do Sul*. Projeto de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.
- CAMPOS, Alzira Lobo. Estrangeiros e Ordem Social (São Paulo, 1926-1945). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n^o 33, 1997, p. 201-237.
- CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em Cena*. Campinas: FAPESP / PAPIRUS, 1998.

_____. Vargas e a personalização do poder. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 8 nov. 1997. Caderno de Sábado, p. 4.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto. Crime contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 2000. (Col. História em Movimento).

_____. A República, identidade nacional e anti-semitismo (1930-1945). MAGALHÃES, M. Racismo no Sul do Brasil. *Revista de História*, n. 129-131.

_____. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Brasil, um refúgio nos trópicos – a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *Cidadão do mundo: o Brasil e a questão dos refugiados judeus (1933-1948)*. São Paulo, 2001. Tese (Livre Docência) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

_____. *Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. 2ª ed. revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. “Oficina de História”. *Revista Histórica / Arquivo do Estado de São Paulo*. São Paulo: IMESP, 2000.

_____. “A trilogia do estigma”. In: STRAUSS, Dieter (org.). *Não olhe nos olhos do inimigo*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CARONE, Edgard. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1973.

_____. *A Terceira República (1937-1945)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

_____. *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1977.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COEHN, Esther. *O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil*. Niterói, 1988. Dissertação (História Social) – Universidade Federal Fluminense.

COELHO DE SOUZA, J. P. *Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande*. Porto Alegre, 1941.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã / FFLCH/USP, 1995.

COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: UFRS/ Faculdade de Filosofia/ Centro de Estudos Sociais, 1963.

CONVERSE, Christel. *The rise and fall of Nazis influence among the German-Chileans*. Ann Arbor, 1990. Dissertação.

CORSI, Fr. Luís. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: FAPESP/ UNESP, 2000.

COSSEL, Hans Henning von. *Polistisches Auslandsdeutschtum*. Ponta Grossa, 1933.

CRUZ, N. *Nazismo e integralismo: proximidades e conflitos*. Mimeografado.

CURY, C. R. "A propaganda". In: *Ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Memória da barbárie – a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp / Nova Stella, 1990.

_____. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, v.22, n.44, 2002.

DALMAZ, Matheus. *A imagem do Terceiro Reich na "Revista do Globo" (1933-1945)*. Porto Alegre, 2002.

D'AMARAL, Max Tavares. *Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1950.

DAMATTA, Roberto da. "For an anthropology of the Brazilian Tradition; or a virtude está no meio". In: HESS, David da Matta. *The Brazilian puzzle (Culture on the borderlands of the Western World)*. New York: Columbia University Press, 1995, pp. 270-293.

[Das Deutschtum in Brasilien](#). Karl Ilg. - Wien, 1978

DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo: Martins, 1941.

DEPEUX, Louis. *História cultural da Alemanha (1919-1960)*. Trad. Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

[Deutsches Wollen : Zeitschr. d. Auslands-Organisation der NSDAP](#). Berlin: Gauverl. d. Auslandsorganisation, 1939-1941.

DEZEM, Rogério. *Shindo-Renmei: terrorismo e repressão*. São Paulo: IMESP, 2001.

DIAS, José Roberto de Souza; TEIXEIRA, Vera Iten; SANCHES, Denise Paraná. *Santa Catarina: imigrantes & indústria*. São Paulo: Rios, 1987.

DIEL, Paulo Fernando. ["Ein katholisches Volk, aber eine Herde ohne Hirte" : der Anteil deutscher Orden und Kongregationen an der Bewahrung deutscher Kultur und an der Erneuerung der katholischen Kirche in Süd-Brasilien \(1824 - 1935/38\)](#). St. Augustin: Gardez-Verl., 2001.

DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo, 2001. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

_____. “A serviço do Reich: Deutscher Morgen, o jornal oficial do partido nazista no Brasil”. *Revista Histórica*, São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, n. 8, set/out/nov 2002.

_____; BISAN, Eliane; PERAZZO, Priscila. *Inventário Deops – Alemanha*. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1997.

_____. “Imigração suíça e protestantismo no século XIX”. In: FERRAZ, Vera Maria de Barros (org.). *Imagens de São Paulo: Gaensly no acervo da Light (1899-1925)*. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001.

_____. SANTOS, Ana Paula; MOTTA, Deborah. Marianita Del Moro e o Jornal Fanfulla. *Revista Memória Energia*, São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, n. 28, 2001.

_____. Hitler, o mito de Joachim Fest. *Jornal da USP*, nov. 2006.

DOMINGUES, Heloisa et. al. Retrato brasileiro dos “tristes trópicos”. *Ciência Hoje*, nov. 1998.

DONAT, Frany. *Paradies und Hölle*. Stuttgart: Verlag von Strecker und Schröder, 1927.

DONATO, Hernani. *Colégio Visconde de Porto Seguro: ponte entre duas culturas (1878-1993)*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário – imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: UFRJ; Belo Horizonte: UFMG, 1997.

EBEL, Arnold. *Das Dritte Reich und Argentinien. Die diplomatischen Beziehungen unter besonderer Berücksichtigung der Handelspolitik (1933-1939)*. Köln / Wien, 1971.

EHRlich, Emil. *Die Auslandsorganisation der NSDAP*. Schriften der Deutschen Hochschule für Politik. Herausgegeben von Paul Meier-Benneckenstein. II. Der Organisatorische Aufbau des Dritten Reiches. Heft 13. Berlin: Junker Dünnhaupt Verlag, 1937.

ESCUDE, Carlos. Un enigma: la “irracionalidad” argentina frente a la Segunda Guerra Mundial. *Estudo interdisciplinarios de America Latina y el Caribe. America Latina y la Segunda Guerra Mundial*, vol. 6, no. 2, julio-dez. 1995.

FARIAS, Victor. *Los Nazis en Chile*. Barcelona: Seix Barral, 2000.

FAWCETT, P. H., *Geheimnisse im brasilianischen Urwald*. Stuttgart, 1996.

FAUSTO, B.; TRUZZI, O; GRIEN, R; SAKUANI, C. *Imigração e política em São Paulo*. São Paulo, 1989.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Editora da UFSC/UNIVALI, 2004.

[Feldpostbrief der Ortsgruppe Brüssel \[der NSDAP\]](#). Brüssel, 1942.

FERNANDEZ ARTUCIO, Hugo. *The Nazi underground in South America*. New York, 1942.

FILLIPINI, Elizabeth. *Terra, família e trabalho: o núcleo colonial Barão de Jundiá (1887/1950)*. São Paulo, 2001. Dissertação (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

FOUQUET, Carlos. *Imigrante alemão e seus descendentes no Brasil (1808/1824)*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

FREI, Norbert. *O Estado de Hitler: o poder nacional-socialista de 1933 a 1945*. Trad. Monika Weissler e António Nabarrete. Lisboa: Notícias, 2003.

FREYE, Alton. *Nazi Germany and the American Hemisphere (1933-1941)*. London: New Haven, 1967.

FREYRE, Gilberto. *Homem, cultura e trópico*. Recife: Imprensa Universitária, 1962.

FREYTAGH- LORINGSHAVEN, Axel Freiherr von. *Deutschlands Außenpolitik (1933-1941)*. Berlin, 1942.

FUNKE, Manfred. *Hitler, Deutschland und die Mächte. Materialien zur Außenpolitik des Dritten Reichs*. Düsseldorf, 1976.

GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo: ideologia e propaganda política, a legitimação do Estado autoritário perante as classes subalternas*. São Paulo: Loyola, 1982.

GAUDIG, Olaf; VEIT, Peter. *Der Widerschein des Nazismus. Das Bild des Nationalsozialismus in der deutschsprachigen Presse Argentiniens, Brasiliens und Chiles 1932-1945*. Berlin, 1997.

_____. El Partido Alemán Nacionalista en Argentina, Brasil & Chile frente a las comunidades alemanas: 1933-1939. *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe. America Latina y la Segunda Guerra Mundial*, vol. 6, no. 2. julio-diez. 1995.

GEHSE, Hans. [Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart : ein Beitrag zur Geschichte und zum Aufgabenkreis auslanddeutschen Zeitungswesens](#). Münster : Aschendorff, 1931.

GERTZ, René Ernaini. “Alemanha e alemães no Brasil: a ambivalência brasileira na década de 30.” In: CERVO, Amado Luiz; DOEPCKE, Wolfgang (org). *Relações internacionais dos países americanos*. Brasília: Linha Gráfica, 1994.

_____. Influência alemã no Brasil da década de 1930. *Estudo interdisciplinarios de America Latina y el Caribe. Ciencia y Universidad em America Latina*, vol. 7, no. 1, enero-junio 1996.

_____. “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”. In: GERTZ, René E.; PADRÓS, Enrique Serra; RIBEIRO, Luiz Dario (orgs). *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História / CD-AIB/PRP / Palmarinca, 2000.

_____. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: [EdiUPE](#), 2005

_____. *O Fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

HARMS-BALTZER, Kate. *Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen (1930-1938)*, Berlim, 1970.

_____. *Politische Auswirkungen der deutschen Einwanderung in Südbrasilien. Die Deutschstämmigen und die faschistischen Strömungen in den 30er Jahren*. Berlim, 1980. Phil. Diss. - Frei Universität.

GIEMSA; G. NAUCK, E. G. *Uma viagem de estudos ao Espírito Santo*. Trabalho publicado pela Universidade Hanseática, *Anais Geográficos*, série D, Medicina e Veterinária, vol IV, Hamburgo, Friederischen, De Gruyter & Co, 1939.

GIUDICI, Ernesto. *Hitler conquista America*. Buenos Aires, 1938.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HALBWACHS, Maurice apud POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989

HARMS-BALTZER, Käte, *Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1930-1938*. Berlim, 1970.

HELL, Jürgen. Das “Südbrasilianische Neudeutschland”. Der annexionistische Grundzug der wilhelminischen und nazistischen Brasilienpolitik (1895-1938).” In: SANKE, Heinz (org.). *Der deutsche Faschismus in Lateiamerika. 1933-1943*. Berlim, 1966.

HESS, David da Matta. *The Brazilian puzzle (Culture on the borderlands of the Western World)*. New York: Columbia University Press, 1995.

HILTON, Stanley. *Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil (1939/1944)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. *A guerra secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *O Brasil e a crise internacional (1930-1945). Cinco estudos*. Rio de Janeiro, 1977.

_____. *Brasil e as grandes potências (1930-1939): aspectos políticos da rivalidade comercial*. Rio de Janeiro, 1977.

_____. *Hitler's secret war in South America (1939-1945). German military espionage and allied counterespionage in Brazil.* London: Baton Rouge, 1981.

HITLER, Adolf. *Minha luta.* São Paulo: Mestre Jou, 1962.

HUNSCHE, Carlos. *Biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro).* Porto Alegre: A Nação, 1975.

IANNI, Constantino. *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

IOKOI, Zilda Marcia. *Intolerância e resistência. A saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975).* São Paulo: Humanitas; Itajaí: UNIVALI, 2004.

ISOLAN, Flaviano, *Das páginas à tela. Cinema alemão e imprensa na década de 1930.* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

[Italien-Beobachter: parteiamtl. Organ d. Landesgruppe Italien der AO der NSDAP](#)
Rom, 1937-1944.

JACOBSEN, Hans-Adolf. *Nationalsozialistische Außenpolitik (1933-1938).* Berlin, 1968.

_____. “Zur Struktur der NS-Außenpolitik 1933-1945”. In: FUNKE, Malfred (Hg). *Hitler, Deutschland und die Mächte.* Düsseldorf, 1976.

[Jahrbuch der Auslands-Organisation der NSDAP/](#) Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei / Auslands-Organisation. - Berlin : Gauverl. d. AO, 1939-1942.

JONG, Louis de. *Die Deutsche Fünfte Kolonne im Zweiten Weltkrieg.* Stuttgart, 1959.

KATER, Michael. “Quantifizierung und NS-Geschichte. Methodologische Überlegungen über Grenzen und Möglichkeiten einer EDV-Analyse der NSDAP-Sozialstruktur von 1925-1945”. In: GG 3 (1977), S. 453-484.

_____. *The nazi party. A social profile of members and leaders, 1919-1945.* Harvard U.P., Cambridge/Mass., 1983.

[Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien.](#) Martin Norberte Dreher, 1978

KLEIN, H. “A integração dos imigrantes no Brasil e na Argentina e Estados Unidos”. *Novos Estudos* (25), São Paulo: CEBRAP, 1989.

LACHMANN, Guenter. [Der Nationalsozialismus in der Schweiz 1931-1945.](#) Berlin, 1962.

LANDO, Aldair Marli. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica.* Porto Alegre: Movimento, 1976.

LENHARO, Alcir. *Nazismo, o triunfo da vontade.* São Paulo: Ática, 1995.

LESSER, Jeffrey. Immigration and shifting concepts of national identity in Brazil. *Luso-Brazilian Review* 31 (1994) 2, p. 27-48.

_____. *O Brasil e a questão judaica*. Imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. "Vom Antisemitismus zum Philosemitismus: Das wechselnde Bild deutsch-jüdischer Einwanderer in Brasilien 1935-1945." In: KOHUT, Karl; VON ZUR MÜHLEN, Patrik (org.) . *Alternative Lateinamerika: Das deutsche Exil in der Zeit des Nationalsozialismus*. Frankfurt a.M., 1994, p. 89-104.

LEVINE, Robert. *O regime de Vargas, os anos críticos 1934-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Pai dos pobres? Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIEHR, Reinhard; MAIHOLD, Günther; VOLLMER, Günter (Hrsg.) *Ein Institut und sein General. Wilhelm Faupel und das Ibero-Amerikanische Institut in der Zeit des Nationalsozialismus*. Frankfurt a.M.: Vervuert, 2003.

LIMA, Pedro Motta; MELLO, José Barboza. *Nazismo en el Brazil: proceso del Estado Corporativo*. Buenos Aires: Claridad, 1938.

MACIEL, Marcia. História Oral com os Cassupá.
<http://www.unir.br/~albertolinscaldas/relatosdecampo.htm>

MADING, Holger. *Nationalsozialismus und Argentinien: Beziehungen, Einflüsse und Nachwirkungen*. Frankfurt.

MAGALHÃES, Symphronia de. *Contra o hitlerismo: pela integridade das nações americanas*. Rio de Janeiro: Appolo, 1938.

MARTINS, Mário. *Hitler guerreia o Brasil há 10 anos*. Curitiba, s/d.

McCANN. Brazil and World War II: the forgotten ally. What did you do in the war, Zé Carioca? *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe. America Latina y la Segunda Guerra Mundial*, vol. 6, no. 2. julio-dez. 1995.

McKALE, Donald M. *The swastika outside Germany*. Kent, 1977.

MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro*. Technische Universität zu Berlin – Fachbereich Geschichte. Zentrum für Antisemitismusforschung, 2001.

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência – a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MULHALL, Michael. *Rio Grande do Sul and its german colonies*. Londres: Longmans, Green and Co, 1873.

MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika : die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931 – 1945*. Stuttgart : Heinz, 1997.

_____. El NSDAP em Mexico: historia y percepciones, 1931-1940. *Estudo interdisciplinarios de America Latina y el Caribe. America Latina y la Segunda Guerra Mundial*, vol. 6, no. 2., julio-dez. 1995.

MULLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã: imagens do passado*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

NEHAB, Werner. *Anti-semitismo, integralismo, neonazismo*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1988.

OCTAVIO, José. *O Brasil da Primeira Guerra Mundial ao Estado Novo*. João Pessoa: UFPB, 1988.

O'DALBEY, Richard. *The german private schools of Southern Brazil during the Vargas years*. Indianópolis, 1969.

OLIVEIRA, Lucia Lippi et al. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PAIVA, César. *Die Deutschsprachigen Schulen in Rio Grande do Sul und die Nationalisierungspolitik*. Hamburg, 1984.

PEIXOTO Jr, José Carlos. A quinta coluna do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941). In: II ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2004, Florianópolis.

PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial*. São Paulo: IMESP, 1999.

PETRY, Leopoldo. *História da colonização alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermund, 1936.

PIGNATARO, Licia Capri. *Imigrantes alemães em Rio Claro e seus descendentes*. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico do Município, 1983.

PIMPÃO, Altair Carlos. *Vieram em busca da liberdade: os 150 anos da emigração alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1974.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989

POMMERIN, Reiner. “Überlegungen des “Dritten Reichs” zur Rückholung deutscher Auswanderer aus Lateinamerika”. *Jahrbuch für Geschichte vom Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas*, 1979, n. 16.

_____. *Das Dritte Reich und Lateinamerika. Die deutsche Politik gegenüber Süd- und Mittelamerika 1939-1942*. Düsseldorf, 1976.

PORTAL, Maria da Glória Alves. Alguns aspectos da colonização alemã em Domingos Martins (1847/1889). In: III COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, s/n, 1974, Porto Alegre.

PY, Aurélio da Silva. *O Nazismo no Rio Grande do Sul*. 1940.

_____. *A Quinta Coluna no Brasil: A conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1942.

QUEIROZ, Renato da Silva; SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.

RATTON, Antonio Carlos Mourão. *Punhal nazista no coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1943.

RAUSCHNING, Hermann. *Gepräche mit Hitler*, Wien 1973 (1940), s. 61f. apud BARTELT, Dawid. “‘Fünfte Kolonne’ ohne Plan. Die Auslandsorganisation der NSDAP in Brasilien (1931-1939).” In: Ibero-Amerikanisches Archiv. Zeitschrift für Sozialwissenschaften und Geschichte. Neue Folge. Jahrgang 19. 1993.

REALI, Elpídio. *A rede de espionagem nazista chefiada por Niels Christian Christensen*. São Paulo, 1943.

RIBAS, Antônio de Lara. “O nazismo em Santa Catarina”. In: Delegacia de Ordem Política e Social, *O punhal nazista no coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1944.

RIBEIRO Jr., João. *O que é nazismo?* São Paulo: Brasiliense, 1991.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *História de vida dos prisioneiros de guerra no Vale do Paraíba durante o Estado Novo*. Relatório de Iniciação Científica. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy. FAPESP, 1997.

RINKE, Stephan. „The letzte freie Kontinent“: *Deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen, 1919-1933*. Stuttgart 1996.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1969.

_____. *A colonização alemã no Espírito Santo*, São Paulo: Difusão Européia do Livro / EDUSP, 1968.

RODRIGUES, José Honório; SEINTENFUS, Ricardo A. *Uma história diplomática do Brasil (1531-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 3ª ed. Petrópolis: Fumo, 1994.

SANKE, Heinz (Hg.). *Der deutsche Faschismus in Lateinamerika 1933-1943*. Berlin, 1966.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Associações nazistas no Brasil (1938-1945)*. Niterói, 1999. Dissertação (História Social) – Universidade Federal Fluminense.

SANT’ANNA, Sergio Bairon Blanco. *História palinódica: significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira*. São Paulo, 1991. Tese (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

_____. O fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão. *Revista de História*, São Paulo: FFLCH/USP, n.º 129/131, ago-dez 93 a ago-dez 94.

SANTOS, Viviane Teresinha. Fanfulla, um jornal fascista? *Revista Memória Energia*, 2001, n. 28.

_____. *Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo*. São Paulo: IMESP, 2001.

_____. *Os subversivos das Arcadas*. São Paulo: IMESP, 2000.

SCHNEIDER, Sergio. *Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial de as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul*. Campinas, 1994. Dissertação – UNICAMP.

[Schriftenreihe für unsere Soldaten](#). Roma: Italien-Beobachter, 1942.

SCHWARCZ, Lilia. Dando nome às diferenças. *Racismo & racistas*. SAMARA, Eni de Mesquita (org.) São Paulo: Humanitas / FFLCH, 2001, p. 26-27.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SCHWARZENBERG, Addo. [Unser Deutschtum in Südamerika](#). Stuttgart: Kull, 1935.

SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, 1984.

SCHULZ-KAMPFHENKEL, Otto. *Rätsel der Urwaldhölle*. Berlin: Deutscher Verlag, 1938.

SEITENFUSS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930/1942: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Nacional; Brasília: Fundação Pró-Memória, 1985.

_____. *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro, 1973. Dissertação – UFRJ.

_____. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizonte Antropológico*. vol. 10, n.º. 22, 2004, pp. 149-197.

_____. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado Brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 26, 1994.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

_____. “Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo”. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

_____. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____. O Nazismo e a imprensa teuto-brasileira no Estado de Santa Catarina. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: USP, nova série, vol. XXVI, 1979.

SILVA, Hélio. *1939, véspera da guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. *1942, guerra no continente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. *1944, o Brasil na guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

SILVA, José Luiz Werneck da. (org.) *Feixe e prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SILVA, Micael A. *Tríplice fronteira: preconceito e repressão no Estado Novo*. Projeto do Programa Uniamérica de Iniciação Científica – PRUIC. Faculdade União das Américas / PR. Orientador: Blasius Silvano Debald.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. *Uma São Paulo alemã: vida quotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)*. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial do Estado, 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-64)*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SNETHLAGE, Emil Heinrich, *Meine Erlebnisse bei den Indianer des Guaporé*. Berlim, 1962

SOARES, Álvaro Teixeira. *Brasil no conflito ideológico global (1937-1979)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SOUSA, J. P. Coelho. Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande. In: CONFERÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 1941. Rio Grande do Sul: Thurmman, 1941.

SOUZA, Ismara Izepe. *República espanhola: um modelo a ser evitado*. São Paulo: IMESP, 2001.

_____. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil Espanhola. (1936-1946)*. São Paulo: Humanitas, 2005.

SPENCER, R.; BARROS, Maciel de. *O fenômeno totalitário*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1990.

STRAUSS, Levi. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STROBEL, Gustav Hermann. *Relatos de um pioneiro da imigração alemã*. Curitiba: Litero-Técnica, 1987.

Subcommittee on war mobilization of the Committee on Military Affairs United States Senate, 4 Parts, August 1946, Washington, 1946.

TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo em tempos de guerra (1939-1945)*. São Paulo: IMESP, 2002.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. *O porto vermelho: a maré revolucionária (1930-1951)*. São Paulo: IMESP, 2001.

TEIXEIRA, Francisco apud Nas Ondas do Reich. O Globo, 21 jan. 2001.

THAMER, Hans-Ulrich. “Die Nationalsozialistische Massebewegung in der Staats- und Wirtschaftskrise”. In: *Informationen zur politischen Bildung*, no. 251.

TOTA, Antonio Pedro. *O Estado Novo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOUCHARD, Jean. *Historia de las ideas políticas*. Madrid: Tecnos, 1981.

TROTZ, Joachim. Zur Tätigkeit der deutschen V. Kolonne in Lateinamerika. *Wissenschaftliche Zeitschrift der Universität Rostock*, 1965, p. 119-132.

TURNER, Ewart. *German influence in South Brasil*. Public Opinion Quarterly, VI, Spring, 1942.

VASCONCELOS, Naira. *Os alemães no Rio Grande do Sul (cultura, etnicidade histórica)*. Canoas: ULBRA, 1994.

VASCONCELOS FILHO, J. I. Cabral de. *Da Revolução de 30 ao terror do Estado Novo: subsídios para a História de uma época*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.

[Volk und Heimat : Kalender für d. Deutschtum in Brasilien](#). São Paulo : Deutscher Morgen, 1935-1939

VON GOLDENDACH, Walter. ["Deutschtum erwache!": Aus dem Innenleben des staatlichen Pangermanismus](#). Berlin : Dietz, 1994.

WAGNER, Reinhard W. *Deutsche als Ersatz für Sklaven: Arbeitsimigranten aus Deutschland in der brasilianischen Provinz São Paulo (1847/1914)*, Frankfurt: Verviert, 1995.

WANKE, Eno Theodoro. *A saga dos imigrantes (de como eles, em busca da felicidade, mudaram de pátria e o que fizeram pelo Brasil)*. Rio de Janeiro: Plaquette, 1993.

WIAZOVSKI, Taciana. *Bolchevismo e judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. São Paulo: IMESP, 2001.

WILLEMS, Emilio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Nacional, 1940.

_____. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1980.